

**REVISTA  
DOS  
CRIADORES**

54 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

Junho de 1985 - Ano LIV - N.º 665 - Cr\$ 29.000

Órgão oficial da ABC

**A REFORMA AGRÁRIA**  

---

**NEGÓCIOS RURAIS –**  
um instrumento de administração



**JARRA A.J.**

# Azium

## AZIUM SOLUÇÃO

- Ação anti-inflamatória e glicogênica vinte vezes mais potente que a Prednisolona e Prednisona.
- Restaura a produção de grandes animais que necessitam de rápida terapia anti-inflamatória - seguro e econômico.
- Ação antiestressante: Azium evita a perda de peso dos animais no transporte.
- Indispensável na indução do parto de vacas e ovelhas.
- Corticóide de eleição no tratamento da cetose bovina: os efeitos glicogênicos são observados nas primeiras 6 horas de tratamento.
- Coadjuvante nos casos alérgicos, dermatológicos e respiratórios.
- Uso intramuscular ou endovenoso.

## AZIUM COMPRIMIDO

- Maior ação anti-inflamatória em comparação com outros corticosteróides, aliada a uma dosagem menor que as da Prednisolona e Prednisona.
- Recomendado para cães e gatos pela sua atividade anti-inflamatória, anti-reumática e anti-alérgica.
- Terapia de suporte nas dermatoses não específicas como eczema de verão e origem sistêmica, atópicas.
- Indicado nas condições inflamatórias de vários tipos como nas artrites agudas.
- Tratamento das gonites, paresia posterior canina e várias condições de stress.
- Uso oral.

# 20 VEZES MAIS POTENTE



Caixas com 25 frascos de 10 ml.



Caixas com 20 comprimidos.

Com a garantia e controle de qualidade

**Schering**  
Produtos Veterinários Ltda.

# REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

**Diretor Responsável:** Luiz de Almeida Penna  
**Redator:** Fernando Noboru Yassu.

**Colaboradores:** Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gastão Moraes de Silveira, Walter Battiston, F. Tassinari, N. Brotto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcântara, Dácio de Moraes Junior.

**Departamento de Publicidade da Editora:**

**Gerência:** Luiz de Almeida Penna Filho  
**Contatos:** Laércio Noronha, Jaqueline N. Bonfim e Cláudia P. Moura.

**Fotografia:** Francisco Sciacca

**Gráficas e Fotalito Próprios:** Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP.

**Anuidade básica:** Cr\$ 6.626 ORTN. Com direito a um exemplar mensal da Revista dos Criadores; um exemplar da Agenda dos Criadores e Agricultores e, mais o título de sócio contribuinte da ABC.

ISSN 0034-9259

**Departamento de assinatura:**

**Gerência:** Maria Nazareth de Castro Penna  
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8685  
CEP: 05024 — São Paulo — SP

**Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura:** Disbrapel Ltda. — Edifício Agropecuárias, Rua Caribás, 434 — CEP: 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo — SP.

**Venda avulsa:**

**Interior e Capital (SP)** — Livraria La Selva, Sítio Aeroporto Congonhas (SP), Aeroporto de Santos Dumont e Galeão (RJ), Brasília (DF). Distribuidora no Rio: Distribuidora Guarabara, Jornais e Revistas Ltda., Rua Américo Ribet, 72, Inhauma, Rio de Janeiro, RJ.

**Redação:** Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP — CEP 05024 — Fone: 233-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

**Estados**

**Bahia:** J. S. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alcor de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Sô de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraná:** Edicamp - Editora Campesiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2º and. - Cx. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Fotonôdo - R. 9, esquina de Pedro Ivo Recife. **Sô de Ler** - Aeroporto - Recife. **Rio de Janeiro:** Sô de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

Seus artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e de ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Agradecemos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.



## NOSSA CAPA

Nossa capa deste mês estampa a linda cabeça de Jarra A.J. (Gigante J.O. e Xingôa Flori) Bi Campeã Nacional. Jarra A.J. que é propriedade do conhecido criador Paulo Toscani será colocada à venda no I Leilão Estreias do Mangalarga a se realizar no dia 15 de agosto no Macksoud Plaza, Capital

## SUMÁRIO

Junho de 1985 — Ano LIV — N.º 665

### 11

Alimentação do Ruminante

### 17

II Congresso Pan-Americano do Leite

### 19

O Controle Leiteiro no Brasil

### 27

Negócios Rurais — um instrumento de administração

### 38

Teste com uréia na alimentação de vacas prenhas

### 42

Exterior dos animais de grande porte

### 49

ABCZ na RC — Regulamento do

Controle do Desenvolvimento Ponderal

### 93

Equideocultura: Associação Quarto de Milha tem nova direção

### 95

RRZ: Relação entre o bem estar e produção de leite em bovinos — Produção de carne de porco em comparação com outras espécies de carne — O uso de concentrados na alimentação de suínos — Notas Zootécnicas

### 108

Embrapa coloca a informática a serviço da Agropecuária

### 110

Embrapa desenvolve nova tecnologia para combater cigarrinhas

### 120

Suinocultura — Em tempo de mudança III

### 124

O que vai pelo Controle Leiteiro — 961 vacas encerraram lactações em março

## SEÇÕES

- 3 .. Ponto de Vista
- 36 ..... Cartas
- 40 ..... Registro
- 45 .. Leilão Brumado
- 52 ..... Crônica
- 54 .... Mecanização
- 71 Mangalargan... do Brasa
- 112 ..... Leilões e Exposições
- 114 Crônica de Minas
- 116 ... Das Empresas
- 118 ..... Serviço
- 120 ..... Gente
- 122 ..... ICM
- 123 . Legislação Rural
- 127 ..... Serviço de Controle Leiteiro



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

58 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES



# ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

## DIRETORIA

### Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

### Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro  
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho  
Roberto Brotero de Barros  
João Antonio Camarero  
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

### Secretários:

Luiz Glycério de Freitas  
Luiz Baptista Pereira de Almeida

### Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio  
Pedro de Paula Leite Moraes

### Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

## CONSELHO DELIBERATIVO

### Presidente

Ruy Calazans de Araújo

### Vice-presidente

Arnaldo Lima

### Membros natos

João de Moraes Barros  
José Bonifácio Coutinho Nogueira  
Severo Fagundes Gomes  
Urbano de Andrade Junqueira  
Hélio Moreira Salles  
Renato Costa Lima  
José Cassiano Gomes dos Reis  
Joaquim Barros Alcântara Filho

### Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira  
Manoel José de Alcântara  
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior  
José Carlos Guimarães Oliva  
Ruy Calazans de Araújo  
Henrique de Souza Dias  
Fábio Garcez Meirelles Júnior  
Alberto Paula Leite de Moraes  
Fernando Euler Bueno  
Rubens Franco de Mello  
Arnaldo Carraro  
Alberto Chapchap  
Lélio Toledo Piza Almeida Filho  
Vicente Martins Júnior  
Antonio Tadeu Jallad

Edwin Benedito Montenegro  
Geraldino Natal Madureira  
Oswaldo Lara Leite Ribeiro  
José Acácio dos Santos  
Gilberto Carlos Arruda Sampaio  
Lavil Veiga de Oliveira  
Renato Napolitano  
Franklin Rodrigues Siqueira  
Arion Bueno de Oliveira

### Suplentes

Roberto Felipe Cantusio  
Honorato Rodrigues da Cunha  
James Galvão Bresciani  
Antonio Coelho Guimarães  
Radyr de Queiroz  
João Luiz Freitas Britto  
Carlos Ramos Stroppa  
Vicente Paulo Miller Perricelli

## CONSELHO FISCAL

### Efetivos

Jayme Watt Longo  
Radyr de Queiroz  
Roberto Diniz Junqueira

### Suplentes

Arion Bueno de Oliveira  
Laerte Garcez Meirelles

## SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

### Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

## DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara. Eng.º Agr.º  
João Soares Veiga, Méd. Vet.

### Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

### Registro Genealógico, Serviço

Ponderal de Controle de Peso  
e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

### Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente  
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

### Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

## DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. Rubens Malta Campos

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Caixa Postal 9194.  
Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas. S. J. Boa Vista: Rua Gabriel Ferreira, 83 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro, R.J.: Rua Monsenhor Manuel Gomes, 3. São Cristóvão. Fones: (021) 264-7150, 264-7155 e 800-2307.

## Reforma agrária: caos e colapso da produção

Aguardado com grande expectativa e ansiedade, o Plano Nacional de Reforma Agrária, ainda não em sua forma definitiva, foi divulgado no final de maio pelo ministro Extraordinário de Assuntos Fundiários, Nelson Ribeiro. Lançado à discussão, o Plano, que dará em sua forma definitiva as diretrizes para uma nova política fundiária no país, provocou, nos dias seguintes, debates em profusão. Como era de se esperar, foi defendido e atacado com a mesma veemência.

De toda forma, não entrando no mérito da questão, a discussão, com a participação de toda sociedade, traz aspecto positivo: um assunto polêmico, como a reforma agrária, não pode e não podia ser decidido apenas pelo governo. Assim, é positivo que a reforma agrária seja esmiuçada e debatida. Das discussões, espera-se, saia o aperfeiçoamento do Plano que implementará uma nova política fundiária no país e que nele estejam contemplados os interesses do país — e não de grupos ideológicos, sejam de direita ou de esquerda.

É preciso evitar o acedimento e a radicalização. Da mesma forma, ninguém deve omitir-se. Ca-

da um deve defender o seu ponto de vista e embuti-lo no Plano — até porque ele, tal como foi colocado, ainda não tem os contornos definitivos e foi lançado à discussão precisamente para sofrer os ajustes necessários. É necessário, assim, que os fazendeiros participem da elaboração do documento e produzam um Plano Nacional de Reforma Agrária equilibrado e que não ameace a propriedade privada.

O Governo, por sua vez, deve conduzir-se como um magistrado. Deve ouvir todos os envolvidos na questão fundiária como prometeu e fazer o julgamento que melhor interesse ao país. Como magistrado, o Governo deve conter os radicais e evitar que a reforma agrária seja transformada numa contenda ideológica, que pode provocar uma perigosa ruptura da sociedade civil, com ameaça à paz social, que aliás acontecerá se não for mudada a atual orientação dos trabalhos sobre o assunto.

O Governo deve, sobretudo, dar garantias aos empresários rurais a continuarem produzindo e investindo na terra, sob o risco de, ameaçados, paralisarem suas atividades, provocando, a médio pra-

zo, a escassez de alimentos. É necessário que o ministro Extraordinário de Assuntos Fundiários, dê garantias concretas de que a reforma agrária será feita com base exclusivamente no Estatuto da Terra.

Os empresários rurais, ficariam tranquilizados com a aplicação, na reforma agrária, apenas do Estatuto da Terra. Os fazendeiros estão, isto sim, preocupados com dois pontos do Plano divulgado pelo governo: a possível desapropriação de latifúndios mesmo produtivos e das terras situadas em zonas de conflito. É mais do que justa a preocupação. Os empresários rurais que fazem uso social da terra, semeando ou explorando economicamente largas extensões, gerando emprego e obtendo invejáveis índices de produtividade, não podem ser colocados ao lado daqueles que mantêm a terra como reserva de valor. O Governo não pode puni-los. De outro lado, outro ponto que gerou polêmica, o item sobre a desapropriação de terras situadas em áreas de conflitos, também é discutível, na medida que a conflagração pode ser ferjada — e há grupos interessados em produzir conflitos. Nele pode estar

embutido o vírus da radicalização — e a conflagração não interessa ao país. É necessário, assim, suprimir esses dois itens do Plano, dando a tranquilidade necessária para que os empresários rurais modernos e eficientes continuem oferecendo sua contribuição.

É necessário que o acesso à terra seja garantido àqueles que efetivamente manifestem vocação e condições para fazê-la produzir, como os arrendatários e os agricultores, cuja família cresceu sem a contrapartida de sua propriedade. São homens familiarizados com o campo e dispostos de instrumentos continuarão agricultores. Mas, de outro lado, será que os bóias frias, por exemplo, terão condições, dispondo da terra, de torná-las produtivas? Ou se constituirão, no futuro, num peso à sociedade, que será obrigada a sustentar a sua ineficiência? Não negamos que a eles devem ser garantidos o acesso à terra. Porém, é preciso cuidado. Talvez fosse o caso de se manter uma fazenda do Estado e nela manter os bóias frias. Com o tempo, o Governo poderia fazer a triagem, garantindo a terra àqueles que revelaram vocação. Porém, por pressa, o

Governo criou a perigosa expectativa da terra prometida. Essa expectativa irá gerar pressão da esquerda, que cobrará do governo a promessa.

Há um outro erro do Governo, que divulgou o Plano da Reforma Agrá-

ria como sua principal meta para a agricultura. O mais sensato seria ter estabelecido uma nova diretriz para a agropecuária do país e nela acoplar uma nova política fundiária. Entendemos que a reforma agrária deveria ser um

acessório importante de uma nova política para a agropecuária e não o contrário. Não basta distribuir terras se não oferecer aos empresários rurais os instrumentos e estímulos necessários para fazê-las produzir. Se o Governo

persistir em seu propósito de iniciar imediatamente sua reforma agrária, duas coisas vão acontecer: o caos na área rural e, conseqüentemente, o colapso da produção agropecuária, que, aliás, parece ser o que querem.

## Reforma agrária

### Mais uma aventura da burocracia

Declararam que não é Plano, é projeto de plano...

Declararam que o plano é contra os improdutivos, mas só sabem produzir desassossego e inquietação no País.

Declararam que "o objetivo é a mudança radical do próprio perfil da produção agrícola" para uma agricultura primária, de subsistência, dos "enxadeiros", com o que criação favelados rurais maltrapilhos e fomentarão o crescimento da quantidade de mulheres magras, desdentadas e com penca de filhos, crianças barrigudas e homens macilentos e desanimados.

Declararam que são adeptos da produtividade, mas querem mexer no time que está ganhando e ninguém sabe o que produziram ou produzem de útil e aproveitável para o país.

Declararam que é reforma capitalista, mas o linguajar estatizante não engana, melifluo desde os tempos do "Brasil Urgente" até a "Teologia da Libertação".

Declararam a seriedade do plano, ou projeto de plano, mas na primeira oportunidade de melhores cargos "o burro largará a carga na beira

da estrada", como ocorrido com todos os projetos de Reforma Agrária desta dilapidada Nação. E aí, ninguém é mais dono da criança.

Declararam que os homens (leia-se camponeses) estão sendo "expulsos" do campo, mas não dizem quem os expulsou e continua expulsando.

Declararam que pretendem evitar o "êxodo" rural, a tendência histórica de todas as sociedades modernas: a fuga do campo para as cidades. Querem subir a cachoeira remando. Não são nem as terras devolutas e nem os latifúndios os responsáveis por esse fato notório.

Declararam que pretendem resolver os conflitos de posse da terra mas vem agravá-los. O conflito é a exceção, é o mínimo, e por isso é sempre notícia. O conflito é próprio do ser humano, desde os familiares, passando pelas brigas de botiquim, até as conflagrações mundiais e a sociedade tem tido meios satisfatórios para resolvê-los com os menores prejuízos possíveis.

Declararam que não é demagogia, apesar do cheiro de "querer aparecer" e de fins eleitoreiros, e dão desculpas esfarrapadas para iguais experiências desastrosas e negativas em Portugal, na Etiópia, em Angola,

na Bolívia, no Peru, no México e tantas outras.

Declararam que tem muita fome no País, mas não dizem que o Governo está com estoques enormes de feijão, que existe arroz e soja em abundância sem preço, que há carne disponível e o preço do boi não sobe há mais de 10 meses e que o País, além de produzir para si é o 4.º exportador mundial de produtos agrícolas e, portanto, o problema não é de falta de produção agropecuária.

Declararam que é Reforma, mas o plano ou projeto de plano não passa na realidade de tentativa de mini-colonizações estatais com terra e dinheiro dos outros. Um belo cumprimento com o chapéu alheio. Será que resolverão os problemas dos mendigos que vivem expondo suas feridas nas vias públicas, dos subempregados vendendo flores e balas nos cruzamentos, dos camelots que invadem todas as ruas e do desemprego e miserabilidade avassaladora que inundam as grandes cidades.

Declararam que a médio prazo atingirão os latifúndios produtivos. E depois... É o início da estatização da agropecuária com as conseqüências por demais conhecidas: desertificação da atividade, ineficiência,

empreguismo, malversação dos fundos públicos e todos os demais malefícios dessa ordem.

Declaram que o estoque de terras é um "abuso de direito", não esclarecendo se o mesmo raciocínio se aplica ao estoque de dólares, ao estoque de dinheiro nas cadernetas de poupança, aos estoques e especulações com títulos e ações, aos estoques de produtos agrícolas em mãos do Governo, aos estoques de casas, terrenos e armazéns, todos típicos da economia capitalista. Abuso de direito é o estoque de sem-vergonhice que grassa pelo País.

Declaram que são democráticos e elaboram planos de "mudança radical do próprio perfil da produção agrícola", sem ouvir os produtores, à socapa, clandestinamente, contrabandeando suas regras do "exterior" para o Brasil, escondendo os autores do malsinado plano, mas não custeiam de seu bolso essa cara aventura megalomaniaca.

Declaram números e estatísticas, tudo muito bem apresentadinho, bem manipulado, obtidos em segredo e portanto, não confiáveis. Serviço de quem não tem o que fazer, mas não explicam porque deram com os "burros n'água" todas as expe-

riências IDÊNTICAS anteriores: Iguaçu, Ceres, Fazendas Santa Helena e Primavera, Pontal do Paranapanema, Transamazônica, e tantas que tais.

Declaram que o caminho é a desapropriação (leia-se apropriação) e o custoso assentamento familiar, mas o Estado e a Prefeitura mais ricos da Nação não têm dinheiro para pagar suas desapropriações e as ações ganhas por seus funcionários e ao País, na penúria de recursos, foi dada a palavra de ordem: "não gastar".

Declaram os cálculos de custos para o assentamento do "homem sem terra" e sua família (que certamente se transformarão em especuladores de lotes ou de concessões agrícolas) e as despesas com insumos e assistência técnica. Pintam e bordam mas não pagam a conta. O INCRA é a "guitarra" de fazer dinheiro. Preparem-se os produtores rurais para serem escorchados e pagarem essa nova aventura de impacto inflacionário.

Declaram seus cursos e títulos "no exterior", defendem com brilho e inteligência suas posições e sabem que a dimensão continental do Brasil não se compara com Israel ou

Cuba, com a França ou Nicarágua. Em política agrícola não podemos ser mesquinhos e sim grandiosos, por isso somos tentados a pensar que eles já escolheram o seu modelo porque o nosso País tem a vastidão ou dos Estados Unidos ou da Rússia.

Não se deixem engambelar, com roupagens diversas são sempre os mesmos.

Precisamos acabar com essas aventuras políticas, inúteis e negativas, com o dinheiro do povo e a custa da produção agrícola. Utilizemos esses recursos para melhorar as condições de trabalho e a produção deixando de lado planos mirabolantes comprovadamente fadados ao desastre. Não compliquem a atividade rural com Ditas-Regras vindos de gabinetes porque já é árdua e vitoriosa a luta contra as deficiências do solo, as intempéries da natureza e as variações do mercado.

Noventa e seis Associações de Produtores do Brasil inteiro reuniram-se na Sociedade Rural Brasileira e estão alerta.

Se a Nova República e o Presidente Sarney não acudirem firmemente, que Deus nos acuda! **Manoel Elpídio Filho.**

## FAZENDA PROGRESSO - Andradina - SP

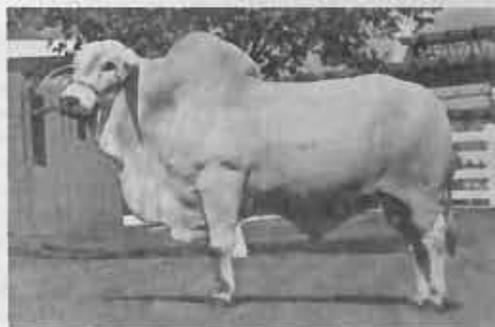
OSWALDO MITSUO FUJIWARA E OUTROS

End.: Caixa Postal 145 - Fone (0187) 22-1329 - CEP 16900 - ANDRADINA - SP

CF  
MARCA

### criação e seleção de TABAPUÃ e NELORE

SÊMEN A CARGO  
DA LAGÔA DA SERRA



VINCULO DA PROGRESSO  
Reg. 2064 - Peso: 1.080 kg

# A reforma por si só não resolverá o problema do país

Entrevista com o Dr. João Carlos Meirelles, presidente do Conselho Nacional da Pecuária

O empresário e presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte, João Carlos de Souza Meirelles, é totalmente favorável a uma equilibrada transformação fundiária do país. "Nós empresários rurais, que trabalhamos intensamente a terra, somos literalmente contrários à especulação imobiliária", diz ele. Assim, Meirelles prefere manter uma posição equilibrada sobre a reforma agrária. "Não podemos discutir a reforma agrária com fortes cargas emocionais", ensina o presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte.

Meirelles não poupa críticas à extrema direita e à extrema esquerda. De um lado, observa, a extrema esquerda vê a reforma agrária como a panaceia capaz de, com seu condão mágico e a sua simples enunciação, resolver todos os problemas de injustiças sociais e os problemas de produção rural. Do outro, a extrema direita visualizando na reforma agrária os fantasmas do comunismo ateu.

Na opinião de Meirelles, não se trata de uma coisa nem outra. "Trata-se de uma busca de definições de uma política agrária nacional capaz de equacionar de forma permanente e não conjuntural, os problemas da justiça social, da produção efetiva do homem do campo, da produção agropecuária e extrativista capazes de consolidar o uso do território pátrio e de conferir à atividade rural

idêntica importância à da urbana", explica.

O empresário acredita que o novo governo está embuido da maior seriedade com o desenvolvimento rural. O seu temor é que esses temas não sejam discutidos democraticamente e que se utilizem as necessidades reais dos homens sem terra, os legítimos interesses da igreja católica e de outros grupos e pessoas seriamente interessadas, para radicalizar a política do país.

O problema, segundo ele, é que, depois de 21 anos de arbítrio, muitos ainda se comportam como crianças que, depois de três horas de aulas caladinhas, são liberadas para o recreio. "Ainda estamos assustados com a liberdade", diz ele. "Ainda há muita gente utilizando o dicionário de 25 anos atrás, assustada com a palavra greve e reforma agrária", acrescenta.

Porém, ele considera positiva a discussão da reforma agrária. "É absolutamente necessário a discussão da reforma agrária para que se desmistifique a palavra e se busque o seu aperfeiçoamento, de forma que se encontre um denominador comum e democrático entre as necessidades urgentes dos homens sem terra, dos proprietários de terras que nelas produzem e as necessidades de produção de alimentos do país", observa.

De qualquer forma, ele acha que a reforma agrária, por si só, não

resolverá o problema do país. "O fundamental é estabelecer uma política fundiária, tornando-a um instrumento de ação governamental ao longo do tempo e capaz de atender as mudanças econômicas e geopolíticas das diversas regiões do país", diz ele. "É preciso diferenciar a política fundiária da reforma agrária, que é providência transitória, que se esgota no momento em que a ação reformista do governo for concluída", acrescenta.

Para ele, a política fundiária só tem sentido se inserida num contexto amplo e abrangente de uma política agrária nacional, que contenha as diretrizes permanentes de desenvolvimento social, econômico e ecológico e que se acople o desenvolvimento dos setores rurais fortemente ligados com o desenvolvimento do país como um todo. "O problema da terra é apenas um dos fatores de produção fundamentais a ser contemplado por uma política fundiária e pela política agrária, sugere.

De acordo com ele, a distribuição da terra, sem um zoneamento econômico e ecológico, sem a colocação de uma infra-estrutura física e tecnológica de apoio à produção, sem o insumo básico para se produzir — dinheiro — de nada adiantará. "É preciso fazer a partilha da terra e dar, a esses produtores, os instrumentos para se produzir. Não só instrumentos, mas, também, uma política de estímulo à produção", explica.

Meirelles lembra que o país vem se transformando nas últimas décadas na distribuição de sua população. Ele cita dados do IBGE que considera alarmantes: enquanto em 1970 tínhamos 41 milhões de pessoas vivendo no meio rural para uma população de 95,8 milhões de habitantes, em 1980 a zona rural já abrigava apenas 38,6 milhões para uma população de 121,2 milhões de pessoas. De acordo com sua estimativa, hoje 69,67% da população brasileira vivem nas cidades e no ano 2000 menos de 20% viverão na zona rural. Hoje, de acordo com seu cálculo, 90% dos paulistas vivem nas cidades e no ano 2000 será de menos de 5% o percentual da população paulista na zona rural. No Rio Grande do Sul, por seus cálculos, 68,9% de sua população vivem nas cidades hoje e no ano 2000 apenas 20% viverão na zona rural. No Paraná, mais da metade da população já vive nas cidades e no ano 2000 apenas 32% viverão na zona rural. "É inquietante esse êxodo rural. E essa tendência à urbanização está ocorrendo nos três principais estados produtores de alimentos", adverte.

Meirelles responsabiliza o modelo

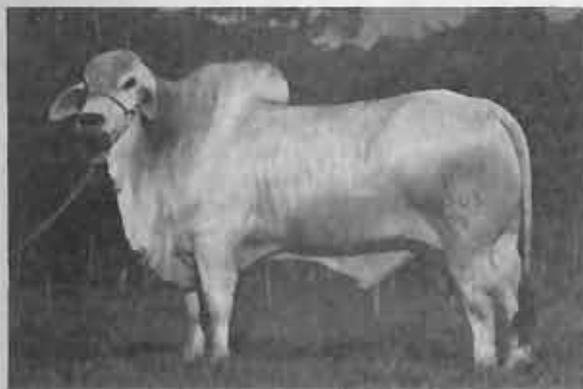
monetarista vigorante no país nos últimos anos, que deformou a fisionomia dos processos produtivos e geradores de empregos no país. "Tornou-se, com essa política, mais fácil obter a rentabilidade na especulação financeira do que produzir, sobretudo no meio rural", diz ele. Assim, ele pede que se defina uma política governamental que inclua as políticas agrícola, agrária e fundiária. "É preciso que se faça um zoneamento econômico para que se plante onde a produção pode ser boa e onde possa ser economicamente viável. E que o campo, marginalizado desde a revolução de 30, recupere sua importância, fazendo desaparecer a dicotomia "campo é ruim, urbano é bom". Porém, ele acha essencial, para revigorar o meio rural, não só a definição de uma política agrícola, mas sobretudo que infunda, no homem do campo, a idéia de que não há mais lugar para a agricultura de subsistência e sim a empresarial.

Profundamente ligado à Amazônia, João Carlos de Souza Meirelles lembra, por outro lado, a questão da ocupação dessa região, que representa 60% do território brasileiro e que abriga apenas 10% da po-

pulação do país. De acordo com ele, a área é objeto permanente de cobiça internacional. "Lembro que, sob o falso pretexto de preservação ecológica, passeatas têm sido organizadas. Inadvertidamente, eles estão favorecendo uma manobra para os imperialistas internacionais dominantes. A ocupação da Amazônia é um ato de responsabilidade histórica da nossa geração", lembra.

Porém, como diz João Carlos, a ocupação deve ser feita de forma racional. "É preciso se criar as áreas de preservação, as reservas indígenas e ocupar o restante da área de forma racional. Não podemos admitir mais, que se use a terra de forma predatória. O solo da Amazônia deve ser utilizado dentro de técnicas modernas de conservação e preservação dos recursos naturais. É preciso respeitar a vocação da terra. Assim, defendendo a ocupação da Amazônia mas com muita responsabilidade e não de forma indiscriminada. Utilizando o solo de forma racional e com técnicas modernas de práticas agrícolas, a Amazônia será ocupada, os solos e os recursos naturais serão respeitados e alimentos serão produzidos", completa Meirelles.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



**ACLARAMENTO DE  
TABAPUÃ**  
842 kg aos 36 meses

# TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

**Dr. ALBERTO ORTENBLAD**

Fazenda Água Milagrosa  
C. Postal 23  
15.880 - Tabapuã - SP  
Tels.: (0175) 62-1117 e  
62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema  
Rodovia Campo  
Grande - Colaba, a  
40 km de Campo Grande  
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:  
Rua da Assembleia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ  
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

# Reforma agrária ou colonização?

BENEDICTO FERRI DE BARROS

Há palavras e expressões que jamais deveriam ser utilizadas na linguagem política corrente. Elas se acham deturpadas, envenenadas, carregadas do depósito explosivo que experiências malogradas, ou o metódico trabalho da desinformação ideológica, introduziram em seu significado. Dizem tantas coisas ao mesmo tempo que, afinal, não dizem mais nada. Em lugar de comunicar idéias e promover a cooperação das inteligências, detonam paixões, radicalismos e desentendimento. São palavras gastas, corrompidas, desintegradoras. Pior do que isso, arcaicas: nada têm que ver seja com a realidade corrente, seja com propósitos de construção voltados para o futuro.

Reforma agrária é uma delas. Ela contém em seu bojo, para os proprietários de terras, o significado radical de expropriação; para os que não têm terra, a esperança de recebê-la de graça, e, para ambos, que essa reforma será imposta autoritariamente pelo Estado. Na prática ela se traduz, inevitavelmente, por um plano administrado por uma burocracia. Trata-se, em suma, de uma idéia violenta, ilusória e — o que é pior — historicamente fadada à inoperância e ao fracasso, para nada se dizer dos custos políticos, econômicos e sociais que implica.

Há duas hipóteses em que a reforma agrária, no seu sentido tradicional de mero desdobramento e redi-  
visão de propriedades fundiárias, tem cabimento no tempo e no espaço, na geografia e na história. Uma é quando todo o espaço agricultável de uma nação foi juridicamente ocu-

pado e se acha improdutivo, não se tendo onde nem como colocar a massa de agricultores desprovidos de espaço. Outra, quando a terra e a simples mão-de-obra do agricultor constituem os elementos básicos e suficientes da produção agrícola. Ambas as condições hão de estar presentes para uma reforma agrária de sentido tradicional que — diga-se de passagem — é o único sentido que continua a existir em todas as cabeças.

Nenhuma dessas condições se aplica à atualidade geográfica e histórica brasileira. Espaço agricultável há de sobra e terra é hoje (pode-se dizer, caricatamente) o insumo de menor importância para a produção agrícola. A qualidade do agricultor, o **know how** agrícola, os insumos de investimento para transformação da terra agricultável em terra agrícola produtiva, a infra-estrutura de crédito, estocagem, transporte e comercialização são fatores essenciais da exploração agrícola economicamente viável. Isto tanto é válido para a pequena como para a grande propriedade.

A propriedade da terra não constitui uma riqueza, mas um ônus econômico, como o descobriram todos aqueles — grandes e pequenos — quando, ao tentar ativar e usufruir essa riqueza, verificaram que sua exploração demandava, além de insumos vultosos, de quase impossível mobilização, uma infra-estrutura complementar impossível de ser improvisada.

E é por isso que todas as reformas agrárias empreendidas no qua-

dro da economia moderna se inviabilizaram como medidas econômicas destinadas a melhorar a situação dos agricultores sem terra.

Isto não quer dizer que o imobilismo seja a política a ser seguida. Imobilismo não é política nenhuma. É a renúncia a enfrentar o que precisa ser resolvido, a melhorar o que precisa ser melhorado, a solucionar o que é insustentável. Quando os governos não enfrentam problemas dessa natureza e desse porte, que são objeto precípuo de sua ação, o povo improvisa por sua própria conta soluções primárias, a desordem e a violência preenchem o vácuo que a omissão governamental e legal deixa em aberto.

Tanto menor cabimento tem em nosso país a omissão quanto ao problema fundiário e a pretensa "reforma agrária", quando um outro modelo espontâneo, ainda que sem nenhum amparo governamental da maior fôlego, vem sendo empresarialmente desenvolvido no Brasil com êxito econômico satisfatório para todas as partes, os proprietários de terras, os agricultores, a Nação. Trata-se da colonização, desenvolvida empresarialmente pela iniciativa privada. A colonização, vista como uma forma empresarial de ampliar o espaço agrícola, transformando terras brutas inaproveitadas em terras agrícolas produtivas, é um dos mais antigos, mais rápidos, mais eficientes e mais satisfatórios modelos de ocupação territorial, de multiplicação da proprie-

dade agrícola, de valorização do homem rural brasileiro. Ela é responsável pela velocidade e êxito de grande parte da ocupação do território agrícola do Estado de São Paulo. Nesta geração, foi ela o detonador do Estado do Paraná moderno. Nos dias correntes, responde por grande parte da velocidade da ocupação, com êxito, dos Estados de Mato Grosso do Sul e do Norte, de Minas e de Goiás, para nada se falar de iniciativas como a de Ariosto da Riva e de inumeráveis projetos cooperativos disseminados por rincões os mais remotos deste país.

Um benefício suplementar da colonização empresarial privada é que, além de não depender do Estado, ou seja, do contribuinte, ela se desenvolve sob a direção de responsáveis interessados pelo êxito e penalizados por desacertos — ao contrário do que sucede com colonizações esta-

tais, confiadas a burocratas, que não têm o menor interesse nos resultados e jamais assumem responsabilidade por fracasso algum. Burocratas são, por definição, irresponsabilizáveis.

O estímulo, o apoio, a adoção pelo governo de um programa nacional de colonização, a ser promovido empresarialmente pela iniciativa privada, parece-nos, assim, a política a ser seguida como alternativa a obsoleta, inquietante e ineficaz bandeira da "reforma agrária". Ela precisa, sim, de incentivos — mas independente de subsídios. O primeiro desses incentivos seria remover o Estado deste setor, eliminando a gigantesca, asfixiante, onerosa e inoperante estrutura burocrática que feudalizou a atividade de colonização brasileira. Em quase dois decênios de existência, esse feudo estatal pouco mais pode apresentar em seu ati-

vo do que emitir títulos de propriedade para coonestar invasões e posses de "grileiros", naturais, ou "manufaturados" por "grileiros empresariais". Em seu passivo registra não poucos empreendimentos fracassados de colonização.

Assim pensávamos quando o Estatuto da Terra, criando o Incra — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária —, fazia uma concessão mistificadora à questão já então politicamente inadiável do homem rural abandonado. Os fatos desde então ocorridos nada mais fizeram do que confirmar nosso ceticismo quanto a "reformas agrárias estatais" e confirmar nossas convicções sobre o Inesgotável, revolucionário e produtivo papel reservado à colonização empresarial privada. Dissemos isto por volta de 1967. Voltamos a repeti-lo nos dias de hoje.

## ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente, à ABC.

**Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.**

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

**Aberta até às 22 horas.**

Agora mais perto da sua fazenda.

**ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES**

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033, Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 831-7966 - Jaguaré - São Paulo, S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746, Rio de Janeiro: R. Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 264-7150, 264-7155 e 800-2307



# O homem ligado à terra é o homem da reforma agrária

FRANCISCO TEATINI

O homem ligado à terra tem uma sensibilidade muito maior que qualquer outro homem para solucionar os problemas difíceis do Brasil de hoje.

É um homem que trabalha ou administra um serviço rudo. Ele é capaz de analisar e é mais equilibrado nas coisas da vida, tem os pés no chão. Ele tem mais condições de conhecer os problemas fundamentais do ser humano. Tem sensibilidade para entender as coisas, como por exemplo: uma doença, uma criança que sofre a inúmeras coisas.

A vida é um ato de respirar, comer, é o ato de beber água. O que é isto? É a vida. A indústria é a Volkswagen, é a Fiat, são as fábricas de cimento, de ferro guza. Se pararmos a agricultura, iremos ver o que acontece com a indústria, vira tudo ferrugem, ferro velho, morre tudo.

Os filhos das cidades são incapazes de analisar, de sentir, e de fazer o bem para o homem do interior e do meio rural. Tal qual ele precisa e merece.

O maior problema do interior e do meio rural são as capitais, que gastam o dinheiro na construção de viadutos, casas do BNH, prédios do Governo, construções de pontes, universidades, asfaltamento de ruas, estádios, metrô, vias de acesso, grandes hospitais, pagamentos. Tudo, tudo vai para as capitais, para o interior, somente as migalhas.

Veja o caso do metrô de Belo Horizonte. Vai dar muito mais conforto para o povo da capital. E em

consequência disto, mais gente da roça virá morar na capital e teremos menor produção de alimentos.

Olhe um caso: Januária, Itacarambi, Manga e Montalvânia (quatro cidades seguidas na margem esquerda do São Francisco), são maiores que o Estado de Sergipe. Nestas cidades não existe um hospital condizente, não tem um cinema razoável, não tem asfalto. Não tem uma rodoviária. Itacarambi, Manga e Montalvânia, não tem rede de telefone. O que acontece? É óbvio, quando o rapaz completa 16 anos, vai para São Paulo, pois no interior não há meio de sobrevivência... Ou então sobrevive com a miséria.

Só o homem realmente ligado à terra, ao interior, tem sensibilidade para sentir isto. Sentir profundamente no coração e agir.

É muito capaz de solucionar problemas que interligam o homem à comunidade e ao mundo. Ele pode sair da roça, mas a roça não sai dele.

No Brasil a música mais bonita do sertanejo é: "A TROVOADA", que é um prenúncio de chuva. Veja por exemplo: "A DESPEDIDA" de Luiz Gonzaga. Somente ele seria capaz de fazer uma música daquela, porque ele viveu o problema.

O homem ligado à terra "cheira chuva", ele sabe a hora de plantar e a hora de colher. Se plantar atrasado perde... Sabe que existe hora certa para tudo, enfim é mais experiente e mais sensato... É bom vizinho, bom confrontante. É sério, calmo, mas é muito valente quando é realmente necessário. Ai... Cuidado com ele.

Afirmo com conhecimento que ainda existe no meio rural muitos e muitos homens do "fio de barba". Eu conheço muito o povo do meio rural, pois vivo no meio dele. O crédito rural para o homem ligado à terra é o negócio mais tranquilo para o governo e toda vida foi.

São homens ligados à terra que o Brasil está precisando agora para a agricultura. Não existem milagres, mas somente os homens ligados à terra é que podem agora conduzir a agricultura do País a um aumento da produção e a uma tranquilidade desejada. O agricultor está cansado e não vai acreditar mais em promessas vãs. A agricultura deve ser dirigida por agricultores ou por homens realmente ligados aos agricultores com conhecimentos e sentimentos profundos.

As posições-chaves do Brasil devem ser ocupadas por homens ligados à terra, atados... que sofrem com o atraso das chuvas e com o excesso do sol... que amam o sol e amam a chuva... que venha a reforma agrária com respeito aos homens ligados à terra.

Aumento de produção... só existirá se os homens do Governo forem realmente ligados à terra. Somente os homens ligados à terra por laços mais profundos da convivência, do amor ao solo, aos animais, as plantações e as coisas da terra... que sejam os camponeses... os bóias-frias... os técnicos e os proprietários... Os homens do meio rural poderão juntos fazer a reforma agrária que o Brasil necessita... Que os demais saiam do caminho e não atrapalhem.

# Subprodutos da cana-de-açúcar

José Santana 1/  
Samuel O. Souza 2/

Os mais variados esforços têm sido feitos por pesquisadores em diferentes partes do mundo, principalmente em países produtores de açúcar, visando adequar os subprodutos da cana-de-açúcar para uso em sistemas de alimentação animal. Outro ponto de grande importância refere-se ao fato de a planta atingir o ponto ótimo de maturação exatamente na época da seca, quando há uma substancial diminuição da disponibilidade de massa verde nas pastagens. Tal acontecimento dá margem para que resíduos agroindustriais, como os subprodutos da cana-de-açúcar, sejam intensamente estudados e utilizados como ingredientes com grande potencial na dieta de diferentes espécies animais. Canavieiros e usineiros, na medida em que passem a processar os subprodutos da cana-de-açúcar, poderão auferir receitas adicionais em seus estabelecimentos, o que em muito poderia contribuir para minorar problemas relativos à geração de riquezas regionais e criação de novos empregos.

Dentre os subprodutos da cana-de-açúcar, merecem destaque especial, pelo potencial nutritivo que representam, os seguintes materiais: a ponta de cana ou olhadura, o melaço, o bagaço de cana, a torta de filtro de usina, o vinhoto e o fundo de dorna. Enquanto a ponta de cana é caracteristicamente um resíduo agrícola, o melaço, o bagaço e a torta de filtro são resíduos industriais de usina de açúcar, sendo que o vinhoto e o fundo de dorna são resíduos industriais de destilarias de álcool (Fig. 1).

Dezenove estados brasileiros estão autorizados pelo Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA a produzir açúcar e álcool, esmagando cerca de 200 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por ano, o que gera ofertas de resíduos da ordem de 28 milhões de toneladas de ponta de cana, 9 milhões de toneladas de torta de filtro, 50 milhões de toneladas de bagaço, 8 milhões de toneladas de melaço, cerca de 120 bilhões de litros de vinhoto e em torno de 225 mil toneladas de fundo de dorna seco.

O objetivo do presente trabalho é oferecer indicações técnico-científicas que possam nortear o uso dos diferentes subprodutos da cana-de-açúcar na alimentação animal, tendo em vista a grande disponibilidade desses resíduos nas mais variadas regiões do Brasil.

## PONTA DE CANA

A ponta de cana tem sido listada por McDowell et al (1974) como ingrediente classificado (forragem verde), recebendo o número de referência internacional 2-13-563. Quanto a valores de análises sobre a matéria seca (MS), os dados têm variado, como se pode observar em diferentes autores (Quadro 1).

Devido a seu alto teor em fibra, a ponta de cana tem apresentado resultados satisfatórios quando oferecida a ruminantes junto com uma fonte de energia, e em alguns casos necessário se faz também a suplementação protéica. Pate & Coleman (s.d.) na Estação Experimental de Belle Glade, Flórida, estudando a resposta de novilhos à ponta de cana peletizada em suplementação à pastagem de capim-santo-agostinho, com nível de ingestão de 3,868 kg/animal/dia de peletes de ponta de cana verificaram que os novilhos obtiveram o mesmo ganho médio diário (0,486 kg), quando comparados com aqueles que só ingeriram a pastagem. Porém, quando confinados, recebendo misturas completas, onde a ponta de cana peletizada contribuiu com níveis de 0, 17, 34 e 51% e

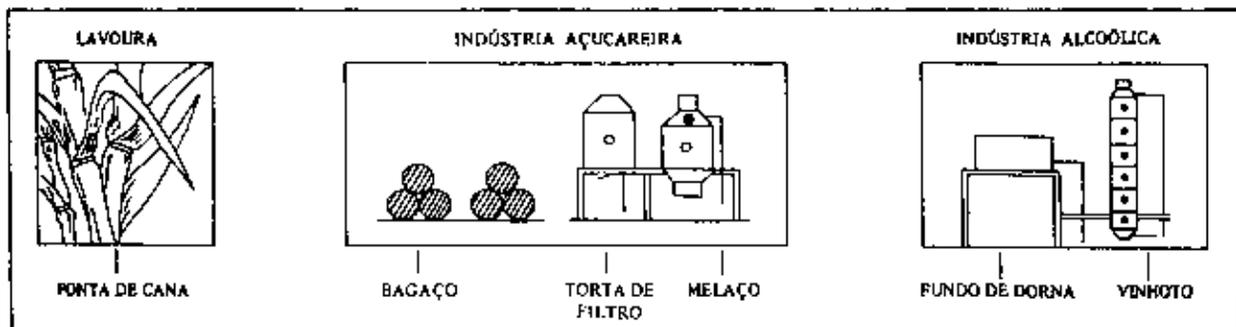


Fig. 1 — Aproveitamento de resíduos da cana-de-açúcar na alimentação de bovinos

1/ Méd.-Ver., Ph.D — Pesquisador/PESAGRO — E.E. Campos — Caixa Postal 131 — 28.100 — Campos-RJ

2/ Zootecnista — Pesquisador/PESAGRO — E.E. Campos — Caixa Postal 131 — 28.100 — Campos-RJ

QUADRO 1 – Resultados de Análises Químicas da Ponta de Cana

Fonte	MS	Proteína (%)	Fibra Bruta (%)	Gordura (%)	Energia met. (bovinos) (Mcal/kg)
Santana (1977)	29,88	4,57	47,75	2,72	2,83
McDowell et al (1974)	30,0	5,70	28,50	4,00	
Rodrigues et al (1976)	28,60	5,94	27,97	4,8	

proteína de 16,6; 16,2; 14,9 e 14,2%, os ganhos médios diários foram de 0,918; 0,959; 0,791 e 0,645 kg, respectivamente. Os autores concluíram que a ponta de cana peletizada não deve ser usada em níveis superiores a 17% para animais confinados.

Cabezas et al (1976) realizaram um trabalho com bezerras no México, dividindo os animais com sete meses de idade em três lotes, alimentando-os por 140 dias com ponta de cana picada e suplementando-os com 0,75 e 150 g de proteína bruta/dia. Os ganhos médios diários foram de 0,342 e 0,350 kg, respectivamente. Por outro lado, Chapman et al (1964), na Estação Experimental de Everglades, Flórida, afirmaram que a ponta de cana podia ser fornecida fresca aos animais ou como silagem, quer como complemento das pastagens, quer para os animais em confinamento.

Estudando a ponta de cana, Estima et al (1967) compararam, através de diversos parâmetros, a ponta de cana fresca com a ensilada, em associação com diferentes suplementos e utilizando animais de duas raças (holandesa e zebu). Observaram que, após 112 dias de experimentação, enquanto os animais que receberam ponta de cana fresca consumiram 16,7 kg de material "in natura" e 4,33 kg de matéria seca, aqueles que receberam a ponta de cana ensilada consumiram 9,4 kg e 3,65 kg, respectivamente, sendo tais diferenças estatisticamente significantes ao nível de 5% de probabilidade. Houve diferenças estatisticamente significantes ( $P < 0,05$ ) entre animais recebendo ponta de cana fresca e ensilada para ganho total de peso (35 e 8 kg), ganho energético (135 e 69 meg cal) e peso de carcaça (144 e 122 kg), respectivamente.

Já Aroeira & Santana (1979) estudaram a resposta de novilhos mestiços à ponta de cana queimada e à ponta de cana fresca picadas, suplementadas com melaço-uréia a 10%, durante 112 dias. Observaram que o lote que recebeu ponta de cana queimada apresentou ganho médio diário/cabeça de 0,777 kg, enquanto que o com ponta de cana fresca ganhou em média 0,667 kg/cabeça/dia. Apesar de não ter havido diferenças de ingestão média diária de matéria seca, o lote que recebeu ponta de cana queimada teve um consumo de mistura melaço-uréia um pouco superior ao que recebeu ponta de cana fresca (3,2 kg versus 3,0 kg).

Num experimento com blocos ao acaso em arranjo fatorial, Santana (1977) estudou a resposta de dois tipos animais (mestiços H x Z e mestiços indubrasil) confinados, recebendo "ad libitum" ponta de cana picada e mistura melaço-uréia a 10% com ou sem suplementação de 1,0 kg de fubá de milho/animal/dia. Quando suplementados, os animais não apresentaram diferença estatisticamente significativa para ganho de peso médio diário; porém, os mestiços indubrasil sem suplementação ganharam mais peso que os H x Z com ou sem suplementação, demonstrando, nas condições experimentais, que a baixa energia da ponta de cana não constituiu fator limitante para o ganho de peso daquele tipo animal (Quadro 2).

Rodrigues et al (1976), comparando os desempenhos de novilhos mestiços com rações completas com 68% de ponta de cana ou cana integral picadas, observaram que enquanto os animais que receberam ponta de cana ganharam em média 0,790 kg/cabeça/dia, o lote

QUADRO 2 – Ganhos Médios Diários de Novilhos H x Z e Indubrasil, Recebendo Ponta de Cana Picada

Tratamentos	Tipo Animal	Ganhos Diários (kg)
1 (s/fubá)	Mestiço H x Z	0,33 a
2 (s/fubá)	Mestiço H x Z	0,750 b
3 (s/fubá)	Indubrasil	0,825 b
4 (c/fubá)	Indubrasil	1,077 b

com cana integral obteve ganhos médios diários por animal de 0,740 kg, sendo também semelhantes os rendimentos de carcaça para os dois tratamentos.

## MELAÇO

É também chamado de mel final, sendo obtido por turbinagem da massa cozida por ocasião da industrialização da cana, visando à recuperação do seu açúcar. Trata-se de um líquido viscoso ou xaroposo, de cor marrom-escura, muito denso, contendo, além da sacarose, todos os produtos originais do caldo de cana e mais aqueles formados durante o processamento.

Devido ao fato de apresentar um Brix médio de 84,95, sólidos totais em torno de 79,95% e açúcares totais da ordem de 56%, é uma excelente fonte de energia para o arraçoamento de bovinos e até mesmo de outras espécies, apesar de apresentar, em média, 0,55% do nitrogênio.

O melaço tem sido fornecido para diversas espécies animais por muitos anos, não apenas para aumentar a palatabilidade, mas também para melhorar o poder aglutinante de rações peletizadas. Particularmente para bovinos, tem sido largamente usado como suplemento líquido, onde a uréia encontra um dos mais apropriados veículos para a sua completa incorporação, resultando na conhecida mistura melaço-uréia. Tem sido tentadas outras formas de comercialização do melaço e dentre elas o melaço em pó ou misturado ao bagaço de cana, como é feito industrialmente na África do Sul (Preston & Willis 1974).

De acordo com Preston & Willis (1974), se bem que o melaço seja geralmente considerado altamente palatável para bovinos, tal afirmativa não foi literalmente confirmada quando consi-

derada a ingestão de diferentes alimentos. Em experimentos com zebu recebendo melão-uréia à vontade e grãos de sorgo moídos ou capim-elefante, quando o alimento alternativo foi o grão de sorgo, os animais ingeriram apenas 11% do total da energia metabolizável (EM) da dieta sob a forma de melão; quando a forragem fresca foi oferecida, o melão consumido perfaz 58% da EM ingerida, com conseqüente queda no desempenho animal. Houve incremento no consumo de melão (72% do total de EM) e melhor desempenho dos animais quando a ingestão de forragem foi restringida ao nível de 1,5% do peso dos animais/dia.

Lofgreen (1965), estudando a resposta energética de novilhos de corte ao melão, observou que a energia líquida de produção do melão foi de 0,78 meg cal/kg, nos níveis de 5, 10 e 15% da ração. Elevando o nível de melão para 20%, tal valor energético baixou para 0,70 meg cal/kg.

A técnica de abate comparativo foi utilizada por Lofgreen & Ottagaki (1960), na determinação da energia líquida para novilhos. Foram determinados valores de 1,518; 0,833 e 0,773 kcal/g, respectivamente para níveis de ingestão de melão na ração completa de 10, 25 e 40%.

Vilela et al (1970), trabalhando com novilhos de 18 e 30 meses, os quais receberam a mistura de melão com uréia a 10%, quando o milho desintegrado foi comparado com o farelo de algodão, concluíram que a mistura melão com uréia não possuía a mesma capacidade de resposta que o farelo de algodão ou o milho, em ambas as categorias animais.

Owen et al (1967) estudaram o efeito do melão em rações com alta percentagem de grãos para vacas leiteiras. Observaram que quando se adicionou o melão ao milho moído ao nível de 10%, houve ligeira diminuição da produção de leite e da produção de gordura, porém o melão não afetou a ingestão de matéria seca ou a eficiência da utilização de energia.

## BAGAÇO DE CANA

É o produto fibroso que resulta do esmagamento da cana-de-açúcar na ex-

tração do caldo que será empregado na recuperação de açúcar ou na transformação direta em álcool ou aguardente. A produção de bagaço é da ordem de 180 a 280 kg por tonelada de cana esmagada.

Devido ao seu alto teor de fibra (45%), ao baixo teor de proteína bruta (2,5%) e ao alto teor de lignina (23%), a digestibilidade para bovinos torna-se baixa (22%). Tem sido seriamente questionada a utilização do bagaço de cana como fonte de energia para ruminantes, em face das incertezas que cercam a capacidade desses animais em aproveitar esse produto. Porém, tendo em vista o volume que normalmente é produzido nas diferentes partes do mundo, tentativas têm sido feitas para viabilizar o seu aproveitamento (fermentação, tratamento a vapor, tratamento com diversos agentes químicos, ensilagem, desidratação, pelotização e peneiramento).

Moreira (1983) estudou o valor nutricional da cana-de-açúcar e seus subprodutos, oferecendo os seguintes dados de composição química para o bagaço de cana sobre a matéria seca: proteína bruta 1,7%; nutrientes digestíveis totais 25,6%; cálcio 0,15% e fósforo 0,12%.

De acordo com dados de Conrad & Campman Jr. (1976), o bagaço de cana desidratado ou pelotizado pode ser incluído com vantagens em rações para gado de corte e de leite. Enquanto que níveis de 7,5% a 10% da ração completa podem ser oferecidos para a engorda de bovinos sob a forma pelotizada, o gado de leite pode receber de 30% a 40% de bagaço de cana na ração sem afetar a produção de leite e manutenção do alto percentual de gordura.

A degradação biológica do bagaço de cana foi estudada por Druilhet et al (1969) que empregaram *Micrococcus roseus* e *Pseudomonas aeruginosa* em tal processo. Conseguiram com isso elevar a proteína bruta do bagaço para 14%, com redução em cerca de 43% do teor de fibra bruta.

Brown et al (1959) estudaram combinações de bagaço de cana e melão em rações para bovinos de corte, com e sem dietilestilbestrol e tetraciclina. Foram obtidos ganhos médios diários de até 0,854 kg, quando o bagaço foi combinado ao melão na razão de 35% de cada.

Numa segunda fase, diminuindo o nível de bagaço para 25%, elevando o nível de melão para 50% e aplicando 10 mg do hormônio DES/cabeça/dia, o ganho subiu para 0,900 kg/cabeça/dia. Os autores concluíram que o bagaço de cana é um excelente veículo para o melão e constitui-se em excelente ração para bovinos durante o inverno, desde que mantida a proporção bagaço-melão na faixa de 45:25 a 20:50, respectivamente, do total da ração.

Silagem de bagaço de cana, tratada com hidróxido de sódio, foi estudada por Andreis & De Stefano (1978). Em uma tonelada de bagaço de cana, foram pulverizados 5% de uma solução a 5% de NaOH, adicionados 15% de melão, 0,8% de uréia e 12% de milho inteiro desintegrado. A mistura foi colocada em sacos plásticos durante quatro a seis semanas. De acordo com os autores, os animais aceitaram a silagem feita com NaOH de imediato e ao final de três semanas já consumiam 11,36 kg/cabeça/dia. Os ganhos médios diários oscilaram entre 0,709 kg a 0,814 kg contra 0,436 kg para o grupo testemunha. Os autores concluíram que a silagem de bagaço tratada não apenas foi mais palatável, como também demonstrou ter sido mais digestível, devido às melhores conversões alimentares obtidas.

A incorporação de amônia ao bagaço de cana foi estudada por Davis & Kirk (1958). Utilizaram animais jovens (9 a 18 meses) e mais velhos (20 a 30 meses). A amônia foi incorporada de tal modo que a proteína bruta atingisse, em média, o nível de 11,5%. O melão foi misturado ao bagaço de cana em porcentagens que variaram de 15 a 70%. O melhor consumo foi com 55% de melão na mistura, com os animais mais velhos ganhando de 1,130 kg a 1,270 kg/cabeça/dia. Animais mais jovens tiveram desempenho não muito satisfatório. A mistura de 30% de bagaço de cana e de 70% de melão foi denominada por Beames (1961) de bagomelão, o qual foi fornecido para novilhos de 21 a 27 meses e peso inicial de 340 kg. Em dois tratamentos, a mistura bagomelão entrou nas rações em níveis de 70% e num terceiro tratamento, ao nível de 50%. Os ganhos médios diários para os tratamentos I, II e III foram de 0,636 kg.

0,682 kg e 1,045 kg, respectivamente, considerando a presença da farinha de sorgo no tratamento III, e que lhe conferiu maior teor energético. Os autores concluíram que bagomelaço não deveria entrar em mais de 50% em rações para engorda de novilhos.

O uso de "péletes" compostos de 65% de bagaço de cana e 35% de melaço foi estudado por Rojas et al (1976), utilizando vacas em lactação em níveis de 27,5 e 55% no concentrado em substituição ao farelo de trigo. A combinação de 27,5% de "péletes" e 15% de farelo de trigo resultou no mesmo efeito sobre a produção de leite e engorda, quando comparado com 30% de farelo de trigo. Níveis de 30 a 40% de "péletes" no concentrado foram recomendados para novilhos de corte e carneiros.

Donefer & Pathrana (1976) estudaram a composição e digestibilidade do bagaço de cana em 14 amostras procedentes de quatro países, antes e após tratamento com NaOH ou vapor em alta pressão. Valores médios para fibra em detergente ácido (FDA) e lignina em detergente ácido (LDA) foram, respectivamente,  $58,2 \pm 4,1$  e  $10,5 \pm 2,4$ . "In vitro" a digestão da celulose apresentou alta correlação com FDA ( $R = -0,91$ ) e LDA ( $R = -0,87$ ). O bagaço de cana não tratado apresentou valor médio de digestibilidade "in vitro" de  $24,6 \pm 10,6\%$ , enquanto que o material tratado apresentou acentuado incremento para  $39,9 \pm 8,2\%$ . Face à sua baixa digestibilidade e ao alto teor em fibra, Chapman et al (1964) recomendam seu uso em níveis de 20 a 30% em rações para bovinos em crescimento por período não superior a 70 dias. O arraçamento por período mais longo deve ser substituído por ingredientes contendo mais energia.

### TORTA DE FILTRO DE USINA

Da purificação do caldo nas usinas de açúcar resulta um resíduo que é retido nos chamados filtros de borras e que se denomina comumente *torta*. Também é conhecido pelos nomes de lodo, bagacinho ou cachaça, sendo produzido na proporção de 1 a 4% do peso da cana moída. Seu teor de umidade varia de 60

a 80% e açúcares de 0,2 a 2,0%, o que favorece a palatabilidade do material fresco ou bem conservado.

De acordo com dados de Brasil Sobrinho (1958), o que chama a atenção é o fato de potencialmente a torta de filtros ou lodo de usina apresentar uma proteína bruta da ordem de 8,56% ( $1,37 \times 6,25$ ). Devido ao fato desse material se decompor com facilidade, a pesquisa não tem tido a sua atenção voltada para estudos com ele visando a avaliações nutricionais, apesar do potencial que ele representa para sistemas de alimentação de ruminantes.

No Quadro 3 são apresentados resultados de análises químicas de duas fontes.

Valdes & Gomez (1972), em Cuba, trabalharam com torta de filtro na suplementação de novilhos a pasto. Quando os animais receberam diariamente 2 kg de melaço com 3% de uréia, o ganho médio diário foi de 0,391 kg. Substituindo 1 kg de melaço por 1 kg de torta de filtro, o ganho médio diário caiu para 0,372 kg; porém, fornecendo 2 kg de melaço com 3% de uréia mais 1 kg de torta de filtro, o ganho médio diário subiu para 0,474 kg, o que demonstrou um efeito aditivo do melaço sobre a torta de filtro.

QUADRO 3 - Análises Químicas de Tortas de Filtro

Fonte	Fundenor Campos-RJ	Valdes & Gomez (1972)
Umidade	72,50	-
Proteína bruta	8,05	10,38
Fibra bruta	14,00	30,71
Gordura	11,50	5,45
Cinzas	18,67	-
Cálcio	-	1,01
Fósforo	-	0,68

Fonte: Valdes & Gomez (1972)

### VINHOTO

O vinhoto tem sido incriminado como agente número um de poluição dos rios, córregos e lagoas das regiões agroalcooleiras do Brasil. Talvez pela grande disponibilidade de outros materiais, pouco ou nenhum resultado de pesquisa é encontrado na literatura

sobre o seu uso na alimentação animal. Para cada litro de álcool produzido são eliminados em média, 130 l de vinhoto, com cerca de 5% de matéria seca e sólidos totais. Consequentemente, o volume de água a ser removido é muito grande, o que torna o material economicamente inacessível a maiores aplicações tecnológicas.

Em alguns países o vinhoto concentrado (elevado a 60° Brix) tem sido tratado na alimentação animal. Amman et al (1978) relataram resultados de trabalho conduzido na Flórida, utilizando o vinhoto concentrado, o qual foi introduzido numa dieta básica de milho-soja em níveis de 0, 5, 10 e 15% para novilhos de sobreano, com média de peso vivo de 302 kg. Após 56 dias, os ganhos médios diários foram de 1,18 kg, 0,96 kg, 0,65 kg e 0,45 kg para os tratamentos com 0, 5, 10 e 15% de vinhoto concentrado, respectivamente. A análise química demonstrou alto nível de potássio (11,6% da matéria seca), além de proteína bruta, cálcio, fósforo e magnésio nos níveis de 8,69%, 2,06%, 0,16% e 1,07%, respectivamente. Os autores concluíram que o vinhoto concentrado tem menor valor nutricional que o milho quando em rações de acabamento para novilhos, e que ele poderia ser útil em rações para manutenção.

Pupo et al (1982) relataram dados relativos ao uso do vinhoto concentrado para novilhos de corte em confinamento, quando utilizaram 24 animais com peso médio inicial de 278 kg. O vinhoto concentrado substituiu o melaço nas rações em níveis de 0, 7, 14 e 21% da matéria seca. Os ganhos médios diários obtidos foram de 1,42 kg, 1,25 kg, 0,87 kg e 0,61 kg, respectivamente. Os autores concluíram que os efeitos de pressivos do vinhoto concentrado sobre o desempenho dos animais foram devidos ao subconsumo decorrente de sua baixa palatabilidade.

O uso de vinhoto como substrato para crescimento fúngico é um dos poucos trabalhos efetuados no Brasil que com sucesso, apresentou uma tecnologia simples e barata porque, não apenas tornou o vinhoto menos poluente, mas, sobretudo, porque conseguiu a produção final de biomassa fúngica com 38,59% de proteína bruta e eliminando algumas de

suas restrições nutricionais na alimentação animal (Araújo et al 1976).

## FUNDO DE DORNA

É sabido que após o processo de fermentação do mosto na indústria alcooleira e sua conseqüente destilação, há a deposição na dorna de um resíduo pastoso rico em leveduras — *Saccharomyces cerevisiae* — comumente denominado fundo de dorna. Análises laboratoriais têm indicado os seguintes valores médios para a farinha de fundo de dorna:

- Umidade — 11%
- Proteína — 33,5%
- Gordura — 10,0%
- Cinzas — 15,0%

Com o objetivo de testar a viabilidade de uso de fundo de dorna seco na alimentação de bezerros desmamados, Souza & Santana (1983) compararam-no com a mistura melação-uréia a 10%, durante 112 dias. Ao final do período experimental, o tratamento que recebeu o fundo de dorna na quantidade de 1,6 kg/animal/dia apresentou um ganho médio diário de 0,721 kg, enquanto que o tratamento suplementado com a mistura melação-uréia a 10% ganhou em média 0,638 kg/animal/dia, porém não houve diferença estatisticamente significativa entre os tratamentos. O volumoso foi a ponta de cana picada oferecida à vontade a ambos os tratamentos. A ingestão de fundo de dorna/animal/dia foi regulada pela ingestão média voluntária da mistura melação-uréia.

Um trabalho sobre fundo de dorna, realizado na Usina Santa Luzia, foi apresentado no Jornal Meios e Métodos de dezembro de 1983. Nele foi descrito um método de processamento de material e sua composição química, dando um teor de proteína bruta de 28,04%, valor este mais baixo que aquele obtido por Souza & Santana (1983). Apesar do método de secagem desses autores ser a céu aberto, foram tomados os devidos cuidados para que não houvesse a decomposição do material.

## CONCLUSÕES

Com exceção da ponta de cana e do

melão, que têm sido exaustivamente trabalhados em todos os países produtores de cana-de-açúcar e para os quais são encontradas as mais diversas referências na literatura internacional, os demais subprodutos ou resíduos agroindustriais carecem de maior atenção pelo potencial que representam, como eventuais alimentos alternativos para ruminantes, principalmente nas épocas secas do ano e mercê do seu possível valor nutricional, interpretado à luz de análises químicas.

O bagaço de cana, associado a outros ingredientes como o melão, pode ser usado em rações para ruminantes em níveis de até 20%. Tal procedimento tenderia a diminuir um dos problemas atuais das usinas, que é o excesso de bagaço. A pelletização do bagaço é um dos processos que melhor se prestariam para a sua conservação por mais de dois ou três meses.

A torta de filtro de usina deve ser trabalhada ainda fresca e torna-se todo conveniente a sua transformação em "péletes", o que necessariamente requereria uma redução de umidade e conseqüente preservação do valor nutricional do material.

A viabilidade técnica do vinhoto concentrado está interligada à sua viabilidade econômica, independente de restrições que venham a ser feitas ao material face ao seu alto teor de potássio.

O fundo de dorna constitui-se no mais nobre dos resíduos agroindustriais derivados da cana-de-açúcar, visando à alimentação animal. As destilarias de álcool, espalhadas hoje por todo o Brasil, deixam de processar, em números atuais, 225 mil toneladas de um material com cerca de 30% de proteína, rico em vitaminas do complexo B e com ótimo balanço de aminoácidos. Os esforços que têm sido feitos, visando à recuperação da proteína de levedura de dorna, deveriam ser olhados com um pouco mais de simpatia.

## REFERÊNCIAS

AMMERMAN, C.B.; HENRY, P.R.; POTTER, S.G. & BECKER, H.N. Condensed molasses soluble as a feed ingredient for cattle. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE NUTRIÇÃO, 2., XI, Rio de Janeiro, 1978. Resumos. Rio de Janeiro

União Internacional de Ciências de Nutrição, 1978. p. 319.

ANDREIS, H.J. & DE STEFANO, R.P. Silage made from sugar-cane bagasse treated with sodium hydroxide. *The Sugar Journal*, 41 (5): 13-6, 1978.

ARAÚJO, N.Q.; VISCONTI, A.S.; CASTRO, H.F.; SILVA, H.B. da; FERRAZ, M.H. & FILHO, S.M., Produção de biomassa fúngica de vinhoto. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE TRATAMENTO DE VINHOTO, Rio de Janeiro, 1976. Anais. Rio de Janeiro, Inst. Nacional de Tecnologia, 1976. p. 1-4.

AROEIRA, L.J.M. & SANTANA, J. Utilização de ponta de cana queimada e da ponta de cana fresca como volumosos para novilhos confinados, suplementados com melão-uréia. Niterói, PESAGRO-Rio 1979. (Boletim técnico, 2).

BEAMES, R.M. Bagomolasses as the basis of a fattening ration for cattle. *Queen J. Agric. Sci.*, 18 : 425-36, 1961.

BRASIL SOBRINHO, M.O.C. Estudos sobre o aproveitamento da torta de filtros das usinas como fertilizantes. Piracicaba, ESALQ, 1958. (Tese MS).

BROWN, P.B.; DAMON, R.A.; D'ESCRIVAN, T.E.; SINGLETARY, C.B. & ROBERTSON, G.L. Sugar cane bagasse-blackstrap molasses rations with and without hormones or antibiotics. *The Sugar Journal*, 22 (4): 13-9, 1959.

CABEZAS, M.T.; COLOCHA, E.A. & MURILLO, B. Feeding calves, with sugar-cane tops during the dry season. In: I REUNIÓN INTERNACIONAL SOBRE LA UTILIZACIÓN DE LA CAÑA DE AZÚCAR EN LA ALIMENTACIÓN ANIMAL. México, 1976. p. 7.

CHAPMAN, H.L.; KIDDER, J.W.; KIRK, W.C. & HAINES, G.E. Sugarcane and its by-products for cattle feeding. *Soil and Crop Sci. Soc., Florida*, 24 : 486-97, 1964.

CONRAD, J.H. & CHAPMAN Jr., H.L. Nutritive value bagasse in rations for cattle feeding. In: I REUNIÓN SOBRE LA UTILIZACIÓN DE LA CAÑA DE AZÚCAR EN LA ALIMENTACIÓN ANIMAL. México, 1976. p. 27.

DAVIS, G.K. & KIRK, W.K. Bagasse as a cattle feed. *The Sugar Journal*, 21 (4): 12-3, 40, 1958.

DONEFER, E. & PATHRANA, I.K. Composition and digestibility of treated and untreated bagasses samples. In: REUNIÓN INTERNACIONAL SOBRE LA UTILIZACIÓN DE LA CAÑA DE AZÚCAR EN LA ALIMENTACIÓN ANIMAL. México, 1976. p. 23.

DROULHEY, R.E.; BRADBURN, J.B. & SUBRA, W.A. Biodegradation of lignocellulose in sugarcane bagasse. *The Sugar Journal*, 32 (7): 18-21, 1969.

ELIAS, A.; PRESTON, T.R.; WILLIS, M.B. & SUTHERLAND, T.M. Intensive beef production from sugar cane. Molasses/urea as a substitute for grain in low-fiber diets. *Rev. Cubana de Ciencia Agric.*, 2 : 55-63, 1968.

EMRICH, E.S. & DURÃES, M.C. Alimentação de novilhos em confinamento no pe-

riodo da seca. Sete Lagoas, IPEACO, 1971. 4 p. Pesquisa Extensão, 13.

ESTIMA, A.L.; CALDAS, G.C.; VIANA, S.P.; CAVALCANTE, M.F.M.; CARVALHO, A.R.L.; FARIAS, M.S. & LOFGREEN, G.P. Melaço, mandioca e farelo de algodão como suplementos para olho de cana fresco ou ensilado. *Pesq. Agropec. Bras., Sér. Zootec., Rio de Janeiro, 2* : 411-20, 1967.

HAZ BRITO, E. de la; RUIZ, J.; ARENAS, C.; BACIGUELPO, A.; VARA, M. & TÍMANA, M. The use of sugar cane bagasse pith treated with NaOH in beef fattening rations. In: I REUNIÓN intern. sobre la utilización de la cana de azúcar en la alimentación animal. México, 24-5, 1976. p. 24.

LOFGREEN, G.P. Net energy of fat and molasses for beef heifers with observations on the method for net determination. *J. Anim. Sci., 24* (2): 480-7, 1965.

LOFGREEN, G.P. & OTAGAKI, K.K. The net energy of blacks - trap molasses for fattening steers as determined by a comparative slaughter technique. *J. Anim. Sci., 19* (2): 392-403, 1960.

MEIOS E MÉTODOS. Santo Amaro, MICRO-NAL, v. 6, n. 39, dez. 1983.

MCDOWELL, L.R.; CONRAD, J.H.; THOMAS, J.E. & HARRIS, L.E. Latin American tables of feed composition. Florida, University of Florida, 1974. 509 p.

MOREIRA, H.A. Cana-de-açúcar na alimentação de bovinos. *Inf. Agropec., Belo Horizonte, 9* (108): 14-6, 1983.

OWEN, F.G.; KELLOGG, D.W. & HOWARD, W.T. Effect of molasses in normal and high-grain rations on utilization of nutrients for lactation. *J. of Dairy Sci., 50* (7): 1120-5, 1967.

PATE, F.M. & COLEMAN, S.W. *Sugarcane tops for cattle feed.* Florida, Agricultural Experiment Station, p. 131-6 (Journal, 5509).

PRESTON, T.R. & EILLIS, M.B. *Intensive beef production.* 2. ed. New York, Pergamon Press 1974. 567 p.

PUPO, N.H.; CAMPOS, J.; SILVA, J.F.C. & CASTRO, A.C.G. Substituição do melaço pela vinhaça concentrada na alimentação de novilhos de corte em regime de confinamento. *R. Soc. Bras. Zootec., 11* (13): 375-95, 1982.

RODRIGUES, A.E.C.; FREITAS, E.A.G. & LÓPEZ, J. Pontas de cana vx cana-de-açúcar integral como principal volumoso na engorda de novilhos confinados. *An. Tec. IPZFO, Porto Alegre, 3* : 185-01, 1976.

ROJAS, S.W.; REATEGUI, J.; VARGAS, J.; OLIVEIRA, L.; CARRASCO, F. & ZATIZABAL, L. Use of bagasse pith and molasses pellets for ruminant feeding. In: I REUNIÓN inter. sobre la utilización de la caña de azúcar en la alimentación animal, México, 1976. p. 25.

SANTANA, J. Uso da ponta de cana (olhalo ra) e da mistura melaço-uréia no amadurecimento de bovinos de corte confinados. Campos, RJ, Fundação Norte Fluminense de Desenvolvimento Regional, 1977. 6 p. (Informação técnica, 1).

SOUZA, S.O. & SANTANA, J. Comparação entre fundo de dorna e mistura melaço-uréia a 10% na recria de machos leitões confinados. Niterói, PESAGRO-Fla, 1983. 3 p. (Pesquisa em andamento, 20).

SUNDSTROM, B. & PALMER, W.A. Molasses based fattening rations from beef cattle. *Tech. Bull. Dep. Agric., 17* 1-11 Nov. 1977.

VALDES, L.R. & GOMEZ, J. Uso de la cochaza como suplemento a animales de carne em pastoreo. *Memoria Anual de la Hatuey, Cuba, 139-145, 1972.*

VILELA, H.; MIRANDA, J.J.F. de & FERREIRA, C.S. Efeito de melaço e uréia em comparação com melaço e uréia mais farelo de algodão, ou mais milho, para novilhos mestiços holandes x zebu. *Arquivos da Escola de Veterinária da UFPA, Belo Horizonte, 22*: 241-50, 1970.

WHITE, T.W. & HEMBRY, F.G. Whole shelled corn with urea, molasses and minerals for finishing steers. *Annu. Progr. Rep. La Rice Exp. Station., 69* : 320-1, 1977.

# Prepare você mesmo a ração adequada para sua criação e obtenha maiores lucros.

## A BENEDETTI LHE OFERECE AS MELHORES MÁQUINAS.

Quando você mesmo produz a ração que alimentará sua criação, não está simplesmente economizando.

## ESTÁ LUCRANDO MAIS! ESTÁ GARANTINDO O SUCESSO DO SEU INVESTIMENTO!

Por isso, Máquinas BENEDETTI lhe oferece a maior e mais completa linha de máquinas e equipamentos para fabricação de rações do Brasil.

Comida feita em casa é outra coisa!

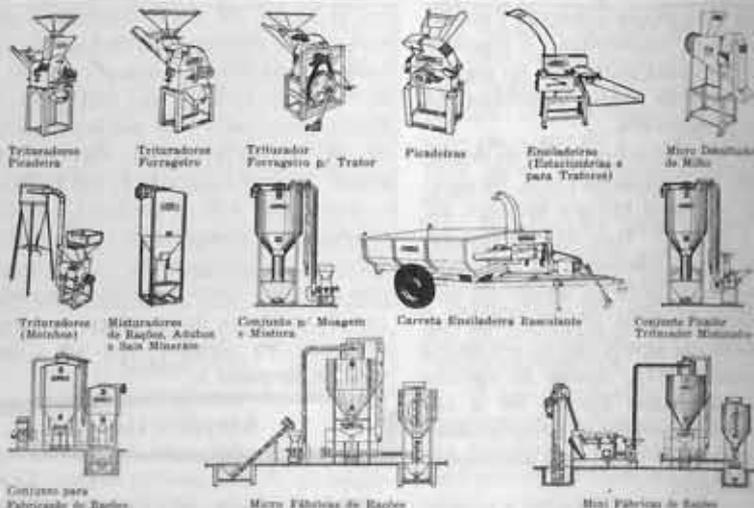
**MAQUINAS BENEDETTI**  
ESPIRITO SANTO DO PINHAL - SP

REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

Pc: Vicente F. Guimarães, 36 - Cx.P. 35

Tels: (DDD 0196) 51-1677

Espirito Santo do Pinhal - SP (cep 13990)



## II CONGRESSO PAN-AMERICANO DO LEITE

DR. RUBENS MALTA CAMPOS

Dos dias 13 a 17 de maio, realizou-se no Palácio das Convenções do Parque Anhembi, em São Paulo, o congresso acima referido, reunindo entidades representativas dos produtores de leite, usinas de leite e seus derivados, autoridades federais e estaduais, pesquisadores, interessados e conferencistas de vários países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Peru, México, Uruguai), Estados Unidos, Europa e Israel. O Congresso foi organizado sob a égide do Conselho Federal de Medicina Veterinária, contando com a clareza do Dr. René Dubois, pelo Brasil. O Congresso foi sub-dividido em quatro grandes temas: Política do Leite, Produção Leiteira, Industrialização Leiteira e Nutrição Humana, contando com a promoção do Comitê Permanente do Congresso Pan-Americano do Leite (Argentina); Associação Latino-Americana de Buiatria (Uruguai); Conselho Federal de Medicina Veterinária (Brasil); Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária e com o apoio do Ministério da Agricultura (Brasil); Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agro-Pecuária (EMBRAPA).

Cada tema foi partilhado em painéis, o que possibilitou a inúmeros especialistas abordarem os principais problemas políticos, econômicos e técnico-científicos da produção, industrialização, comercialização e consumo do leite e seus derivados.

O tema Industrialização Leiteira foi sub-dividido em vários painéis incluindo-se o da obtenção e aspectos higiênicos do leite "in natura", a importância do leite na alimentação humana, a industrialização de produtos lácteos, armazenamento, transporte e conservação dos derivados do leite a nível de consumo. O tema Produção Leiteira subdividiu-se, também, em vários painéis como a exploração de pastagens em solo de baixa fertilidade, exploração de pastagens de elevado potencial produtivo, sistemas de produção de leite, uso da inseminação artificial e transferência de embriões no incremento da produção leiteira, controle leiteiro,

teste de progênie, mastite, etc. No tema Nutrição Humana, discutiu-se a importância do leite na alimentação humana, a lactase e a nutrição mundial, o leite em nutrição escolar, etc. Finalmente, no tema Política do leite, cuidou-se da política leiteira e a necessidade de sua definição no Brasil, critérios modernos aplicáveis ao melhoramento da produção leiteira, etc.



Um aspecto de uma das salas do Congresso em dia de reunião, vendo-se na terceira fila os representantes da ABC.

O tema referente à Produção Leiteira ficou sob a coordenação da ABC tendo como presidente o General Diogo Branco Ribeiro, e destacamos a conferência proferida pelo nosso companheiro, Dr. Fidelis Alves Neto, o qual discorreu a respeito dos serviços de controle leiteiro efetuado pela ABC, ponderando suas virtudes para o aprimoramento genético e produtivo do rebanho, além de indicar as dificuldades enfrentadas pela entidade para a execução desse serviço, conferência que está sendo publicada, na íntegra, nesta edição. Pela ABC participaram também os Drs. Manoel José de Alcântara, Walter Battiston, Antônio Carlos Gouveia e Rubens Malta Campos.

Destacamos algumas das conclusões desse Congresso, sendo uma das mais importantes o reconhecimento de que a crise da produção do leite só poderá ser diminuída caso sejam aplicadas políticas específicas para o setor, sendo obrigatória a ação dos governos nacionais, através de incentivos de produção, subsídio ao consumo e principalmente a garantia de preços remuneradores aos produtores. O Conferencista chileno, Jacques Chonchol, entende que a problemática do aumento ou não da produção de alimentos básicos, incluindo-se o leite, é muito mais uma decisão de caráter político. Para ele "produzir alimento em abundância é relativamente simples, a tecnologia já está completamente dominada, mas a decisão de como e quando produzir é que deve ser tomada e aprofundada por todos os governos nacionais". Chonchol sugeriu também que se adotasse, a nível nacional, uma política de melhoria na educação alimentar, instituindo-se nos cursos primário e secundário uma matéria obrigatória que seria a educação alimentar, na qual seriam ensinadas as vantagens de uma boa alimentação para o desenvolvimento e manutenção de uma boa saúde, a

necessidade do consumo diário de vitaminas, proteínas, gorduras, sais minerais, etc. Assim, criar-se-ia uma compreensão mais adequada para o consumo de leite que deve ser o mínimo de 800 gramas/dia, principalmente para as crianças.

Finalmente, concluiu-se que nenhum governo deve dar início a uma política de aumento de produção leiteira se não puder oferecer garantias de que essa produção suplementar possa ser colocada no mercado com um mínimo de lucratividade ao produtor. Se porventura o poder aquisitivo de parcelas ponderáveis da população não for suficiente para a aquisição do leite, o governo deve subsidiá-lo, quer na produção, quer no consumo. Deveria ser feito um trabalho conjunto entre governo e os vários segmentos do setor para melhorar a totalidade da atividade leiteira, com a utilização de assistência técnica planejada e integral, concedendo-se participação às instituições profissionais e de classe, incentivando-se a organização dos produtores, estimulando-se o consumo de produtos lácteos entre a população e a produtividade dos rebanhos. R. M. C.

## Detergentes e escovas Alfa-Laval. Higiene na instalação de ordenha mantém a boa qualidade do leite.



Todos nós sabemos da importância de uma boa higiene na instalação de ordenha para garantir a boa qualidade do leite.

Assim colocamos em promoção nossa linha de produtos de higiene no revendedor Alfa-Laval mais próximo de você.

### PRODUTOS EM PROMOÇÃO:

- Detergente Alfa-Laval (pó) Balde de 7 e 20 kg
- Desinfetante germicida a base de cloro Alfa-Laval (pó) Balde 7 kg
- Detergente sanitizante Alfa-Laval (líquido) Bujão de 5 e 20 kg
- Detergente ácido Alfa-Laval (líquido) Bujão de 5 kg
- Iodomastin Preventivo contra mastite (líquido) Bujão de 5 kg
- Aplicador de Iodomastin (Para cada 4 galões um grátis).
- Linha completa de escovas.
- Cabo Flexível de limpeza.

**PAGAMENTO EM 3 VEZES.  
VALIDADE ATÉ 31/JULHO/85.  
PROCURE O SEU REVENDEDOR.**

**ALFA-LAVAL**  
ALFA-LAVAL EQUIPAMENTOS LTDA.  
Av. das Nações Unidas, 14.261 - CP. 2952  
São Paulo - SP - Fone: (011) 548-1311

## II CONGRESSO PAN-AMERICANO DO LEITE SÃO PAULO — MAIO DE 1985

### O CONTROLE LEITEIRO NO BRASIL - ORIGENS E RESPONSABILIDADES

**FIDELIS ALVES NETTO**

Médico-Veterinário

Serviço de Controle Leiteiro da  
Associação Brasileira de Criadores

O Controle Leiteiro em nível de associação de criadores iniciou-se no Brasil, praticamente em 1945, no estado de S. Paulo. Antes havia sido feita uma tentativa semelhante no Rio Grande do Sul, mas com pouca duração.

O Controle Leiteiro, iniciado pela Associação Brasileira de Criadores em 1945, com a cooperação da indústria de laticínios e de rações, foi decorrência do desejo que criadores de gado registrado manifestaram por verem as produções de suas vacas conhecidas e catalogadas.

Durante alguns anos esse trabalho permaneceu parcialmente apoiado pelo Ministério da Agricultura. A seguir teve seu regulamento aceito e oficializado pelas associações de registro de gado de raças leiteiras e por volta de 1972 ou 1973 foi conhecido e oficializado pelo Ministério da Agricultura. Atualmente os trabalhos de Controle Leiteiro no Brasil são regidos pela portaria n.º 293 de setembro de 1980.

Embora exista regulamentação comum para as raças leiteiras ela sofre pequenas mudanças quando envolve as raças Zebuínas.

Pela estrutura estabelecida pelo Ministério da Agricultura do Brasil, o Controle Leiteiro é de responsabilidade direta das associações incumbidas do registro genealógico de cada raça. Mas na prática se observam duas situações: a associação que cuida da raça holandesa, representando mais de 70% de gado registrado, mantém um corpo de 13 associações delegadas em todo o País, das quais em sete se pratica o Controle Leiteiro onde se acha incluída a Associação Brasileira de Criadores; as demais associações compreendendo a posição pioneira da Associação Brasileira de Criadores

no Controle Leiteiro e face a sua organização, preferiram delegar-lhe poderes para que realize essa tarefa em todo o país. Assim pois, a Associação Brasileira de Criadores realiza o Controle Leiteiro da raça holandesa em S. Paulo e em vários outros estados como: Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, e até Alagoas.



Dr. Fidelis Alves Netto

#### TIPO DO CONTROLE LEITEIRO — RESULTADOS

O Controle Leiteiro atualmente em prática no Brasil, em nível de Associação de Criadores, é mensal e envolve a produção de leite e de gordura.

É realizado por pessoal especializado que realiza as pesagens nas fazendas em período de 24 horas, colhendo amostras para dosagem de gordura. Em muitos casos a análise é realizada na própria fazenda e em outros em estabelecimentos industriais de laticínios próximos. Recentemente foi iniciada a coleta de amostra composta com parcelas de leite das diferentes ordenhas, com adição de conservador.

Ainda não existem laboratórios especiais para análises no Controle Leiteiro, face ao seu diminuto desenvolvimento, sua descentralização e pelos limitados recursos com que conta. Com isso os projetos de realizar também análises de proteína têm que ser postergados.

Os resultados de pesagens e análises são transcritos em relatórios que são remetidos às sedes dos serviços onde é feita sua escrituração e calculadas as lactações. Comunicações mensais são feitas aos criadores, com cópias de resultados remetidos às associações de registro genealógico.

No ano de 1984, da raça holandesa, de vacas registradas, puras ou puras por cruzamento foram catalogadas 16.808 lactações em todo o Brasil — (quadro I) — envolvendo cerca de 350 rebanhos.

#### QUADRO I

##### LACTAÇÕES NA RAÇA HOLANDESA EM 1984

SÃO PAULO .....	9.009
PARANÁ .....	5.352
RIO GRANDE DO SUL .....	987
MINAS GERAIS .....	693
PERNAMBUCO .....	310
SANTA CATARINA .....	237
RIO DE JANEIRO .....	223
<b>TOTAL .....</b>	<b>16.808</b>

O Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores aparece nesse quadro com 53% do volume geral. Nos seus 40 anos de existência o Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores reuniu até dezembro de 1984, 170.471 lactações, registradas por cerca de 83.000 vacas inscritas em controles. Desta a quase totalidade é de vacas inscritas em registro genealógico oficial na respectiva raça. Como o Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores é livre, aberto para vacas de todas as raças e pelagens ocorre que nos seus anos de existência, nele foram inscritas vacas de 21 raças, e cruzamentos sendo 10 de raças leiteiras, 7 de linhagens leiteiras de raças de corte e 4 de cruzamentos com registro genealógico próprio. O Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores presentemente se estende a 147 rebanhos localizados nos estados de S. Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul — (Quadro II) — (raças).

#### QUADRO II

##### LACTAÇÕES CONTROLADAS ATÉ 1984 DISTRIBUIÇÃO POR RAÇA E CRUZAMENTO

RAÇAS LEITEIRAS	TOTAL
1 — Holandesa Preta e Branca ...	104.466
2 — Holandesa Vermelha e Branca	25.985
3 — Pardo Suíça (Schwyz) .....	7.737
4 — Jersey .....	7.014
5 — Guernsey .....	203
6 — Simental .....	412
7 — Dinamarquesa .....	745
8 — Flamengo .....	103
9 — Red Poll .....	330
10 — Sueva Vermelha .....	24
11 — Eringer .....	11
RAÇAS ZEBUÍNAS	TOTAL
12 — Gir .....	10.367
13 — Guzará .....	582
14 — Sindi .....	190
15 — Indubrasil .....	17
16 — Nelore .....	90
17 — Zebu Mocho .....	441
CRUZAMENTOS	TOTAL
18 — Pitangueiras .....	10.502
19 — Girolando .....	324
20 — Procuza .....	30
21 — Schwyz X Nelore .....	17
22 — Búfalas .....	881
<b>TOTAL .....</b>	<b>170.471</b>

##### ANÁLISES DAS LACTAÇÕES — TESTES DE PROGENIE

Os primeiros estudos visando conhecer a influência dos reprodutores no Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores foram realizados em 1950. Aquela época compreendeu-se que havia necessidade de uma ampla análise dos registros de lactações reunidos nos arquivos. Havia necessidade de se determinar a influência de diferentes fatores na produção, do ambiente em que as vacas se encontravam, e eram exploradas. Esses estudos foram realizados a partir de 1965 quando foram feitas determinações sobre a influência da idade na época do parto, do grau de sangue de registro, ano e mês de início das lactações nas diferentes raças, etc. Nessa oportunidade foram determinadas pela primeira vez as médias de raça e de rebanho.

Baseados nos elementos encontrados na época então foi possível realizar ajustes das lactações nivelando-as a idade adulta para confrontações, quando se determina as médias de raça, de rebanhos. Assim foi possível conhecer o comportamento das várias raças no clima brasileiro sob o regime possível de ser praticado economicamente. Os quadros III, IV, V, VI, VII, VIII, mostram os registros médios verificados nos últimos anos nas diferentes raças.

# O MAIS FORTE



**AGROVET**  
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade. AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos. A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.

  
**SQUIBB**  
INDÚSTRIA QUÍMICA



Mas o principal objetivo com a realização desses estudos pôde então ser alcançado, que eram os testes de progênie dos reprodutores. Embora outros estudos isolados fossem realizados a verdade é que os testes de progênie somente entraram como rotina final do Controle Leiteiro, a partir de 1979, quando um convênio especial para esse fim foi firmado entre a Associação Brasileira de Criadores, a Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa juntamente com o Ministério da Agricultura.

A partir daí, foi possível estender automaticamente toda a pesquisa às demais raças e assim examinadas seguidamente a influência dos reprodutores, utilizando técnicas internacionais nos anos de 1979 a 1983 — Quadro IX.

Os resultados encontrados porém, surpreenderam muito embora fossem o reflexo do que está ocorrendo

### QUADRO III

#### PRODUÇÕES MÉDIAS CORRIGIDAS RAÇA HOLANDESA — VARIEDADE PRETA E BRANCA (EM KG)

	N.º de lactações	Leite	Gordura	%
1979	4.966	4756,8	173,5	3,6
1980	5.886	5322,3	189,9	3,5
1981	5.644	5442,2	190,5	3,5
1982	5.065	5421,8	187,0	3,4
1983	5.386	5054,5	173,3	3,4

### QUADRO IV

#### PRODUÇÕES MÉDIAS CORRIGIDAS RAÇA HOLANDESA — VARIEDADE VERMELHA E BRANCA (EM KG)

	N.º de lactações	Leite	Gordura	%
1979	1.566	4337,5	157,8	3,6
1980	1.663	4805,6	173,0	3,5
1981	1.533	4956,9	176,0	3,5
1982	1.597	5115,6	179,0	3,5
1983	1.313	4885,0	167,6	3,4

### QUADRO V

#### PRODUÇÕES MÉDIAS CORRIGIDAS RAÇA PARDA SUÍÇA (EM KG)

	N.º de lactações	Leite	Gordura	%
1979	530	3123,9	125,3	4,0
1980	504	3616,5	143,9	3,9
1981	316	3795,8	155,0	4,0
1982	305	3792,0	151,7	4,0
1983	287	3608,6	142,3	3,9

### QUADRO VI

#### PRODUÇÕES MÉDIAS CORRIGIDAS RAÇA JERSEY (EM KG)

	N.º de lactações	Leite	Gordura	%
1979	276	2944,7	136,9	4,6
1980	292	3235,5	156,9	4,8
1981	272	3174,0	158,1	4,9
1982	235	3042,3	146,0	4,8
1983	218	2967,4	140,5	4,7

### QUADRO VII

#### PRODUÇÕES MÉDIAS CORRIGIDAS RAÇA GIR (EM KG)

	N.º de lactações	Leite	Gordura	%
1979	460	2391,9	113,7	4,7
1980	531	2562,4	117,8	4,5
1981	479	2616,1	117,7	4,4
1982	530	2581,3	113,6	4,4
1983	561	2717,7	129,4	4,7

### QUADRO VIII

#### PRODUÇÕES MÉDIAS CORRIGIDAS RAÇA PITANGUEIRAS (EM KG)

	N.º de lactações	Leite	Gordura	%
1979	747	2697,3	115,2	4,3
1980	676	2543,5	111,4	4,3
1981	570	2724,8	116,6	4,2

### QUADRO IX

Número de reprodutores testados no ano, reprodutoras com 10 (dez) ou mais progênie com produção mensurada no ano.

### RAÇA

Anos (1)	H.P.B.	H.V.B.	PIT.	P. SUÍÇA	GIR	JERSEY	TOTAIS
1979	63	19	08	08	13	05	116
1980	105	35	06	07	12	03	168
1981	93	28	—	05	12	03	141
1982	109	25	—	—	—	—	134
1983	172	21	—	04	14	—	211
	542	128	14	24	51	11	770

(1): ano de encerramento das lactações.

(2): em 1983, os 172 touros H.P.B. foram compostos por 181 touros com filhas em São Paulo e 71 touros com filhas no Paraná.

**QUADRO X**

**COMPORTAMENTO DE 162 REPRODUTORES COM FILHAS EM CONTROLE LEITEIRO NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES, NOS ANOS DE 79/80/81/82/83.**

REPETIBILIDADE	HOL. PB			HOL. VB			GIR			TOTAL		
	Test. melhorantes %			Test. melhorantes %			Test. melhorantes %			Test. melhorantes %		
até 49%	23	12	52,2	11	1	9,1	8	4	50	42	17	40
50/79%	57	34	59,6	17	8	47	1	1	100	75	43	57
80% e +	36	22	61,1	9	6	66,6	—	—	—	45	28	62
	116	68	58,6	37	15	40,5	9	5	55	162	88	54,3

na prática. Dentre os 162 reprodutores de três raças analisadas cumulativamente nos anos referidos a percentagem de resultados positivos é bem elevada ou seja 54,3%. A primeira vista tal resultado contradiz o que a genética mostra, pois apresenta uma elevada percentagem de melhorantes. Na realidade esse resultado espelha uma situação de fato. Para realizar os Testes de Progênie o computador é alimentado com os resultados de todas as lactações controladas. Acontece, porém que há uma grande seleção prévia na inscrição das vacas no Controle Leiteiro e mais ainda, sua grande maioria é representada por filhas de reprodutores melhorantes de sêmen importado. Embora sejam feitas análises de resultados para determinar a influência dos reprodutores em ordenadas comparações entre filhas e contemporâneas, os resultados só podem mostrar o que aconteceu, isto é, se bons reprodutores foram utilizados, bons resultados são colhidos. Observa-se que por motivos econômicos ou outra razão, ainda são raros os reprodutores criados no país envolvidos nos testes de progênie e assim dificulta-se a obtenção de doadores de sêmen nacionais, melhorantes.

No quadro X, em que foram feitos agrupamentos dos reprodutores segundo a repetibilidade encontrada nota-se que quanto mais alta ela é, o que significa também maior utilização dos reprodutores, maior é a percentagem de melhorantes.

Estes resultados mostram que já possuímos estrutura para a realização de testes de progênie, pois, contamos com Controle Leiteiro e as respectivas análises. Falta desenvolver programas especiais de testes de reprodutores, iniciativas estas que cabe precipuamente aos criadores e às centrais de inseminação.

**DIFICULDADES ENFRENTADAS NO CONTROLE LEITEIRO**

No decorrer dos quarenta anos de execução de Controle Leiteiro, foram inúmeras as dificuldades enfrentadas na fase de instalação do serviço. Inicialmente foi preciso vencer a preocupação dos criadores de obter bons resultados em controles isolados, ou na produção de 24 horas, e mostrar-lhes que o interesse do Controle Leiteiro se dirigia aos resultados finais

das lactações. Essa fase durou bastante e até hoje ainda são encontrados criadores mais preocupados com a produção de um dia do que nos resultados de uma inteira lactação.

Entre outras medidas adotadas para estimular o interesse pelos resultados de uma lactação conta-se a instituição de um conhecido troféu que até hoje ainda é arduamente disputado, o "Balde de Ouro". Embora hoje se conte com um balde de ouro para cada raça, originalmente só havia um, destinado a maior produtora de leite do Controle Leiteiro. Homonimamente criou-se a Batedeira de Ouro para a maior produção de gordura. Mas a instituição desses troféus se dirigia às produções máximas, faltava estimular boas produções ainda que não fossem recordistas.

Surgiu assim a idéia de se conceder um título de destaque às boas lactações e que se destacassem da média. Após estudo dos resultados encontrados foi feita uma tabela de mínimos de produção de gordura que se destacariam as vacas com boas produções; teria que identificar 30% dos melhores resultados. Hoje a tabela adotada corresponde a média de cada raça dos três últimos anos acrescida de um desvio padrão. Das 170.471 lactações pode-se dizer que cerca de 28 a 30% levam o título de livro de mérito.

Mas outra dificuldade foi observada a seguir. Muitos criadores preocupados em obter boas lactações estavam retardando as coberturas de suas vacas. Era um erro que precisava ser corrigido. Surgiu daí a decisão de adotar-se um segundo título. Surgiu daí a decisão para as vacas que já tendo obtido o título de mérito dessem nova cria, dentro de 14 meses após o início da lactação premiada. Hoje fazendo uma apreciação do número de vezes em que esse título foi concedido conclui-se que a ele tem acesso, cerca de 4% das vacas inscritas. Um terceiro título nessa seqüência sobreveio em seguida, o de Reprodutora Emérita, destinado a vaca que lograsse uma seqüência de três títulos de Livro de Escol ou o alcançassem em cinco vezes. Um total de 772 dentre as 83.000 vacas já lograram este título e seguramente estas fêmeas, sem serem as maiores produtoras da raça trazem no entanto qualidades que as distinguem sobremaneira. Quadro XI.

## QUADRO XI

### REPRODUTORAS EMÉRITAS

Vacas com mínimo de três títulos consecutivos de Livro de Escol (LM + Parição em 427 dias)

Raça e variedade	Total	Porcentagem
Holandesa preta e branca	492	63,8
Holandesa vermelha e branca	162	20,9
Jersey	71	9,2
Pardo Suíço (Schwyz)	16	2,0
Dinamarquesa	3	0,3
Guernsey	1	0,1
Gir	20	2,6
Pitangueiras	5	0,6
Girolando	2	0,2
	<hr/> 772	<hr/> 99,7

A seqüência de lactações registradas por numerosas vacas levou a criação de um agrupamento que ocorre em outros serviços de Controle Leiteiro no mundo, a categoria de longevidade. Estabelecidos os mínimos para ingresso em cada raça, logo a seguir cuidou-se dos novos destaques, pois as produções continuaram a ser somadas, a princípio com muitas vacas de 50 toneladas de leite, hoje com várias acima de 70 toneladas e duas acima das 90 toneladas. A atual recordista do serviço do Controle Leiteiro no Brasil é uma vaca da raça Holandesa, tendo produzido em onze lactações controladas, 92.649 kg de leite com 3.106,4 kg de gordura ou 3,35%. Quadro Controle Leiteiro XII.

**QUADRO XII**  
**CATEGORIA DE LONGEVIDADE**  
**(POR PRODUÇÃO DE LEITE)**

FAIXAS	RAÇA HOLANDESA		JERSEY E PARDO SUÍÇO			GIR PITANGUEIRAS		TOTAL	
	Var. Preta Branca	Verm. Branca	kg			(mínimo 20.000 kg)			
Inicial	30/42000	370	79	25/31000	53	13	98	218	831
Verde	42/50000	231	58	31/36000	27	13	12	42	383
Marron	50/6000	99	22	36/40000	6	5	1	13	146
Amarela	60/7000	18	7	40/48000	5	2	3	4	39
Rosa	70/8000	10	1	48/56000	1	2	1	1	16
Celeste	80/9000	1	2	56/64800	1	—	—	—	4
Ouro	90 e +	1	1	64800 e +	—	—	—	—	2
		730	170		93	35	115	278	1.421

### PROBLEMAS NO CONTROLE LEITEIRO

Até aqui cuidamos da parte técnica, das soluções e resultados alcançados no Controle Leiteiro, deixando para um capítulo a parte o lado administrativo do Controle Leiteiro.

Vamos nos referir ao seu custeio. Como é fácil imaginar o simples deslocamento de um controlador para uma fazenda de criação e sua permanência af

por mais de 24 horas gera despesas e elas precisam ser cobertas de qualquer maneira. Tudo o mais que feito, desde a aquisição de material de trabalho como balanças, butirômetros, centrífugas, impressos, máquinas de escrever, calculadoras, fichários, etc., etc., bem como o pessoal indispensável para a escrituração e análises de resultado representam também gastos indispensáveis.

Desde o início dos trabalhos cuidou-se de atender ao custeio do Controle Leiteiro mediante a cobrança de taxas. Algumas e não poucas vezes o Ministério de Agricultura e também a Secretaria da Agricultura e Universidades vieram em nosso auxílio, mas, sem dúvida quem sempre terminou por completar as despesas do Controle Leiteiro foi a Associação Brasileira de Criadores.

Diante da inflação que nos atormenta, tem sido difícil prosseguir, já que constantemente as taxas tem que ser atualizadas e, sabe-se que os criadores também enfrentam não poucas dificuldades face o baixo preço do leite e o difícil comportamento do mercado de produtores. Atualmente está sendo instalado o Fundo de Assistência do Controle Leiteiro, afim de se tentar obter contribuições que evitem aumento das taxas e aliviem os criadores e a Associação Brasileira de Criadores.

Em outros países o Controle Leiteiro tem contribuições oficiais ou de outras origens mas, aqui no Brasil isso não acontece, razão porque agora tenta-se obter a ajuda da indústria e de outras partes. Os serviços públicos não encontram possibilidade de manter esse serviço em funcionamento, ele é ininterrupto, as vacas

parem todos os dias e precisam ser controladas sem falta.

Afora os problemas financeiros o Controle Leiteiro enfrenta outro que é o de pessoal habilitado. Este, sem dúvida, mais simples, não é tão facilmente superado pois, o Controle Leiteiro é atividade bem diferente das habituais. Os controladores além de pertencerem as atividades pecuárias devem residir nas regiões onde os controles se desenvolvem, para evitar maiores despesas de viagem. Presentemente a Associação Bra-

sileira de Criadores conta em serviço de campo com a colaboração de cerca de 30 pessoas.

Críticas aparecem de quando em vez nos meios estudiosos, de que os resultados encontrados no Controle Leiteiro realizado no Brasil não representem a realidade do gado criado porque se referem apenas a uma parcela das vacas registradas e mesmo assim aquelas escolhidas pelos criadores. Realmente estas críticas têm fundamento, porém sendo o Controle Leiteiro executado quase que exclusivamente a custa dos criadores, com raríssima ajuda externa, têm eles liberdade para decidir quantas e quais as vacas que podem ou desejam ver controladas. Com a iniciativa de criação de um Fundo e desde que para ela sejam obtidas contribuições talvez então, dependendo das disponibilidades se possa estabelecer exigências para inscrição de todo rebanho.

O número relativamente pequeno de lactações encerradas registradas pelo Controle Leiteiro no Brasil tem suas razões. A primeira a ser citada seria que até agora o Controle Leiteiro tem se dirigido por suas características e dificuldades quase que exclusivamente para vacas registradas nas diferentes raças leiteiras. Como seu número não é grande na realidade o Controle Leiteiro mostra talvez mais de 50% dessas vacas em controle. A outra razão foi apontada acima, são os seus custos que recaem totalmente sobre os criadores, com poucas exceções de ajuda externa.

Apesar desses fatos estuda-se agora levar o Controle Leiteiro também aos rebanhos produtores de leite, estas sim bastante numerosos, contando-se em dezenas de milhares mas para isso serão necessárias profundas alterações no Controle Leiteiro como passaremos a expor no capítulo seguinte.

### NOVAS INICIATIVAS

A tão desejada expansão do Controle Leiteiro está sendo planejada na Associação Brasileira de Criadores, mediante a adoção de uma série de iniciativas.

Acha-se pronto e regulamentado um tipo de Controle Leiteiro que pode ser desenvolvido pela Associação Brasileira de Criadores e destinado aos rebanhos produtores de leite, por menores custos e oferecendo mais serviços do que a simples pesagem do leite e dosagem de gordura. Denominou-se a esse tipo de controle como "Controle Leiteiro Auxiliar" para diferenciá-lo do outro hoje praticado quase exclusivamente com vacas registradas.

As diferenças são pequenas, sendo o Controle Auxiliar feito também por controlador especializado, a cada dois meses ou 60 dias. No intervalo ou seja nos meses em que o controlador não vai as fazendas as pesagens de leite serão feitas pelo criador. Também no Controle Leiteiro Auxiliar é dispensada a ordenha de esgotamento, obrigatória no caso de vacas registradas.

Complementações maiores, porém se acham em estudos visando organizar três controles paralelos às pesagens e dosagens de gordura, que serão os de ali-

mentação, reprodução e custo de produção de leite. Evidentemente esses controles também interessam a criadores de gado registrado, e a eles serão estendidos pois, por melhor que suas propriedades sejam organizadas não há inconveniente se mais informações forem prestadas.

No controle de alimentação, mediante o preenchimento de formulário pelo controlador se visará levar aos criadores recomendações sobre a adequada utilização de pastagens, de capineiras, reservas de cana e outras forrageiras. Recomendações serão feitas com relação a preparação de silagem, tipo de silos, épocas de operações, e seu fornecimento ao rebanho. Recomendações relativas aos níveis de mineralização para o gado considerada sua produção e a região em que é feita a exploração. O fornecimento de rações de concentrados, tendo em vista as disponibilidades, níveis de produção e custos completará o controle de alimentação com as recomendações que se fizerem em cada época do ano. Análises de graminhas, de solo, etc. poderão complementar este controle. Evidentemente este programa será conduzido por especialistas e periodicamente serão expedidas recomendações para cada criador, tendo em vista os dados fornecidos e colhidos pelos controladores.

O controle de reprodução visa alertar os criadores sobre as precauções que devem ser tomadas para obter o máximo rendimento possível do rebanho. Partindo de levantamentos feitos pelos proprietários, auxiliados pelos controladores se procurará acompanhar a vida reprodutiva de cada vaca, como coberturas ou inseminação, testes de prenhez, época de secamento e de parições. Apoiados em programas de computador será possível expedir mensalmente a cada rebanho, relatórios com instruções e alertando-os principalmente sobre vacas atrasadas, vazias ou sem notícia.

O controle de custo de produção é também fundamental. Acha-se programado e em teste com o fim de alertar a cada criador como são as despesas em sua propriedade, baseado em levantamentos feitos pelos controladores e cada visita que realizam. De acordo com as possibilidades espera-se levar este difícil controle a um razoável número de propriedades com Controle Leiteiro.

A soma destes trabalhos que se espera desenvolver em breve juntamente com o Controle Leiteiro sem dúvida ajudará o criador a reconhecer as más produtoras de rebanho; a conhecer as vacas más parideiras; melhor encaminhar o problema de alimentação e por fim a saber se está gastando certo ou errado com as diferentes tarefas de produzir leite. Com isso, seguramente estará o caminho de se obter melhor rendimento de cada propriedade e cada rebanho.

É intenção da Associação Brasileira de Criadores desenvolver este trabalho com a colaboração de cooperativas, núcleos de criadores, sindicatos, etc. O custo será assegurado entre patrocinadores, criadores e o fundo. O programa a ser desenvolvido não é de todo pioneiro, pois outros serviços deste tipo já foram realizados e acham-se em execução no Brasil, afora aque-

les próprios das estações experimentais e o desenvolvido pela Embrapa no seu projeto de teste de progênie de reprodutores mestiços.

### CONCLUSÕES

O Controle Leiteiro no Brasil, em nível de Associação de Criadores e dirigido à vacas registradas embora enfrentando toda sorte de dificuldades vem sendo realizado e atinge bom número de vacas sem contudo abranger todas lactações.

Os resultados colhidos orientam os criadores, apesar do limitado número de lactações controladas, mostrando possibilidades dos plantéis explorados.

As análises dos resultados das lactações mostram que o Brasil já possui condições para realizar testes de progênie, pois o Controle Leiteiro executa rotineiramente ordenadas comparações de produções de filhas dos reprodutores com suas contemporâneas, dentro de níveis internacionais. Está faltando organizar a campo os testes, seja com emprego da monta natural seja pela inseminação artificial.

A instituição de troféus e títulos que evidenciam boas produções e bom comportamento reprodutivo muito contribuíram para demonstrar a capacidade de produção do rebanho leiteiro de várias raças. A produção somada de lactações alcançadas em numerosos rebanhos mostra que o País possui estruturas de produção que se ombréia com a de outros países das áreas desenvolvidas.

O fator limitante do maior desenvolvimento do Controle Leiteiro no Brasil tem sido o seu custeio, atualmente atribuído quase que exclusivamente aos próprios criadores. Com isso deixa de ser controlada boa parte da produção do rebanho formado por vacas registradas. Novas esperanças estão voltadas a instalação de um Fundo de Assistência ao Controle Leiteiro, para o qual espera-se sejam dirigidos recursos para reduzir as necessárias taxas que limita as inscrições.

Extendendo ao Controle Leiteiro novas iniciativas que procuram acoplar às pesagens e análises de gordura outros controles como de alimentação, de reprodução e de custos de produção do leite, esperam seus dirigentes oferecer mais serviços aos criadores e produtores de leite.

Somando esses controles, em um novo serviço especial dirigido para os produtores de leite, muito mais numerosos que os criadores de gado registrado, espera-se contribuir de alguma maneira para a melhor exploração das propriedades e dos rebanhos.

Apesar do esforço e iniciativa das associações de criadores, e destes isoladamente, apesar da boa vontade de técnicos do Ministério da Agricultura verifica-se que, a atual estrutura de Controle Leiteiro em nível de associação ora adotada, não garante a esta prova zootécnica numa unidade nacional, isto é, não possibilita em trabalho de rotina, reunir tudo o que ocorre em matéria de Controle Leiteiro, no Brasil, recomendando-se neste caso a concentração desta tarefa numa associação ou serviço do Ministério da Agricultura.

### BIBLIOGRAFIA

Os dados citados nesta oportunidade foram colhidos diretamente no serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores e na Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa.

### O CONTROLE LEITEIRO NO BRASIL

#### RESUMO

O controle leiteiro em nível de Associação de Criadores se iniciou no Brasil em fevereiro de 1945, no estado de S. Paulo. É hoje atribuição das Associações Brasileiras de registro genealógico das diversas raças, conta com o apoio do Ministério da Agricultura e em São Paulo é auxiliado pela Secretariat da Agricultura.

É realizado mensalmente quando são feitas pesagens de leite em cada ordenha e as dosagens de gordura, num período de 24 horas. Os trabalhos de escrituração e cálculos são centralizados na sede dos serviços.

No decorrer de 1984 foram controladas 16.808 lactações de vacas da raça holandesa em sete estados do Brasil, envolvendo cerca de 350 rebanhos, com 53% desse total realizado pela Associação Brasileira de Criadores (ABC). Esta entidade em 40 anos ininterruptos de trabalho já acompanhou 170.471 lactações registradas por 83.000 vacas, distribuídas em 22 raças e cruzamentos, realizando controles nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Os resultados de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores são anualmente analisados em computador para efeito de determinação de médias de raça e médias de rebanho e bem assim para realização de testes de progênie. Estes testes iniciados em rotina anual a partir de 1979 já envolveu 770 reprodutores de seis raças e cruzamentos.

Para motivar os criadores em seu esforço de produção foram criados no Controle Leiteiro vários troféus e títulos honoríficos sendo o mais importante deles o título de "reprodutora emérita" já concedido a 772 vacas pertencentes a 9 raças, e cruzamentos. A categoria de longevidade na qual são somadas as produções e para cujo ingresso é exigida a produção de 20.000 a 35.000 kg, conforme a raça, reúne atualmente 1.421 vacas de 5 raças sendo a recordista com 92.649 kg de leite e 3.106,4 kg de gordura produzidos em 11 lactações.

O Controle Leiteiro na Associação Brasileira de Criadores tem enfrentado problemas de custeio recaindo praticamente sobre os criadores, através de taxas, as despesas dos serviços e de viagens embora algumas vezes órgãos oficiais prestem colaboração em serviços ou material, como o Ministério da Agricultura, Secretaria da Agricultura e Universidades.

Estudos em marcha projetam iniciar em breve outros controles complementares do Controle Leiteiro, como os de alimentação, reprodução e de custos e bem assim um novo tipo de Controle Leiteiro destinado a ajudar os produtores de leite.

# NEGÓCIOS RURAIS\* —

## um instrumento de administração

Conforme noticiamos na edição de Maio, a Revista dos Criadores inicia o projeto de oferecer ao seu amplo círculo de leitores — colocados nos mais diversos segmentos interessados na agropecuária — o painel denominado **Negócios Rurais**. Trata-se de um espaço reservado mensalmente para a veiculação de informações e análises objetivas sobre o desempenho e o momento vivido pelos variados setores da agropecuária, dentro de uma visão global da situação interna e do panorama internacional.

Para os produtores, espera que a seção constitua em valioso instrumento para facilitar a tomada de decisões de produção e comercialização. No momento em que o país amplia rapidamente o uso da moderna linguagem dos computadores, a **informação** deve ser entendida como um meio de reduzir incertezas. Vê-se, logo, a sua importância para a administração rural, principalmente quando o setor produtivo encontra-se diante de um mundo de negócios de crescente complexidade e em constante mutação sobre um pano de fundo de elevada inflação. A seção **Negócios Rurais** está estruturada em seis peças básicas, assim definidas:

**Momento Agropecuário** — tem o objetivo de abordar os fatos relevantes vida agropecuária: tendências gerais de médio prazo, efeitos de decisões do governo sobre a agricultura, política agrícola, crédito rural, produção, comercialização, comércio exterior e demais condicionantes da evolução **macro** do setor rural.

**Mercado de Produtos** — análise da situação de curto e médio prazos buscando detectar as perspectivas da conjuntura dos mercados dos principais produtos da agricultura brasileira, de origem vegetal (algodão, amendoim, arroz, café, feijão, laranja, mandioca, milho e soja) de origem animal (pecuária bovina de corte, leite, aves e suínos).

**Mercado de Fatores** — em cada mês, será analisada a situação de mercado de um dos importantes fatores de produção, que, em seu conjunto, representam o termômetro da atividade produtiva no campo: fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos, sementes, ração, terra, mão-de-obra etc.

**Registros** — atualização permanente dos preços de produtos essenciais para a atividade agropecuária, como fertilizantes, calcário, custo de trator (por hora) e da mão-de-obra, além dos valores e índices financeiros que já são de uso corrente no meio rural: ORTN, Maior Valor de Referência — MVR, dólar, inflação etc.

**Negócios Rurais** pretende oferecer uma análise global dos negócios relacionados à agricultura. Entendemos que os negócios rurais não se resumem às atividades propriamente agrícolas, realizadas **dentro** dos estabelecimentos rurais, pois eles englobam um somatório de interesses situados **antes** (indústrias que produzem bens utilizados pelos agricultores) e **depois** (empresas que comercializam e processam produtos agropecuários). Esta é a visão integrada de **Negócios Rurais** dos três segmentos que compõem o **complexo agroindustrial**, de enorme peso na economia brasileira.

A todos, uma boa leitura e bons negócios, se possível.

(\*) A cargo dos Engenheiros Agrônomos Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wandekin.

MOMENTO AGROPECUÁRIO

# Agricultura e o IV Plano Nacional de Desenvolvimento

Do ponto de vista da agropecuária nacional, até o momento, as autoridades que compõem o escalão superior da Nova República, estão a merecer um voto de confiança. Para tanto, basta considerar que mesmo dentro das dificuldades orçamentárias do Governo Federal em 1985, importantes medidas já foram tomadas. A principal delas, diz respeito ao esforço dispendido para recuperar a credibilidade da política de garantia de preços mínimos.

Com efeito, tendo recebido como herança um intrincado problema relacionado à comercialização da safra 84/85, similar a uma bomba de efeito retardado prestes a detonar, que exigia soluções rápidas, o governo atacou o problema de frente, com muita resolução. Vejam pois que, para garantir os preços mínimos dos produtos agrícolas, houve necessidade de aportar um adicional significativo de recursos para o PGPM — Programa de Garantia de Preços Mínimos.

O orçamento aprovado pelo Conselho Monetário Nacional, em 13-12-84, de Cr\$ 1,7 trilhão para operações de AGF's — Aquisições do Governo Federal, relativas a este primeiro semestre, desde o início sabia-se que era irrealisticamente baixo. De fato, a comercialização da safra de verão 84/85 confirmou em cheio todas as expectativas, uma vez que ela foi desenvolvida sob condições bastante adversas.

Ao contrário dos anos anteriores, os produtos de exportação, principalmente a soja e o algodão, que aliás obtiveram volumes de produção históricas, estiveram com suas vendas externas gravosas, por falta de paridade internacional. Isto refletiu negativamente sobre o mercado interno, dado que gerou morosi-

dade aos negócios, provocando depressão nos preços, que passaram a balizar-se com o mínimo oficial.

Dessa maneira, a pressão por parte de operações dentro do PGPM foi muito grande. O Ministério da Agricultura passou a trabalhar sob novas estimativas, que apontavam uma demanda de recursos na ordem de Cr\$ 9,5 trilhões, sendo Cr\$ 6,0 trilhões para EGF's e Cr\$ 3,5 trilhões para AGF's. Neste contexto, o governo foi sensível ao problema, passando a equacionar a cada mês, de acordo com a evolução da colheita nas diferentes frentes da região Centro-Sul, a quantidade de recursos a serem liberadas.

Essa breve retrospectiva é oportuna, uma vez que ainda paira na lembrança de muitos, a famigerada carta de maio de 1979, na qual se destacava oficialmente a prioridade agrícola. Ela foi anunciada bradadamente pelo governo passado, num clima em que predominava a euforia natural do começo de uma gestão. Entretanto, o que se assistiu, posteriormente, foi a adoção de drásticas medidas sobre a agricultura, através de seguidos cortes e aumentos nos juros do crédito rural, conjugados com uma política de preços mínimos insatisfatória, que emperraram a produção nacional. O resultado disto tudo foi que o país teve de recorrer nestes anos oitenta, por determinadas situações, às importações para garantir o abastecimento doméstico dos gêneros básicos, tais como arroz, feijão e milho. Em contraposição às circunstâncias que deram origem a citada carta de maio de 1979, as evidências atuais são outras. Elas mostram uma clara intensão por parte do governo, no sentido de levar avante reformas

de natureza social no seio da economia.

O exemplo maior está no texto elaborado pelo Ministério do Planejamento, encaminhado à Presidência da República, para o IV PND — Plano Nacional de Desenvolvimento. Trata-se de uma primeira versão que embora sujeita a críticas e alterações, representa o documento básico a ser submetido para aprovação no Congresso Nacional, em setembro próximo.

Este documento traz duas pressuposições fundamentais. A primeira de que recuperação do salário real depende de um aumento na produtividade de alimentos. A segunda de que o equilíbrio externo requer um incremento nos produtos agrícolas exportáveis. Daí, estabelecer que a agricultura deve merecer um papel central em todas as áreas de atuação do governo, tendo em vista que a política oficial de:

- estabilização tem como condição necessária a maior produção agrícola, sobretudo para o mercado interno;

- combate à inflação depende da estabilização dos preços agrícolas;

- gastos públicos exigem um esforço preferencial na área de alimentação.

Para que estas políticas atinjam seus objetivos, o documento prevê a necessidade de ações governamentais, com os fins imediatos de:

- 1.º) manutenção e criação de fontes de financiamentos estáveis;
- 2.º) grande esforço no sentido de estabilização de preços;
- 3.º) garantia firme e plurianual de preços mínimos;
- 4.º) redução dos juros internos;
- 5.º) recuperação dos estoques privados de produtos agrícolas.

Sendo que tais ações são implementadas por um conjunto de medidas que demandam recursos, o documento estabeleceu prioridades. De um lado, considerando o quarto e o quinto itens, dos acima relacionados, como absolutamente indispensáveis no curto prazo, ficou estabelecido o emprego, de maneira limitada, de verbas diretas do governo. Outros dois programas, porém, foram colocados livres de restrição em

termos de recursos, quais sejam: o de pesquisa tecnológica e colonização e reforma agrária.

Evidentemente, muita água passará por debaixo da ponte até setembro, quando será formalizado o documento definitivo para aprovação do Congresso. De momento, fica o ponto positivo de ver a dimensão com que a agricultura está sendo colocada nas discussões afeta a consti-

tuição do IV PND, que representa a diretriz geral de política econômica e ser seguida pela sociedade brasileira. Durante esta fase, MOMENTO RURAL estará analisando, pormenorizadamente, os profundos e complexos aspectos que envolvem as medidas estabelecidas para o desenvolvimento agrícola nacional, de acordo com o documento básico elaborado pelo Ministério do Planejamento.

## MERCADO DE PRODUTO

### BOVINOS DE CORTE

#### As exportações não aumentaram

Os preços reais do boi gordo acumulam uma queda de 54% em relação ao nível alcançado na entressafra passada. Os preços recebidos pelos pecuaristas no estado de São Paulo em setembro de 1984, corrigidos pela inflação para valores atuais, equivalem a cerca de Cr\$ 116 mil por arroba. Atualmente, os preços de mercado do boi gordo vem sendo pressionados para baixo pelo aumento da oferta de animais para abate por força da entrada do inverno. Os pecuaristas, diante da possibilidade de perda de peso dos animais com a diminuição da quantidade e da qualidade dos pastos, ampliam a oferta no curto prazo. O seu comportamento revela a descrença com relação ao comportamento dos preços, na entressafra entrante, pois a alta poderia não compensar a perda de peso e os custos de manutenção dos animais na propriedade.

A formação de estoques por parte do governo não vem sendo suficiente para sustentar o mercado de boi gordo. O Conselho Monetário Nacional — CMN liberou recentemente Cr\$ 280 bilhões para a formação de estoques de 50 mil t de carne bovina, das quais 15,3 mil foram rateadas através de um sistema de cotas e o restante será obtido mediante leilões estaduais. A reali-

dade vem mostrando que esse volume de estoque é pequeno para interferir fortemente sobre a evolução dos preços da pecuária.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE BOI GORDO



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV.  
Fonte de dados brutos: IEA/SP.

A rápida mudança de um ciclo de alta da pecuária para um ciclo de baixa, ocorrida no segundo semestre de 1984, decorreu do contínuo processo de queda de consumo, possibilitando o acúmulo de excedentes que não foram retirados no mercado pelas exportações. O Brasil deveria estar exportando anualmente mais de 600 mil t de carne bovina em equivalente-carcaça para que a trajetória altista continuasse em 1985. No entanto, no período abr. 84/mar.85 as exportações brasileiras totalizaram 510 mil t, praticamente o mesmo nível registrado 1 ano antes.

No ciclo iniciado em 1983, a fase de alta durou apenas 20 meses, pois, como mostrado anteriormente, o mercado foi influenciado pela redução de consumo e a estagnação da

exportação. Como a fase de alta foi menor do que o normal (30 a 36 meses), não se pode descartar a hipótese de que o atual período de baixa, já no seu 7.º mês, seja igualmente menor, pois para 1986 pode-se prever a possibilidade de melhoria da renda da população e a diminuição dos estoques europeus de carnes, que atualmente estão derubando os preços internacionais. Se tais tendências ocorrerem no segundo semestre de 1986 a pecuária entraria em um novo ciclo de alta.

### LEITE

#### Os preços reais declinaram

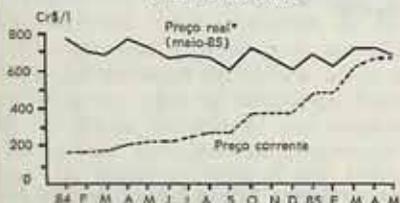
Os níveis reais de preços recebidos pelos produtores de leite declinaram após 1975, mas mantiveram-se em níveis satisfatórios até 1981. A partir de então, mostraram-se descendentes, principalmente durante o ano de 1984. A escassez de recursos para investimento e a impossibilidade de aumentos reais dos preços ao produtor, tendo em vista a piora do poder de compra do consumidor provocada pela redução dos salários reais, são as causas principais da crise do setor leiteiro do país. Esta conjuntura perdura no decorrer deste ano, caracterizando níveis de preços deprimidos para o leite.

O mercado de leite e derivados está retraído. Até recentemente o volume de pastos naturais foi satisfatório, possibilitando uma oferta

## NEGÓCIOS RURAIS

de leite neste período ainda normal. No entanto, com o início da entressafra, espera-se queda na produção por força não apenas do inverno em si, mas também pelo fornecimento de quantidade insuficiente de ração balanceada aos animais, pois os produtores consideram tal prática anti-econômica.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE INDUSTRIAL



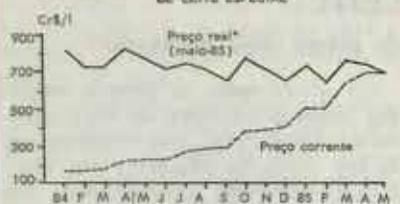
\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE B



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE ESPECIAL



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

O governo já aprovou os recursos para a estocagem de leite em pó e derivados, mas não liberou nada até agora, sob alegação de que não há verbas disponíveis. Com o objetivo de assegurar o abastecimento no período de entressafra, o governo paulista liberou Cr\$ 10 bilhões para pequenos e médios produtores para fins de aquisição de insumos. Todavia, não se espera uma grande procura por esse crédito, em função da sua chegada ter sido considerada tardia e também pelo alto custo do

empréstimo (correção monetária mais 3% de juros ao ano), incompatível com a situação atual do mercado.

## SUÍNOS

### Há indícios de alta

A exemplo da avicultura, a estagnação dos preços da carne bovina, a resistência da demanda e o aumento da disponibilidade de suínos para abate no decorrer deste ano provocaram a deterioração real dos preços recebidos pelos suinocultores. Estima-se que a produção nacional de carne suína em equivalente carcaça em 1985 some cerca de 1 milhão de t, ou seja, aproximadamente 5,0% acima da de 1984.

Após quase dois meses de estabilidade, as cotações do suíno vivo no estado de São Paulo voltaram a mostrar indícios de alta durante maio, passando para Cr\$ 63-64 mil a arroba posto frigorífico (Cr\$ 60 mil há um mês atrás). Esta reação tem sido atribuída à entrada do inverno, quando o consumo de derivados suínos tende a naturalmente aumentar, fazendo com que a comercialização pelas indústrias seja mais ágil. O reajuste do salário-mínimo é outro fator para a expectativa de reação ainda que pequena, no nível da demanda a partir de junho.

Do lado da oferta, registrou-se, em maio, ligeira redução do número de suínos levados para abate, em função do envolvimento dos criadores na colheita de soja, principalmente no Sul do país. Além disso, a perspectiva de preços estáveis de milho favorece a atividade, que poderá manter uma **relação de preços**

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SUÍNOS



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

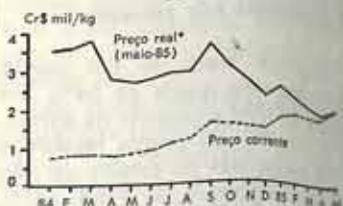
porco/milho relativamente lucrativa. Contudo, a manutenção dos preços dos suínos em alta nos próximos meses dependerá da real melhoria do nível de consumo e principalmente do comportamento dos preços de boi na entressafra.

## AVES

### O ovo é o único alimento cujo consumo vem aumentando

A excessiva oferta de carne de frango e de outras carnes, em especial de boi, diante de uma demanda ou procura fortemente deprimida, provocou a queda dos preços reais recebidos pelos avicultores desde

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FRANGO



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

outubro passado. Como o mercado vinha se mantendo numa conjuntura bastante desfavorável, tendo em vista a defasagem de mais de Cr\$ 1 mil/kg entre o preço recebido e o custo de produção, a única saída da avicultura tem sido baixar o nível de produção para ajustar-se à atual demanda. O alojamento de pintos de corte em abril já registrou ligeira queda em relação ao mês anterior (89,9 milhões de pintos contra 92,2 milhões), mas ainda é 3,0% superior a igual mês de 1984. A produção nacional de carne de frango no primeiro semestre deste ano deverá atingir 726 mil t, com um aumento de 14,6% em relação ao mesmo período do ano passado.

As perspectivas de redução adicional no alojamento de pintos em maio, implicando em menores ofertas de carne de frango nos próximos meses, e a melhoria, mesmo que modesta, do poder de compra do consumidor devido ao reajuste do salário mínimo, contribuíram para a alta de preços do frango no decor-

rer de maio, passando de Cr\$ 1.850/kg para Cr\$ 2.140/kg. Espera-se que até o final de junho o mercado de carne de frango sofra a grande concorrência da carne bovina, pois a oferta de boi gordo no mercado vem aumentando com o início do frio.

Com relação ao setor de postura, o mercado permanece em alta, fruto de melhoria do consumo e queda na produção em decorrência do frio. O ovo é o único alimento cujo consumo, em razão de seus preços relativamente baixos vem aumentando nos últimos anos de recessão e desemprego.

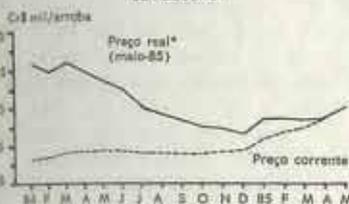
## ALGODÃO

### Os preços ganham firmeza

A atuação do governo no mercado de malveça vem sendo fundamental para minimizar os efeitos do difícil quadro que envolve a comercialização da safra 84/85, na região Centro-Sul, onde a colheita de algodão está praticamente encerrada. O Programa de Garantia dos Preços Mínimos tem evitado a depressão dos preços, uma vez que as estimativas apontam a perspectiva na formação de um volume excedente de 300 mil toneladas do produto em pluma. Ou seja, para uma produção de 1 milhão de toneladas, as indústrias deverão consumir 600 mil toneladas, ficando como estoque de passagem 100 mil toneladas. Segundo a CFP, em final de maio, as operações de AGF's perfaziam 370 mil toneladas, enquanto que, os EGF's, 190 mil toneladas.

Dentro deste contexto, o mercado

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ALGODÃO



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP - Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

já começa a ressentir da falta de matéria-prima, principalmente para os tipos superiores (6 para baixo). As indústrias têxteis que vinham adquirindo "da mão para boca", estão atuando mais agressivamente nas compras, preocupadas com os baixos níveis de seus estoques. Assim, os preços além de ganharem firmeza, sofreram elevação média de 10%, estabilizando em Cr\$ 100/105 mil a arroba. Quanto a evolução dos negócios existem três fatores de influência. O primeiro, principal deles, diz respeito à política com que o governo dirigirá a desova dos estoques e a prática do subsídio às exportações, visto o preço interno estar superior ao externo. O segundo, do desempenho da safra nordestina no segundo semestre. O terceiro, da possibilidade do Brasil aumentar a quota das vendas de confecções, tecidos e fios aos Estados Unidos, que importam anualmente 19 milhões de dólares de manufaturados.

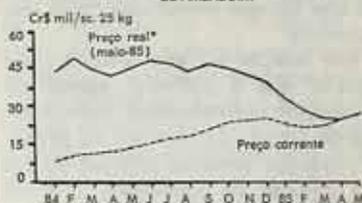
## AMENDOIM

### As cotações internacionais seguem firmes

Os trabalhos de colheita do amendoim da safra das secas, que estão em cerca de 30% do total, têm prosseguimento nos campos de produção, devendo prolongar-se até fins de julho. A produção nacional está avaliada em 70,3 mil toneladas, sendo que o Estado de São Paulo deverá responder por 90% deste volume. O preço mínimo estipulado pelo governo foi de Cr\$ 50.675 por saca de 25 quilos, para o tipo exportação (HPS). Para as demais mercadorias, como por exemplo o vermelho ventilado, que é o mais negociado internamente, fazendo as devidas depreciações, a cotação oficial gira ao redor de Cr\$ 35 mil.

No tocante as exportações do óleo de amendoim, o desempenho mostra-se bastante positivo, tendo sido registrado, de janeiro a maio, embarques de 42 mil toneladas, quase o triplo de igual período no ano passado. As cotações internacionais do

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE AMENDOIM



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP - Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

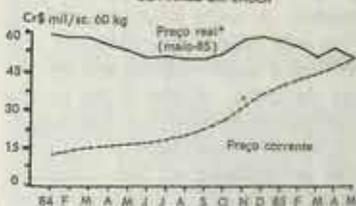
de amendoim seguem firmes, na base de US\$ 1.005 a tonelada. Tudo isto acarreta maior dinamismo aos negócios internos. As indústrias moageiras estão entrando mais agressivamente no mercado, pagando pelo produto, na lavoura, cerca de Cr\$ 2,1 mil o quilo, de modo a reforçar seus estoques, que andam em baixa, para o consumo durante a entressafra, que vai até dezembro.

## ARROZ

### A definição do mercado vai depender da política de comercialização do governo

O quadro é de disponibilidade folgada, não existindo fatores que possam acarretar altas acima da inflação. A nível de varejo, restam ainda para serem comercializados volumes significativos das mercadorias: 1) importadas do Uruguai, nu-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ARROZ EM CASCA



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP - Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

ma quantidade de 68 mil toneladas; 2) estoques liberados da SEAP para os supermercados do Rio de Janeiro e São Paulo. No campo, predomina a decisão quase unânime dos agricultores em entregar o arroz colhido ao governo, visto os preços mí-

## NEGÓCIOS RURAIS

nimos estarem mais remuneradores do que aqueles oferecidos pelos maquinistas.

Em relação ao ano anterior, destaca-se que a colheita, apesar de prosseguir normalmente, avança em menor ritmo. Em termos de Brasil, a produção prevista está sendo em 8,8 milhões de toneladas, inferior às estimativas iniciais de 8,9 milhões. As estiagens durante a sementeira no Rio Grande do Sul e as prolongadas chuvas no Maranhão podem ser apontadas como as principais causas pelas quebras de produtividade. A médio prazo, aguarda-se uma pressão compradora por parte dos estados nordestinos, com a redução da produção no principal estado fornecedor, o Maranhão, onde a colheita começa em junho. Entretanto, a definição do mercado vai depender da política de comercialização do governo, que deverá formar estoques significativos de arroz, para desová-los durante a entressafra.

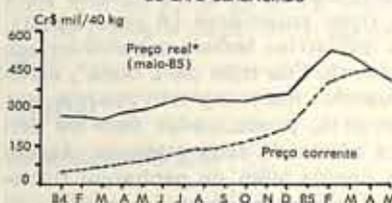
## CAFÉ

**29 milhões de sacas é a estimativa da safra brasileira**

A colheita está em pleno andamento nas regiões cafeeiras do Paraná, São Paulo e Espírito Santo, devendo atingir até final de junho, um volume colhido de 2 milhões de sacas, nível bem superior à média registrada em igual período nos anos passados. A safra brasileira da rubiácea está sendo estimada por torrefadores e exportadores em 29 milhões de sacas. A oferta do sul de Minas Gerais, responsável pelos produtos de alta qualidade, poderá duplicar em relação ao ano passado, chegando a 6,5/7,0 milhões de sacas. A produção de cafés do grupo um, excluindo-se o Rio Zona e os Comilions, deverá alcançar entre 20/22 milhões de sacas, contra 13/16 milhões em 1984. Para os Comilions está sendo previsto um suprimento de 2,5/3,0 milhões de sacas, diante de 2,2 milhões no ciclo anterior.

As expectativas concentram-se no

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE CAFÉ BENEFICIADO



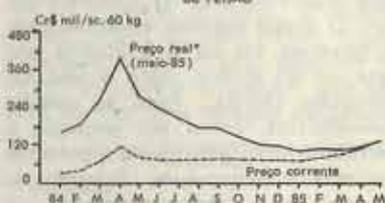
\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

Plano de safra a serem anunciados pelo IBC, cujo estoque de passagem na série histórica é um dos mais baixos, de 3 milhões de sacas. Este baixo volume deve-se aos leilões promovidos pela autarquia, durante os últimos quatro meses, quando foram vendidos 2,9 milhões de sacas, que propiciaram uma arrecadação próxima de Cr\$ 1,2 trilhões. Por sua vez, um outro ponto que passa a ser decisivo, a partir de agora, diz respeito as condições de clima. De um lado, por que a chegada da estação de inverno traz inquietação, face o risco de geadas. De outro, dado que o tempo mais úmido gerar um ambiente para a proliferação de fungos e bactérias, que deterioram o gosto da bebida e modificam o aspecto externo do fruto.

## FEIJÃO

**Acentua-se a missão compradora dos estados nordestinos**

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FEIJÃO



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV. Fonte de dados brutos: IEA/SP.

Os acréscimos verificados nas cotações de feijão no mercado atacista da Bolsa de Cereais não significam problemas de abastecimento. O tipo carioquinha, que é a variedade de maior comercialização, subiu

em algo de 10%, passando a valer Cr\$ 135/140 mil a saca, níveis compatíveis com os preços mínimos. Na verdade, estes reajustes são resultados exclusivos da presença do governo, que fez prevalecer sua política de garantia de preços. As aquisições governamentais reduziram a disponibilidade existente do mercado, permitindo a colocação do produto novo em melhores condições. Por outro lado, acentua-se a pressão compradora dos estados nordestinos, onde as lavouras sofreram perdas devido às chuvas.

Do ponto de vista conjuntural, o movimento dos preços ficará na dependência da continuidade ou interrupção das compras oficiais. A oferta mostra-se adequada ao consumo e com uma distribuição regular ao longo do ano. No estado de São Paulo, a colheita da safra das secas está em estágio mais avançado do que a de Minas Gerais, Goiás e Espírito Santo. Os estoques nas mãos do governo, estimados em 350 mil toneladas, podem ser considerados até elevados, devendo ser desovados somente a partir do segundo semestre.

## LARANJA

**As atenções voltam-se para o novo ciclo 85/86**

Chega ao término o ano comercial (julho a junho) da safra 84/85 de suco de laranja concentrado. As atenções voltam-se agora para o novo ciclo, envolvendo a temporada 85/86, que já contam com as estimativas recentemente divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Para as exportações brasileiras de suco estão previstas 710 mil toneladas. A produção de laranja no Estado de São Paulo foi avaliada no tamanho recorde de 220 milhões de caixas, que excede em 30 milhões a safra anterior, face ao maior zelo nas práticas culturais desenvolvidas pelos citricultores.

Internamente, a colheita concentra-se nas variedades de casca mole (tangerina, ponkam, cravo, etc.), que precisam ser retiradas das an-

## NEGÓCIOS RURAIS

vores, sob o risco de caírem. A moagem da safra de laranja deverá alcançar o momento de pico em setembro, mas já para julho, aguarda-se um ritmo intenso de atividade. Enquanto isto, observa-se um avanço nas negociações, entre os diferentes segmentos atuantes no complexo da produção e processamento da agroindústria citrícola. As expectativas são de que os trabalhadores safristas, as indústrias e os citricultores consigam chegar a bom termo nos acordos quanto a fórmula dos pagamentos da colheita e da caixa de laranja, de forma que o país aproveite das boas condições que o mercado internacional oferece para este ano.

## MANDIOCA

**Houve um bom aumento em nossa produção**

As áreas dos mandiocais paulista e paranaense, que possuem uma produtividade média de 20 t por hectare, cerca de 50% acima da média nacional, deverão proporcionar uma produção de 2,4 milhões de t.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE MANDIOCA



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV.  
Fonte de dados brutos: IEA/SP.

Nestes estados a colheita passa pelo momento de pique. Já em Santa Catarina e Minas Gerais, onde a produção atingirá 2,33 milhões de t, mas a produtividade é bastante baixa, o arranquio da raiz ainda está no estágio inicial. Para agosto, terá-se o começo da colheita na região norte/nordeste, que vai até dezembro. O cômputo total, o IBGE estima que a produção brasileira de mandioca, em 1985, situe-se por volta de 24 milhões de toneladas, 15% acima a do ano passado.

Nesta perspectiva, o mercado apresenta uma oferta folgada, fazendo com que os preços sofram quedas em relação aos vigentes anteriormente, estabilizando em Cr\$ 120/130 mil a tonelada, próximo ao mínimo oficial. As feclárias têm adquirido somente matéria prima de seus fornecedores habituais, sem interesse em formar estoques. Os moinhos, por sua vez, constituem uma demanda esporádica, não comprando mercadorias pelo fato da farinha estar com mercado fraco. A nível de atacado, a cotação da farinha vale Cr\$ 100 o quilo, com pagamento em 45 dias. Os melhores negócios ficam por conta de operações com o governo, que oferece Cr\$ 664/quilo no EGF e Cr\$ 672/quilo no AGF, para farinha fina, livre de ICM e FUNRURAL, que correspondem a 20%.

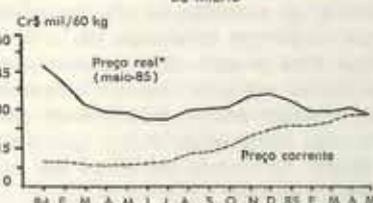
## MILHO

**Os preços talvez mantenham-se até julho**

As cotações internacionais de milho permanecem em níveis considerados baixos, pois a valorização do dólar no mercado de moedas enfraquece o poder de compra dos consumidores europeus. Além disso, há perspectivas de maior volume de safra nos EUA, provocando aumento dos estoques mundiais do cereal. A cotação do milho na Bolsa de Chicago para entrega em julho varia em torno de US\$ 6,50/sc 60 kg, contra cerca de 8,50 dólares/saca em igual período de 1984.

No plano interno, estima-se que cerca de 70% da área tenha sido colhida até o final de maio, para uma

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE MILHO



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV.  
Fonte de dados brutos: IEA/SP.

produção prevista de 20,6 milhões de toneladas, segundo a Companhia de Financiamento da Produção — CFP. As preocupações, no momento, voltam-se para o desempenho da safra nordestina, cujo plantio e desenvolvimento das lavouras foram afetados pelas enchentes que atingiram a região.

A maior disponibilidade do grão e o comportamento retraído dos consumidores, que operam com estoques para no máximo 15 dias de atividade, concorrem para deixar o preço do milho no mercado ligeiramente abaixo do mínimo, por volta de Cr\$ 28 mil/60 kg. Este fato determina que a venda ao governo constitua a melhor opção de comercialização do produtor pelo preço mínimo de Cr\$ 30.360/sc. As compras governamentais atingiram, em meados de maio, cerca de 1,47 milhão de t, com previsão de alcançar cifra superior a 2 milhões de t, representando mais de 10% da safra prevista para a temporada. As perspectivas são de que os preços mantenham-se pelo menos até julho equiparados ao mínimo. A partir de então, os fatores determinantes do comportamento do mercado serão o desenvolvimento da safra nordestina, o desempenho no 2.º semestre dos principais setores consumidores (avicultura e suinocultura) e, em especial, a política a ser adotada pelo governo para a liberação dos estoques.

## SOJA

**Os preços mantem-se inalterados**

O quadro de excesso de oferta, decorrente de boas safras nos EUA, Argentina e Brasil, somado à manutenção da firmeza do dólar em relação às moedas européias, concorrem para pressionar para baixo os preços internacionais da soja em grão, que na Bolsa de Chicago situam-se ao redor de US\$ 12/saca, comparativamente aos 18 dólares/60 kg na temporada passada.

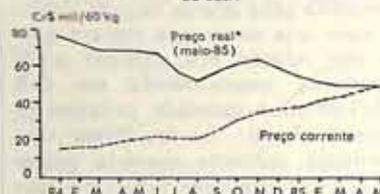
As perspectivas de recuperação dos preços a curto prazo, em consequência da previsão de menor

## NEGÓCIOS RURAIS

área de plantio de soja em 1985/86 nos EUA — 25,55 milhões de ha contra 27,42 milhões no ano anterior — foram parcialmente neutralizados pelos informes mais recentes do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos — USDA. O órgão oficial norte-americano dá conta de que as exportações do país deverão diminuir, em razão da concorrência exercida pelos países sul-americanos e prevê que a próxima safra poderá superar a colheita de 1984/85, pelos ganhos de produtividade. A nova safra está indo muito bem, favorecida por boas condições climáticas e com plantio bem adiantado.

No mercado interno, os preços mantêm-se inalterados há mais de 2 meses em torno de Cr\$ 48 mil/60 kg nas regiões de concentração de

SÃO PAULO PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SOJA



\* Valores corrigidos para o referido mês pelo IGP — Índice Geral de Preços/FGV.  
Fonte de dados brutos: IEA/SP.

consumo e abaixo do preço mínimo oficial (Cr\$ 46.740), nas regiões de fronteira. Esta conjuntura e a falta de perspectiva de reação de mercado levou os produtores a venderem sua produção ao Governo, num total de 1.115 mil t até meados de

maio, criando um fato inédito na comercialização da soja no país. A comercialização futura dos estoques governamentais é um ponto delicado para o governo, tendo em vista que sua colocação no mercado não poderia pressionar ainda mais os já deprimidos preços.

É possível que a crise de rentabilidade da soja provavelmente seja resolvida através da elevação do volume de recursos e do teto de financiamento de comercialização (EGF para 100% do preço mínimo, da recomposição das dívidas dos produtores e da liberação de recursos para capital de giro das indústrias). Pode-se considerar descartada a revisão do preço mínimo da soja para Cr\$ 62 mil/60 kg, como era reivindicado pelos produtores.

## MERCADO DE FATORES

### Evolução do mercado de tratores

Numa conjuntura de preços agrícolas relativamente favoráveis, condições de financiamentos facilitadas e fronteiras agrícolas em expansão, a produção da indústria brasileira de tratores, no período de 1969/80, experimentou elevada taxa de crescimento. Partindo de apenas 9,4 mil unidades em 1969, a produção de tratores atingiu o nível máximo em 1980, quando o volume produzido beirou a 70 mil unidades.

A partir de 1980, uma série de fatores atuaram de maneira a diminuir a tratorização da agricultura brasileira, com reflexos na redução da produção de tratores (Tabela A). O país iniciou um programa de ajustamento de sua economia com o permanente acompanhamento, desde 1982, do Fundo Monetário Internacional (FMI), obrigando-se a um controle mais rígido das despesas e contenção de investimentos. A restrição aos financiamentos para aquisição de tratores (através de menor volume de recursos e elevação das taxas de juros), a queda das expor-

Evolução da Produção e Vendas da Indústria Brasileira de Tratores, 1980-85 (em unidades)

Ano	Produção	Vendas Mercado		Total de Vendas
		Interno	Exportação	
1979	64.511	58.828	7.978	66.806
1980	69.993	60.973	8.508	69.481
1981	47.022	35.221	10.649	45.870
1982	37.610	31.322	6.627	37.949
1983	26.627	26.419	2.219	28.638
1984	49.785	45.716	3.742	49.458
Jan.-abril/84	11.855	11.350	691	12.041
Jan.-abril/85	12.725	11.403	1.461	12.864
Δ %	7,3	0,5	111,4	6,8

Fonte: Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automóveis (ANFAVEA).

tações em decorrência da recessão mundial e a evolução desfavorável entre os preços recebidos pelos produtos e os preços dos insumos pagos pelos agricultores somaram-se para determinar o fraco desempenho da agropecuária no período 1980-83, refletindo-se sobre as indústrias ligadas ao setor.

A deterioração do poder de compra do agricultor, no referido perío-

do, pode ser vista através da análise da relação preço do trator/preço do produto agrícola, quociente esse que define a quantidade de produto agrícola necessária para adquirir um trator (ver Tabela B). No geral, o poder de compra dos agricultores piorou até 1982 (casos do algodão, cana, milho e soja) ou 1983 (café e laranja), enquanto que 1981 foi o ano mais dramático vivido pelos

Unidades de Produtos Agrícolas Necessárias para adquirir um Trator leve (44 HP) no Estado de São Paulo, 1980-84

Ano	Algodão		Arroz		Café		Cana-de-Açúcar		Laranja		Milho		Soja	
	15 kg	índice	60 kg	índice	40 kg	índice	t	índice	40,8 kg	índice	60 kg	índice	60 kg	índice
1980	978	100	439	100	170	100	510	100	3.317	100	954	100	577	100
1981	1.509	154	813	185	435	256	703	138	3.642	110	1.406	147	660	114
1982	1.692	173	683	156	360	212	848	166	4.487	135	1.896	199	892	155
1983	1.557	159	722	164	449	264	793	155	5.916	178	1.560	164	810	140
1984	1.054	108	677	154	341	202	725	142	2.543	77	1.285	135	550	95

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

produtores de arroz. A piora da situação dos agricultores deveu-se principalmente ao crescimento maior dos preços dos tratores em relação aos preços agrícolas. Realmente, os preços reais de tratores elevaram-se substancialmente entre maio/80 e maio/83, da ordem de 48% para trator de 44 HP (Figura A). O principal aumento ocorreu entre 1980 e 1981, quando os preços foram liberados do Controle Interministerial de Preços (CIP). Assim, do ponto de vista do agricultor, os estímulos

trator/preço do produto agrícola caiu de modo geral, melhorando a situação dos agricultores, principalmente os ligados à laranja e à soja, que ficaram numa situação melhor do que a de 1980. No período de maio de 1983 a maio de 1984, paralelamente a forte alta dos preços agrícolas, houve diminuição real dos preços dos tratores, favorecendo o aumento da demanda e beneficiando os agricultores.

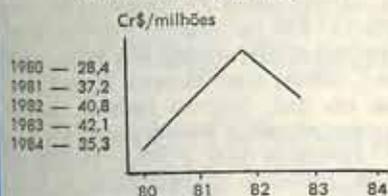
Para o ano em curso, a considerar os números acumulados de janeiro a abril de 1985 em relação a igual período do ano passado, a produção de tratores continua em recuperação, com um crescimento de 7,3%. Em termos de vendas, o acréscimo total de 6,8% deveu-se basicamente à forte ampliação do mercado externo (+111,4%).

O poder de compra dos agricultores em relação a tratores mostra-se atualmente mais favorável principalmente no caso do café, cujos preços atingiram um nível bem acima daquele de 1 ano atrás. Tal poder deverá melhorar também no caso de laranja e talvez até do milho, cujos preços de mercado estão relativamente mais favoráveis do que os preços dos demais produtos da safra brasileira.

O comportamento dos agricultores com relação à compra de tratores está sendo definido no presente momento, período de formação de sua renda mediante a venda dos produtos colhidos. O produtor, de modo geral, possivelmente terá uma postura mais cautelosa, esperando que o governo defina as regras do jogo com relação à safra 1985/86, para então definir a sua estratégia de compra.

— REGISTROS		
Fertilizantes	Preço (Cr\$/tonelada)	
04.14.08	Cr\$	800.000
05.15.10	Cr\$	890.000
10.10.10	Cr\$	880.000
20.05.20	Cr\$	1.050.000
20.05.15	Cr\$	990.000
Sulfato de amônia	Cr\$	1.090.000
Calcário dolomítico posto moinho	Cr\$	70.000
Frete (Cr\$/tonelada/km)	Cr\$	150
Óleo diesel (Cr\$/litro)	Cr\$	1.590
Gasolina (Cr\$/litro)	Cr\$	2.170
Alcool (Cr\$/litro)	Cr\$	1.710
Mão-de-obra	Valor (Cr\$)	
dia-época normal	Cr\$	15.000
rista-colheita	Cr\$	25.000
mensalista	Cr\$	450.000
salário-mínimo	Cr\$	333.120
Trator-dia	Valor (Cr\$)	
pneu	65 HP	Cr\$ 160.000
	90 HP	Cr\$ 246.000
esteira	80 HP	Cr\$ 285.000
	140 HP	Cr\$ 403.000
<b>Observação:</b> máquina própria, em 10 horas de serviços diários, incluindo as despesas diretas com tratorista, combustível, lubrificante e manutenção.		
ORTN		
Maior Valor de Referência		
ORTN junho	Cr\$	167.106,70
ORTN julho	Cr\$	42.031,56
ORTN julho	Cr\$	45.901,90
Taxa de câmbio (US\$) em maio: Cr\$ 5.223; em junho, Cr\$ 5.711. Inflação (IGF): em maio, 7,8%; no ano, 61,6%; em 12 meses, 226%.		

Figura A  
Evolução Real<sup>1/</sup> do Preço de Trator 44 HP no Estado de São Paulo, 1980-84 (em Cr\$ milhões/unidade)



<sup>1/</sup> Informação referente a maio de cada ano e corrigido para maio de 1985.

para compra de trator foram negativos: para o milho eram necessários 954 sacas de 60 kg para adquirir um trator de 44 HP em 1980, passando para 1896 sacas em 1982. A recuperação dos preços agrícolas em 1983/84 e conseqüentemente a melhoria relativa frente aos preços de trator, a política estimulante de preços mínimos para 1985, garantindo razoável rentabilidade ao agricultor e a própria necessidade de renovação da frota delinearão para 1984 um quadro mais favorável à indústria de tratores, cuja produção foi 87% superior à de 1983, muito embora em níveis ainda inferiores ao do início da década.

Em 1984, o indicador preço de

## A pecuária leiteira

Sr.: Ninguém negará a importância do leite à nutrição humana. Todos nós absorvemos esta verdade no seio materno. Parece também existir um consenso nacional quanto às agruras da "exploração" da pecuária leiteira que é, em verdade, do homem pela vaca e não vice-versa.

Justifica-se a dedicação, racionalmente absurda, do leiteiro pelo seu rebanho somente como uma questão de amor. Assim, os poucos que ainda perseveram nesta atividade, simplesmente não fazem as contas, exigidíssimas que são pelo duro cotidiano, mas, no fundo, no fundo, porque **não desistem** nem mesmo diante da superior evidência de prejuízo econômico, a do seu flagrante empobrecimento.

Ora, se o quadro por mim descrito for verdadeiro, seria uma atitude cínica a dos que têm o poder para modificá-lo não tentar fazê-lo. Permita-me, pois, sugerir, tanto aos intermediários como aos governantes, que pensem nisso quando da próxima revisão das condições para a comercialização deste alimento, que hoje, em peso ou volume equivalente, só perde para a água da torneira em termos de preço. Eng.<sup>o</sup> **Carlos Alberto Julio Lohmann**, Capital.

## Os problemas do leite

Sr.: Karlos Rischbieter, ministro da Fazenda durante o primeiro ano da gestão Figueiredo e hoje presi-

dente do Instituto Brasileiro do Café, defende o subsídio do preço da rubiácea a nível de consumidor.

Quando secretário de Estado do governo Montoro, Adib Jatene também expôs e justificou a idéia de subsidiar o preço do leite.

As medidas sugeridas conflitam com a orientação imposta pelo todopoderoso FMI. E é por exigência deste Órgão que o consumidor brasileiro, gradualmente, vai arcando com o preço global do trigo e da gasolina.

Quanto ao leite e ao café — qual desses produtos o mais importante? Ambos apresentam suas peculiaridades e seus valores específicos.

O leite, o mais completo dos alimentos, não é produzido em escala proporcional à nossa população e, devido à falta de hábito, seu consumo **per capita** é muito reduzido no Brasil. Talvez por não serem oferecidos estímulos e ausência de adequada infra-estrutura, não podemos nos dar ao luxo de raciocinar em termos de exportação de leite e seus derivados, apesar do nosso rebanho bovino ser avaliado em 120 milhões de cabeças.

O café é dos mais diletos namorados da balança comercial. O interesse amor da balança está de olho nas "divisas" do rico sr. Café...

Dois pontos são comuns às indústrias do leite e de torrefação do café. Ambas estão descapitalizadas e penalizadas com a retração do consumo interno.

A alternância de escassez e abundância da matéria-prima do setor de laticínios tem sido, até aqui, verdadeiro descalabro. Recordemos, a esse propósito, que em 1978 tivemos uma supersafra a ponto de serem jogados ao esgoto milhares de litros de leite, em Araçatuba (SP).

E o que se verificou seis meses após aquela fatura? Um déficit contrastante na produção do leite, simplesmente.

O abastecimento de leite e seus derivados não deve ter altos e baixos, alternadamente, e sim observar uma necessária regularidade.

E como chegar à almejada regularidade? Somente pela racionalização das épocas de reajuste dos preços administrados do leite. A racionalização não é bicho de muitas cabeças. Basta que os aumentos aos **laticultores** (os produtores de leite) sejam concedidos durante o período chamado da "seca" (de março ao mês de setembro — por dedução da Portaria n.º 83/84 da Sunab) e válidos para os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná (uma parte), Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Bahia (uma parte) e Pernambuco.

Espera-se que a Nova República não repita o comportamento dos anos anteriores, isto é, que os preços do leite não sejam reajustados na época muito errada das águas. Porque será verdadeiro furo n'água. **Nassib Abbud**, ex-presidente da Associação Brasileira dos Industriais de Derivados do Leite, Uberlândia.

## NUTRIMEL - S

Suplemento líquido para ruminantes.

CHEGOU A HORA — PASTO SECO, ÁGUA, SAL E NUTRIMEL-S

Garantia de: ganho de peso, aumento da produção de leite, desmama de bezerro e aumento de fertilidade.

JONIL - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE RAÇÕES LTDA.

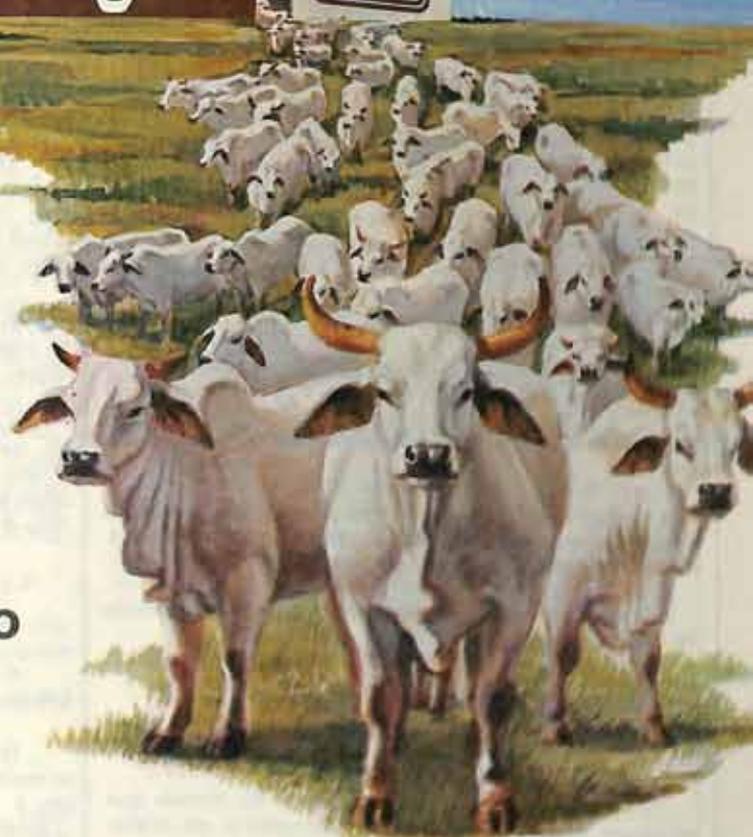
Esc. e Fab. Distrito Industrial — Quadra 12, s/n.º — Tel. (0186) 52-2157  
Cx. Postal 405 — PENÁPOLIS — CEP. 16.300 — SP

Peçam-nos grátis prospecto com fórmula e planta do piquete para confinamento de 100 animais com cocho para volumoso e bebedouro.

# ivomec\* Faz a grande diferença no seu gado e no seu lucro



- A Grande Diferença que você vê
- A Grande Diferença no controle de parasitas
- A Grande Diferença no tratamento e manejo
- A Grande Diferença em produtividade e lucro
- A Grande Diferença em conveniência



USE **ivomec\*** (ivermectin, MSD)  
Injetável



O endectocida da "Grande Diferença"

para bovinos mais saudáveis, mais produtivos e mais rentáveis.

**MSD-AGVET**  
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME  
Química e Farmacêutica Ltda.  
MSD é uma marca registrada da Merck & Co. Inc. nos Estados Unidos e em outros países.

\* Marca Registrada

# Teste com a uréia na alimentação de vacas prenhas

PEDRO ANDRADE, LUÍS CLAUDIO ANDRADE  
ROSA e ERICA SERVOLOCCI \*

No período seco do ano, o valor nutritivo das pastagens cai drasticamente, determinando perda de peso nos animais. Três fatores principais determinam o baixo desempenho: 1) Queda nos níveis de proteína do capim com elevação concomitante da fração fibrosa, principalmente da lignina que é indigestível. 2) Baixa ingestão da forragem determinada pelo excesso de lignina e portanto deficiência energética, por falta de nitrogênio (proteína) e conseqüentemente baixa digestibilidade da fibra ingerida no capim.

O fornecimento de nitrogênio não protéico (NNP) através da uréia, reverte este quadro. A população microbiana é recuperada, a digestibilidade da fibra é restabelecida e o animal passa a ingerir o capim "passado".

O uso de uréia no sal tem a finalidade única de nutrir os microorganismos do rúmen, sendo que o animal se aproveita disto indiretamente.

O sucesso do uso da uréia no sal mineral depende de alguns fatores:

- 1) Presença de "macega" no pasto.
- 2) Ingestão do sal mineralizado acima de 60 g/cab/dia ou 8 g de nitrogênio/cab/dia.
- 3) Presença de outros nutrientes no rúmen que garantam a máxima eficiência microbiana no trabalho de sintetizar proteína.
- 4) Presença de substâncias que não permitam a perda do nitrogênio para o sangue e nem que a uréia se transforme na forma mais tóxica (NH<sub>3</sub>) ao invés da mais viável (NH<sub>4</sub><sup>+</sup>).

\* Os autores pertencem à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal.

A simples mistura da uréia no sal leva a insucesso certo.

Uma dúvida que existia era se a uréia seria eficiente também para vacas em gestação, categoria animal mais exigente do que bois, principalmente em condições adversas, quando os bois param de ganhar peso, mas o feto continua a crescer no útero das vacas.

A silagem de milho é conhecida como um alimento com bom valor energético, porém pobre em proteína.

Com a finalidade de se estudar o comportamento de vacas Nelore em gestação, recebendo silagem de milho pura ou suplementadas unicamente com Premiphos Uréia, contendo dois veículos nutritivos microbianos, é que foi conduzido este trabalho.

## MATERIAL E MÉTODO:

O presente estudo foi realizado na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal.

Num regime de confinamento 24 vacas Nelore com aproximadamente 6 meses de gestação foram divididas em 3 lotes (8 vacas/lote) e receberam os seguintes tratamentos:

- I) Testemunha — sem uréia (S/U) — quadro 1.
- II) Premiphós Uréia com veículo nutritivo microbiano P84 (Premiphós Uréia P84) — quadro 2.
- III) Premiphós Uréia com veículo nutritivo microbiano P85 (Premiphós Uréia — P85) quadro 2.

**Quadro 1 — Composição do sal mineralizado — S/U (elementos em 1000 g do produto).**

Fósforo	18,50 g
Cálcio	26,70 g
Enxofre	30,00 g
Potássio	6.000,00 mg
Zinco	6.300,00 mg
Cobre	1.200,00 mg
Cobalto	210,00 mg
Ferro	1.000,00 mg
Manganês	560,00 mg
Magnésio	1.000,00 mg
Iodo	118,00 mg
Selênio	13,50 mg
Níquel	4,20 mg
Palatabilizantes e Cloreto de Sódio	Q.S.P.

**Quadro 2 — Composição dos sais mineralizados Premiphós Uréia dos Tratamentos I-uréia-P84 e II-uréia-P85 (Elementos em 1000 g de produto)**

Uréia	300,00 g
Equivalente protéico	750,00 g
Fósforo	18,50 g
Cálcio	26,70 g
Enxofre	30,00 g
Potássio	6.000,00 mg
Acidificante ruminal	5.000,00 mg
Niacina	5.000,00 mg
Quelato orgânico	500,00 mg
Zinco	6.300,00 mg
Cobre	1.200,00 mg
Cobalto	210,00 mg
Ferro	1.000,00 mg
Manganês	560,00 mg
Magnésio	1.000,00 mg
Iodo	118,00 mg
Selênio	13,50 mg
Níquel	4,20 mg
P84 ou P85 + Palatabilizantes e Cloreto de sódio	Q.S.P.

Os animais foram pesados no início, divididos nos lotes por equivalência de peso e pesados novamente a cada 28 dias.

Os dados de ganho de peso foram compilados e submetidos a análise estatística.

**RESULTADO E CONCLUSÕES:**

**Quadro 3 — dados sobre o peso inicial (kg), peso final (kg) e ganhos em peso (g/cab/dia) dos animais nos respectivos tratamentos.**

	Premiphós Uréia:		
	S/U	P84	P85
Inicial (kg)	370,37	359,875	370,50
Final (kg)	392,37	397,625	416,75
Ganho (g)	262,00	449,000	546,00

**CONCLUSÕES:**

- 1) A uréia determinou um aumento médio de 90% de ganho em peso em relação ao testemunha (S/U).
- 2) O Premiphós uréia-P84 foi 71,4% mais eficiente que o sal sem uréia.
- 3) O Premiphós uréia-P85 foi 108,4% e 21,6% mais eficiente que o sal sem uréia e o P84 respectivamente.
- 4) O P85 é mais eficiente que o P84 em produtos contendo uréia.

**PASTO SECO + PREMIPHOS URÉIA = BOI GORDO**



PREMIPHOS Uréia é um produto que foi desenvolvido para o período da seca. Contém todos os elementos indispensáveis e coadjuvantes, para que nos períodos críticos do ano, quando as pastagens já estão secas e com menor valor nutritivo seu rebanho mantenha o equilíbrio nutricional obtendo sua manutenção e ganho de peso.

(Na entre-safra a grande opção para estocagem do boi em pé)

Patrocínio Paulista — SP  
Praça Dr. Altino Arantes, 1431  
CEP: 14.410 — Fone: (016) 745-1411

Presidente Prudente — SP  
Av. Brasil, 1607 — CEP: 19.100  
Fones: (0182) 33-4653 - 22-3077

São Paulo  
Rua Hungria, 064 — cj. 51 — 5.º andar  
CEP: 01.458 — Fone: (011) 815-5311



**Técnica em Nutrição Mineral**

## Nova Lei Trabalhista Rural propõe advogado

O advogado trabalhista Antenor Pelegrino, que dá assessoria ao Sindicato de Tupã, SP, apresentou uma proposta ao ministro do Trabalho, Almir Pazzianoto Pinto, no sentido de que se criasse uma Consolidação das Leis Trabalhistas Rurais (CLTRural). E que para isso fosse constituída uma comissão especial, encarregada de estudar o assunto e após discussão levar os pontos essenciais para a mudança na legislação. Dela participariam os presidentes dos sindicatos patronais e de empregados, contadores, administradores e advogados que estão envolvidos com o problema.

De acordo com sua proposta, a nova lei reuniria, num só compêndio, as leis, portarias, decretos e resoluções. "Tanto os empregadores como os empregados têm problemas para interpretar corretamente as infinitas de leis e portarias esparsas", queixa-se ele. "O que vem ocorrendo no setor trabalhista rural é lamentável. Por exemplo, empregadores deixar de cumprir determinadas obrigações trabalhistas por desconhecer as infinitas de leis, portarias, resoluções e decretos. Todos eles estão esparsos, dificultando até mesmo consultas", explica. "O exemplo mais claro é a questão do PIS. A maioria dos empregadores rurais não cadastra os seus empregados no Programa. Não por desonestidade e sim por desconhecimento. Com isso, o próprio empregado rural perde, já que, não cadastrado, não recebe o 14.º salário, juros e quotas do PIS", exemplifica.

## Melhoria da produtividade, saída para pecuária

O 1.º Simpósio de Gado de Corte, realizado em abril, em São Paulo, concluiu que a safra da pecuária no país está na melhoria da produtividade do rebanho e redução da idade do abate, com o incremento à prática de confinamento. Embora admita que o setor passe

atualmente por uma crise, Flávio Menezes, presidente da Sociedade Rural Brasileira, acredita que a pecuária de corte apresenta boas perspectivas de desenvolvimento no Brasil. Lembrando que o rebanho brasileiro cresceu a uma taxa geométrica de 3,4% ao ano de 1940 e 1980, o pecuarista disse acreditar que uma maior produtividade, a partir de agora, deve ser buscada, com adoção de técnicas mais avançadas de manejo e nutrição, incluindo, aí, práticas de melhoramento genético do rebanho, confinamento e suplementação das pastagens e mineralização dos bovinos.

Já o pesquisador Edgar Caielli, chefe da seção de avaliação de plantas forrageiras, do Instituto de Zootecnia de São Paulo, destacou que o confinamento é ainda uma prática incipiente. Lembrou também que as forrageiras de pasto no Brasil não têm qualidades nutritivas dos países da zona temperada, daí as razões do baixo desfrute dos nossos rebanhos.

O pesquisador norte-americano Dean Hodges disse que a prática de confinamento deve ser estimulada no país. Segundo ele, com isso será possível levar os bovinos ao abate com menor idade. "Para obter maior retorno o fazendeiro precisa fazer girar rapidamente o gado, através de métodos que busquem o peso ideal do abate no menor período possível", disse. De acordo com ele, nos Estados Unidos o uso de alimentação adequada do gado em confinamento permite obter índice de conversão alimentar de 6:1. O professor Celso Boin, da Esalq, destacou que no confinamento é preciso cuidado com o volumoso. "A mistura de vários produtos no volumoso não é aconselhável. O mais indicado, no Brasil, é uso de silagem de milho, sem nenhum outro ingrediente, que apresenta valor nutritivo constante ao longo do período de armazenagem", disse ele.

## Novo pavilhão para Expoflora

Para abrigar a VI Exposição de Flores (Expoflora),

que se realizará em setembro, a Cooperativa Agropecuária Holambra, com sede em Jaguariúna, está construindo um pavilhão de 1.350 m<sup>2</sup> de área. A obra deverá estar concluída até o dia 17 de agosto, quando o decorador holandês Jan Willen Van Der Boon, organizará os arranjos florais e os produtos a serem expostos. A Expoflora será iniciada no dia 30 de agosto e se encerra no dia 15 de setembro.



## Encontro de Marketing Rural

A Associação Brasileira de Marketing Rural promoveu, no dia 15 de maio, no Salão Panorâmico do São Paulo Center Hotel, em São Paulo, o "Encontro Profissional de Maio-85 — sobre Gerência de Produto no Mercado Rural". O professor Jorge Motta, do Departamento de Mercadologia da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, falou sobre a "Gerência de Produção". Falaram ainda Carlos Mattos, gerente de produtos da Dow Química, e Ivans Sathler, gerente de programa da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária.

Ainda em maio, cerca de 50 representantes da Agroceres — o maior complexo de pesquisa e produção de material genético e insumos para a agropecuária da América Latina — reuniram-se no mesmo hotel. Os representantes da Empresa, vindos de todas as partes do país, estiveram reunidos com toda a diretoria do Grupo Agroceres.

## Levantamento sobre Zebu

A Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) lançou uma nova pu-

blicação "Levantamento Bibliográfico sobre Zebu", que contém um levantamento de todos os livros, artigos e documentos sobre assuntos que vão desde nutrição e pastagens até sanidade, reprodução e melhoramento genético. O levantamento foi feito pelos pesquisadores do Centro de Pesquisa do Zebu e é o único levantamento de bibliografia existente em nível nacional e internacional sobre o zebu.

## Centro de Pesquisa de Gado de Corte completa 8 anos de fundação

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte da Embrapa, situado em Campo Grande, MS, completou, no dia 10 de maio, 8 anos de fundação. Situado no km 04 da rodovia BR 262, o Centro dispõe de 3.081 ha de terras de cerrados, campos e pastagens, além de outra fazenda de 1.612 ha, a 20 km de sede. Contando com a colaboração de pecuaristas e 35 instituições de pesquisas no país, o Centro dispõe de 23 projetos e 405 experimentos e conta com 500 pesquisadores espalhados pelo país.

No dia do aniversário, o Centro homenageou três fazendeiros, que muito têm contribuído para o desenvolvimento de pesquisa de gado de corte: Paul Rankin Rakmon, norte-americano, naturalizado brasileiro, produtor de sementes forrageiras há 36 anos e que colabora com o órgão desde a sua fundação em 1977. Leonida La Rosa Balbuzena, de Bela Vista, dona Nenê, como é conhecida, administra 4 propriedades e desde 1983 sua fazenda Gibóia abriga vários experimentos do Centro e Milton Emílio Schameddecke, dono de duas fazendas, onde estão instalados cinco projetos envolvendo 800 animais. Eles receberam, das mãos do chefe do CNP-Gado de Corte, Eberth Marcos Alvarenga Costa Jr., uma placa.



## O Desempenho reprodutivo do rebanho bovino brasileiro

### ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL

Rua Riachuelo, 231, 1.º andar, telefones: 35-1705 e 37-0972 — sede própria — São Paulo - SP.

Diretoria — 1983/86

#### Presidente

José Mário Junqueira de Azevedo

#### 1.º vice-presidente

Rubens Franco de Mello

#### 2.º vice-presidente

Alcides Prudente Pavan

#### 3.º vice-presidente

Alberto Laborne Valle Mendes

#### Secretário Geral

Murilo da Costa Manso

#### 1.º Secretário

Ovidio Carlos de Brito

#### 2.º Secretário

Emílio Maya de Omena

#### 1.º Tesoureiro

Luiz Antônio de Souza Queiroz Ferraz

#### 2.º Tesoureiro

José Maria Penteado de Toledo

Em gado de corte, o desempenho produtivo do rebanho pode ser avaliado em termos de bezerras desmamadas, de animais abatidos e de produção de carne em carcaça. Os índices de produtividade como taxa de desfrute, taxa de abate, rendimento e peso de carcaça, entre outros, dependem basicamente dos índices zootécnicos do rebanho, sobretudo da sua eficiência reprodutiva (fertilidade, mortalidade, idade à 1.ª parição intervalo entre partos) e da idade e peso dos novilhos ao abate.

Embora não se disponha de informações suficientes para uma avaliação fidedigna da capacidade de produção de carne do rebanho brasileiro, ela é reconhecidamente modesta, em decorrência dos baixos índices zootécnicos que predominam na pecuária bovina nacional.

Atribui-se geralmente ao rebanho a natalidade média de 50% e uma mortalidade elevada de 15 a 20% até a idade adulta. Com esses índices e a idade tardia à 1.ª cria e ao abate (entre 4 a 5 anos), o desfrute situa-se em torno de 50% e a produção média de carne em carcaça, por cabeça existente no rebanho, não chega a 25 Kg.

Por outro lado, as estatísticas oficiais mostram que o rebanho brasileiro tem crescido a taxas elevadas (mais de 3% ao ano) nas últimas décadas, o que não seria de se esperar com as taxas de natalidade e de mortalidade que lhe são atribuídas e com a elevada matança de vacas que comumente se apegou.

Embora o rebanho esteja crescendo a taxas elevadas, os abates e a produção de carne não estão aumentando na mesma proporção, como pode ser observado na Tabela 6, onde são comparados efetivos do rebanho, abates e produção de carcaça, e as taxas correspondentes de abates, peso médio de carcaça e rendimento do rebanho, na década 1970/1980.

Observa-se, na Tabela 6, que os abates e a produção de carne em carcaça não acompanha-

ram o crescimento do rebanho. As variações observadas na taxa de abate, peso de carcaça e rendimento médio do rebanho, devem-se à influência dos ciclos de preços do gado e sua repercussão na matança de vacas, não refletindo portanto, evolução ou involução da capacidade produtiva do rebanho bovino. Pode-se admitir, ainda, que o aumento dos abates clandestinos, que geralmente ocorre nos períodos de preços altos, sobretudo em seu final, contribui para o declínio da taxa de abate nos anos correspondentes.

De qualquer forma, é evidente que a taxa de abate do rebanho brasileiro não tem evoluído, o que pode explicar a escassez e o baixo consumo de carne bovina no País.

A modesta produção de carne do rebanho é atribuída ao seu baixo potencial genético e, principalmente, aos sistemas de criação extensiva em pastagens nativas, predominantes na pecuária de corte.

Além do baixo potencial de produção do rebanho, o manejo inadequado, as doenças e parasitas, as carências minerais e, sobretudo, a deficiência alimentar dos períodos críticos de escassez de forragem, provocam perdas elevadas e comprometem o desenvolvimento ponderal e a eficiência reprodutiva dos animais sobreviventes.

Nessas condições, se o rebanho está crescendo 3% ao ano, apesar de sua baixa eficiência reprodutiva, esse crescimento deve estar ocorrendo às custas da redução do descarte normal de fêmeas e, conseqüentemente, da taxa de abate e da produção de carne. Não há dúvida de que a idade tardia de abate dos machos também concorre para isso.

PROGRAMA NACIONAL DE GADO DE CORTE — EMBRAPA — Brasília - 1984.

**TABELA 6.**  
Efetivo do rebanho, total de abates e produção de carne em carcaça — 1970/1980

Ano	Rebanho (1000 cab)	Abates (1000 cab)	Taxa de abate (%)	Produção de carcaça (t)	Peso médio carcaça (Kg)	Rendimento médio do rebanho (Kg/cab.)
1970	78.452	9.560	12,2	1.845	193	23,5
1971	82.824	9.284	10,9	1.838	198	21,7
1972	85.186	10.380	12,2	2.055	198	24,1
1973	90.439	10.621	11,7	2.103	198	23,3
1974	92.495	10.985	11,9	2.175	198	23,5
1975	100.834	8.539	8,5	1.790	210	17,8
1976	107.349	10.715	10,0	2.176	203	20,3
1977	107.297	12.274	11,4	2.446	199	22,8
1978	106.943	11.427	10,7	2.320	203	21,7
1979	109.177	10.048	9,2	2.114	210	19,4
1980	117.756	9.575	8,1	2.084	217	17,7

Fonte: Elaboração do CNPGC a partir de: IBGE — Anuários Estatísticos.

# Pelagem dos bovinos

## Exterior dos animais de grande porte

WALTER C. BATTISTON  
Méd. Vet. - ABC

Diversos são os termos empregados para designar a cor, coloração ou pelagem dos animais de fazenda, conforme as regiões brasileiras; algumas vezes diferentes para a mesma pelagem, outras iguais para cores diferentes. Por ocasião da elaboração dos registros genealógicos dos mestiços ou mesmo puros de algumas raças de bovinos ou seus cruzamentos, essa questão aparece com freqüência; nós, que há muitos anos trabalhamos no setor de registro, no escritório ou a nível de campo, temos encontrado os mais variados e até pitorescos termos para designar pelagens que, oficialmente, conhecemos sob outras designações. Por outro lado, algumas das entidades que funcionam como Sub-delegadas da A.B.C. em outros Estados para execução do Programa de Cruzamento Dirigido-PROCRUZA, nos remetem documentos para homologação nos quais constam designações diversas das que estamos acostumados a anotar. Em certas ocasiões aparecem até termos como "preta careta" ou "cor de creme" etc.

Desejamos, com o presente, levantar o assunto e procurar achar uma uniformização para designar as diversas pelagens, contando com a colaboração dos interessados e conhecedores da questão, para que nos auxiliem fornecendo sugestões e informações a respeito.

Segundo o zootecnista Odilon N. Ferreira no seu folheto "Exterior dos Grandes Animais Domésticos", no qual iremos nos basear, o termo "pelagem" serve para designar o conjunto formado pela coloração da pele, pêlos e crinas, que revestem a superfície do corpo do animal. Em-

bora a pele (erradamente chamada de couro, que indica a pele depois de curtida) desses seres geralmente não seja clara, os pêlos e a crina variam bastante de coloração conforme a raça, sexo, trato, idade etc. Frequentemente, por exemplo, os bezerros das raças de corte mudam de coloração quando se tornam adultos, e, em outros casos, notam-se nos animais bem manejados e sadios, pêlos mais brilhantes, lisos e sedosos do que os dos seus companheiros menos "tratados". Pode-se, também, notar que nas regiões mais quentes os bovinos possuem pelame menos densos e compridos do que os das regiões frias.

Como início, para o estudo para uniformização a que nos propusemos, fizemos levantamento sobre 880 "pedigrees" que nos foram remetidos pelas Subdelegadas e mais as anotações de 959 bovinos que registramos no interior de São Paulo, durante os últimos seis meses, procurando catalogar os vários termos usados para as pelagens desses animais; o resumo das observações sobre o total de 1.735 bovinos estão no quadro a seguir.

Os estudiosos das pelagens dos bovinos comentam que, embora sejam menos variáveis do que as dos eqüinos e mais ou menos uniformes, elas podem ser classificadas em dois grandes grupos: "simples" e "conjugadas". As pelagens do primeiro grupo, isto é, as "simples", são formadas por uma das três cores "essenciais": branca, preta e vermelha; as "conjugadas" têm como base a associação de duas das três cores principais.

A pelagem "branca" pode apre-

sentar algumas variações tais como branco sujo, branco leitoso e "fubá" (termo nordestino para designar a pelagem que tem pêlos brancos tendendo ao azulado).

A pelagem "preta" também pode se apresentar com variações que vão desde a "preta ordinária" e "brilhante" até à "preta mal tinta" ou "fula"; convém esclarecer que era chamado de "fula" a coloração mais ou menos bronzeada, apresentada pelos negros provenientes da Guiné e que tinham os cabelos encarapinhados.

A pelagem "vermelha" é que maiores possibilidades de variações pode apresentar; neste grupo estão as colorações vermelho laranja (encontrada na Raça Caracu), acaju (existente na Raça Pitangueiras e Flamengo), vermelho cereja, libano ou lobuno (termo usado no Rio Grande do Sul para a pelagem vermelho escuro ou pardo), vermelho retinto, castanho (quando o vermelho é "puxado" a preto).

O grupo das pelagens "conjugadas" é formado pelas tonalidades conjugadas de duas das 3 cores principais (branca, preta e vermelha) num mesmo animal. A "base" de todas pelagens conjugadas é o branco à qual se associa o vermelho ou o preto, dando o tipo "malhado"; é o que geralmente se chama de "preto e branco" ou "vermelho e branco". Há quem prefira fazer diferenciação entre o "branco malhado de preto ou de vermelho" e o "preto ou vermelho malhado de branco"; no primeiro caso as porções brancas dominam as pretas ou as vermelhas; no outro a coloração branca é acentuadamente menor do

que as demais. No uso corriqueiro, porém, essa diferenciação é pouco empregada.

Segundo os técnicos estudiosos do "exterior" dos animais domésticos, especialmente dos bovinos, as pelagens conjugadas podem ser classificadas da seguinte maneira:

**A — pelagens conjugadas gerais:**

- 1 - com pêlos brancos:  
chita de branco  
pintada de branco  
moira ou moura
- 2 - com pêlos pretos:  
chita de preto  
araçá  
tigrado  
pintada de preto  
fusco
- 3 - com pêlos vermelhos:  
chita de vermelho  
araçá ou brazino  
tigrada  
pintada de vermelho

O termo "chita" ou "chitada" serve para designar a pelagem formada por pequenos pontos pretos ou vermelhos sobre o branco, sendo mais freqüente e abundante na barba, entrada do peito e partes baixas do ventre. A chita pode ser tanto "de preto" como "de vermelho". O chamado "pintado de preto" ou "de vermelho" é o tradicional "preto e branco" ou "vermelho e branco", encontrado freqüentemente na Raça Holandesa.

Quando o animal tem coloração tendendo a preto, mas apresenta pêlos brancos dispersos, recebe o nome de "moiro" ou "mouro", que corresponde ao "rubicão" ou "rubicano" nos cavalos.

A pelagem "araçá", que nos Estados Unidos é chamada de "brazina", corresponde ao aparecimento de listas vermelhas, mais ou menos claras, ou mesmo escuras sobre partes do corpo, especialmente no costado. Os manipuladores de couro, para fabricação de laços etc., afirmam que a pele de animais araçá é mais resistente; alguns fazendeiros julgam a "marcação a fogo" nesses animais torna-se mais trabalhosa.

É chamada de "fusco" a pelagem vermelha escura, desde que o ani-

mal apresente coloração bastante escura nos membros e ao redor dos olhos e do focinho.

Quando as listas do "araçá" são bastante distintas e tendendo para o preto, a pelagem é denominada "tigrada".

**B — pelagens conjugadas especiais:** quase sempre notadas mais em algumas partes do corpo, podendo estar em:

**1 - cabeça**

— com manchas brancas na testa (dando "preto estrela" e o "branco estrela");

— na frente e nos lados (tipo "mascarado" ou "malacara").

**2 - tronco**

As particularidades dessa região do corpo podem ser devidas tanto à presença dos pêlos brancos, como dos pretos ou vermelhos, produzindo tonalidades diferentes nos costados. Há uma variedade chamada de "jaguez" ou "jaguané", caracterizada pela presença de faixas (uma de cada lado) com pêlos pretos ou vermelhos, salpicados de branco, no sentido longitudinal e no comprimento do costado; as regiões dos membros, lombo e parte inferior do ventre apresentam-se de coloração mais clara.

Quando a pelagem é bem clara e a pele é rósea ou branca, havendo manchas avermelhadas, como se fossem placas, geralmente agrupadas na região da garupa, o bovino é chamado "salino".

**3 - membros**

As variações de tonalidade nessas partes são freqüentes e quase sempre devidas aos pêlos brancos. Existem algumas denominações especiais como "calçado" (de um ou mais membro) quando há manchas bem claras na porção final do membro.

Depois do que comentamos e enquanto não possuímos outras informações, passaremos a empregar os termos mencionados na classificação já citada e que agrupa as pelagens em "simples" e "conjugadas", com as variações já comentadas; ficamos, porém, na expectativa de sugestões dos técnicos que nos leem.

## Fazenda Nossa Senhora das Graças



**Proprietário:**  
**Antônio Gomes Calcado**

Raça Murrah



**PIZAN POI DA BELA OLINDA**

Raça Jafarabadi



**SERENO POI DA BELA OLINDA**

**criação de**  
**NELORE PO, BÚFALOS**  
**JAFARABADI E**  
**MURRAH POI,**  
**MANGALARGA**  
**MARCHADOR E**  
**JUMENTO PEGA**

**VENDA PERMANENTE**  
**DE PRODUTOS**  
Caixa Postal 75

SILVADO (021) 737-2764 —  
MARICÁ - RJ

PRAIA DO FLAMENGO, 274  
RIO DE JANEIRO  
(021) 552-6607 - CEP 22.210

QUADRO I — DESIGNAÇÕES DAS PELAGENS DE 1.839 BOVINOS REGISTRADOS  
NO "PROCRUZA", EMPREGADAS NOS ESTADOS DE SÃO PAULO,  
MINAS GERAIS E PARANÁ — 10/84 a 3/85.

TIPOS DE PELAGEM	SUBDELEGADAS		A.B.C.		TODAS	
	QTDE	%	QTDE	%	TOTAL	%
Grupo "A" — Coloração PRETA						
Total de animais "pretos"	614	69,7	593	61,8	1207	65,6
Variedades						
simples	206		311		517	28,1
preta e branca	276		222		498	27,1
gargantilha	34		11		45	2,4
estrela	62		6		68	3,7
chumbada	24		0		24	1,3
bragada	6		4		10	0,5
mascarada (cara branca)	2		0		2	0,1
careta	2		0		2	0,1
moira ou moura	2		7		9	0,5
barriga branca	0		32		32	1,7
Grupo "B" — Coloração VERMELHA						
Total de animais "vermelhos"	68	7,8	134	13,9	202	10,9
Variedades:						
Simples	18		82		100	5,4
vermelho e branco	32		38		70	3,8
estrela	2		2		4	0,2
gargantilha	2		0		2	0,1
araçá	12		8		20	1,1
chita	0		4		4	0,2
barrosa	2		0		2	0,1
Grupo "C" — Coloração "CASTANHA"						
Total de animais "castanhos"	132	15,0	84	8,8	216	11,8
Variedades:						
simples	110		62		172	9,4
castanha e branca	4		0		4	0,2
gargantilha	6		3		9	0,5
chumbada	2		6		8	0,4
bragada	2		0		2	0,1
escura	4		6		10	0,5
parda	2		0		2	0,1
mascarada	2		1		3	0,2
fusca	0		6		6	0,5
Grupo "D" — Coloração "CINZA"						
Total de animais "cinza"	24	2,8	62	6,5	86	4,7
Variedades:						
simples	6		0		6	0,3
clara	10		10		20	1,1
parda	8		52		60	3,3
Grupo "E" — Colocação DIVERSA						
Total de animais	42	4,7	86	9,0	128	7,0
Variedades:						
amarela simples	20		0		20	1,1
amarela parda	4		0		4	0,2
moira ou moura	4		13		17	0,9
cereja	8		0		8	0,4
chita	2		61		63	3,4
creme	4		0		4	0,2
branco inteiro	0		8		8	0,4
branco cara preta	0		4		4	0,3

# Leilão Brumado completa 10 anos de recordes

No dia 6 de julho, será realizado o 10.º Leilão do Brumado, reunindo animais dos criadores Rubico de Carvalho, Orestes Prata Tibery Jr. e Agropecuária Boa Vista, na Fazenda Boa Vista, no km 417, da rodovia São Paulo-Barretos, no município de Barretos, SP. Até agora, o Leilão Brumado tem sido, ano a ano, uma sucessão de recordes, graças à qualidade dos animais, saídos todos da cabeceira dos três plantéis. Sem dúvida (veja quadro), é um dos melhores leilões da raça Nelore.

Nestes quadros, os dados referem-se ao Leilões Nova Índia e Brumado nos últimos nove anos, divididos por raça e por categorias. No primeiro quadro, as médias por categoria em cruzeiro e em dólar, além do volume de animais vendidos e volumes arrecadados. No segundo, as médias por criador participante e média, em cruzeiro, por categoria e o total vendido por participante.

## RESUMO 1976

	Total Cr\$	Média US\$	Média Cr\$
39 Machos POI	5.560.000	13.007	142.564
16 Fêmeas POI	3.010.000	17.164	189.125
46 Machos PO	1.189.000	2.358	25.847
73 Fêmeas PO	2.019.000	2.523	27.657
<b>174 Animais</b>	<b>11.778.000</b>	<b>6.176</b>	<b>67.689</b>
	US\$ 1.074.635		

## 1977

48 Machos POI	3.515.000	5.029	73.229
17 Fêmeas POI	1.775.000	7.171	104.411
46 Machos PO	859.000	1.282	18.673
59 Fêmeas PO	1.181.000	1.374	20.016
<b>170 Animais</b>	<b>7.330.000</b>	<b>2.961</b>	<b>43.117</b>
	US\$ 503.434		

## 1978

48 Machos POI	5.270.000	5.963	109.791
13 Fêmeas POI	2.020.000	8.440	155.284
55 Machos PO	1.814.000	1.786	32.891
80 Fêmeas PO	2.082.000	1.413	26.025
<b>196 Animais</b>	<b>11.186.000</b>	<b>3.100</b>	<b>87.071</b>
	US\$ 607.604		

## 1979

	Total Cr\$	Média US\$	Média Cr\$
50 Machos POI	11.010.000	8.430	220.200
16 Fêmeas POI	3.720.000	8.901	232.500
62 Machos PO	3.897.000	2.406	62.854
107 Fêmeas PO	4.945.000	1.769	46.214
<b>235 Animais</b>	<b>23.572.000</b>	<b>3.840</b>	<b>100.906</b>
	US\$ 902.450		

## 1980

53 Machos POI	43.050.000	15.524	812.264
16 Fêmeas POI	9.010.000	10.763	563.125
62 Machos PO	7.420.000	2.287	119.677
115 Fêmeas PO	10.050.000	1.670	87.291
<b>246 Animais</b>	<b>69.530.000</b>	<b>5.402</b>	<b>282.642</b>
	US\$ 1.328.937		

## 1981

65 Machos POI	56.750.000	9.367	873.076
17 Fêmeas POI	20.000.000	12.623	1.176.470
46 Machos PO	11.290.000	2.633	245.437
71 Fêmeas PO	9.640.000	1.487	138.591
<b>199 Animais</b>	<b>97.680.000</b>	<b>5.277</b>	<b>491.859</b>
	US\$ 1.050.214		

## 1982

59 Machos POI	51.800.000	4.980	877.866
22 Fêmeas POI	22.500.000	5.801	1.022.727
51 Machos PO	15.050.000	1.673	295.058
52 Fêmeas PO	12.050.000	1.314	231.730
<b>184 Animais</b>	<b>101.400.000</b>	<b>3.126</b>	<b>551.086</b>
	US\$ 575.221		

## 1983

64 Machos POI	101.400.000	2.785	1.584.375
14 Fêmeas POI	31.100.000	3.905	2.221.428
30 Machos PO	14.400.000	920	466.666
42 Fêmeas PO	22.200.000	930	628.571
<b>150 Animais</b>	<b>169.700.000</b>	<b>1.980</b>	<b>1.124.666</b>
	US\$ 296.594		

## 1984

45 Machos POI	697.400.000	8.640	15.497.777
27 Fêmeas POI	368.000.000	8.197	14.370.379
15 Machos PO	137.200.000	5.217	9.146.666
59 Fêmeas PO	442.900.000	4.282	7.506.779
<b>146 Animais</b>	<b>1.645.500.000</b>	<b>6.507</b>	<b>11.407.534</b>
	US\$ 950.066		

# LEILÕES NOVA ÍNDIA E BRUMADO

RUBENS A. CARVALHO

Ano	MACHOS POI		FÊMEAS POI		MACHOS PO		FÊMEAS PO		MÉDIA GERAL Cr\$	TOTAL Cr\$	
	n.*	Média Cr\$	n.*	Média Cr\$	n.*	Média Cr\$	n.*	Média Cr\$			
1976	20	144.250	07	202.857	10	36.200	15	25.000	52	96.961	5.042.000
1977	21	93.095	10	119.000	-x-	-x-	15	19.733	46	74.804	3.441.000
1978	26	135.576	08	145.714	-x-	-x-	22	20.181	55	90.709	4.898.000
1979	23	281.739	06	266.666	-x-	-x-	40	61.875	69	152.971	10.555.000
1980	25	1.289.600	06	666.666	-x-	-x-	36	105.000	67	597.313	40.020.000
1981	20	1.690.000	06	1.933.333	-x-	-x-	31	165.806	57	866.666	50.540.000
1982	24	1.206.250	06	1.550.000	-x-	-x-	27	220.370	57	775.440	44.200.000
1983	21	2.833.333	10	2.560.000	-x-	-x-	19	642.105	50	1.946.000	97.300.000
1984	26	19.403.846	10	21.650.000	-x-	-x-	45	8.166.666	81	13.438.271	1.088.500.000

## VERISSIMO COSTA JR.

1976	15	131.666	09	176.666	11	42.000	21	30.714	56	83.428	4.672.000
1977	18	58.333	06	87.500	13	24.230	24	21.000	61	39.245	2.394.000
1978	17	83.235	05	174.000	15	40.615	21	30.047	56	61.500	3.444.000
1979	13	170.000	10	212.000	15	58.266	20	30.000	58	100.068	5.804.000
1980	15	511.333	10	501.000	14	163.671	14	80.000	53	303.684	16.090.000
1981	24	556.250	06	833.333	13	299.230	-x-	-x-	43	517.209	22.240.000
1982	24	660.416	10	890.000	06	283.333	-x-	-x-	40	661.250	26.450.000
1983	30	1.138.333	-x-	-x-	-x-	-x-	-x-	-x-	30	1.138.333	34.150.000

## ORESTES P. TIBERY JR.

1976	03	206.666	-x-	-x-	25	26.640	10	16.900	38	38.289	1.455.000
1977	03	91.666	-x-	-x-	19	16.210	14	20.357	36	24.111	868.000
1978	02	60.000	01	130.000	22	27.954	23	31.130	48	32.937	1.581.000
1979	07	231.428	-x-	-x-	20	77.800	24	38.750	51	80.509	4.106.000
1980	04	310.000	-x-	-x-	30	86.333	29	89.310	63	101.904	6.420.000
1981	08	543.750	02	600.000	22	226.818	28	110.714	60	227.333	13.640.000
1982	03	1.233.333	01	500.000	27	348.148	06	275.000	37	412.170	15.250.000
1983	05	560.000	04	1.375.000	17	444.117	11	418.181	36	568.055	20.450.000
1984	10	15.150.000	02	9.500.000	12	10.275.000	14	5.385.714	38	9.715.789	369.200.000

## AGROPECUÁRIA BOA VISTA

1976	01	80.000	-x-	-x-	27	19.592	-x-	-x-	28	21.750	609.000
1977	06	39.166	01	60.000	14	16.857	06	16.000	27	23.222	627.000
1978	03	70.000	-x-	-x-	20	33.550	14	20.785	37	31.675	1.172.000
1979	07	100.000	-x-	-x-	27	54.333	23	40.869	57	54.508	3.107.000
1980	09	211.111	-x-	-x-	18	141.111	36	71.111	63	111.111	7.000.000
1981	13	403.846	03	733.333	11	219.090	12	133.333	39	293.846	11.460.000
1982	08	412.500	05	760.000	18	219.444	17	244.117	48	316.670	15.200.000
1983	08	618.750	-x-	-x-	13	496.153	12	450.000	33	509.090	16.800.000
1984	09	4.600.000	15	10.166.666	03	4.633.333	-x-	-x-	27	7.696.296	207.800.000

# Os campeões da 51.<sup>a</sup> Exposição de Uberaba

A 51.<sup>a</sup> Exposição Nacional do Gado Zebu de Uberaba registrou um recorde mundial na produção de leite na raça Zebuína: a vaca SC. Gabarra Cachimbo, Gir, que pertence aos irmãos Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis, donos da Fazenda Derrubada, em Rio das Flores, RJ, produziu, no Concurso Leiteiro, com duração de três dias, uma média diária de 25,947 kg de leite em duas ordenhas. Essa marca é recorde mundial na produção de leite entre vacas zebuínas. Essa vaca é excepcional e a marca obtida no Concurso de Uberaba não foi obra do acaso: ela é recordista em 2 ordenhas e lactação de 365 dias, com produção de 7.052 kg de leite e média diária de 19,320 kg. Nessa lactação recorde para Gir, ela, também, estabeleceu outra marca inédita: produziu 310 kg de gordura, 5,2%, em 365 dias.

O resultado da 51.<sup>a</sup> Exposição Nacional do Zebu em Uberaba apresentou os seguintes campeões e campeãs por raça:

Grande campeão: Hasur MJ da O. D'Água, 804 kg, de Alberto Laborne Valle Mendes; reservado de grande campeão, Dugal POI do Brumado,

677 kg, de Rubens de Andrade Carvalho; Grande Campeã, Menakshi V. POI do Brumado, com 647 kg, de Rubens de Andrade Carvalho e reservada de Grande Campeã, Gentileza do Sabiá, 648 kg, de Alberto Laborne Valle Mendes.

## Nelore Variedade Mocha

Grande Campeão, Mahanady, 872 kg, de Antônio Renato Prato; reservado grande campeão, Voleybol, 545 kg, de Ovídio Miranda Brito Agropastoril; Grande campeã, Coxilha, 634 kg, de Ovídio Miranda Brito Agropastoril e reservada grande campeã, Cabriuva do Uirapuru, 638 kg, Ruy Morais Terra.

## Nelore Variedade de Pelagens

Grande Campeã, Araponga da Café, Agropecuária Lopes Cançado, e reservada campeã, Alaya da Café, 375 kg, mesmo proprietário.

## Raça Gir

Grande Campeão, Ipê-Ouro — R-7, 814 kg, de Vicente Araújo de Sousa Jr.; reservado de grande campeão, Impeador da S. José, com 946 kg, de Alberto Pereira Nunes Fi-



## INÍCIO DA PECUÁRIA

O presidente José Sarney fez a inauguração oficial da 51.<sup>a</sup> Exposição Nacional do Gado Zebu em Uberaba.

lho; grande campeã, Ilhabela Fan, 685 kg, de Fábio André e reservada grande campeã, Herdeira, 580 kg, de Josias Ferreira Sobrinho.

## Gir variedade Mocha

Grande Campeão, Thyrra da JA, 922 kg, de Jairo Andrade; reservado de grande campeão, Exportado da Flor, 672 kg, de José Irineu Cabral; grande campeã, Boneca da CV, 626 kg, de Jairo de Andrade e reservada de grande campeã, Disciplina da Cruz, 586 kg, da Agropastoril Nhozinho Barbosa.

## Raça Guzerá

Grande Campeão, Juramento da Xarq., 749 kg, de Quatro Meninas Agropecuária; reservado de Grande Campeão, Dicionário, 784 kg, de Jean Louis de Lacerda Soares; grande campeã, Derivada S., 730 kg, de Ernesto de Salvo (espólio) e reservada de grande campeã, Helsink dos Candiais, 625 kg, de Camilo C. Collier e José Collier.

## Raça Tabapuã

Grande Campeão, Anago da D. Branca, 794 kg, de El-

ton Lemos Vergaças, reservado de Grande Campeão, Dinossauro de Tab, 499 kg, de Alberto Ortenblad, grande campeã, Cutaguases de Tab, 615 kg, do mesmo dono; Reservada de Grande Campeã, Orfeônica da Prata, 603 kg, de Maria Helena Dumond Adams.

## Raça Indubrasil

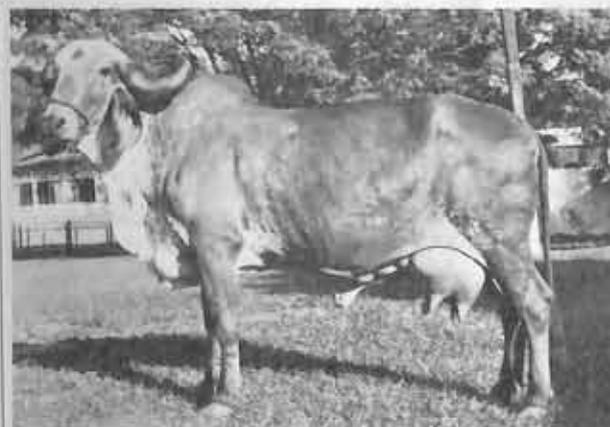
Grande Campeão, Fantoches, 927 kg, de Manoel Carlos do Nascimento e reservado grande campeão, Faro do Capitão, 397 kg; grande campeã, Tragica da Zeb. VR, 687 kg, de Torres Homem R. da Cunha e reservada de grande campeã, Badiana da Zeb VR, 447 kg, do mesmo dono.

## Raça Sindí

Grande Campeão, Desaforo, 482 kg e grande campeã, Delicadeza, 458 kg, ambos de Alceu Ribeiro Bueno.

## Jurados

Os jurados, por raça, na 51.<sup>a</sup> Exposição Nacional de Gado Zebu foram: Roberto Ennio Villela Lamounier (Gir), Dálor Teodoro de Andrade (Gir Var. Mocha), Jo-



A vaca recordista mundial da raça zebuína na produção de leite.

sias Amorim Campos (Guzerá), Rômulo Kardec de Carmargo (Indubrasil), Arnaldo Manuel de Sousa Machado Borges (Nelore), Adir do Carmo Leonel (Nelore Mocho), José Amir Ribeiro (Nelore Pelagens), Evandro Ribeiro de Almeida (Sindi), Mário Cruvinel Borges (Tabapuã), José Antônio Dias da Costa Aroeira (presidente de Honra do Concurso Leiteiro), Noel de Souza Sampaio (Suplente Geral), José Carlos Junqueira Anout (Mangalarga), Antônio das Graças Costa (Mangalarga Marchador) e Antônio Carlos Alves Lopes (Quarto de Milha).

**Concurso Leiteiro**

Os resultados do Concurso Leiteiro da 51.ª Exposição Nacional de Gado Zebu. Todos os concorrentes foram da raça Gir. Os animais foram testados em regime de duas ordenhas e a média foi de três dias

CONCURSO LEITEIRO						
Catego- ria	Nome	Idade meses	Leite kg	Gordura		Expositor
				kg	%	
PO	S.C. Gabarra Cachimbo	122	25,947	1,208	4,66	Manuel e João S.R. Reis
PO	CA Arauna	64	15,797	0,807	5,10	João Gabriel C. Noronha
PO	CA Harmonia	162	14,413	0,714	4,95	José Eduardo C. Mancini
PO	28 Neve N 83	138	14,373	0,633	4,40	Kênia Agropec. Ltda.
PO	Tarimba	104	14,303	0,694	4,85	José Lúcio Rezende
PO	Maravilha J. Ed.	95	12,587	0,610	4,85	Manuel e João S.R. Reis
PO	Acomodada	85	11,983	0,600	5,01	José Lúcio Rezende
PO	Fituca IV	120	11,307	0,568	5,02	Luiz Rodrigues B. Primo
PO	Estampa	128	9,290	0,487	5,24	Luiz Rodrigues B. Primo
LA	CA Amália	70	18,750	0,841	4,49	João Gabriel da Costa Nor.
LA	Jalapa	133	16,990	0,757	4,46	Antonio J.L.O. Costa
LA	CA Majestosa	114	16,453	0,782	4,75	José Eduardo C. Mancini
LA	CA Cota	66	16,047	0,733	4,37	Antônio J.L.O. Costa
LA	Lapela	169	15,183	0,665	4,77	Kênia Agropec. Ltda.
LA	Polícia	102	14,173	0,637	4,49	Kênia Agropec. Ltda.
LA	CA Bonança	99	13,370	0,675	5,05	Antônio J.L. Oliveira
LA	CA Mentira	114	13,250	0,668	5,04	José Eduardo C. Mancini

de ordenhas. A esgota inicial foi realizada às 16 horas do dia 28 de abril e a primeira ordenha às 6 horas do dia seguinte. As ordenhas foram feitas a intervalos de 12 horas

uma da outra. Todos os animais participantes foram da categoria Vaca Adulta. A super campeã foi a vaca Santa Cruz Gabarra Cachimbo, Gir, PO, a reservada super cam-

peã C.A. Arauna, Gir, PO; a campeã C.A. Amélia, Gir, LA, e a reservada de campeã Jalapa, Gir, LA; melhor úbere, SC Gabarra Cachimbo e a segunda foi CA Cota, Gir, LA.

**VEM AÍ**

**A V EXPANDE - SP**

EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS  
PERÍODO DE 20/11 À 1/12/85

LOCAL: Parque da Água Funda - Recinto de Exposições  
Salvio Pacheco de Almeida Prado

**LEILÕES = MEDALHA DE OURO**

Inscrições Abertas:

Fones: (011) 275-1177 e 577-8600

Promoção:

Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

# Regulamento do Controle do Desenvolvimento Ponderal

## DAS FINALIDADES

Art. 1.º — O Controle do Desenvolvimento Ponderal — CDP, tem por finalidades:

a) Identificar nos rebanhos, as linhagens, famílias ou indivíduos de maior velocidade de ganho em peso, a fim de orientar os melhoristas em seus trabalhos de seleção, através do registro dos pesos, nas diferentes Idades-Padrão;

b) Fornecer subsídios ao Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas — SRGRZ;

c) Registrar a condição de criação e regime alimentar a que são submetidos os animais, orientando os criadores a esse respeito;

d) Procurar desenvolver entre os criadores uma orientação objetiva, baseada em dados mensuráveis, como é o controle de peso;

e) Conhecer o comportamento médio das raças zebuínas quanto ao desenvolvimento ponderal.

f) Fornecer subsídios para as Avaliações e Testes de Progenies.

## DAS INSCRIÇÕES

Art. 2.º — O criador que desejar submeter seu rebanho ao Controle do Desenvolvimento Ponderal, deverá fazer o pedido, por escrito, ao SRGRZ, especificando o nome da propriedade, município, Estado, raça(s), ou variedade(s) e categoria(s).

Parágrafo único — Serão considerados como inscritos no CDP, todos

os animais apresentados para pesagem.

Art. 3.º — Somente serão aceitos animais regularmente inscritos no Registro Genealógico de Nascimento — RGN, de ambos os sexos, dentro dos seguintes critérios:

a) Rebanhos que produzem até 30 (trinta) produtos no ano, só poderão participar com a totalidade de sua produção;

b) Rebanhos que produzem mais de 30 (trinta) produtos no ano, deverão participar com pelo menos, 50% dos produtos.

Parágrafo único — Todo produto que por qualquer motivo for rejeitado do RGN, automaticamente será eliminado do CDP.

Art. 4.º — O criador que tiver rebanho participando do CDP, quando do preenchimento da Comunicação de Nascimento — CDN, deverá fazê-lo mencionando o peso ao nascer de cada produto.

Art. 5.º — Por ocasião da implantação do CDP em uma propriedade, poderão ser admitidos os animais com a idade máxima de 200 dias.

Parágrafo único — Após a implantação do CDP numa propriedade, somente serão aceitas inscrições de animais com idade máxima até 120 dias, por ocasião da primeira pesagem.

## DA IDENTIFICAÇÃO DOS ANIMAIS

Art. 6.º — Todos os animais admitidos no CDP serão identificados pelo número de RGN e marca do criador, conforme o Regulamento do SRGRZ.

## DAS PESAGENS

Art. 7.º — Após a implantação do CDP em uma propriedade, serão efetuadas pesagens, preferencialmente de 90 em 90 dias (de 3 em 3 meses), admitindo-se um mínimo de 80 e máximo de 100 dias.

Art. 8.º — A pesagem ao nascer será feita pelo criador. As demais serão efetuadas pelo criador e por Técnicos credenciados pela ABCZ, alternadamente, a critério do Diretor do Departamento Técnico.

Parágrafo único — Na falta do peso ao nascer, ou em caso de dúvida quanto à forma de obtenção do mesmo, será usado o peso médio da raça obtido pelo SRGRZ, considerando-se o sexo.

Art. 9.º — Serão estabelecidos para cada propriedade, uma data fixa para as pesagens, devendo-se evitar que ela varie.

Parágrafo único — Além das pesagens normais a ABCZ poderá determinar a realização de pesagem extraordinária ou de inspeção, por Técnico credenciado, sem data pre-determinada.

Art. 10 — O animal que não comparecer a duas pesagens consecutivas, será afastado do CDP.

Parágrafo único — O animal que faltar a uma única pesagem, sendo esta básica para obtenção do Peso Calculado a qualquer uma das Idades-Padrão, ficará sem o cálculo do peso para aquela idade.

Art. 11 — Antes da pesagem, o animal deverá permanecer em local

com água, pelo menos durante quinze minutos.

Art. 12 — O responsável pela pesagem deve tarar a balança no início dos trabalhos, bem como retificá-la após cada dez pesagens.

Art. 13 — As anotações dos pesos, mais as informações complementares, serão efetuadas em impresso apropriado — Relatório de Pesagem — RDP; deve-se ainda fazer constar a data em que foi efetuada a pesagem.

Art. 14 — As informações complementares, mencionadas no Artigo anterior, são as seguintes:

### 1. Condição de Criação — CC, do animal

- a) Normal
- b) Doente

Sendo que em ambas, pode ocorrer o seguinte:

- 1) mamando sem ordenha
- 2) mamando com ordenha
- 3) mamando em ama
- 4) aleitamento artificial
- 5) enjeitado
- 6) desmamado.

### 2. Regime Alimentar — RA

a) Regime Alimentar I — Animais em regime de pasto, recebendo apenas, sal mineral e volumoso, como: feno, silagem, cama ou capim picados.

b) Regime Alimentar II — Animais semi-estabulados, que além de receberem o que cita o Regime Alimentar I, recebem mais uma suplementação de ração balanceada: cereais, torta, resíduos industriais e raízes ou tubérculos.

c) Regime Alimentar III — Animais estabulados, recebendo rações balanceadas ou cereais, tortas, resíduos industriais, raízes ou tubérculos.

### 3. Motivos da ausência do animal à pesagem:

- a) Não foi encontrado
- b) Vendido
- c) Morreu
- d) Eliminado do RGN
- e) Desclassificado do CDP
- f) Afastado do CDP.

Art. 15 — As pesagens de cada animal serão feitas até que se tenha coletado todos os dados necessários para a obtenção do Peso Calculado à Idade-Padrão de 550 dias, ou seja, deverá haver uma pesagem após os 550 dias de idade.

## DAS IDADES-PADRÃO

Art. 16 — Para fins estatísticos e de comparação, os pesos de cada animal serão calculados às Idades-Padrão de:

a) 205 dias — indicativa da época da desmama, objetivando avaliar a influência da capacidade de criação da vaca mãe, no potencial de crescimento do produto. Para o cálculo, considera-se pesagem entre 155 e 255 dias.

b) 365 dias (um ano) — indicativa do desempenho do animal na idade de um ano. Para o cálculo, considera-se pesagem entre 315 e 415 dias.

c) 550 dias — indicativa do desempenho do animal na idade de ano e meio. Para o cálculo, considera-se pesagem entre 500 e 600 dias.

Art. 17 — Para o cálculo a qualquer uma das idades-padrão é necessário que, pelo menos uma das pesagens, esteja dentro das faixas de idade estipuladas no Artigo anterior.

Art. 18 — Em função dos Pesos Calculados às Idades-Padrão acima descritas, serão calculados também os respectivos Ganhos em Pesos Diários — GPDs, e os Ganhos Médios Diários — GMDs, entre as Idades-“Padrão”.

## SISTEMA DE CÁLCULO

Art. 19 — Os Pesos Calculados às Idades-Padrão de 205, 365 e 550 dias serão obtidos através da seguinte fórmula:

$$PC = P \pm (G \times N)$$

PC — Peso Calculado.

P — Peso observado, mais próximo à Idade-Padrão considerada.

G — Ganho médio diário entre pesagens. É obtido através da diferença de peso, entre a pesagem an-

terior e a posterior à Idade-Padrão considerada, dividida pelo número de dias existentes entre essas pesagens.

N — É a diferença em dias, entre a pesagem-base e a Idade-Padrão considerada. Entende-se por pesagem-base, aquela mais próxima à Idade-Padrão e que esteja dentro das faixas de idades estipuladas no artigo 16, itens a, b e c.

Art. 20 — O Ganho em Peso Diário — GPD, é o ganho médio de peso diário do animal, desde seu nascimento até a Idade-Padrão considerada. É obtido através da diferença entre o Peso Calculado à Idade-Padrão e o Peso ao Nascer, dividida pelo número de dias da Idade-Padrão considerada. Fórmula para o cálculo do GPD:

$$GPD = \frac{PC - PN}{D}$$

PC — Peso Calculado à Idade-Padrão considerada.

PN — Peso ao Nascer.

D — Número de dias da Idade-Padrão considerada.

Art. 21 — O Ganho Médio diário — GMD, entre Idades-Padrão, é o ganho ou perda de peso, observado entre duas Idades-Padrão consecutivas, dividido pelo intervalo em dias, entre as mesmas. É obtido através da fórmula:

$$GMD = \frac{PC - P_c}{n}$$

PC — Peso Calculado à Idade-Padrão atual.

P<sub>c</sub> — Peso Calculado à Idade-Padrão anterior.

n — Intervalo em dias, entre as Idades-Padrão consideradas.

## REGISTROS DOS DADOS

Art. 22 — Os elementos de identificação dos animais inscritos, as pesagens, o regime alimentar, a condição de criação e a idade da vaca mãe, serão registrados em computador, bem como todos os resultados dos cálculos à diversas Idades-“Padrão”.

Parágrafo único — Para a idade padrão de 205 dias, o Ganho Médio Diário — GMD, corresponde ao Ganho em Peso Diário — GPD.

Art. 23 — A cada pesagem efetuada, para os animais que forem atingindo as Idades-Padrão, serão processados cálculos e enviados relatórios aos seus proprietários, contendo os resultados dos pesos calculados e dados complementares.

§ 1.º — A pedido do proprietário do animal, serão fornecidos atestados individuais contendo os Pesos Calculados às diversas Idades-Padrão.

§ 2.º — Quando o animal possuir Peso Calculado à Idade-Padrão de 550 dias, a pedido do seu proprietário, o SRGRZ emitirá o Certificado de Registro Genealógico de Nascimento, contendo a genealogia conhecida e os dados do Controle do Desenvolvimento Ponderal.

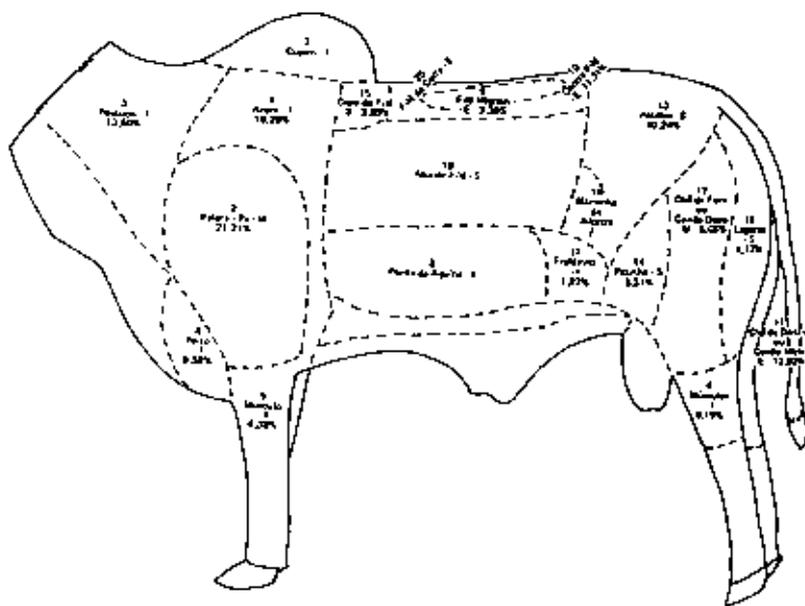
§ 3.º — Quando o animal que possuir Peso Calculado para a Idade-Padrão de 550 dias receber o Registro Genealógico Definitivo, o SRGRZ emitirá o respectivo certificado, contendo a genealogia conhecida e os dados do Controle do Desenvolvimento Ponderal, tanto do animal como de seus ascendentes.

#### DIVERSOS

Art. 24 — Qualquer transferência de proprietário ou de propriedade de animal participante do CDP, deverá ser comunicada à ABCZ, no menor prazo possível, ou ao Técnico credenciado, por ocasião da pesagem.

Art. 25 — O proprietário de rebanho participante do CDP deverá fornecer ao técnico credenciado, por ocasião das pesagens, transporte em ida e volta, podendo optar pelo atendimento em condução do mesmo, pagando, neste caso a taxa de quilometragem estipulada pela ABCZ. Em ambos os casos, serão de sua responsabilidade as despesas referentes à hospedagem e alimentação.

Parágrafo único — Quando, em determinada região, dois ou mais criadores forem atendidos na mesma



#### CORTES DO ZEBU

##### DIANTEIRO

- 01 — Acém — I
- 02 — Paleta — PÁ — M
- 03 — Pescoço — I
- 04 — Peito — I
- 05 — 06 — Músculos — I 6,38 e 6,19%
- 07 — Cupim — I
- 08 — Ponta de Agulha — I

- E — Carnes Especiais
- S — Carnes Superiores
- M — Carnes Médias
- I — Carnes Inferiores

##### TRASEIRO

- 09 — Filé Mignon — E
- 10 — Contra Filé — E
- 11 — Crã de Dentro ou Cochão Mole — E
- 12 — Chã de Fora ou Cochão Duro — M
- 13 — Alcatra — S
- 14 — Patinho — S
- 15 — Capa de Filé — E
- 16 — Lagarto — S
- 17 — Fraldinha — I
- 18 — Aba de Filé — S
- 19 — Maminha da Alcatra — S
- 20 — Filé da Costa — E

oportunidade, as despesas serão divididas em partes proporcionais.

Art. 26 — As taxas e emolumentos a serem cobrados pela ABCZ, serão fixados pela Diretoria Deliberativa da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu — ABCZ, e homologados pelo Ministério da Agricultura.

Parágrafo único — Ao Governo Federal, aos Governos Estaduais que mantenham contratos com a ABCZ, às Entidades de Pesquisa Agropecuária,

Universidades, Faculdades, Associações Cívicas ou Fundações com personalidade jurídica, sem finalidade lucrativa, e com finalidade de pesquisa, ensino ou fomento agropecuário, não serão cobrados emolumentos de quaisquer espécies.

Art. 27 — Os casos omissos, neste Regulamento, serão resolvidos pela Direção Técnica do SRGRZ, devendo ser ouvida a Diretoria Deliberativa da ABCZ ou o Ministério da Agricultura, quando necessário.

# Gado leiteiro cruzado

por RUBENS MALTA CAMPOS \*

De acordo com o excelente "Prognóstico da Região Centro-Sul 84/85", elaborado pelo Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, os reajustes trimestrais para o leite chegaram a estimular a produção lactífera, principalmente para os sistemas de criação extensivos. Entretanto, o preço do leite ainda é, de forma geral, considerado insatisfatório, uma vez que é o mais baixo desde novembro de 1982 e não acompanhou as altas verificadas em combustível (232%), vacina contra aftosa (318%), vacina contra carbúnculo sintomático (218%), sais minerais (332%) e sal grosso (247%).

Os sistemas de produção que utilizam animais altamente especializados, com necessidade de manejos sanitário e alimentar mais cuidadosos, têm sido mais penalizados pela queda no consumo. Assim, o produtor de leite B, a partir de setembro de 1984 e antes do último aumento, passou a receber Cr\$ 575/litro, valor 172% superior ao do ano precedente, freado pela dificuldade de absorção no mercado. Este fato tem levado à maior procura por gado mestiço, mais rústico e que propicia menor custo com alimentação e medicamentos. É exata-

mente o aspecto que gostaríamos de ressaltar.

Com toda a dificuldade advinda da recessão econômica no Brasil, o Governo Federal tem administrado, principalmente, os preços dos alimentos básicos (arroz, feijão, milho, mandioca e leite) de maneira arbitrária e irrealista, inclusive os preços para os vários tipos de leite, exceção aos tipos A e B, liberados. É verdade que em 1983, houve uma forte retração na demanda de leite e seus derivados, e que perdurou no primeiro semestre de 1984, o que produziu uma queda de 17% nas vendas do setor industrial dos derivados do leite. E isso se deve ao fato do povo brasileiro estar descapitalizado, empobrecido, sem poder de compra e de consumo, mesmo para aqueles itens indispensáveis à própria saúde. Dentro desse quadro recessivo da economia, com pouco poder aquisitivo da maioria da população, evidenciou-se que o gado cruzado é o mais procurado, por ser mais rústico e produzir em termos mais econômicos. Consoante o "Prognóstico" do IEA, as cotações de matrizes com maior produtividade têm se elevado menos do que proporcionalmente às de menor produtividade, pois, enquanto em setembro de 1983 as relações de preços eram de 1,27 para matrizes produzindo mais de 10 litros/dia relativamente às de 5 a 10 litros/dia, e

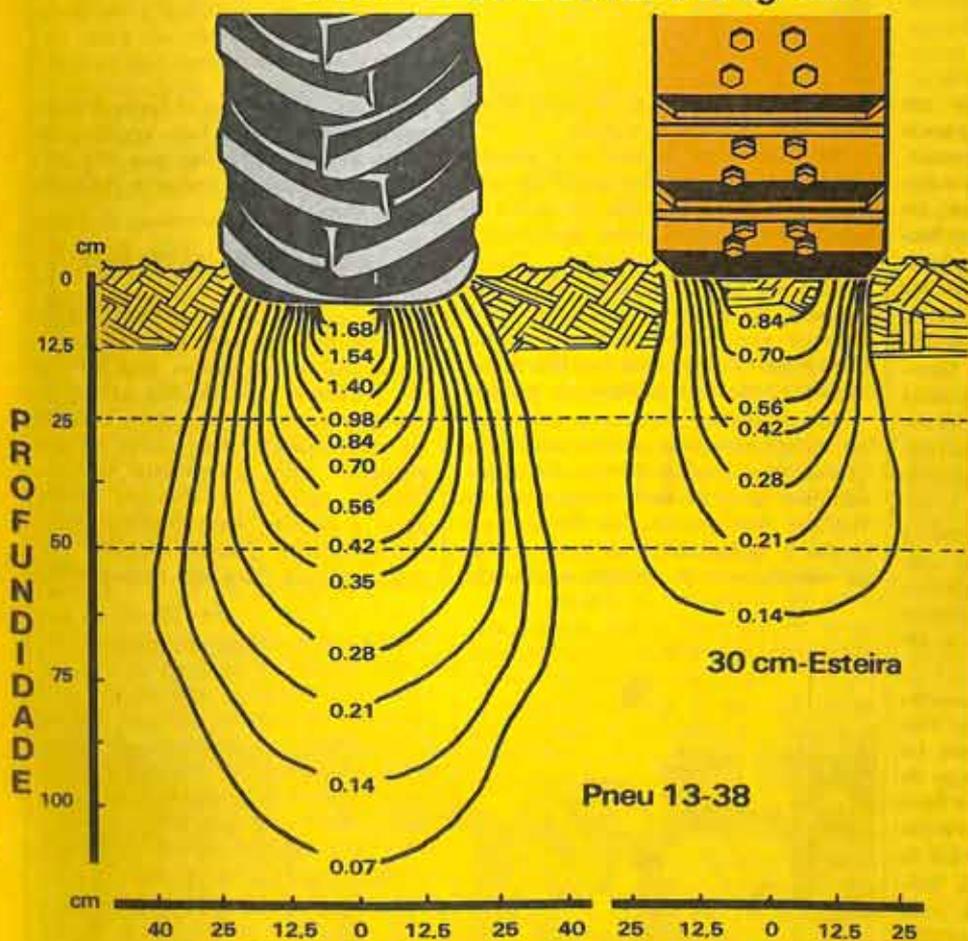
de 1,64 para aquelas matrizes relativamente às de menos 5 litros/dia, em setembro de 1984 passaram a ser, respectivamente, 1,14 e 1,50. Ressalta-se, ainda, que a elevação de preço para matrizes de 5 a 10 litros/dia chegou a ser 352% no período considerado, indicando bom mercado para estes animais, provavelmente relacionado com a oferta de bezerros para o corte.

Não que sejamos contra os criadores de gado leiteiro puro, verdadeiramente uns idealistas e batalhadores, pois sem esses animais não é possível um trabalho tecnicamente bem feito de cruzamento para a fixação do gado mais adequado para o clima tropical. Assim, desejamos chamar a atenção das autoridades competentes da Nova República para, a par da importação de reprodutores e/ou sêmen e matrizes das raças já existentes no Brasil, possibilitar a importação de reprodutores e/ou sêmen e matrizes daquelas raças que se formaram no Exterior, seja na Jamaica, seja na Austrália, países com semelhanças de clima com o Brasil, raças essas resultantes de cruzamento dirigido entre gado europeu e zebuino e que apresentam ótima performance, não somente como atestam técnicos de renome, como também evidenciado pela própria lei da vida, conforme acima exposto.

\* Dirigente Sindical.

# Alguns tratores pisam no solo O D6D SA flutua.

## PRESSÃO VERTICAL NO SOLO SOB PNEUS E ESTEIRAS kg/cm<sup>2</sup>



**Carga Dinâmica 1630 kg/Tração na Barra 680 kg**

A ilustração mostra o resultado da pesquisa realizada pelo National Tillage Machinery Laboratory.

A atividade agrícola é extremamente lucrativa, desde que o solo, onde as diversas culturas irão germinar, esteja devidamente preparado.

A compactação do solo, provocada pelos pneus de tratores e caminhões, é extremamente prejudicial.

O trator de esteiras D6D SA (para aplicação agrícola) distribui o seu peso por uma área de contato com o solo muito maior, o que faz com que a compactação seja muito menor.

E aí, qual a vantagem?

Maior infiltração da água, melhor desenvolvimento das raízes e, conseqüentemente, melhor germinação das culturas.

E claro, menores possibilidades de erosão.

A força de tração do D6D SA, por se movimentar sobre esteiras, permite uma melhor qualidade do serviço, com menor consumo de combustível por hectare preparado.

Uma completa linha de implementos, projetados especificamente para o D6D SA, inclusive uma lâmina agrícola, encontra-se disponível.

Por estas e outras, quem pensa um pouco mais na hora da compra, lucra muito mais na colheita.

Consulte o seu Revendedor Caterpillar.

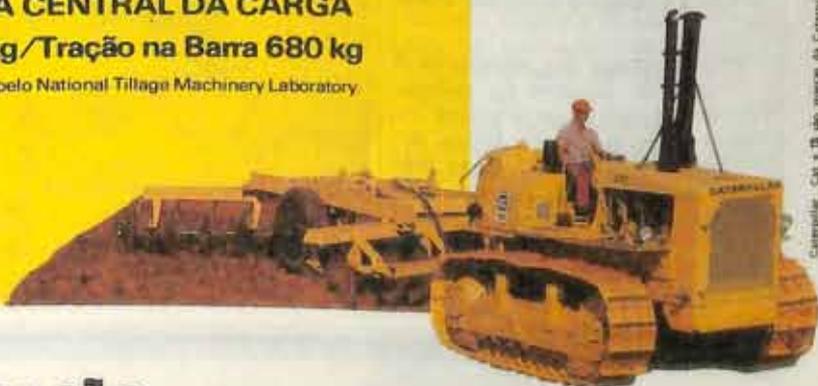
**CATERPILLAR**



**D6D**

APLICAÇÃO ESPECIAL

**A FORÇA DA TRACÇÃO**





## Roçadeira na limpeza das pastagens

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES  
DA SILVEIRA

As roçadeiras constituem-se em um equipamento auxiliar de grande valia para o pecuarista no tratamento das pastagens, uma vez que substitui a foice manual, cansativa, de custo operacional elevado e com baixo rendimento. Este tipo de máquina foi produzido pela primeira vez em 1945, sendo muito usado devido à perfeição do serviço que executa. No mercado existem diversas fábricas produzindo variados modelos dos dois tipos principais: de levante hidráulico e de arrasto, satisfazendo sempre às exigências do usuário.

Para o uso deste equipamento, a superfície do solo deverá ser uniforme, livre de cupins, tocos, pedras ou qualquer saliência, que poderão danificar as máquinas causando sérios prejuízos.

As roçadeiras poderão ser usadas para picar massa vegetativa ou restos de cultura que permanecem na superfície do terreno. Neste tipo de trabalho, as grades funcionam bem desde que os restos de cultura estejam secos e o solo duro; porém as roçadeiras trabalham quer as culturas estejam secas ou verdes, uma vez que não dependem do estado do solo e operam a rotações elevadas.

Outro emprego das roçadeiras é a limpeza de capoeira ou campo, quando infestados por arbustos invasores como amendoim bravo, aranha-gato, leiteiro etc. Estas máquinas podem ser utilizadas também no corte ou limpeza de capineiras de napier, guatemala e outras forrageiras, empregadas no enchimento de silos, como também a cel-

fa de capim jaraguá, rhodes e outros destinados à fenação.

As roçadeiras podem ser usadas também no embelezamento de parques e jardins, através do corte de grama em logradouros públicos e acostamento de rodovias. Outro campo de aplicação diz respeito à limpeza de pista de aviação, hipódromos etc., além da poda de soqueira de cana, o que facilita a sua incorporação por arados ou grades.

As roçadeiras tem como princípio de funcionamento a elevada rotação de seus órgãos ativos, constituídos por um ou dois conjuntos de lâminas horizontais, as facas, que giram à semelhança de uma hélice de helicóptero. A rotação é elevada,

840 rpm, sendo que as facas deverão estar protegidas e bem equilibradas para evitar vibrações que irão prejudicar o tipo de trabalho realizado pelo implemento.

### ROÇADEIRAS ACOPLADAS

São colocadas no sistema hidráulico de levantamento por três pontos do trator e acionadas pela tomada de potência. Os órgãos ativos, as facas, devem ser retráteis, dotadas de contrapesos, fabricadas em aço especial com tratamento térmico. Devem resistir a choques contra paus e pedras, apresentando maior durabilidade. Devem requerer menor potência para seu acionamento.



Roçadeira acoplada na limpeza do pastagem.

significando economia de consumo de combustível.

O eixo das facas recebe o movimento através de uma caixa de engrenagens que deve ser de ferro fundido, hermeticamente fechada e em banho de óleo, com rolamentos cônicos, acionado pela tomada de potência através de três correias em "V". O conjunto deve apresentar ainda um dispositivo de segurança, por meio de um pino fusível acoplado ao eixo cardã do implemento. A movimentação das engrenagens é feita por meio de juntas universais e tubo telescópico do eixo da tomada de potência do trator.

O acionamento pelo eixo de tomada de potência do trator, através de cardã com juntas universais, permite um aproveitamento de até 50% a mais da potência do trator, relativo a máquina de arrasto, representando grande economia de combustível e necessidade de trator de pouca potência.

As roçadeiras acopladas são implementos que fornecem elevado rendimento, produzindo grande quantidade de trabalho em tempo bastante reduzido, uma vez que em apenas uma hora de trabalho limpam de 1 a 1,5 ha, cortando arbustos de até 80 mm.

Normalmente, estas máquinas possuem uma carcaça de chapa de 5 mm, virada nas bordas e com travessas internas de grande resistência. Especialmente projetada e construída para resistir a severidade do contato com o solo e da exposição ao tempo, sem oferecer problemas de avarias ou desgaste, evita que o material picado pelas facas seja lançado para cima, o que pode causar acidentes ao operador.

A altura de corte controlada por patins laterais deslizantes, fabricados em aço resistente a abrasão, propiciam regularidade na altura da vegetação cortada, deixando o hidráulico do trator livre de esforços desnecessários. Quanto à regulagem da altura de corte da vegetação, o sistema de patins substituíveis apresenta vantagens sobre o sistema de roda louca de apoio, cujos rolamentos em pouco tempo se estragam obrigando o operador a carregar o im-

plemento no hidráulico; no caso de soltá-lo no chão haverá desgaste acentuado no chassi da máquina.

Possui duas saias traseiras de proteção, basculantes e independentes, evitando espalhamento da vegetação



Roçadeira deslocável operando ao lado do trator.

triturada e age como proteção contra paus e pedras, absorvendo seu impacto.

Considerando-se o eixo central do trator, as roçadeiras acopladas podem ser centralizadas ou deslocáveis. Estas últimas têm um uso bastante diversificado como: construção de aceiros, limpeza junto a cercas, limpeza próxima a barrancos de estradas, assim como controle de ervas daninhas em culturas perenes, como café, citrus etc.

Para gramíneas de grande porte, como napier, colônio e jaraguá, o ideal é trabalhar com roçadeiras acopladas ao hidráulico, para evitar o corte dos perfilhos que estão se desenvolvendo, numa regulagem média de 40 cm acima do nível do solo. Estes modelos têm a vantagem de permitir a regulagem da altura de corte que se deseja trabalhar, sendo a largura de trabalho uma função do tamanho do trator. Para tratores pequenos varia de 1,00 a 1,20 m enquanto que, para tratores médios e grandes oscila entre 1,30 a 1,80 m sendo um valor ideal de 1,56 m.

#### CUIDADOS NO ACOPLAMENTO

Uma característica desejável nas roçadeiras montadas no hidráulico do trator, é a existência de um rasgo

na torre para acoplamento do terceiro ponto do sistema hidráulico. Isto permite o acompanhamento dos desníveis do terreno, sem forçar a estrutura do implemento, propiciando operação livre de problemas, com uma boa ação de pivotamento nos três pontos.

Sendo as roçadeiras acopladas acionadas pela tomada de potência do trator exigem cuidados especiais quanto ao acionamento. A ligação entre o eixo entalhado da tomada de potência e a caixa de engrenagem da roçadeira é feita por meio de um eixo cardã telescópico dotado de duas juntas universais, constituídas de dois garfos e uma cruzeta. Esta disposição permite que haja um desalinhamento do eixo, sem afetar a transmissão do movimento. Tal desalinhamento é medido pelo ângulo entre os eixos das cruzetas, que não deve ultrapassar 30°.



Para um bom desempenho o acoplamento da roçadeira deve ser correto.

Outro detalhe diz respeito à montagem do eixo intermediário telescópico. Nesta operação observar que os garfos das cruzetas não sejam colocados em planos diferentes. O desalinhamento dos garfos aliados a uma grande angulação entre os eixos dão origem a vibrações que afetam os rolamentos da tomada de força e a caixa de engrenagem da roçadeira.

Muitas vezes, vazamento de óleo na tomada de potência de tratores é o resultado de acoplamento mal feito do eixo cardã em roçadeiras e outros implementos, pois, na maioria das vezes, o tratorista desconhece este detalhe, muito importante na conservação das máquinas.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO  
CAVALO MANGALARGA MARCHADOR

## Associação tem nova diretoria

A nova diretoria da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador eleita e empossada no último dia 25, para o triênio 85/88, ficou assim constituída: Conselho Superior - Antônio Carlos Lapa Berenguer, Francisco Monteiro Guimarães, Hélio Bello Cavalcanti, João Alberto Franco, Paulo Joaquim de Barros Guimarães, Roberto Fernando Duarte, Sérgio Franklin Quintela, Vallécio Chieppe. Fazem ainda parte do Conselho, na qualidade de membros natos os ex-presidentes e vice-presidentes da Associação, José Bolívar Drumond, Lúcio Pentagna Guimarães, Márcio Andrade, Aloysio de Andrade Faria, João Carlos Penna Araújo Moreira, José Resende Ribeiro de Oliveira, José Lúcio Rezende, Affonso Mendonça Uchoa Filho, José Walter Tavares de Resende, Djalma de Miranda Batista, Sílvio Lúcio de Araújo e Hugo Vero Mendes de Carvalho.

A diretoria ficou composta por Aristides Mário Rache Ferreira, presi-

dente; Sérgio Vicente de Araújo, vice-presidente; José Ronald Rabello, 1º secretário; Rogério Sandy Reis, 2º secretário; Oswaldo Eustáquio de Queiroz, 1º tesoureiro; Paulo Donnabella, 2º tesoureiro; Geraldo Gomes de Sant'Anna, diretor social.

Os membros efetivos do Conselho Deliberativo são Caio Manso Franco de Carvalho, Francisco Ormeu de Andrade, José Márcio de Carvalho Leite, Lindemberg Viana Rodrigues, Márcio Andrade, Raul Junqueira de Araújo. Os suplentes: Adeodato dos Reis Meirelles Filho, Donald Wilfred Strang, Francisco Ferreira Alves Júnior, João Carlos Penna Araújo Moreira, José Alfredo Reis II e José dos Reis Meirelles Filho. Alberto Jorge Albuquerque Fontan, Jaime Maciel Fernandes, Leonino Di Ramos Caiado, são os membros efetivos do Conselho Fiscal; Adão Cláudio da Silveira, Milton Sobral de Vasconcelos e Zenilton Alves Sucupira, os suplentes.

Sede Nacional:

Rua Goitacases, 14 - 13º andar  
30.000 - Belo Horizonte - MG  
Tel.: (031) 222-8833 - PABX

### LIVRO

A Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador elaborou um livro contendo o novo Estatuto da entidade e os regulamentos do Registro Genealógico e do Concurso de Marcha. A publicação é da maior utilidade e já foi encaminhada a todos os associados.

### REGULAMENTO

O Conselho Deliberativo da Associação também elaborou e aprovou o Regulamento de Provas Funcionais para o Cavalo Mangalarga Marchador, que será impresso e encaminhado aos associados.

### SEGURO DE VIDA

A Companhia Bemge foi escolhida pela Associação para a assinatura de uma apólice de seguro de vida em grupo para animais da raça Mangalarga Marchador. A tabela prevê condições especialíssimas para os interessados sendo que o custo do prêmio é de apenas 40% do cobrado normalmente. Consulte a Associação.

# Ou você dá ou você mata o seu lucro.

A subnutrição ataca o rebanho de forma lenta e gradual. Até que um dia ela liquida com o seu lucro.

A causa você já sabe: as pastagens estão carentes de quase todos os nutrientes básicos. E só um suplemento mineral cientificamente balanceado pode compensar essa deficiência.

Sal Mineral Purina oferece a dose certa de macro e microelementos vitais para garantir: **reprodução de alto nível, maior ganho de peso, mais produtividade e menor tempo para o abate.**

É um produto testado e aprovado para a sua



pastagem, com uma fórmula ideal para resolver cada problema. Quem garante é a maior experiência mundial em nutrição animal. Dê Sal Mineral Purina. Com ele o seu lucro cresce e se multiplica.

Consulte o seu Revendedor Purina ou entre em contato diretamente com o nosso escritório central.



Purina  
Alimentos Ltda.

Av. Nações Unidas, 13.797  
Bloco III - 18º andar - Morumbi  
Tel.: (PABX) 531-7755  
CEP 04794 - São Paulo - SP

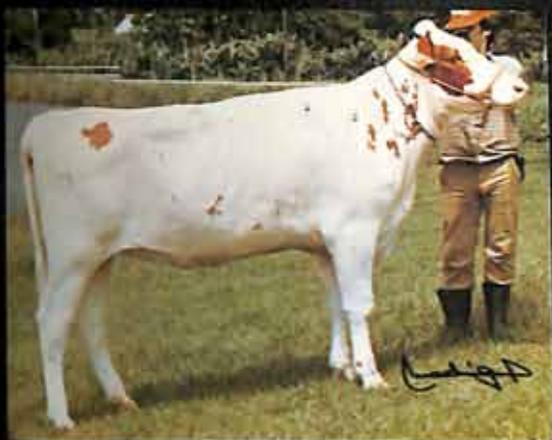
FIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO



FIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO CORONA PREFIXO



*Fazenda São Judas Tadeu do Chapadão*



### Melhor Expositor - Expande - 84

CRIAÇÃO: Holandês vermelho e branco  
Holandês preto e branco  
Pardo Suíço

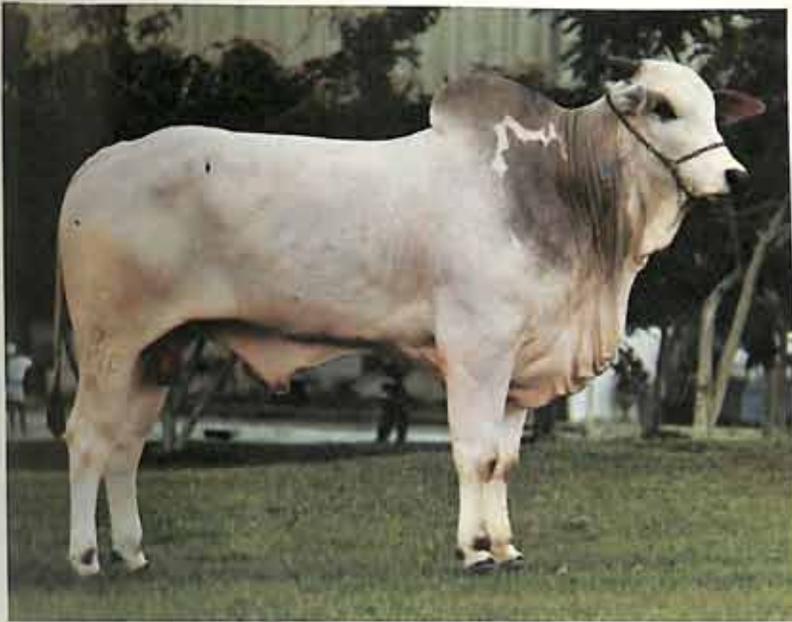
# 5.<sup>a</sup> VEZ CONSECUTIVA

# WR

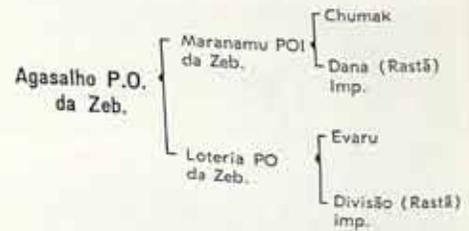
**Maior n.º de pontos da raça  
Indubrasil (475 pontos)  
- Uberaba 1985**

TRÁGICA — Campeã Vaca Adulta e Grande Campeã  
BADIANA — Res. Campeã Novilha Maior e Res. Grande Campeã  
CALAMITA — Res. Campeã Novilha Menor  
CAIPORA — Campeã Bezerra  
CANGOTE — Campeã

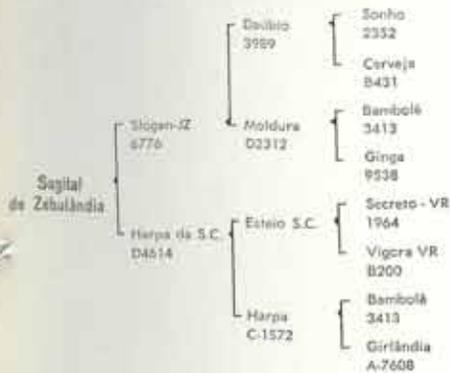
Caixa Postal, 163 - Fone: (0186) 23-8943 - Araçatuba - SP



Agasalho foi Reservado Grande Campeão -  
Expo - Goiânia - GO 85



Sagital maior número de pontos na Expo - Goiânia - 85



SÊMEM À VENDA NA CENTRAL VR

Caixa Postal, 163 Fone: (0186) 23-8943 Araçatuba . SP

FA



LEO



**FAZENDA BOQUEIRÃO**

Mun. de Palmeiras - GO.

Props.: **Hamilton de Barros Veloso**  
**Leonardo Spenciere**

Rua 24 — N.º 296 — Centro  
Goiânia — GO.

Fones: (062) 223-2375  
224-6718

**Eggan da Sabiá**  
Reg. B-387

**Chakkar**

Reg. 4345

**Lacônia**

Reg. AC-9243



2.º Prêmio — Goiânia/85

**Eldorado do Boqueirão**  
Reg. 2431

**Colorado da Loanda**  
Reg. H. 3593

**Dourada do Boqueirão**  
Reg. H-9983



1.º Prêmio — Goiânia/85

**Brauna**  
Reg. BM-7828

**Inter da RV**  
Reg. A-6969

**Rainha do Boqueirão**  
Reg. AN-2214

**SELEÇÃO NELORE - VENDA PERMANENTE DE PRODUTOS**

## 2.º Leilão União das Marcas

### Gado pesado, bem caracterizado e com bom preço

Realizou-se a 15 do corrente, no Parque da Água Branca, em São Paulo, o 2.º Leilão União das Marcas, que este ano reuniu como ofertantes de produtos Nelore P.O. e P.O.I., e eqüinos da raça árabe e quarto de milha, a Fazenda Indiana Ltda., a Cia. Agrícola Luiz Zillo & Sobrinhos, a Fazenda Morro Vermelho Ltda. e o criador Newton Camargo Araújo — Presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

Ao todo foram oferecidos 80 reprodutores P.O. e P.O.I., da raça Nelore e 10 eqüinos, estes últimos por conta da Fazenda Morro Vermelho e Cia. Agrícola Luiz Zillo & Sobrinhos.

Os negócios realizados foram considerados satisfatórios pelos participantes do leilão, principalmente considerando-se a precária situação do mercado.

Notou-se no Parque da Água Branca a presença de criadores de vários estados, bem como nomes consagrados da zebuicultura nacional, como Rubico Carvalho, José Carlos Prata Cunha, Werner Jost, Cláudio Sabino Carvalho, José Luiz Niemeyer dos Santos, Jairo Andrade e muitos outros.

Do Rio de Janeiro, estiveram presentes vários criadores de renome, da raça Nelore, muitos dos quais adquiriram produtos da Fazenda Indiana, de propriedade do criador Paulo Ernesto Menezes. Aliás, as fêmeas P.O.I. do criatório da Fazenda Indiana, foram um dos destaques do leilão, alcançando boas cotações. Estas fêmeas, em sua maioria, faziam-se acompanhar por bezerras de excelentes cargas genéticas.

Assim, a reprodutora da Fazenda Indiana, de nome Bacah P.O.I. da Indiana alcançou o preço recorde do leilão de Cr\$ 40.000.000. Outra fêmea P.O.I., também de excelente caracterização, de propriedade da Fazenda Indiana de nome Barcaja P.O.I. atingiu a cotação de Cr\$ 35.000.000. Estes dois animais foram arrematados por Ruth Esteves Peixoto, do Estado do Rio de Janeiro.

Os produtos Nelore P.O. e P.O.I. de propriedade do criador Newton Camargo Araújo, bem como os animais da Fazenda Morro Vermelho, também alcançaram bons preços, resultado de suas excelentes linhagens e caracterização.

Sobre estes animais, o criador de Nelore, José Niemeyer dos Santos, disse: — "Não fosse a atual situação irregular do mercado da carne, que de toda forma inibe o comprador, eu não tenho dúvidas em afirmar que as cotações que aqui se aferiram seriam bastante superiores. No entanto, eu considero o leilão muito bom. Em relação ao primeiro, realizado no ano passado, o gado se apresentou melhor e, como disse, só não alcançou melhores preços em razão de um comportamento conjuntural do próprio mercado".

Para Jairo Andrade, criador em Goiânia, os resultados aferidos por este segundo Leilão União de Marcas, foram bastante satisfatórios. Ele também citou o atual comportamento do mercado de carne, como fator de inibição de melhores preços, e acrescentou que o criador vive hoje, um clima de apreensão com as notícias sobre o Plano Nacional de Reforma Agrária, e o próprio desencontro sobre as informações da política monetarista do governo.

#### — GADO PESADO E BEM CARACTERIZADO

A Cia. Agrícola Luiz Zillo & Sobrinhos, outra empresa participante do leilão, também obteve resultados expressivos. Ao ofertar animais Nelores de ótima caracterização e todos eles bastante pesados, a Luiz Zillo, voltou a obter, qual no ano anterior, excelentes cotações para seus produtos.

A maior parte dos produtos oferecidos pela Fazenda Santo Antonio do Rio Claro, eram filhos do extraordinário raçador Varedo P.O.I. da Indiana, um dos touros mais pesados do país, com seus 1.240 quilos.

Para Hrydimilson Barreto, médico veterinário, responsável pelo plantel da Cia. Agrícola, os filhos de Varedo, apresentam excelente conformação e, todos eles recebem a tendência de ganho de peso, verificada no pai.

Sobre os resultados do Leilão União de Marcas, Hrydimilson Barreto, disse estar satisfeito ante o momento difícil porque passa a pecuária bovina no Brasil. — "Na média nossos produtos atingiram boas cotações. Diria até que, se não conseguimos o que nos propusemos, chegamos bem perto deste. A média de preços de nossas fêmeas P.O.I. foi boa, e alguns machos poderiam ter alcançado preços superiores. No entanto, no geral, podemos afirmar que o leilão, de nossa parte, correspondeu as expectativas e que ficamos satisfeitos com os índices obtidos".

Para Hrydimilson, a Cia. Agrícola Luiz Zillo & Sobrinhos, vem investindo num trabalho sério de melhoria de seu plantel Nelore — "Sabemos que não se faz um bom gado da noite para o dia e, por isso, estamos usando sangue de bons reprodutores, alguns de nosso próprio criatório, e outros de consagrados plantéis nacionais.

Ademais, só trabalhamos com matrizes de altas linhagens, o que facilita, sobremaneira, o processo de seleção. Com isso esperamos a médio prazo, formar um gado de excelente caracterização e pesado. E pelos resultados que vimos obtendo, estamos certos que este ideal está bem próximo de ser alcançado".



2º  
União



FIRMA-SE





lão  
Marcas



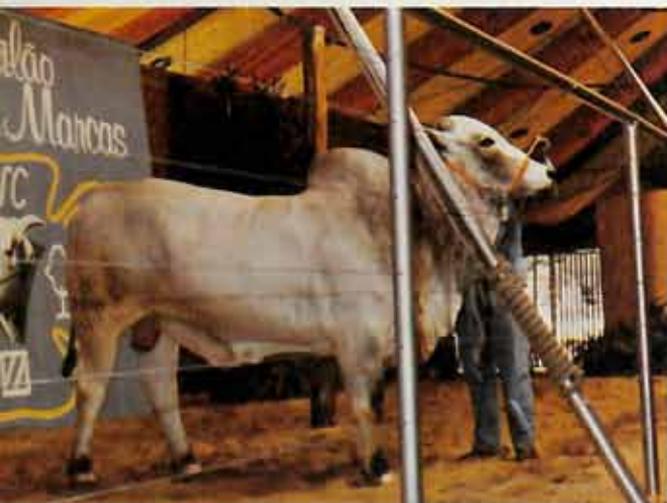
SÃO PAULO





## Cia Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos

Mais uma vez obteve sucesso no  
**2.º LEILÃO UNIÃO DAS MARCAS**, realizado no dia 15  
de junho, no Parque da Água Branca



Filhos de VAREDO, novamente se destacam no 2.º LEILÃO UNIÃO DAS MARCAS

	Nossa média em Cr\$ 1984	Nossa média em Cr\$ 1985
Machos Nelore POI	11.250.000	15.000.000
Fêmeas Nelore POI	7.500.000	22.800.000
Machos Nelore PO	2.183.000	6.733.333
Fêmeas Nelore PO	2.442.000	6.000.000
Machos QM PO	2.333.000	6.666.666
Fêmeas QM PO	5.125.000	28.750.000
Média geral	3.324.324	10.000.000

A CIA Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos  
agradece a todos os participantes do 2.º LEILÃO UNIÃO DAS MARCAS

**Fazenda Santo Antonio do Rio Claro**

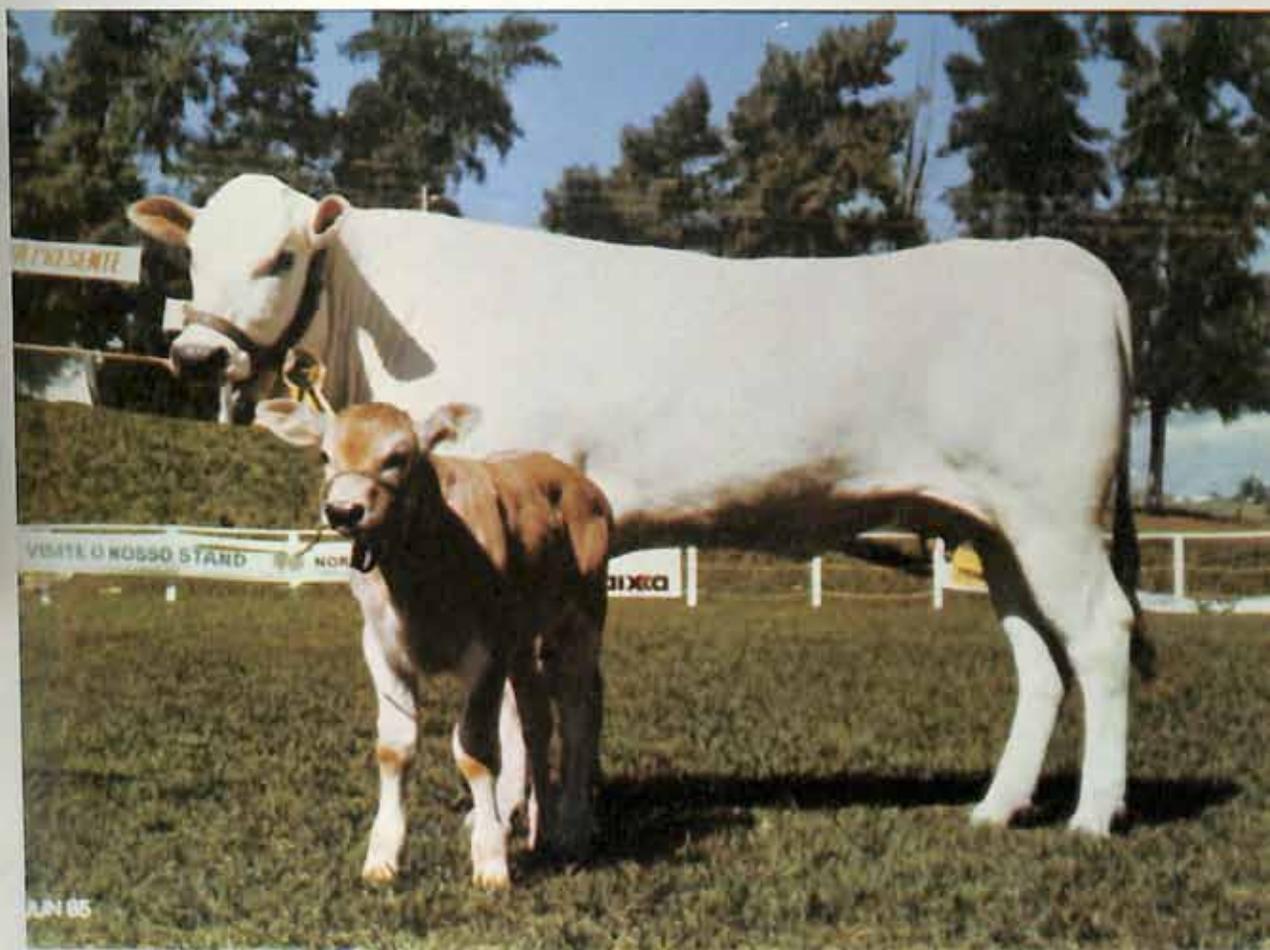
Lençóis Paulista - SP

Fone: (0142) 63-0903



## FAZENDAS REUNIDAS ALFREDO ELLIS

Rodovia Raposo Tavares - km 623  
Cx. Postal nº 65 - Fone: (0182) 71-2384 - CEP 19400  
PRESIDENTE VENCESLAU - SP



**IGARA DA LIQUIFARM - Reg 3001**

Pai: Geocêntrico - Reg 0652

Mãe: Elizabetta da Liquifarm - Reg 1896

**Grande Campeã da Raça Chianina**

**XIX FAPI - Ourinhos - 1985**

# O Sal da Vida e da Saúde e da Fartura.

Rigorosamente formulado para suprir às reais necessidades da criação animal, segundo largo e profundo conhecimento da matéria - adquirido e experimentado no Brasil - o Sal Mineralizado ABC é o que há de mais completo e de mais atual.

Pela simples razão de que cavalo não dá leite, boi não serve para ser montado e vaca não puxa e nem ganha corridas, temos uma fórmula para cada espécie, respeitando o que a natureza de cada um requisita em macro e micronutrientes para viver, ter saúde, produzir e reproduzir.

O ideal seria os animais obterem tudo diretamente dos alimentos naturais que ingerem. Mas como nenhum alimento é completo o Sal Mineralizado ABC é o fator compensador insubstituível para manter o seu rebanho sempre forte, vistoso, produtivo.

Experimente e compare a eficiência do Sal Mineralizado ABC - especialmente recomendado para quem já cansou de experiências.

Fórmula da Associação Brasileira de Criadores, elaborada pelo Prof. João Soares da Veiga.

A ABC não tem finalidade lucrativa: existe para servir.

Sal Mineralizado ABC para Leite - Engorda - Equínos.

## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 674 - fone: 826-3033 - Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas.

S.J. BOA VISTA: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3716.  
RIO DE JANEIRO: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377.



# Mangalarga

## Alô Amigos

Sinceramente, sem falsa modéstia, estou satisfeito com a nova fase de minha secção, que enfatiza o cavalo Mangalarga com absoluta exclusividade.

Talvez as cores, o papel couchê, a diagramação mais moderna tenham dado a mim humilde autor desta trincheira mangalarguista, a alegria de vê-la assim, quase que totalmente modificada. Pode até parecer cabotinismo. Mas, não é (sem alusão aquele anúncio da TV). É sinceridade mesmo.

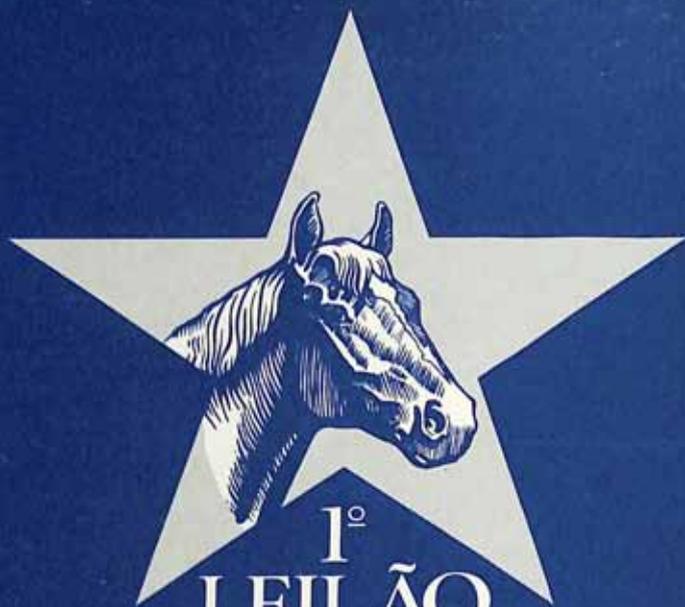
Pura, cristalina. Bem ou mal feita, estou gostando. Todo o apoio solicitado à Direção da Editora e principalmente de todos vocês, meus amigos criadores, me foi e está sendo dado. Estou vivendo um clima de intenso entusiasmo.

Oxalá ele continue, pois assim estarei, pelo menos penso, dando um melhor e maior quinhão às nossas hostes.

Muito obrigado.

Abracos

L. Noronha



1º  
**LEILÃO  
ESTRELAS DO  
MANGALARGA**

**Filhos de Turbante JO desfilam no Maksoud Plaza**

Pela primeira vez 11 filhos de Turbante JO — Reprodutor do ano de 1984, outorgado pela ABCCRM — irão à leilão, destacando-se Figurino JO por Baioneta e Bugrinha JO, esta de propriedade de José Oswaldo Junqueira e ainda 41 animais, entre eles, Jarra AJ, bicampeã nacional e Canção da Rima, reservada campeã nacional (Estádio JO x Lua da Nata).

“Será sorteado entre os compradores uma cobertura de Turbante JO”.

**Criadores:**

João Carlos Matta  
Paulo e Nelson Toscani  
Jaffer Felício Jorge

**E seus convidados:**

José Oswaldo Junqueira  
Gustavo Abel de Lemos Vieira  
Alfredo Gonçalves

**15 de agosto - 20 horas**

**Condições de pagamento: 6 parcelas sem juros.**

Faça sua reserva na Programa pelo telefone (011) 262-8377



**MAKSOUZ PLAZA**  
SÃO PAULO



# Mangalarga ...ndo brasa



FULIÃO A.J. Fazenda Retalho de Eduardo e Otavio Junqueira  
Motta Luiz — Orlândia - SP.

• Como eu havia vaticinado (Bidu, não?) o Leilão de Olinto Marques de Paulo e seus convidados, ou III Leilão Marjan Tibagi, como queiram, foi um sucesso absoluto.

• As dependências do Pálacio (Moema) estiveram inteiramente tomadas por compradores e aficionados da raça, que assim, mais uma vez demonstraram a força extraordinária que o Mangalarga possui, arrastando multidões e proporcionando bons negócios àqueles que nele, Mangalarga, estão integrados.

• A média foi alta, superan-



Olinto Marques  
de Paulo

do, com correção e tudo a do ano passado.

• Ao Olinto, José Oliveira Prado, Zé Homem de Mello e Marcelo Malzone os parabéns de "Mangalargando".

• Em 28 de maio o Tattersall do Jockey Clube de São Paulo foi palco de mais uma concentração de criadores da raça. É que nessa memorável noite, Fausto, Agenor e Rodrigo Simões realizaram o 1.º Leilão F.S. com a participação dos convidados: Alípio Pereira Marques de Oliveira, Antonio P.B. Costa, Clodoaldo Antonangelo, Gabriel Pentado de Moraes, Geraldo Santos Castro F.º, Jaime João G. Tavares, João E. Haudenschild, Nilson Antunes de Souza, Raimundo Nonato R. Diniz, Felipe de Paula S.A. Lacerda F.º, Luiz A.M. Fleury e Stefano Cesari.

• Um verdadeiro espetáculo de raça e beleza com a complementação brilhante do enorme e elegante público presente que arrematou alto de acordo com a alta categoria dos produtos.

• Mais uma vez quero e devo frizar que esta secção ape-

nas notícia, porém sem pormenores. Desde o início manteve este estilo, este ritmo, pois assim acho que não estarei ferindo melindres, destacando um fato e esquecendo outros às vezes até mais importante.

• Mas vai tudo bem, de vento em popa. Os nossos criadores são maravilhosos, os leilões por eles projetados sempre se superam e isso é muito bom, porque acredito, não há barreiras que nos resistam. Falei e carimbei.

• Dia 16 de junho marcou o aniversário natalício de Orpheu José da Costa, um dos bons criadores da raça e também um dos principais responsáveis pela sensacional ascensão do nosso cavalo nos últimos anos.

• Nelson Franco Spielmann e Sra. homenagearam Orpheu e Família, com um jantar em sua linda mansão e dele participaram alguns casais mais chegados ao Nelson e principalmente ao famoso proprietário do Haras Império, Orpheu.

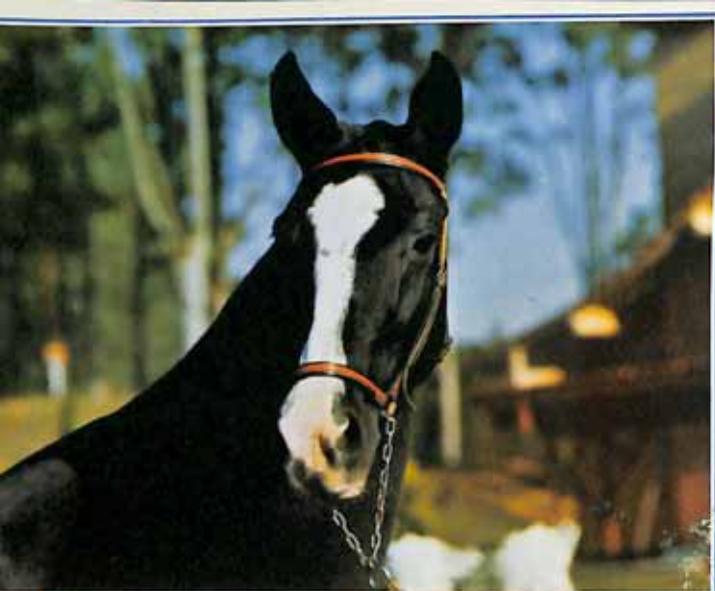
• Nesta edição, fotos do elegante evento, no qual compareceram as pessoas que foram cumprimentar Orpheu, na bellissima casa dos Spielmann, na rua Orobó.

• Nelson, Cláudia, os filhos Phelipe e Luciana logo após a "chic" reunião, deverão seguir para a Europa onde permanecerão um mês em gozo de merecido descanso.

• Olympio Milani, Haras Jaci, Jaci, São Paulo, deu uma debastada em sua majestosa tropa, cedendo 20 fêmeas de sua melhor cabeceira aos criadores amigos Luiz Andrade e Luizinho, dono do Haras Piratinga em Pitangueiras e do notável reprodutor Tucumã J.O. (Turbante J.O. e Cum-



Olympio Milani



## RARIDADE

(POR ADORNO JO)

Coberta por Cisne RB



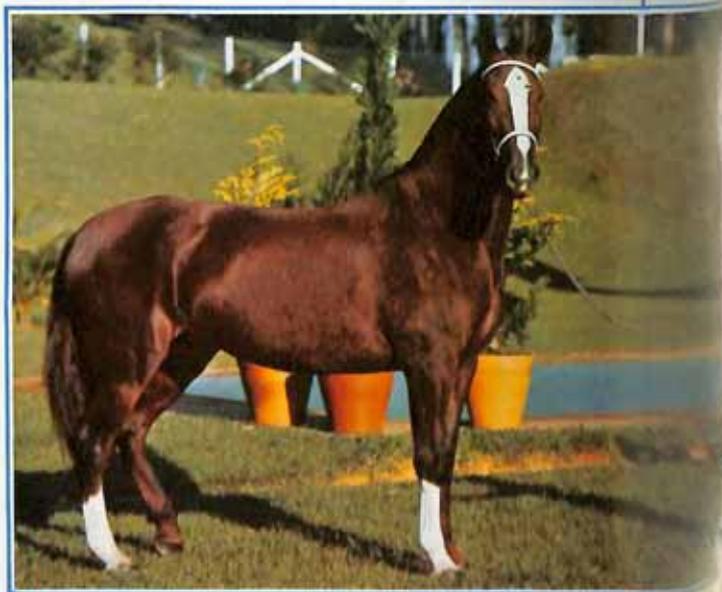
## JANGADA

(POR CISNE RB)

Coberta por Charmoso Jo



Para se criar qualquer ser vivo, é preciso mais do que tudo muito amor. Pois a história imortaliza aqueles que realmente por amor, com grande dedicação e absoluta seriedade, conseguiram produzir animais que foram reconhecidos nacionalmente.



PROPRIETÁRIO: ARIEL CARDOSO GAIOLLI  
RODOVIA PRESIDENTE DUTRA KM 212  
GUARULHOS — SP FONE: (011) 220-1266

parcita J.O.) e aos Irmãos Codogno, aqueles mesmos sim senhores que têm o emérito raçador Dárdano O.J.C. e uma tropa que progride muito, mas muito mesmo.

- Luizinho ficou com dez (10) e os Codogno com dez (10).

- Destaco Leda, Madali, Joana, Yayá, entre outras que ficaram com o Luizinho e Imperatriz, Jandaia, Esfera e outras portentosas "cobras" que agora habitam o Haras Monte Geresin dos "Gordos" mais simpáticos do Pedaco, de Araçoiaba da Serra, São Paulo, pertinho de Sorocaba, "às ordens".

- Agora vamos aguardar com a mais viva expectativa os cruzamentos dessas "feras" de Olympio com os J.O. e O.J.C. aqui, em baixo do Estado.

- Estou convidado e vou se Deus quiser, conhecer a tropa do meu velho-novo amigo Ariel C. Gaiolli, Haras Arco Verde, Guarulhos.

- Ariel tem 90 alqueires, pode-se dizer dentro de S. Paulo, o que equivale dizer que o preço de sua propriedade é estabelecida em metros, notem bem, em metros, repito e não alqueires.

- Mas o que vale mais é a dedicação que o Ariel tem pelo seu plantel, um carinho que deixa a gente estupefato. Vou lá, sim. Estou ansioso.

- Luiz Eduardo Batalha que adquiriu algumas matrizes do Duca, quando da extinção da tropa, está feliz da vida. O Batalha não vende mas teve pela Natacha (Cocar J.O. e Bengala) uma oferta que ninguém recusaria.

- Mas o Batalha recusou e o ofertante, ainda está "bata-lhando" pois quer de qualquer maneira a ex Polé, ex Duca e atual Batalha.

- E não se esqueçam do grande Leilão de Barra Bonita em 3 de Agosto. Será que vai quebrar o recorde do ano passado? Duvido. Duvido, sim, mas não teimo nem aposto. O Batalha, o Roberto e o futuro presidente, Tatinho, estão trabalhando para isso e acho que vão superar tranquilamente o sucesso de 1984.

- Recebi com alegria a notícia do nascimento de Claudio Nastromagário Neto. Claudinho que tem o nome de seu risonho e simpático avô paterno, Claudio, é neto, também

# 20



GELANOR OJC  
Recorde de Preço da Raça no 1.º Mangalarga da Estância

# MANGALARGA DA ESTANCIA

Sábado, 3 de agosto de 1985

# O ENCONTRO MAIOR DOS MANGALARGUISTAS

Programação especial: 2, 3 e 4 de agosto



CONFORTÁVEL  
PARA OS CRIADORES  
APROPRIADO  
PARA OS ANIMAIS

Djalma B. de Lima  
Organização de vendas  
Rua Netrukka, 423 - São Paulo  
Tel.: (011) 543-3300 - Cep: 04680



**DIVIDIDA J.O.**

Por **TURBANTE J.O.** e **DIVISÃO DA SÃO JOAQUIM.**

Observem a beleza e postura desta poldra crioula de José Oswaldo Junqueira

**FAZENDA**  **PULLMAN**

**REFLORESTADORA BRASILIENSE S/A**

TEL.: 484-3004 — ATIBAIA

**ATIBAIA - SP**

TEL.: 247-5055 — SÃO PAULO

**Manoel Corrêa de Souza Netto**

# Mangalarga ...ndo brasa

do casal Comendador Chico de Lucia pelo lado materno. Ao Claudio Filho e Ana Rita, os felizes papais, o beijão afeiçoados do "amigo da casa", Noronha.

• Julinho Maionchi ligou-me de Monte Aprazível e contou-me estourando de felicidade (Percebi) que as produções de seu garanhão Heliaco (Gigante J.O.) têm sido acima do que ele, Julinho, esperava. Estou combinando com o Luizinho Andrade (Tucumã J.O.) uma visita ao nosso bom Julinho, breve, breve, se Deus quiser.



Luiz Alberto Silva Falcão

• Pelo telefone, pediu-me o Luiz Alberto Falcão, presidente do Núcleo Baiano de Mangalarga que noticiasse o que vai pela raça lá na "Boa Terra". É claro, meu querido Beto que farei isso com a maior satisfação pois além de ser a Bahia um ótimo centro criatório possui vocês que criam e que eu considero sinceramente como meus irmãos. Falta-me, porém, e eu disse isso ao Beto, alguém que me envie o noticiário.

• O meu amigo Fred Edelweiss prometeu-me e eu estou aguardando.

• Talvez abra até uma seção dedicada a eles e já tenho até nome aqui na "cuca":



Paulo Toscani



Frederico Edelweiss, Dr.

## "NO TABOLEIRO DOS BAIANOS". Que tal?

• Muita gente sentiu a ausência de Orpheu nos Leilões de Badih Aidar e Olinto Marques de Paulo, ambos realizados no Palace.

• Falando com o dono de já afamado Grino O.J.C., Orpheu disse-me: "Desentendi-me com os proprietários daquele centro de espetáculos e eventos. Faltaram com a palavra e eu não os considero gente séria. Jamais pisarei no Palace enquanto os proprietários forem os mesmos, ou seja, um grupo de gente que deixei de acreditar desde a realização do meu Leilão de árabes que deveria lá se realizar e acabou, para minha maior felicidade no tradicional Parque da Água Branca e se constituiu, todo mundo testemunhou, num dos maiores de todos os tempos, até então."

• "Há males que vêm para bem e esse foi um deles. São Paulo é muito grande e pode abrigar leilões até melhores que o meu em locais, talvez até mais adequados, como por exemplo o Anhembi, Jockey, Água Branca, Água Funda e outros tantos que no momento me fogem à memória".

• Aproveite até esta oportunidade para parabenizar os



Jaffer F. Jorge, Dr.

meus queridos amigos Dr. Geraldo D. Junqueira, Roberto D. Junqueira, Maninho, enfim todo aquele pessoal maravilhoso de Orlandia que realiza o tradicional "Mangalargão" e que neste ano abriram um novo caminho para grandes outros sucessos que é o Parque do Anhembi, sem passar pelas barbas dos poderosos donos do Palace, ou melhor Palace."

• E o Leilão de Estrelas será mesmo, está definitivamente marcada, para o dia 15 de Agosto no Macksoud Plaza.

• Paulinho Toscani, Dr. Jaffer e João Carlos Matta estão trabalhando 25 horas por dia. Outro sucesso à vista.

• O Dr. Clodoaldo Antonangelo, o nosso bom Tatinho, está mesmo confirmado como candidato à Presidência da A.B.C.C.R.M. Trata-se, sempre é bom repetir, de um candidato de magnífica retidão. Um criador-empresário ou empresário-criador, Tatinho que foi Prefeito (Eleito) de Barra Bonita em duas oportunidades deu mostras de sua alta capacidade e inteligência transformando a hospitaleira Barra num dos mais encantadores centros de turismo do Brasil.

• Se eleito tenham certeza, o Dr. Clodoaldo Antonangelo dará continuidade à magnífica gestão do Dr. Felipe Lacerda.

• Fala-se agora em um outro candidato, um moço também, realmente sóbrio, inteligente e com boas perspectivas de bem dirigir. Ivan Antonio Aidar, presidente do Conselho da nossa Associação e sobrinho do meu querido Badih Aidar, é o homem.

• Como vêm, o Mangalarga estará bem servido com qualquer um destes nomes.



João Carlos Matta

**25**

Domingo

# X LEILÃO DA NATA

**AGOSTO**

1985

**Parque da Água Branca**

BA



ELMO J.O.

**BADIH AIDAR  
FAZENDA DA NATA**

Severinia - SP

Fone: 226

# Mangalarga ...ndo brasa



JANELA DA MANQUEIRA

Lembrete A.J. / Urucum J.O.  
Herança do Carelu / Enigma

Prop.: Dr. Roberto H. Gusmão



## MARCHA TROTADA



• Empresário mangalarguista, veio, ganhou muito dinheiro, vendeu e está voltando à Fazenda.

• Será que voltará a criar? Quem é ele?

• Luxo do JEK (Elmo J.O. e Foguinha) de Nelson F. Spielmann está sendo arrendado por um grupo de criadores.

• Se confirmado, será, atente, um dos mais vultosos negócios da raça.

• O Luxo é "ótimo"... e vale de fato muita grana. Próximo mês conto tudo.

• Arnaldo Cesar Coelho declarou: "Vou criar cavalos. E Mangalarga, é claro, o melhor".

• Elto Sacco todo sorriso: "Leme R.S. foi uma das melhores coisas que aconteceu em minha vida".



William Carlo  
Giglio Mira

• Maestro do JEK e Fugaça da Nova Prata já contam com mais de meia centena de coberturas acertadas. Cada um deles...

• Luiz Aparecido de Andra-

de, Haras Piratinga recebeu a Comenda de grande Industrial.

• Fui à solenidade com minha esposa cumprimentar um dos mais novos Comendadores do País.

• Uma festa lindíssima!

• William G. Mira, o "Rei da Simpatia" também estava lá na Baiúca com sua senhora D. Diva.

• O criador de Mangalarga Roberto Gusmão tem sido o melhor e mais atuante Ministro da Nova República.

• Fico contente, Roberto é inteligente, E gente fina. E bom amigo.

• Gustavo Abel Lemos Vieira já voltou do Japão, feliz da vida — "A viagem foi um colosso em todos os sentidos", enfatizou o brilhante criador.



LUXO  
ELMO JO  
FOGUINHA  
3 LAGOS  
ELSON FRANCO SPIELMANN

# Mangalarga ...ndo brasa

## A FALA DO CRIADOR



**Luiz Eduardo  
Batalha (Dr.)**

**Nome do Criador:** Luiz Eduardo Batalha (Dr.).

**Haras:** Fazenda Chalet Victoriana.

**Local:** Botucatu — Estado de São Paulo.

**Quando iniciou a criação?:** Sou sócio desde 1972 da A.B.C.C.R.M. mas estou criando mesmo somente há 2 anos.

**Quantas matrizes possui? —** 25, o que aliás julgo ser um bom número, mesmo para quem cria já há mais tempo.

**Cite, por favor, algumas delas de sua preferência:** Pois não. Natacha da Polé, filha de Cocar J.O. e com prenhez de Elmo J.O., Harpista de Jaci, também com futuro produto de Elmo J.O., Jussara do Chalet, já minha crioula, coberta por Desfile do J.O.P., Olga Procó prenha de Mandarim da Nata, Poltrona da Nata que também vai criar de Elmo J.O. e Colina Z.O. cheia de Balé J.O.

**Poderia citar-me 3 (três) reprodutores que você tem maior admiração?** Sim. Turbante J.O., Elmo J.O. e Luxo do JEK, filho de Elmo J.O. que repito, um futuro extraordinário raçador baseado nas suas primeiras produções.

**Dois criadores (novos) que você vislumbra bom futuro, pelo que tem feito até aqui:** José Fernando Boucinhas, Haras Entre Rios e Rubens Anauate, criador de muito ca-

pricho e que certamente irá vencer.

**Sua tropa, Dr. Batalha, está entregue (excluindo você, evidente) aos cuidados de quem?** Meu veterinário é o jovem Dr. Luiz Antonio Branco, magnífico sob todos os aspectos e o responsável direto pelo plantel no seu dia a dia é o meu eficiente colaborador João Francisco de Jesus.

**Sobre o Dr. Felipe de Paula C. de A. Lacerda Filho, Presidente da nossa Diretoria que tem ou teria a dizer?** "Acho que o Dr. Felipe está tendo uma gestão muito boa. As melhores respostas para esta pergunta, acredito, que são: a mudança da sede da qual tive a humilde participação através de gentil convite do Sr. Presidente, as Provas antes realizadas em Colina e posteriormente desdobradas por quase todo o nosso interior e, finalmente, o sistema de Computação do Stood Book

da Associação, muitíssimo bem por ele implantado no momento certo e preciso.

**Para finalizar, inquiri: Dr. Batalha, se você fosse iniciar a sua criação-seleção, hoje, e tivesse direito a escolha de 2 (duas) matrizes (de fora), quais escolheria?**

Peço permissão para citar três: Baiuca J.O., Fortuna da Serra (Tatinho) e Hortelã RS dos irmãos Boucinhas. É claro que se me pedissem mais, escolheria a minha Natacha da Polé, por quem já obtive irrecusável proposta, (obrigado pela colher de chá), mas honestamente, recusei.

"Gostaria de encerrar este bate-papo para transmitir aos meus colegas, jovens como eu (na criação) a seguinte mensagem: O cavalo traz muitas amizades, muita alegria, portanto, cuidem bem dele. Basta pouca quantidade, muita qualidade e bastante carinho. O restante virá naturalmente."



**NATACHA DA POLÉ — por Cocar J.O. e Bengala**



# CARIMBÓ JO

COCAR JO X DANÇA JO



HARAS



Garanhão principal do Haras HM, campeão e premiado nas mais importantes exposições da raça, que na reprodução tem revelado suas excepcionais qualidades, produzindo futuros outros campeões.

**VENDA DE COBERTURAS**

Prop. José Francisco B. Homem de Melo  
Rodovia Campinas Mogi-Mirim Km. 142  
Fones: (0192) 53-3633 - 53-0738  
Campinas - SP

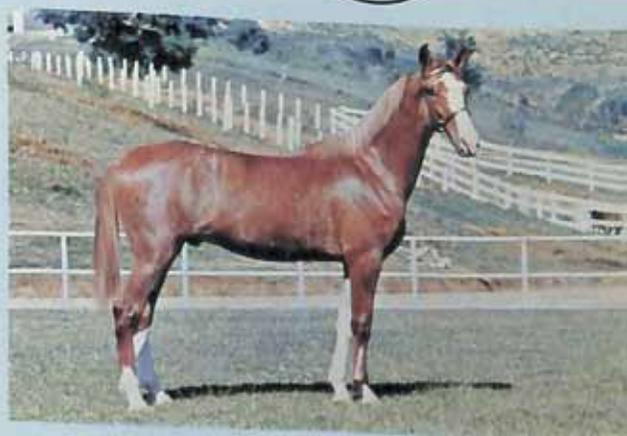
# Orgulhosamente, Paulo e Nelson Toscani apresentam:



◀ BRITANICA P.N. por Turbante J.O.  
e Guacira C.R.

**P.N.**

**Estes produtos estarão à  
venda no Leilão Estrelas  
do Mangalarga  
15-08-85  
Macksoud Plaza  
S. Paulo**



BARÃO P.N. por Turbante J.O. e Aragana da 2M ▶



**HARAS P.N.**

**Paulo Toscani e  
Nelson Toscani**

AMPARO — Estado de São Paulo

◀ BAMBINA P.N. por Turbante J.O.  
e Falua da Nata

# O maravilhoso e perfeito andamento de ATLAS RN



Fazenda Santa Cruz  
João Carlos da Matta  
Olimpia - S. Paulo

Escritório: R. Cel. Francisco Nogueira, 1090 — CEP 15400 — C. Postal 171 — Tel.: 81-2946 (0172)

*Os Spielmann, Nelson, Claudia e os filhos Phelipe e Luciana receberam amigos na sua linda mansão em Alto-Pinheiros para homenagear o aniversariante Orpheu José da Costa*



**O momento de maior emoção**

Ao som de violinistas que encantaram ainda mais a linda noite, Orpheu prepara-se para "apagar a velinha" ante a meiguice de Luciana.



Grupo de senhoras presentes à reunião — Atendem ao fundo, na parede, o bonito óleo de Claudia e os filhos Phelipe e Luciana.



Haroldo Junqueira, eu, o aniversariante Orpheu. Em pé, Luiz Eduardo Batalha. De costas Clodoaldo Antonangelo (Tatinho).



Haroldo e sra., Orpheu e sra., e Alípio. Ao lado Ronise Batalha. Ao fundo observando, eu e minha esposa Beth.



Silvia Junqueira, Tereza Costa e Beth Noronha.



Os anfitriões Nelson e Claudia, Antonio Carlos, Tatinho e Cidinha, Batalha e Ronise, Alípio e Liza. O aniversariante, Orpheu, escolhe o drinque de sua preferência.



Beth Noronha, Aparecidinha e Ronise Batalha.



Antonio Carlos, Nelson Spielmann, Luiz Eduardo Batalha e Eduardo B. Marchi.



Lalo fala. Orpheu e Nelson ouvem-no.



Stella Lacerda, Primeira Dama do Mangalarga, Margrêda Junqueira, Nelson, Sílvia Costa e Monica Ferraz de Souza.



Lila, Sílvia e Lin.



Nelson, Marchi e Batalha, um trio de muito respeito, pertencente à alta cúpula da nossa vencedora nação.



EDIFÍCIO



O CENTRO  
DA AGROPECUÁRIA  
NACIONAL

EDIFÍCIO

ABC

# O CENTRO DA AGROPECUÁRIA NACIONAL

AV. JOSÉ CESAR DE OLIVEIRA, 175  
(Junto a Ceagesp)

- ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO: 17.402 m<sup>2</sup>.
- POUSO DE HELICÓPTERO
- CENTRO DE RÁDIO TRANSMISSÃO
- CIRCUITO INTERNO DE TV

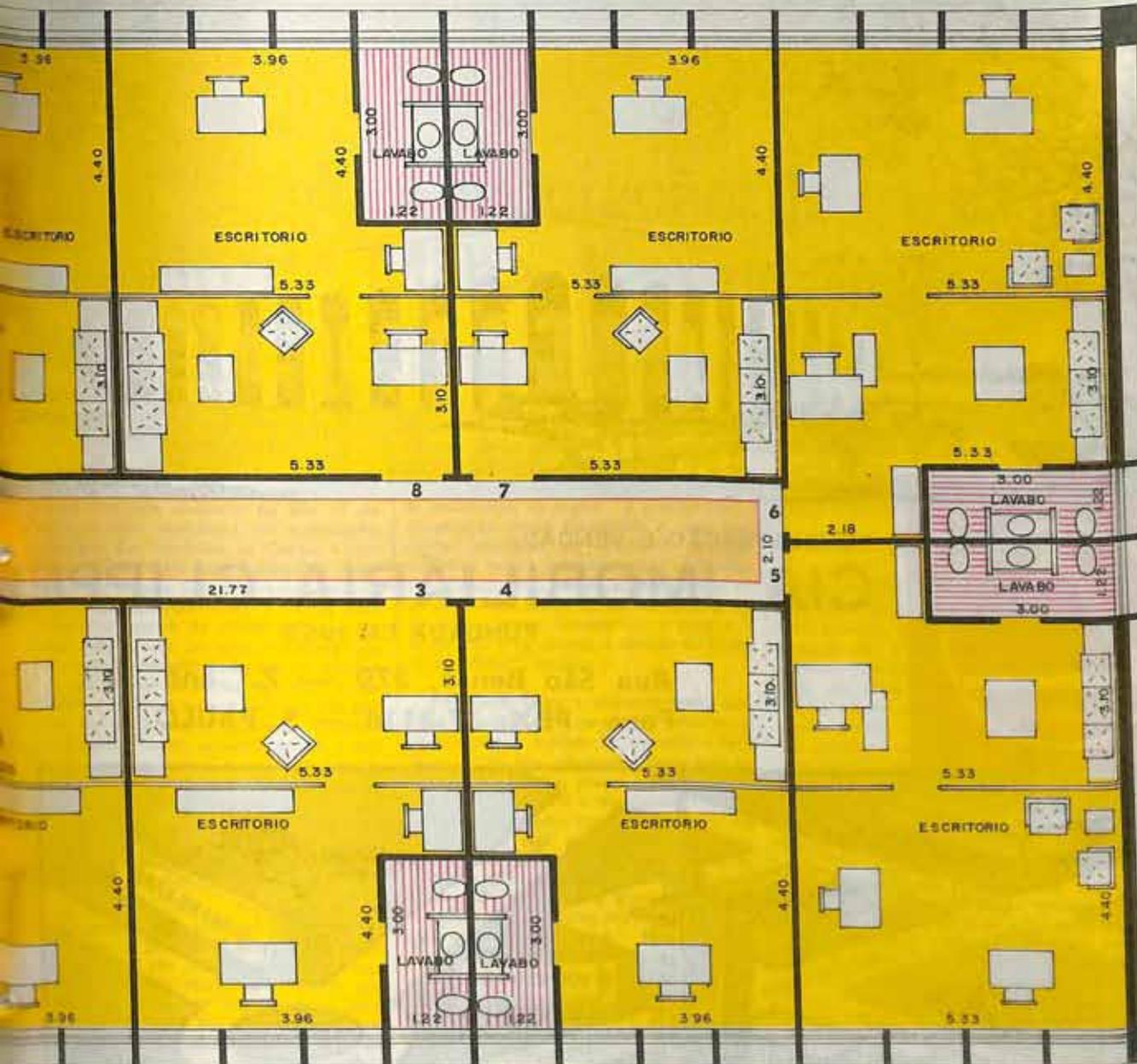


**O** EDIFÍCIO ABC terá 11 pavimentos e dois sub-solos para garagens de uso exclusivo dos condôminos. Está previsto no pavimento térreo, loja e mezzanino.

Os onze pavimentos comportam 108 salas para escritórios e cada um deles com seu respectivo sanitário, conforme se pode ver na plan-

ta acima. Os dois sub-solos têm capacidade para 240 veículos, havendo mais 39 vagas de estacionamento distribuídos no térreo e destinados aos serviços das duas lojas e auditório. Os escritórios são modulados e em condições para se conjugar duas ou mais unidades.

O edifício terá na cobertura uma área de lazer e laje dimensionada



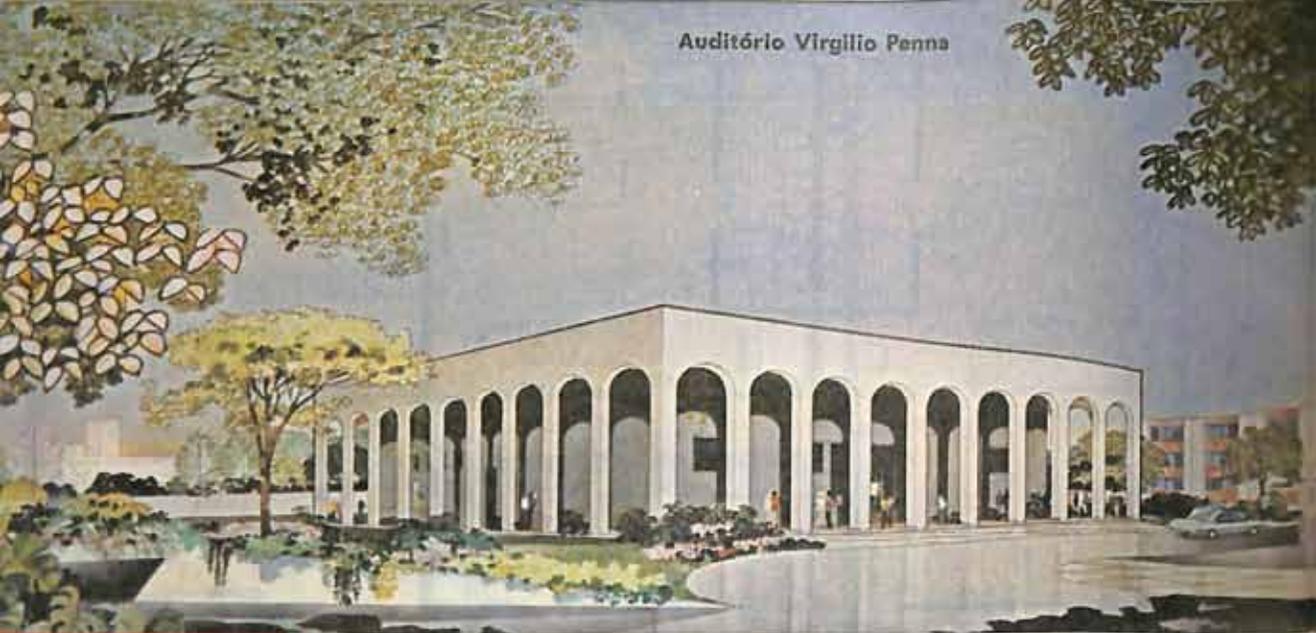
## ANDAR TIPO 1º AO 10º

para pouso de helicóptero, um centro de radiotransmissão e circuito interno de TV.

Ao lado do EDIFÍCIO ABC será construído o auditório com capacidade para 196 pessoas com instalações para audifonia, constituindo-se em um centro para reuniões da ABC e das organizações que ali se instalarem.

O exposto acima dá bem uma idéia do que será o EDIFÍCIO ABC e lembramos que atualmente a Associação Brasileira de Criadores com suas lojas na rua Jaguaribe e no Jaguaré formam um centro regulador de preços de insumos agropecuários. Com a construção da nova sede no Jaguaré ao lado da Ceagesp, será formado num futuro próximo o

maior e o mais poderoso centro de negócios agropecuários da América Latina. Este será pois o lugar ideal para a instalação de um escritório para todos aqueles que direta ou indiretamente tenham suas atividades ligadas a produção agropecuária e seus derivados.



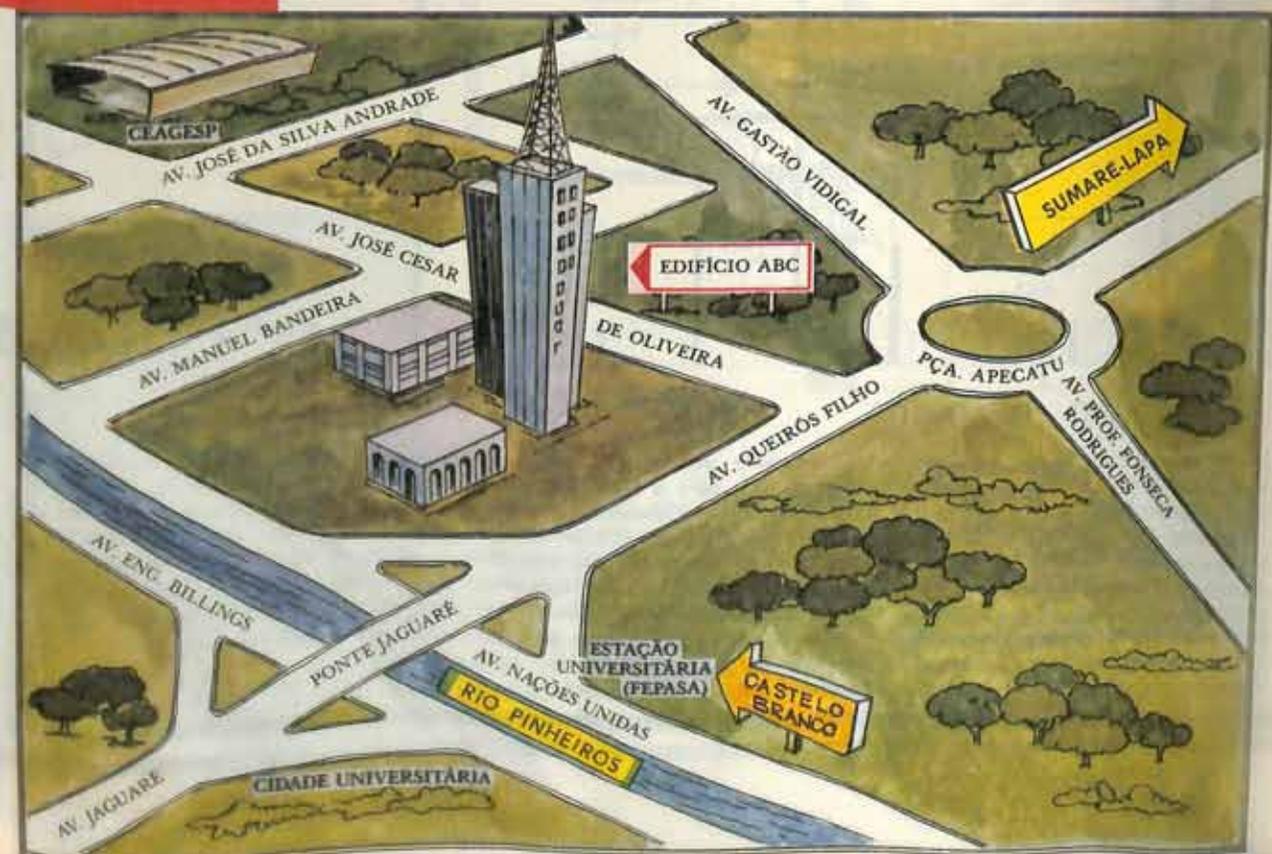
ADMINISTRAÇÃO E VENDAS:

# CIA. IMOBILIÁRIA CLIPPER

FUNDADA EM 1953

Rua São Bento, 370 — 7.º and.

Fone - PBX: 37-2116 — S. PAULO





# A Associação do Quarto de Milha, tem nova direção

Com a palavra o seu novo presidente Sérgio Luiz Rodovalho Nogueira.

Eleito e empossado pela Assembleia Geral Ordinária realizada no dia 29 de abril, o novo presidente da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalinho Quarto de Milha, Sérgio Luiz Rodovalho Nogueira, que sucede Gianni Franco Samaja, vem-se empenhando, desde a posse, para ampliar o quadro de sócios e fortalecer, com isso, a raça no país. "Temos que aproveitar a receptividade que os cavalos da raça Quarto de Milha têm para fortalecê-la e levá-la a todo o país. É um animal que se promove por suas próprias qualidades. Assim, achamos que é o momento de fortalecer a Associação, um órgão que precisa saber onde está e quem é o criador de Quarto de Milha. Com uma Associação forte, é possível explorar a potencialidade dessa raça e acelerar o processo de ampliação do número de novos criadores", observa Nogueira.

De acordo com suas informações, existem hoje no país 6.600 criadores e desses apenas 1.200 são filiados à ABQM, metade deles em São Paulo. E a ABQM tem, hoje, registrados 49 mil animais, entre puros e mestiços. Por não oferecer muitas vantagens econômicas aos sócios, restritas ao desconto de 50% em serviços prestados pelo órgão, a nova diretoria está tentando, junto às companhias aéreas, hotéis, para que os associados tenham descontos e também pretende firmar convênio com o Jockey Clube para franquiar o seu ingresso com a carteira da Associação.

Porém, na opinião de Nogueira, os associados devem ver, ao se filiar à associação da classe, as vantagens por outro prisma, já que a função do órgão não é assistencialismo e sim prestação de serviço, difusão e fortalecimento da raça,

promoção de eventos e a ampliação do número de criadores. E é com esse argumento que a ABQM quer atrair os quase 80% dos criadores de QM que ainda não se associaram ao órgão. "É preciso que a Associação esteja fortalecida e com isso tenha condições de promover a raça, atraindo novos criadores para o Quarto de Milha", diz. "E o criador precisa se conscientizar disso: ele fortalecendo a associação, estará fortalecendo a raça e a si próprio e agilizando a difusão do Quarto de Milha", explica.

Por outro lado, a diretoria quer, também, discutir com os sócios, procurando aperfeiçoar o método de trabalho e facilitar a vida dos criadores. Nesse sentido, já deu o primeiro passo: ampliou de 90 para 120 dias após o nascimento o prazo para que o criador faça o pré-registro dos animais. E está se discutindo a conveniência de dilatar, ainda mais, o prazo, de 120 para 150 dias. "Nossa intenção é facilitar, na medida do possível e desde que não haja prejuízo para a raça, a vida dos criadores", informa.

Dentro dessa orientação, a nova diretoria pretende implementar o processo de descentralização do órgão. Para isso, já tem em estudo a criação de escritórios regionais nos Estados que já tem número de criadores de Quarto de Milha expressivo. Embora ainda não esteja definido o prazo, é quase certo que na gestão da atual diretoria, sejam abertos escritórios regionais no Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, onde hoje existe um grande número de criadores do cavalo da raça Quarto de Milha. E o objetivo é estar presente, a médio prazo, em todos os Estados brasileiros. "No ritmo em que estamos indo brevemente estaremos em todos os Estados", prevê Nogueira. Segundo informações do presidente da ABQM, os escritórios re-

gionais servirão não só para o atendimento aos sócios da localidade, como também se encarregarão da divulgação da raça e promoção de eventos esportivos, leilões e exposições.

## CONFLANÇA

Nogueira está animado com a atual procura pelo QM e com o ingresso, em número elevado, de novos criadores na raça. Segundo ele, a cada leilão, exposição ou eventos esportivos o Quarto de Milha atrai um número elevado de criadores. "Posso dizer até que cada um desses novos eventos significa a entrada de novos criadores no Quarto de Milha" e assegura: "no último leilão vários criadores do Maranhão adquiriram animais da raça e começaram a selecioná-la. E esse interesse foi provocado pela existência de um núcleo inicial no Estado".

Porém, Nogueira não estranha. Lembra que o Quarto de Milha começou a se organizar em 1968, com a fundação da ABQM. E hoje, menos de 20 anos depois, já conta com 6.600 criadores e 49 mil animais registrados. "Pela sua habilidade e versatilidade em diversas modalidades esportivas, por seu tamanho e sobretudo por sua docilidade e inteligência, o cavalo da raça Quarto de Milha seduz à primeira vista. Assim, não estranho que a cada evento a raça atraia novos criadores", explica. Na opinião de Nogueira, a raça Quarto de Milha foi responsável pela febre de provas esportivas rurais, como prova do laço, apertação, rédea, baliza, corrida de 400 metros. "É o único cavalo que serve para várias modalidades esportivas", diz. "Foi o Quarto de Milha que possibilitou o fomento dessas provas no interior, onde era pouco comum esses esportes".

De acordo com Nogueira, o cavalo Quarto de Milha não veio competir com ain-

guém. Ocupou apenas um espaço não preenchido por outras raças. Segundo ele, o cavalo Quarto de Milha serve para a lida na fazenda, montaria para as crianças e no fim de semana para o lazer do fazendeiro, que pode participar de provas esportivas. "Foi um cavalo selecionado nos Estados Unidos não com o objetivo de buscar a formação de uma raça e sim para obter um animal que servisse à lida, para tração, no transporte de crianças e lazer dos fazendeiros. Essa a razão de sua multiplicidade de vocações. É um animal extremamente dócil e inteligente. Nos Estados Unidos, existe, nas cidades, até cocheira pública, onde ficam os cavalos das crianças, que os utilizam para ir à escola ou para competir. Lá, quando o filho universitário recebe geralmente um Quarto de Milha de presente", explica.

De acordo com Nougès, essa é uma das razões porque a procura por cavalo Quarto de Milha se intensifica. Segundo ele, hoje um potro mestiço, que não recebe cuidados especiais, já nasce valendo Cr\$ 3 milhões e se for tratado já é cotado a Cr\$ 12 milhões. E investindo mais ou menos Cr\$ 60 milhões num reprodutor puro e de excelente conformação e dispor de 40 éguas comuns é possível ter o retorno do investimento em um ano, segundo Nougès.

O crescimento do Quarto de Milha vem de outra vertente, além do esporte e lazer, segundo Nougès: onde existe uma pecuária extensiva. "É o animal ideal para lida. É rápido no arranque, forte para resistir trancos numa laçada e hábil para mudar de posição, que a lida exige", enumera. "Então é um cavalo extrema-

mente útil e essa é uma das razões da grande procura dos pecuaristas pelo grande Quarto de Milha para fazer um plantel de cavalos para o trabalho na fazenda", diz.

Existe um grande potencial de mercado para o Quarto de Milha no Brasil e na América Latina. E o Brasil se encontra em situação privilegiada, por dispor em quantidade e qualidade animais da raça na América Latina. E a Associação pretende estimular a exportação. Nesse sentido, já foi formada a Confederação Sul Americana de Criadores de Quarto de Milha, integrada pelo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O objetivo do órgão é difundir a raça na América Latina. E o Brasil deverá sediar o órgão nos primeiros dois anos.

# MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

**DR. FAUSTO SIMÕES**

O cavalo e o homem.  
O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem. O padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos.

Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga. O Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

A venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP

Livrarias da Capital e do Interior



3.<sup>a</sup>  
EDIÇÃO  
Revista e aumentada

# BEM-ESTAR DOS ANIMAIS, FATOR IMPORTANTE NA PRODUÇÃO DE BOVINOS

## I - VACAS LEITEIRAS

### SUMARIO

#### 1 — RELAÇÕES ENTRE BEM-ESTAR E PRODUÇÃO DE LEITE EM BOVINOS

- Introdução
- Conforto das vacas faz aumentar a produção de leite
- Vícios e temperamento dos animais
- Sugestões para se obter mais leite, dando conforto às vacas
- Os principais fatores que causam mal-estar às vacas

#### 2 — PRODUÇÃO DE CARNE DE PORCO EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS ESPÉCIES DE CARNE

#### 3 — O USO DE CONCENTRADOS NA ALIMENTAÇÃO DE SUÍNOS

#### 4 — NOTAS ZOOTÉCNICAS

- Controle das cigarrinhas das pastagens
- Registrados 31.163 produtos Holstein oriundos de transplante de embrião.
- Método de ministração não afeta absorção de colostro
- Agente que aumenta a quantidade de músculos em carcaças de suínos
- Tratamento dos maus fenos com amoníaco melhora sua apetibilidade

#### Introdução

Os produtores de leite usualmente criam seus animais destinados à reprodução no rancho em abrigos internos ou externos, a fim de diminuir a incidência de doenças e a tendência dos bezerros para sugar as tetas, uns dos outros. Em geral, a ação sobre o bem-estar dos animais tem visado aos métodos de produção do gado leiteiro.

Certos progressos na alimentação, ordenha, pisos das instalações e no exercício do gado leiteiro têm melhorado as condições de bem-estar desses animais. Entretanto, o fator mais importante da determinação do estresse na vaca leiteira é o comportamento do tratador.

Contudo, os produtores de vitelos de corte têm sido vivamente criticados por seus métodos de produção. A principal questão a ser resolvida entre os que advogam o bem-estar dos animais novos produtores de carne reside na existência de currais que são ora individuais ora para grupo de animais, que propiciam maior ou menor quantidade de movimento, em geral.

As vacas são consideravelmente mais sensíveis às temperaturas elevadas do que às frias. A produção de leite, especialmente nos estados sulinos dos EUA tem sido aumentada, mediante uso de meios para proporcionar sombra e outros métodos de refrigeração, assim como para manter os

animais livres da lama. Entretanto, os investimentos para criar conforto e atender os requisitos sanitários para produção de leite certificado são elevadíssimos.

Afortunadamente, muitos meios para poupar mão-de-obra surgiram para evitar o trabalho mais pesado nas fazendas. Muitas vacas de elite continuam a ser alojadas e ordenhadas em baias de estábulos para produção intensiva. Elas são mantidas sobre camas, de acordo com as necessidades, sendo que esse conforto é considerado mais como um investimento do que como despesa. Nas baias dos estábulos convencionais há vagonetas que operam distribuindo silagem, palha cortada e dispositivos para destacar automaticamente

das vacas as ordenhadeiras mecânicas com linhas baixas de leite e para o manejo mecanizado do esterco.

As pressões econômicas têm forçado muitos produtores de leite a aceitar programas de estrito confinamento e intensificação e com isso muitos animais são mantidos sobre piso de concreto durante toda a sua vida produtiva. Há um efeito do confinamento a longo prazo que está gerando muitos dados interessantes. Esses dados expressam os efeitos do ambiente sobre o conforto, o comportamento, a reprodução e a saúde do aparelho mamário, além da ação sobre os pés e a estrutura geral dos animais. Para evitar malefícios muitos criadores removem as vacas completamente do concreto, ou, pelo menos, durante o período seco das vacas. Do ponto de vista do conforto do animal, o exercício durante esse período torna a vaca mais apta para parir com menos dificuldade e reduz a incidência de edemas de úbere e de retenções de placenta.

Quando há bom tempo, muitos criadores tiram as vacas dos estábulos e mantêm-nas fora, diariamente, para tomar sol e exercitar especialmente seus pés, pernas e úberes. Isto também ajuda a detectar o cio. As vacas necessitam somente de um pouco de exercício porque comer, ruminar e produzir leite já resultam em considerável trabalho, metabolismo e dispêndio de energia.

Muitas das novas construções destinadas aos bovinos têm cerca de 1% de decalividade em seus compartimentos porque 4% ou mais dificultam o passeio. Também se colocam os comedouros à uma altura própria para os animais jovens ou inexperientes, de modo a facilitar-lhes o acesso ao alimento. As perdas de corrente elétrica nos sistemas de condução de água ou nas máquinas de ordenhar podem ser descobertas pelos animais e com isso abaxiar sua produção e causar danos à saúde. Essas "volts" fugidios têm sido notados em fazendas e estações experimentais e são problemas que passam despercebidos (e não ser pela sensação de formigamento em cortes das mãos durante a ordenha) porquanto, no homem, as vestes e o calçado isolam a pele e têm maior resistência à electricidade que os animais com seus cascos quase sempre úmidos. Os cascos e as tetas das vacas são especialmente sensíveis a pequenas correntes, mesmo em pisos de concreto. Qualquer outra parte do animal que toque um comedouro, bebedouro, corrente, bala ou grade metálica, condutor de leite, encaimento, etc., constitui uma via de passagem de diminutas correntes elétricas para o solo.

Muitos produtores de leite estão agora revestindo adequadamente suas salas de ordenha a fim de eliminar este problema.

As vacas em geral evitam deitar-se onde há umidade e sujeira. Particularmente as elas são mantidas em estábulos-livres, evitam as passagens e procuram permanecer mais limpas do que em outros sistemas de alojamento. Os estábulos deverão permitir maior liberdade de trabalho para os tratadores, tratores e escavadeiras mecâ-

nicas, sem postes que os atrapalhem. A ausência desses postes por trás das baias e os pisos ripados permitem que as vacas caminhem mais perto do meio-fio e forcem assim o esterco através dos vãos. Contudo, o interesse por esses pisos para o gado leiteiro vem diminuindo, devido ao aparecimento de problemas nos pés e desconforto da vaca.

O conforto da vaca faz aumentar a produção de leite. Uma vaca prefere ser tratada de maneira semelhante todos os dias. Há tendência para reduzir o espaço no qual ela se acha e com isso reduzir os custos, mas essa redução não deve diminuir o conforto do animal. Levando em conta seu conforto, os estudos revelam que uma vaca em baia confortável com 1,22 x 2,44 m, produziu 0,95 kg mais de leite por dia do que quando mantida em baia mais curta, de 1,07 x 1,68 m. Ao comparar baias confortáveis com baias comuns, de coleira, foram obtidos os seguintes resultados:

- Vacas Holstein em baias confortáveis permaneceram mais limpas e ficaram quase duas horas mais, por dia, deitadas.

- Vacas em baias confortáveis apresentaram menos lesões de joelhos, jarretes e úberes.

- Nove vacas Holsteins mais velhas e maiores produziram 1,67 kg mais de leite, por dia, durante um período de 130 dias, quando ficaram em baias confortáveis.

Durante um período de dois anos, em organizações comerciais ou em estábulos livres, em Purdue, vacas Holsteins estabelecidas sobre base de chão natural, com camas de serragem, foram comparadas com vacas mantidas sobre pisos ripados e cama permanente, colocada sobre plataformas de concreto. As vacas mantidas sobre chão natural produziram cerca de 1,36 kg mais de leite por dia. Elas deram menores números de leucócitos no leite, permaneceram mais limpas, tiveram menos mastite clínica e sofreram menos lesões nos pés e pernas; ficaram mais confortáveis e gastaram cerca de uma hora mais deitadas, durante a noite.

Normalmente, após duas horas de repouso, uma vaca se levanta e torna a deitar-se, freqüentemente de outro lado de seu corpo. Cerca de 55% do tempo em que permaneceu deitada ocorreu entre as 10 h da manhã e as 4 h da madrugada. É importante propiciar um espaço adequado para o cocho e usar o método de alimentação em divisões alinhadas, pesando o alimento para que o produtor saiba quanto está recebendo o grupo de vacas.

Vícios e temperamento. Mesmo quando os animais podem fazer aquilo que desejam, raramente apresentam mau temperamento e vícios. Há muita auto-estimulação e "interiorização" devido ao processo de ruminação. Em consequência da ruminação e do trato o fatio e a agressão são reduzidos em grupos de bovinos em estabulação.

O manejo em massa das vacas determina que cada uma delas se adapte ao sistema, ao invés do sistema conformar-se com os hábitos do animal. A vaca lenta de ordenhar, a que escolhe, a mandona,

a varadeira de cercas e a que escolhe os alimentos que come são descartadas dos maiores rebanhos, qualquer que seja sua genealogia.

Embora se fale, por vezes, de problemas de temperamento e comportamento, muitas tentativas para melhorar o mau comportamento nas salas de ordenha foram feitas com êxito. Recentemente, um estudo computadorizado sobre descartes feitos em rebanhos Holstein de Purdue mostrou que o comportamento, como meio de análise da refugagem foi de 196, sendo que outras porcentagens incluíam de leitões de úbere e produção de leite (23), desordens e doenças da reprodução (35), perturbações metabólicas (8), perturbações digestivas (5), respiratórias (21), condição de bezerra (9), defeitos anômicos, dos pés, pernas e esqueleto (8) e diversos (5). As vacas descartadas por comportamento foram aquelas tidas como verdadeiramente selvagens ou ariscas, que não se conformaram com o manejo. Isso não é muito significativo para o criador que está realizando um bom trabalho de seleção.

Estudo anterior revelou que as fêmeas de reposição criadas com suas mães até 3-4 meses de idade de dezembro são mais difíceis de serem adestradas e de se ajustarem à rotina da ordenha do que as bezerras criadas convencionalmente. Observações colhidas na Inglaterra também chegaram à essa conclusão. As novilhas de reposição criadas em amas, sem interação humana, são mais difíceis de se acalmarem, mostram maior área de movimentação (16 m), circulam continuamente as áreas onde se encontram e exibem dificuldades na ordenha. Este método de criação parece ser um mau caminho para poupar trabalho.

Tanto os bons como os maus tipos de comportamento e de características produtivas derivam de experiências progressivas. Por exemplo, os bezerrões que bebem de baldes têm o hábito de abugar as correntes ou partes do corpo; mas isso pode ser susgado fazendo-se com que o leite seja ministrado somente através de bico de borracha, simulando o ato de mamar e aumentando o fluxo de saliva.

Nos grupos de bezerrões aleitados, a vantagem de se dar o alimento em recipientes arredondados foi descoberta em Utah. Quando o leite é colocado em um cocho alongado, os bezerrões ficam alinhados. Quando um deles se afasta e depois se adianta de novo, acabam ficando com sua cabeça por baixo e então começa a chupar o umbigo ou a mama de outro animal e com isso adquire infecção. Os alimentos em vasilhas redondas fazem com que raramente eles chupem os olhos uns dos outros. Os bezerrões também podem formar pares e se houver um número ímpar de animais no mural, um deles será provavelmente desprezado.

Se a necessidade de chupar do bezerrão não é satisfeita durante a distribuição da ração, ocorrem as chupadas não nutricionais e o bezerrão lamba ou suga a si mesmo e outros procuram para isso as paredes ou objetos inanimados. Este compor-

timento acarreta, às vezes, problemas de saúde, tais como as bolas de pelos no orifício e, assim, é melhor que eles sejam mantidos individualmente até o momento do desmame.

Em uma publicação da U. S. Humane Society vê-se um bezerro mantido em uma gaiola, com uma legenda que diz: "colocação não natural". O valor das gaiolas externas para bezerras (para diminuir doenças e a tendência para se lambem) tem sido demonstrada no país e em um relatório (CAST) sobre o bem-estar dos animais. Os bezerras de Purdue estão em currais individuais, olhando um para outro e mamando durante um mês, seguido de cinco dias com água, para depois serem colocados em pequenos grupos. Outra informação é ter o comedouro com concentrados granulados nos meses seguintes ao momento em que os animais recebem leite integral ou substitutos do leite (ou então se coloca uma pequena quantidade de grãos no fundo do balde destinado à ministração do leite). Isto diminui a vontade de chupar existente entre as bezerras. Os criadores europeus têm mais dificuldade com este vício do que os norte-americanos porque ainda persistem em apartar os bezerras dos currais individuais, logo aos 7-12 dias de vida para criá-los em grandes grupos.

**Sugestões para obter mais leite de vacas satisfeitas.** Sempre há uma arte de cuidar das vacas que resulta em produções maiores e mais saudáveis, ou seja, vacas mais satisfeitas. Isso pode ser definido como sendo a existência de um bom tratador ou o fato de propiciar à vaca carinho e amizade. Deve-se dar atenção a certos detalhes.

No referente a rebanhos grandes, as seguintes sugestões são feitas para ajudar a vaca e seu tratador:

1. Efetuar a distribuição de alimento em linha contínua ou em cochos para separar o rebanho. Em Purdue, as vacas que recebem uma ração completa de silagem e concentrados comem 26% mais, em tempo, do que as de grupo do mesmo tamanho em um pequeno comedouro em torno do qual elas podem andar facilmente.

2. Eliminar as vacas dominantes ou mandonas, com baixa produção. Os "anis de porco" podem ser colocados na barrafa das vacas obviamente áridas a fim de eliminar a luta no comedouro. Dessejar todas as fêmeas e eliminar todas as potencialmente dominantes. Descartar as fêmeas submissas, assim como as dominantes de má produção, para ter um rebanho mais estável.

3. Mudar as vacas somente quando precisar movimentar pequenos grupos delas. O criador não só pressiona a vaca em seu novo grupo como ela pode ter diferentes quantidades de alimento, um novo ordenhador e tempo diferente para ser ordenhada. Procure-se manter estável o tamanho do grupo e não maior que de 100 vacas.

4. Com base em pesquisas feitas em Michigan, para dietas ricas de silagem de

milho ou rações completas, pode-se ter um comedouro com 0,45 m lineares, ao invés de 0,61 m de espaço por vaca.

5. Observem-se as vacas em cio pelo menos três vezes ao dia (por 30 min de cada vez). Há uma consciência cada vez maior de que sob sistemas de confinamento é muito difícil diagnosticar as vacas em cio. De acordo com registros contínuos em vídeo-fita, dois terços de todos os cios ocorrem no momento de quietude do rebanho, de 6 da tarde até as 6 h da manhã.

6. Os comedouros fundos (com 43,2 cm ou mais) satisfazem em refeições uma vez ao dia e facilitam o trabalho nos fins de semana. Mas os comedouros rasos (com 30,5 a 43,2 cm) requerem refeições mais frequentes e o provimento de alimentos frescos. As vacas fazem mais retornos aos cochos rasos e elevados.

Durante mais de um ano e por cerca de uma vez, semanalmente, as vacas leiteiras de todos os 6 grupos da Universidade de Purdue foram observadas em relação ao comportamento de jogar para o alto os alimentos. O desperdício de ração com o alimento revirado sobre o dorso ou ao longo de seus costados, variou de 0 a 10% por semana. Quando a vaca tinha a alternativa de comer de um cocho alto ou de um cocho situado ao nível do solo, elas escolhiam o de nível mais baixo. O acompanhamento do grupo alimentado em cochos em linha, com separações de concreto ao nível do solo, permanentemente, não revelou o citado comportamento de jogar para o alto os alimentos. Parece que este é um problema criado pelo homem, facilmente remediável com a alimentação feita na posição natural da cabeça abaixada, semelhante à de pastar. Os pesquisadores do comportamento animal notaram que as vacas ao comerem com suas cabeças abaixadas, produzem 17% a mais de saliva, o que tem influência sobre a eficiência da função do rumo.

7. A reforma dos cochos com um acabamento semelhante ao epoxi ou com ozulejo faz com que haja o consumo máximo. Com o tempo, as silagens, devido ao seu baixo pH, têm tendência para erodir o cimento e assim expor a língua e a boca da vaca às gretas e pedras ásperas.

8. Ao ministrar silagem, usar uma madegoura com feno não picado à disposição, com 2,7 a 4,5 kg por animal. Ao acompanhar a mudança da dieta para silagem rica de milho ou totalmente de milho verificou-se um aumento de retornos digestivos, de deslocamentos de fôrmato e do "síndrome da vaca gorda". As vacas que recebem dieta totalmente de silagem não reoem seu bolo alimentar tão bem como as que tiveram ração de feno. As dietas totalmente de silagem de milho necessitam de uma grande quantidade de tamponamento e adição de proteína.

9. Depois da ordenha faça-se com que as vacas recebam os alimentos frescos disponíveis. Isto ajuda a completar a secreção do úbere e evita que a vaca se deite. O ato de deitar imediatamente após a or-

denha pode resultar na entrada de germes coliformes pelo esfíncter ainda aberto da teta e daí para o canal estriado, o que pode aumentar a incidência de mastite por coliformes.

10. O soalho do comedouro deve ser horizontal ou ter uma queda não superior a 1%. Nos comedouros com inclinação maior, de 3-4%, há um constante movimento das vacas em direção à inclinação do cocho. Da mesma forma, com uma inclinação excessiva de 5% ou mais, as currais de espera, as vacas eventualmente hesitam em entrar na área, bem como na sala de ordenha.

Apesar da forte escovação do piso de concreto ao ser lavado, a raspagem constante com uma lâmina mecânica faz com que ele se torne cada vez mais polido e escorregadio para as vacas. É muito difícil tornar áspera uma grande área de piso de concreto com o auxílio de uma talhadeira ou martelo, manualmente. Na Nova Inglaterra muitos granjeiros usam um escarificador mecânico para realizar esse trabalho, mas isso pode romper o concreto por baixo. Uma alternativa seria tratar o piso limpo com ácido muriático, para remover a película escorregadia e tornar a superfície mais enrugada. O sulcamento mecânico com uma chanfradeira evitaria acidentes com escorregões, perdas ou lesões de vacas. Antes de sulcar os pisos perdiam-se de duas a três vacas por ano em Purdue, em consequência de escorregões (especialmente após a partição) sobre o concreto polido com o tempo.

A fim de tornar áspera a superfície, tentou-se o "solo de silo" com base de cimento e Plexiglas nas rampas e seções escorregadias das partes de trânsito das vacas. Esta área situada próxima a uma cerca foi comparada, lado a lado, com a realmente sulcada. As vacas experientes e mais velhas preferiram a área sulcada sobre a pintada, o que foi evidenciado por sua disposição para dar passos a máis, a fim de cumprir pela área sulcada. Inventaram-se revestimentos especiais à prova de escorregões para vacas leiteiras. Há mais de 15 anos foram instalados tapetes de borracha no poço da sala de ordenha, onde ficam os ordenhadores. Originalmente, as "almofadas de segurança" originais da Holanda eram garantidas por 10 anos, mas elas ainda estão em uso e fortes. Esses tapetes preservam os pés, as pernas, a coluna dorsal dos ordenhadores e o bem-estar geral.

**Manqueiras.** Ao cumprir ou ao ser coberta há um grande estresse sobre os pés e as pernas da vaca. A manqueira geralmente está relacionada com o uso excessivo dos cascos quando o animal se acha sobre concreto ou as unhas crescem em demasia devido à falta de desgaste quando o bovino fica sobre superfícies macias, como nos estábulos livres.

Há várias causas predisponentes da manqueira, notadamente a herança, o ambiente, a nutrição e os fatores infecciosos. A observação das vacas em estábulos com coleiras mostra a existência de mais problemas de moles e das partes superiores dos membros, em comparação a

problemas dos pés em vacas mantidas em estábulos livres confinadas ao concreto úmido. Igualmente, o alojamento em estábulos livres requer a apragem e o manejo dos pés com mais freqüência do que nas vacas mantidas em estábulos com coelheiras. As lesões podais variam em tipo e gravidade de acordo com o estábulo, sistema de criação, clima ou área. Por exemplo, animais sob altos níveis de nutrição têm maior crescimento das unhas, ao passo que vacas sobre tapetes de borraça mostram cascos extremamente secos e duros, o que faz com que os apuradores profissionais cobrem mais por seus serviços. De qualquer forma, a apragem dos pés quase anualmente (ou anual) é uma obrigação do manejo dos rebanhos leiteiros. A apragem corretiva das unhas pode proporcionar uma lactação a mais à vaca.

Também e em qualquer lugar que seja (fora ou dentro) ocorrem casos de podridão dos pés, exigindo que todas as vacas sejam passadas por um pedilúvio contendo uma solução de 2-5% de sulfato de cobre, duas vezes por dia. Em recente estudo feito em Carolina do Norte, as vacas do rebanho em que se usou pedilúvio apresentaram talões dos pés mais profundos, ângulos mais elevados e unhas mais curtas — tudo isso indicando mais saúde e manejo mais fácil dos pés. Alguns resultados encorajadores, no que toca à reprodução de melhores pés, com talões mais profundos e ângulos corretos, foram alcançados por geneticistas da Carolina do Norte. As estimativas de herdabilidade são altas e semelhantes às de outras partes do corpo, para a profundidade dos talões.

**Interação homem-animal.** As três regras para o bom trato da vaca leiteira são: (1) paciência, (2) considerar as necessidades da vaca e (3) persistência.

Um bom relacionamento com as vacas é baseado na comunicação, assim como na confiança. O vaqueiro competente fala com suas vacas quando elas estão sob tensão. Tem-se dito que o melhor teste para um vaqueiro é verificar se as vacas vêm ao seu encontro no pasto (o que é bom) ou se afastam quando ele se aproxima delas (o que é mau) ou se ficam estradas quando o homem se aproxima (neutro). As vacas nos rebanhos altamente produtivos de Israel (que tem a mais elevada produção de leite por vaca do mundo) são dóceis e mostram "zero" de fuga à distância.

No mais interessante artigo escrito sobre o bem-estar dos animais por Seabrook (*The Psychological Relationship Between Dairy Cows and Dairy Cowmen and its Implications for Animal Welfare*. Int. J. Study Animal Problems 1: 295-298, 1980) encontra-se o seguinte tópico:

"A maneira óbvia de lidar com os problemas do bem-estar animal é legislar sobre o espaço requerido pelo animal, a melhor temperatura e o melhor alimento para ele. Nossas opiniões são muito mais dominadas por este conceito de preencher requisitos físicos. Todavia, é provavelmente certo dizer que, por causa deste

método, deixa-se de examinar a importante relação entre o homem e o animal e de tratar efetivamente com a questão do bem-estar do animal. Vamos dar nossas prioridades corretamente a menos pesquisas sobre recintos de ordenha e mais sobre as pessoas que cuidam das vacas!

Estudos feitos por Seabrook em rebanhos homogêneos, assim definidos pela política alimentar, nível alimentar, raça e potencial genético, manejo de pastejo e clima semelhantes, demonstraram o efeito do comportamento e personalidade do vaqueiro. Os vaqueiros com desempenho mais alto, em termos de produção de leite em relação a dado nível de insumos, apresentaram as seguintes características: consideração, paciência, independência, persistência, mau humor, continuidade, energia, confiança, suspeita de alteração, ausência de preguiça, inadaptabilidade, imodestia, despreocupação, indocilidade, insociabilidade.

Em suma, eles são introvertidos e confiantes. Alguns dessas características parecem ser socialmente indesejáveis, mas é a reação da vaca e não a de outro ser humano que importa para o caso. Homens com essas características são mais estáveis e têm um ar de confiança que os capacita a desenvolver um relacionamento com seus animais que influencia positivamente seu desempenho.

Estudo de Reid, realizado sobre o assunto, com rebanhos americanos e ingleses alcançou importantes resultados. Reid concluiu que o vaqueiro dotado de alta produtividade é capaz de minimizar a secreção de adrenalina pela vaca; assim ele obteve uma porcentagem mais elevada de leite que seria peritida pela capacidade genética e que outros obteriam da mesma vaca sob condições semelhantes. Os melhores vaqueiros conseguem isso mediante constante atenção aos padrões de comportamento ou desempenho de cada vaca do rebanho.

Albright & Seabrook mostraram que o comportamento animal difere entre rebanhos leiteiros semelhantes. Um fator que varia tanto dentro como entre grupos de vacas é a distância do movimento (basicamente a distância com que se pode aproximar de um animal, sem se mudar de local). Em alguns rebanhos leiteiros esta distância pode ser zero, ao passo que em outros pode ser de 6m aproximadamente).

Observações sobre unidades idênticas mostraram diferenças de comportamento em termos de tempo que as vacas gastam para entrar na sala de ordenha. Em alguns rebanhos elas mostram interesse em entrar e em outros relutam em fazê-lo. Os estudos revelam que os recintos de ordenha e seus currais de espera de tamanho e forma idênticos devem estar em excelentes condições. E o relacionamento entre homem e vacas que parecem explicar a diferença no tempo de entrada dos animais.

Em rebanhos com melhores desempenhos, onde vaqueiros e vacas gozam de bom relacionamento, os animais ficam a uma curta distância ao se moverem, ten-

dem a caminhar rapidamente para a sala de ordenha e se mostram satisfeitos com a presença do tratador. O vaqueiro sabe e mantém o relacionamento mediante contactos e comunicações freqüentes com os animais, tratando-os com especial cuidado em momentos críticos tais como à partição e primeira ordenha pós-parto; assume mesmo os papéis do animal dominante e substitui os cuidados maternos. Este estreito relacionamento permite ao tratador reconhecer as alterações rapidamente no comportamento das vacas e assim evitar situações que possam elevar adversamente o desempenho. Além disso, a atmosfera criada por esta espécie de ambiente psicológico parece propiciar mais o repouso, significando que as vacas podem reservar mais energias para a produção de leite.

Os animais nos rebanhos onde há um bom relacionamento entre o vaqueiro e a vaca produzem mais leite, porque os animais liberam menos adrenalina em sua corrente circulatória para a descida do leite. As vacas ficam menos ansiosas, mais acomodadas e estáveis em um ambiente criado por um tratador confiante. A questão pertinente, do ponto de vista do bem-estar dos animais, é que estes não são, necessariamente, os rebanhos mais bem equipados tecnicamente, mesmo em salas de ordenha. Em outras palavras, as vacas podem estar sob estresse em um sistema bem planejado se não gozarem de um bom relacionamento com seus tratadores.

O manejo eficiente da exploração leiteira e o bem-estar animal tem servido tanto para selecionar vaqueiros, como para corrigir características e, depois, selecioná-los para desenvolver um bom relacionamento com seus animais e assegurar que estes sejam capazes de viver em um meio no qual as tensões são reduzidas ao máximo. O propósito de um sistema, na perspectiva do bem-estar animal, é somente parte da solução. O fator mais importante na determinação do estresse é o comportamento e atitudes do vaqueiro.

A Sociedade Humana dos EUA — Peixe que, devido ao estreito relacionamento entre a vaca e o tratador, que se inicia logo após o nascimento do bezerro, a vaca leiteira ocupa um lugar especial entre os animais produtores de alimento. A Sociedade Humana dos EUA (HSUS) através do Dr. Michael Fox, diretor do Instituto de Problemas Animais, afirma que "O gado leiteiro é, de todos os animais domésticos criados pelo homem, o menos intensivamente e confinado". Um folheto intitulado "Comer Humanamente" alerta os produtos lácteos (leite, manteiga, queijos, etc.) como aceitáveis. O restante da lista cai para títulos tais como carne bovina — marginalmente aceitável, porque, embora sob criação em pastagens e campos abertos, e maioria dos animais produtores "termina em currais (nos EUA) consumindo grãos que o próprio homem poderia comer; os porcos e frangos — marginalmente aceitáveis, porque gozam de alguma liberdade em galpões; os cordeiros e carneiros — embora a maioria dos animais não seja sujeita à uma criação

intensiva, em confinamento, produzem carne não aceitável, devido aos programas de controle indiscriminado e questionável dos predadores; os ovos de produção "caipira" e em aviários providos de camas altas são aceitáveis, mas a maior parte deles provém de galinhas mantidas em gaiolas — não aceitáveis em geral; patos e coelhos — não aceitáveis porquanto muitos deles são criados em baterias de gaiolas (e alguns patos são amontoados em abrigos com camas altas); os vitelos de corte — a não ser os obtidos de bezerros recém-nascidos ou organicamente criados no campo, não aceitáveis; carne de porco, presunto e "bacon" — menos aceitáveis dos produtos cárneos, particularmente porque as porcas reprodutoras são submetidas a uma privação desnecessária.

Cada pessoa que lê esta lista de preferências pessoais pode reagir de maneira diversa e isto ocorre especialmente com aquelas que têm contacto com certos métodos de produção pela primeira vez. Muitos sentem também que os membros da citada Associação visam mais aos problemas diretos de abuso global e negligenciam aqueles sobre os quais há muito controle legal. De fato, seus serviços associados e semelhantes são vitalmente necessários em muitas comunidades, em termos de trato de animais de estimação, tais como cães, gatos e cavalos. Ocasionalmente, um inspetor de pecuária leiteira em visita à fazenda poderá observar problemas de desleixo (vale dizer, não haver bastante alimento ou água, muito excremento acumulado, etc.) e indicar o que precisa

ser feito. Ele pode "checar" com o veterinário local e confirmar suas suspeitas. O melhor é dirigir-se à Sociedade Humana local, onde homens e mulheres se dedicam aos animais descuidados. Muitas pessoas dedicadas aos animais pecuários não perdoam os grandes abusos e negligências e não defenderão os violadores apanhados em flagrante. A pecuária é melhor sem eles.

— Albright, J. L. — Production changes improve cow, veal calf welfare. *Feedstuffs* 54 (15): 23-6, 1982.

Notas da R.: 1. O Dr. J. L. Albright pertence ao corpo docente da Universidade Purdue, West Lafayette, Indiana, EUA.

2. A segunda parte deste trabalho será publicada no n.º 115 de RRZ.

## A produção de carne de porco em comparação com outras espécies de carne

**Durante os anos 60 e 70, uma parte crescente do suprimento de carne da dieta humana proveio da produção de suínos e de aves. Isto acon-**

**teceu tanto nos países tecnicamente avançados, como nos menos desenvolvidos.**

Nem porcos, nem aves, sofrem fortes restrições biológicas para um rápido aumento de sua produção, como os ruminantes.

Presentemente, modernas linhagens de suínos, bem como híbridos altamente produtivos, desempenham um importante papel no suprimento de proteína animal de numerosos países de todo o mundo. Eles crescem rapidamente, são transformadores econômicos de alimentos, têm elevada taxa de crescimento e produzem carcaças providas de muita carne magra e pouca gordura.

Não obstante, as políticas governamentais visando a um aumento das produções racionais de carne de porco devem levar em apreço numerosos aspectos tais como:

- certo poder aquisitivo dos consumidores;
- suprimento suficiente e contínuo de alimentos para a população suína do país durante todo o ano;
- mão-de-obra perita e bem treinada, especialmente nos setores da reprodução e multiplicação dos animais;
- necessidade de meios adequados para abate, processamento e venda aos mercados;
- suínos com bom potencial genético, bem adaptados às condições locais (importações e criação nacional e programas de seleção).

Os primeiros aspectos mencionados são provavelmente os mais importantes, porque a falta de poder aquisitivo significa ausência de demanda e sem esta nenhum criador pode aumentar a produção.

Em vista dos fatores acima resumidos, é evidente que uma modificação frutífera e harmoniosa da produção doméstica para a comercial envolve todos os elos da cadeia que se estende do produtor ao consumidor.

**Suprimento crescente da carne de porco.** Os Quadros 1 e 2 mostram um suprimento de suínos, em base mundial, de 39% da produção total de carnes; os bovinos concorrem com 32%; as aves com 20% e os 9% restantes provém de outros animais tais como ovinos, caprinos, búfalos, cavalos, camelos, etc.

Comparando-se os valores de 1970 com os de 1980 fica claro que a participação da carne de porco no suprimento total de carnes elevou-se de 3% e que o de aves foi de 4%, ao passo que as de carne bovina e de outras espécies caíram 5% e 2%, respectivamente.

Há grandes diferenças nesses valores, se compararmos as diferentes regiões do globo. Por exemplo, a Europa Ocidental e países da Ásia e Extremo Oriente mostram uma considerável ascensão da produção porcina, como é indicada no Quadro 3. Através deste Quadro é interessante notar que o crescimento da produção de carne durante os anos 70 foi maior que o aumento da população humana.

A população humana, em base mundial, elevou-se de 3.677 milhões em 1970 para 4.415 milhões em 1980, um aumento de 20,1%. A elevação da produção de carne no mesmo período foi de 34,3%, resultando em um consumo de 32,2 kg de carnes, em média, para cada ser humano em 1980 (Quadro 1).

Verificando-se a distribuição de diferentes espécies de carne, de acordo com a sua disponibilidade e admitindo-se uma distribuição mundial igual, o "cesto de carnes" de uma pessoa qualquer em 1980 conteria:

12,4 kg de carne de porco
10,3 kg de carne bovina
6,6 de carne de aves
2,9 kg de carnes diversas (outras)

Entretanto, há uma enorme diferença nos conteúdos dos "cestos de carne" entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, como é mostrado a seguir:

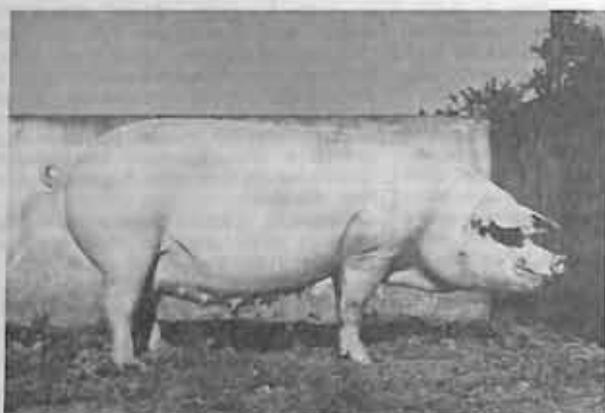
Países desenvolvidos	Consumo de carnes, kg
carne de porco	28,9 (6,6)
carne bovina	27,0 (4,3)
carne de aves	17,4 (2,8)
outras carnes	4,5 (2,1)
total de carnes	77,8 (15,8)

(os valores para países em desenvolvimento estão representados entre parênteses).

A grande diferença em suprimento de carnes entre os dois grupos de países é parcialmente causado pela falta de produtividade animal.

Mais de dois terços da população humana e animal do mundo vivem em países em desenvolvimento. Verificada a produtividade dos animais, somente um terço da produção de carnes do mundo provém de países em desenvolvimento, onde dois terços dos animais são mantidos.

Ao considerar a presente fome de proteína e a crescente demanda de produtos animais de um lado e a elevada potencialidade da produção da suinocultura bem



As raças suínas chinesas são bem conhecidas por sua fertilidade, tal como a Shanghai Branca, desenvolvida da Pu Tong com a Large White Russa (à esquerda) e a Peking Preta (à direita).

organizada, de outro, torna-se evidente que o melhoramento da produção porcina nos países mais pobres do mundo tem grande porvir.

**Fortalecimento da produção suína em países em desenvolvimento.** Nas áreas rurais de muitos países em desenvolvimento, a suinocultura está meramente em nível de subsistência. As famílias rurais mantêm usualmente alguns porcos que são alimentados com restos de cozinha e refugos da fazenda. A criação porcina tem sido conduzida dessa forma durante os tempos e pode ser difícil melhorar este sistema sob as condições vigentes. A não ser que mudem inteiramente a agricultura tradicional de subsistência, não há lugar para a produção comercial de suínos.

Isso acontece não só porque não podem ser utilizados maiores potenciais de produção sob as más condições existentes, como, também, porque um animal oriundo de cruzamento contínuo é provavelmente menos bem dotado de defesas orgânicas contra os perigos de uma vida rude.

Como a intensificação da produção porcina somente é possível com um suprimento alimentar adequado, ela se acha ligada estreitamente ao desenvolvimento global da agricultura na área concernente. Além disso, a carne de porco somente poderá ser produzida comercialmente se houver consumidores que a remunerem convenientemente.

A produção comercial de suínos deverá, portanto, ser estimulada e melhorada como parte integrante da agricultura periurbana. E ali que são encontrados com maior probabilidade os dois principais pré-requisitos (suprimento de alimentos e mercado próximo). Se a produção não tiver êxito sob essas condições, certamente irá à falência nas áreas rurais mais distantes.

A estratégia mais aconselhável é escolher as cabeças-de-ponete situadas perto dos centros populosos, a partir das quais as técnicas de produção melhoradas e melhores plantéis de reprodução podem ser disseminados gradualmente para as regiões mais remotas.

Ao decidir se uma área tem elevado potencial para produção comercial de suínos, deve-se dar considerável atenção à obtenção de rendimentos máximos dos investimentos. As recomendações somente serão dadas com detalhes após cuidadosos estudos das condições locais, levados a efeito por uma equipe de técnicos e peritos bem a par dos problemas da produção comercial de suínos. Os principais aspectos a serem estudados são propiciados a seguir.

**Conhecimentos e capacidade técnica.** Caso a agricultura local seja já orientada para o mercado, podem existir algumas unidades de criação de suínos de pequeno e médio portes. Os cuidados de manejo de criadores e processadores devem ser analisados porquanto eles formam um fator muito importante em produção animal. Se o manejo é razoável, pode ser recomendada uma estratégia em que se usam os recursos técnicos existentes, ao máximo. Muitas vezes, uma associação de produtores de suínos poderá ser estabelecida na área de criação, que será so-



Os subprodutos do coco e plantas aquosas são recursos alimentares bem aceitos pelos suínos nos trópicos (Suriname, à esquerda); mas uma produção de suínos intensiva requer uma indústria de rações moderna e eficiente (Brasil, à direita).

cretariada por um extensionista especializado em suinocultura.

Se houver escassez de técnicos especializados e de quaisquer conhecimentos, o governo deve estabelecer inicialmente unidades de produção.

Havendo falta de especialistas e de dinheiro, pode-se obter auxílio de fora em muitos casos. A unidade resultante não só suprirá os pequenos produtores de melhores reprodutores como, acima de tudo, será usada como fazenda de treinamento para um número seletivo de produtores locais. O adestramento mais eficiente será precipitado com bons reprodutores e o fomento gradativo para ampliar a própria produção.

**Suprimento de alimentos para os animais.** O arroz e o milho são, em grande parte do mundo em desenvolvimento, os principais alimentos. Seus sub-produtos representam cerca de 25 a 30% em peso dos grãos originais. Significa que 15 kg de produtos beneficiados para uso do homem correspondem a cerca de 5 kg de sub-produto útil, que pode produzir 1 kg de carne de porco, se adicionado de concentrados adequados a suínos altamente produtivos.

Vários sub-produtos da agro-indústria e um grande número de culturas tropicais constituem ingredientes adequados para confecção de rações para suínos. Os grãos alimentícios também podem desempenhar um papel cada vez mais importante na produção suína nos trópicos. Meios de armazenagem, beneficiamento, moagem e mistura para preparo de pré-misturas balanceadas e concentrados adequados são essenciais para a produção comercial de suínos.

O suprimento de rações com fórmulas de boa qualidade pode compensar parcialmente a falta de perícia no manejo entre os criadores. Para que estes tirem razoável proveito, o preço de 1 kg de ra-

ção balanceada para crescimento não deverá exceder de um sexto do preço de 1 kg de peso vivo de suíno a ser abatido.

**Reprodução.** Desde o momento de sua domesticação, até agora, a relação insumo/produção em suinocultura tem sido grativamente melhorada através da reprodução. Na Europa e na América do Norte fizeram-se grandes progressos durante os últimos 50 anos, mas, bem menos, ou totalmente, nada ocorreu em muitos países em desenvolvimento.

Se a eficiência dos rebanhos indígenas e exóticos nos trópicos é comparada em termos de quilogramas de rações concentradas consumidas por quilograma de carne magra produzido, parece um desperdício de alimentos o uso de tipos indígenas locais nessas regiões, para a produção comercial. Os geneticistas de plantas têm sido aplaudidos devido à grande diferença em produtividade entre variedades altamente produtivas de grãos e os cereais tradicionalmente cultivados sob condições de solo favoráveis e boas técnicas. O que os geneticistas de animais obtiveram durante as últimas duas ou três décadas foi também muito substancial, mas isso atraiu menos atenção. A diferença em produção de carne entre as raças de suínos modernas e os tipos de suínos tradicionais dos países em desenvolvimento não é maior que as divergências de produção entre os cereais de elevada produção e as variedades comuns ou tradicionais (Quadro 4).

As raças modernas de suínos podem ser tão eficientes na batalha contra a má nutrição (escassez de proteínas) como os cereais altamente produtivos na luta contra a fome (escassez de energia). O uso comercial de raças porcinas de alta produção pode, portanto, ser incentivado em países em desenvolvimento.

Os animais de sangue exótico não devem ser introduzidos nesses países sem

a segurança de haver um manejo relativamente bom.

Uma vez obtido um rebanho de sangue exótico em determinada área, o alvo zootécnico principal deve ser a obtenção de uma conversão dos alimentos em carne mais eficiente, representando os custos das rações 70 a 80% das despesas com a produção total e o valor de 70 a 90% de carne quanto ao valor total da carcaça. Isto requer um programa zootécnico bem ajustado às condições e meios locais, de sorte que a seleção propositada possa ser levada a efeito.

**Saúde.** As explorações para produção de suínos de tamanho razoável, com alojamentos adequados, rações apropriadamente balanceadas e bom manejo, incluem precauções sanitárias e não podem ser usualmente atingidas por doenças.

Contudo, em países nos quais a produção de suínos constitui provavelmente uma parte ponderável da economia agrícola, os veterinários deverão ser adestrados em prevenção de doenças de suínos e deverá vigorar uma legislação adequada sobre o controle de moléstias perigosas. A produção comercial é grandemente auxiliada por regulamentos eficientes sobre o controle de doenças e a inspeção de carne. Isto é importante nos países que desejam exportar carne de porco.

**Alojamentos.** Os alojamentos adequados têm importância capital na produção comercial de suínos, pois afetam diretamente a produtividade e a sanidade dos animais e controla os requisitos de mão-de-obra da exploração.

Nos países dotados de clima moderado ou frio são necessários elevados investimentos iniciais com a edificação de unidades de criação de tamanho razoável. São freqüentemente necessários pisos sólidos, bem insolados, paredes e tetos, além de dispendiosos sistemas de ventilação.



Nos trópicos, construções simples são suficientes para abrigar os suínos contra a ação causante dos raios solares e da umidade das chuvas. Esta pocilga, no Gabão, (esquerda) é muito dispendiosa e além disso causa um microclima interno desconfortável. Exemplo de alojamento adequado em uma exploração de suínos em larga escala no Laos (direita).

Quadro 1. Produção de carne de porco comparada com a de outras espécies em 1970 e 1980 em kg. per capita/ano

Carnes/ Anos/	carne de porco		carne bovina*		carne de aves		outras carnes		total de carnes	
	1970 <sup>1</sup>	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
<b>Países desenvolvidos</b>										
M.E. <sup>2</sup>	25,4	29,1	27,8	28,7	14,8	20,8	5,2	5,7	71,2	84,3
América do Norte	30,2	34,2	48,3	44,8	28,8	37,0	2,4	2,0	109,7	117,7
Europa Ocidental	26,0	34,0	20,3	23,1	9,6	14,7	10,3	5,1	66,2	76,9
Oceania	14,2	14,2	91,8	112,6	9,6	19,7	87,6	62,6	203,2	209,1
Outros	6,3	10,5	5,3	6,8	5,3	9,4	2,7	1,5	19,6	28,2
<b>Países em desenvolvimento</b>										
E.M. <sup>2</sup>	1,7	1,9	5,8	5,5	1,5	2,6	2,7	3,5	11,7	13,3
África	0,7	0,7	5,9	5,2	1,4	2,1	4,8	4,1	12,8	12,1
América Latina	6,0	6,9	24,0	22,2	4,3	8,7	3,7	1,7	37,0	39,5
Oriente Próximo	0,1	0,1	4,2	4,6	2,0	3,7	8,0	7,5	14,3	15,8
Extremo Oriente	1,0	1,2	0,8	0,8	0,6	0,8	1,2	1,2	3,6	4,0
Outros	5,7	6,4	3,2	2,6	0,7	1,0	3,4	3,6	13,0	13,6
<b>Econ. Centralmente Planejada</b>										
E. C. P. da Ásia <sup>3</sup>	11,4	16,4	1,7	1,7	2,0	3,0	1,6	2,0	16,7	23,1
Europa Or. + URSS	24,6	28,4	20,4	23,2	5,2	10,3	4,7	4,1	54,9	66,0
Países desenvolvidos (total)	23,9	28,9	25,4	27,0	11,7	17,4	4,9	4,5	63,3	77,8
Países em desenvolvimento (total)	5,0	6,6	4,4	4,3	4,3	2,8	1,3	2,1	13,3	15,8
Médias mundiais	10,5	12,4	10,5	10,3	4,6	6,6	3,2	2,9	28,8	32,2

Calculada do Anuário de Produção da F.A.O. (1980).

1 = 1970, significa média de 1969-1970-1971; 2 = Economia de Mercado; 3 = Economia Planejada Centralmente; \* carne de bovinos (novilhos + vitelos).

As pocilgas adequadas nos trópicos podem ser construídas por preço barato embora isso não seja sempre feito, infelizmente, porque, com frequência, imitam-se os alojamentos planejados para zonas temperadas. Nos trópicos, os custos com a construção dessas estruturas são desnecessariamente elevados, sobretudo se elas criam um microclima desconfortável nas pocilgas.

Na maioria dos países tropicais, exceto, talvez, em elevadas altitudes, os suínos adultos necessitam somente de sombra, proteção contra as intempéries e o mais possível de ar puro. Os leitões jovens podem ser facilmente protegidos contra o frio à noite no inverno, mediante instalações baratas e temporárias.

Mercados. Os meios de venda deverão ser mantidos na mesma medida dos aumentos da produção, antecipados. Recomenda-se um órgão de orientação dos abates, processamento e comércio dos suínos e de seus produtos nos países onde se pretende aumentar a produção porcina. Detalhados estudos sobre os meios existentes serão feitos, em termos de quantidade e qualidade e o aconselhamento sobre a melhora requerida e a expansão.

A corrente de mercadorias do produtor para o consumidor deve ser canalizada

Quadro 2. Quotas da carne de porco no suprimento total de carnes em 1970 e 1980 em porcentagens do total de carnes

Regiões	c. de porco		c. bovina		c. de aves		outras carnes	
	1970 <sup>1</sup>	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
<b>Países desenvolvidos</b>								
E.M. <sup>2</sup>	33	34	39	34	21	25	7	7
América do Norte	28	29	44	38	26	31	2	2
Europa Ocidental	39	44	31	30	14	19	19	7
Oceania	7	7	45	54	5	9	43	30
Outros	32	37	27	24	27	33	14	6
<b>Países em desenvolvimento</b>								
E.M.	14	14	50	41	13	19	23	20
África	5	6	46	43	11	17	38	34
América Latina	16	17	65	56	12	22	7	5
Oriente Próximo	1	1	29	29	14	23	56	47
Extremo Oriente	28	30	22	20	17	20	33	30
Outros	44	47	25	19	5	8	26	26
Econ. Plan. Centr.	55	58	25	22	11	15	9	5
E.P.C. Asiáticas	68	71	10	7	12	13	10	9
Europa Or. + URSS	45	43	37	35	9	16	9	6
Países desenvolvidos (total)	36	37	38	35	18	22	8	6
Países em desenvolvimento (total)	37	42	33	27	21	18	9	13
Média mundial	36	39	37	32	16	20	11	9

Calculada do Anuário de Produção da F.A.O.

1 = 1970, significa média de 1969-1970-1971; 2 = Economia de Mercado; 3 = Economia Planejada Centralmente.

através de um sistema de comércio organizado e eficiente, de sorte que as diferenças entre os preços de ambas as partes sejam mantidos nos menores níveis possíveis.

**Palavra final.** Grande número de países tecnicamente menos avançados têm excelentes possibilidades para uma suinocultura florescente. Contudo, o contratempo mais sério é a falta de conhecimentos técnicos, sendo necessária, pois, uma educação e treinamento em todos os aspectos dessa exploração animal.

O fomento da suinocultura nos países em desenvolvimento pode ser auxiliado, em grande extensão para:

- resolver problemas de proteína;
- evitar desperdícios de sub-produtos da agricultura;
- diversificar a produção agrícola;
- empregar a mão-de-obra disponível e
- aumentar os salários e poupar divisas do comércio com o exterior.

— Kroeske, D. — Pork production compared to other kinds of meat. Pigs — international magazine on pig-keeping, Holanda (out.) 20-3, 1984.

Quadro 3. Crescimento da população e elevação da produção de carne (diferenças entre 1980 e 1970, expressas em % de 1970)

Regiões	Pop. humana	C. porco	C. aves	Total de carnes
<b>Países desenvolvidos</b>				
E.M. <sup>1</sup>	8,3	34,2	51,5	26,8
América do Norte	8,8	23,4	39,6	16,8
Europa Ocidental	5,0	37,4	59,8	34,2
Oceania	15,0	20,2	46,5	23,5
Outros	16,0	91,8	104,2	66,1
<b>Países em desenvolvimento</b>				
E.M.	29,2	43,7	31,0	37,7
África	39,6	41,9	103,0	25,8
Oriente Próximo	31,2	43,7	136,6	46,0
América Latina	30,3	47,3	165,4	38,7
Extremo Oriente	27,3	43,8	76,0	37,6
Outros	26,7	39,1	66,7	28,8
<b>Economias Planificadas</b>				
Centralmente	14,3	48,7	95,3	43,6
Ec. Planificadas Centralmente				
Asiáticas	16,6	68,5	75,1	60,2
Europa Or. + URSS	8,6	25,4	115,1	30,6
Países desenvolvidos (total)	8,4	31,3	60,7	27,8
<b>Países em desenvolvimento (total)</b>				
	24,9	63,4	108,0	47,3
<b>Média mundial</b>				
	20,1	42,1	72,8	34,3

Calculado do Anuário da Produção da F.A.O. (1980).

1 = Economia de Mercado; 2 = Economia Planejada Centralmente.

Quadro 4. Diferenças entre produção de variedades de arroz altamente produtivas e entre raças porcinas modernas e tradicionais

Variedade ou raça	Arroz kg/ha	Suínos ganho de peso vivo/ganho diário em carne	
		g	g
Tradicional	4030	360	144
Altamente produtiva	7170	610	305
Diferença (%)	78	69	112

Nota: Os valores sobre produção de arroz foram obtidos do Programa de Melhoria de Arroz Coordenado de Toda a Índia. A variedade de arroz altamente produtiva foi a IR & (IRAI). Essas produções foram obtidas com 200 kg de Nitrogênio elementar por hectare.

Os dados sobre produtividade de suínos foram registrados em Taiwan (Formosa) de experimentos de engorda com a raça local Taoywan e as raças Large White & Landrace. Os valores concernentes às últimas raças diferiram tão pouco que ambas as raças europeias foram reunidas. A Taoywan é a melhor das três raças tradicionais em Taiwan e seu desempenho na engorda é presumivelmente muito melhor do que grande número de raças locais existentes nos trópicos.

## O berço da marca "F"

125 ANOS  
DE CRIAÇÃO E SELEÇÃO  
DAS RAÇAS  
MANGALARGA MARCHADOR,  
CAMPOLINA,  
PONEY PIQUIRA E  
JUMENTO PEGA

A marca "F" significa  
agilidade, comodidade  
beleza e resistência



LOTE DE JUMENTOS PEGA



MANGALARGA MARCHADOR

DENTRO DO MESMO PADRÃO E TRADIÇÃO DA MARCA "F" CRIAMOS E VENDEMOS REPRODUTORES BUBALINOS JAFFARABADI E MURRAH, CAPRINOS TOGGENBURG, OVINOS DESLANADOS SANTA INEZ, SUÍNOS PIAU E PASSA TEMPO E CANINOS FILA BRASILEIRO  
TELS.: (037) 335-1130 - (031) 224-6493

Fazenda Campo Grande Ltda.

Dir.: Dr. Marcio Andrade

Tels.: (037) 335-1130 e

(031) 224-6493 -

Passa Tempo - MG

## Uso de concentrados na alimentação de suínos

Uma cadeia de produção é tão forte quanto seu elo mais fraco e por isso cada aspecto da produção animal deve ser bem cuidado.

Neste artigo os aspectos nutricionais para se obterem bons resultados na suinocultura são discutidos em detalhe.

Presentemente, podem-se obter excelentes resultados técnicos na suinocultura mediante bons programas de criação. Mas esses bons resultados somente serão possíveis quando outras considerações como as de manejo, alojamento, saúde e nutrição são satisfeitas. Na última década, o ganho diário, a conversão alimentar e a qualidade da carcaça foram consideravelmente melhorados.

Muitos nutrientes são importantes na alimentação animal. A nutrição ótima dos suínos provê um delicado equilíbrio entre os requisitos de um lado e a ingestão de nutrientes de outro. Com uma boa ração e um bom programa alimentar, ambos os lados do problema são atendidos. É essencial, para uma nutrição equilibrada, o bom conhecimento acerca dos requisitos dos animais, assim como a análise e a qualidade dos materiais ou ingredientes originais.

No passado deu-se atenção somente à energia, proteína, alguns minerais e vitaminas. Hoje, os nutricionistas levam em consideração cerca de 40 diferentes nutrientes, ao calcularem suas rações. Eles diferenciam a proteína em aminoácidos necessários e a disponibilidade desses aminoácidos também é levada em consideração.

Além das vitaminas lipossolúveis A, D, E e K ministradas, as vitaminas hidrossolúveis também são adicionadas às modernas rações para suínos, que devem conter uma quantidade balanceada de minerais (sal, cálcio, fósforo) e minerais-traços (Zn, I, Mn, Mg, Co, Cu, Se, Fe). Nas universidades, institutos de pesquisa dos estados e órgãos de pesquisa das fábricas de rações foi feito muito trabalho e ainda se faz, a fim de se obterem melhores informações sobre os requisitos dos animais e/ou melhores dados técnicos sobre os ingredientes.

Ambos os tipos de pesquisas têm sido conduzidos devido ao melhoramento das bases genéticas e alterações feitas nos sistemas de alojamento e manejo, fatores que podem modificar os requisitos dos animais.

Devido aos melhoramentos na tecnologia da produção, a matéria prima disponível para alimentação animal tem hoje em dia uma composição diversa.

Novos sub-produtos da indústria de alimentos para o homem tornaram-se disponíveis e novos métodos de tratamento foram criados para aumentar o valor alimentar dos materiais de baixa qualidade existentes. A indústria de rações em particular sempre trabalhou no sentido de obter ótimos resultados com os custos mínimos.

**Padrões de rações e ingredientes.** Os resultados de contínuas pesquisas para melhorar padrões de rações e ingredientes são publicados na forma de tabelas. Muitas publicações sobre esses padrões são disponíveis, como, por exemplo: as do NRC, ARC, CVB, usadas nos EUA, Grã-Bretanha e Holanda, respectivamente.

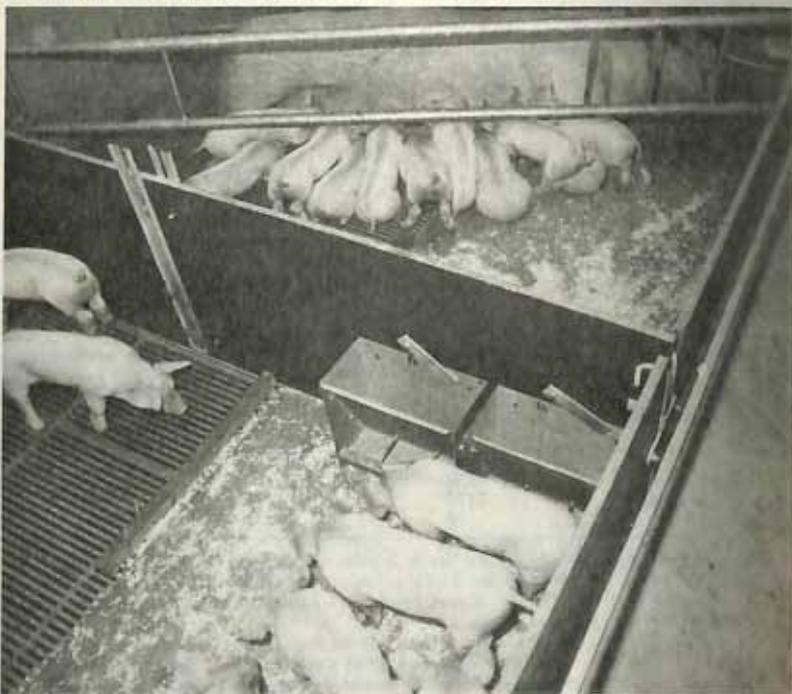
Quando essas tabelas e padrões de ra-

ções são colocados no computador, quase todas as pessoas podem formular rações para seus animais. Mas, na realidade, isso é bem mais complicado.

— Às vezes há grandes diferenças entre as tabelas em vários países para os valores dos ingredientes, assim como para os requisitos dos animais.

— Os ingredientes usados para confecção de rações diferem dos valores publicados nas tabelas. O valor da tabela é sempre um termo médio. Os sub-produtos, em particular, e alguns ingredientes ricos de proteínas podem ser consideravelmente diversos.

— Mesmo quando os valores tabulados se acham de acordo com os valores químicos encontrados em determinados in-



Um departamento experimental de uma fábrica de rações os novos produtos são testados antes de serem utilizados na prática (Provimi).

redientes, alguns fatores, tais como as micotoxinas do milho ou a rancidez oxidativa podem ter um grande impacto no valor nutricional de tais ingredientes.

É óbvio que não somente os alimentos devem ser formulados pelo computador, mas, o nutricionista postado por detrás desse meio mecânico deve conhecer exatamente a tarefa que está executando, que há boas técnicas de laboratório e que um perfeito controle de qualidade são indispensáveis para produzir uma ração balanceada que possa resultar em um excelente desempenho dos animais.

Os concentrados contêm muitos nutrientes. Em muitos países os ingredientes disponíveis são limitados. Por vezes alguns grãos e/ou fontes de proteínas vegetais são produzidos localmente ou, então, importados do exterior. Neste caso as proteínas animais, todas as vitaminas, os elementos-traços e os promotores de crescimento têm de ser adquiridos individualmente, para serem localmente misturados. A fim de evitar este procedimento complicado e às vezes custoso, muitas fábricas de ração e grandes fazendeiros que fabricam suas próprias misturas, preferem usar um produto denominado concentrado. Esses concentrados são produzidos em fábricas altamente especializadas, onde o conhecimento dos ingredientes alimentares, os requisitos dos animais, a estabilidade e a interação das vitaminas e minerais nos concentrados e a produção técnica são respaldados por um bom programa de controle de qualidade e um serviço de laboratório confiável e de ação rápida.

Esses concentrados normalmente contêm proteína animal, como farinha de pescado, farinhas de carne, fósforo, sal, gorduras, minerais-traços e anti-oxidantes de gorduras e vitaminas. Às vezes, certos elementos são agregados ao concentrado como os inibidores de fungos, coccidiostáticos, mormente quando requeridos pelo comprador.

Um produtor de concentrado confiável fornecerá seu produto juntamente com instruções para a mistura ou modo de usá-lo com os ingredientes disponíveis no local. Além disso, o serviço técnico concernente à produção, o serviço de laboratório, o manejo da fazenda, a assistência veterinária e os programas de treinamento são freqüentemente propiciados com o concentrado.

Tais concentrados têm muitas vantagens, tais como:



Com bons programas de arraaamento obtêm-se excelentes desempenhos.

- contêm todas as principais proteínas, minerais e vitaminas;
- contêm instruções fáceis sobre a mistura e o modo de usar o número mínimo de ingredientes diferentes;
- requerem um programa de controle da qualidade para determinado número de ingredientes;
- há menores problemas logísticos com a importação, transporte e armazenagem dos vários ingredientes;
- todo o conhecimento sobre a nutrição existente é aplicado ao concentrado de sorte que o usuário pode beneficiar-se das últimas aquisições e desenvolvimentos em nutrição animal;
- os bons concentrados têm análises garantidas de todos os nutrientes, tais como níveis de vitaminas, de minerais, de elementos-traços e os teores de diferentes aminoácidos, tais como lisina, metionina e cistina;
- os concentrados são produzidos de acordo com a última tecnologia, a fim de

assegurar uma estabilidade elevada e longa durabilidade em depósito.

**Conclusão.** A produção animal, assim como a nutrição animal são processos rítmicos nos quais muitas coisas se alteram com o tempo. As modernas fábricas de rações estão na fronteira desses desenvolvimentos e incorporam essas novas técnicas a seus produtos e serviços. Usando concentrados são eliminados muitos problemas com a obtenção de uma boa ração para suínos.

Com concentrados, o usuário pode utilizar uma proteína animal bem balanceada e com análise garantida. Com uma boa ração é atingida uma das condições para a obtenção de bons resultados técnicos financeiros.

— Raternick, Roelof. The use of concentrates in swine feeding. Pigs-international magazine on pig-keeping. Holanda, (out.) 34-5, 1984.

Nota da R.: O autor pertence à Próxima B. V., Roterdão, Holanda.

# Saúde tem nome

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - 5º and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

**CRED  
MED**  
ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE



vizinhas a pastagens de braquiária, tratar as sementes de arroz ou aplicar no sulco de plantio inseticidas sistêmicos de longo efeito residual, nas regiões onde é comum a infestação das cigarrinhas. A cultura ficará protegida por cerca de 25 dias. E quando não houver tratamento do solo ou da semente, no caso de áreas infestadas, pulverizar com Monocrotofos ou Dimetioate.

### 31 163 produtos Holstein oriundos de transplante de embrião registrados nos EUA

Segundo nota publicada em **Hoard's Dairyman**, 129: 1319, 1984. Richard E. Nelson, Assistente especial da Associação de Holstein dos EUA informa que os animais registrados, que resultaram de transferência de embrião, nesse país, até junho de 1984, alcançaram 18 401 fêmeas e 12 754 machos, ou um total geral de 31 163 indivíduos, assim distribuídos, ano após ano, a partir de 1974:

Ano	fêmeas	machos
1974	1	1
75	10	5
76	92	41
77	161	100
78	321	295
79	774	705
80	1 959	1 598
81	3 351	2 424
82	4 953	3 181
1983	5 581	3 646

Note-se que o primeiro produto oriundo de TE foi um macho, Rockall Son of Bova, nascido em 12 de março de 1974; o segundo foi a fêmea Skagvale Haltie Star, nascida em 14 de abril de 1974. Os animais provenientes de TE recebem um sufixo com as letras ET (embryo transfer).

### O método de ministração não afeta a absorção do colostro

A importância de dar colostro aos bezerros recém-nascidos, com suas imunoglobulinas que combatem as doenças, está bem documentada. No caso em que o bezerro não mama, tem-se recomendado a ministração do colostro mediante uma sonda esofagiana. Será esse método eficiente?

A resposta é positiva segundo pesquisadores da Estação Experimental de Agricultura de Oklahoma, EUA (**Hoard's Dairyman**, 129 (16): 968, 1984). Durante um período de três anos, 51 bezerros de raça leiteira recém-nascidos foram alimentados com colostro, seja com mamadeira, seja com sonda esofagiana, logo após o nascimento e, depois, 12 e 24 horas mais tarde. Tomaram-se amostras de sangue a fim de medir a concentração de imunoglobulina (IgG), antes da ministração inicial e a cada 4 horas de intervalo durante 32 horas.

A taxa de aumento da concentração de IgG no soro sanguíneo após a ministração foi exatamente a mesma para os bezerros que receberam colostro pelos dois métodos. O nível atingido após 24 horas da ministração inicial foi semelhante nos dois grupos e considerado adequado para a elevada sobrevivência dos bezerros.

### Agente que aumenta a quantidade de músculos em carcaça de suínos

Cientistas dedicados aos animais na Universidade de Minnesota, EUA testaram um novo aditivo, denominado "agente de repartição" em dietas de acabamento de suínos. Ele faz com que o suíno use os mesmos nutrientes como os animais que

não recebem o agente, mas distribui-os de forma a dar em mais tecido muscular e menos gordura.

De acordo com Ron Moser (**Hoard's Dairyman**, 129 (16): 968, 1984), um dos pesquisadores, o agente produz um melhoramento de 10 a 15% em massa muscular e diminuiu outro tanto em medidas de gordura, nesse estudo. As carcaças de suínos tratadas com o agente apresentaram maiores áreas de "olho-do-lombo". Mas o agente de repartição não melhorou características de desempenho, tais como eficiência alimentar e ganho diário.

### O tratamento dos maus fenos com amoníaco melhora sua apetibilidade

Os pesquisadores Dulphy, Zwaenepoel e Aboufaraj do I.N.R.A. e Komar do CEMAGREF (França) (**L'Elevage-Bovin** (144): 65, 1984) prepararam seis fenos tratados com 30 a 40 kg de amoníaco andro por tonelada e compararam sua composição química, seu valor alimentar e as características de sua digestão ruminal no carneiro, com fenos não tratados.

O tratamento aumentou grandemente o teor em matérias azotadas totais dos fenos, que passou de 86 a 152 g/kg de MS (37% de amoníaco foram fixados pelos fenos). Houve também um aumento das matérias azotadas não digestíveis que passaram em média de 44 a 67 g/kg de MS, o que significa que, aparentemente, só 64% do amoníaco fixado foram utilizados pelos animais.

A ingestibilidade e a digestibilidade dos fenos foram nitidamente aumentadas nos fenos de fraco valor alimentar, mas não nos que tinham valor elevado.

Somente o comportamento dos animais que receberam um feno de valor elevado antes do tratamento foi modificado: houve menor duração das grandes refeições e da duração da ruminação.



**LOLA DA CALCÍOLÂNDIA:** Neta de BELA VISTA, produziu 2.843 kg na primeira lactação. Foi campeã no concurso leiteiro de zebu em Sete Lagoas-MG. É doadora de embriões.

## GIR LEITEIRO DA CALCÍOLÂNDIA

LINHAGEM BOMBAIM

**GABRIEL DONATO DE ANDRADE**

ASSISTA ORDENHA SEM MARCAR DATA

**FAZENDAS SERRINHA E CALCÍOLÂNDIA**

FONES: (037) 351-1267 ARCOS-MG

(031) 531-2737 BETIM-MG

# Embrapa coloca a informática a serviço da agropecuária

Decidir o que produzir, quanto produzir, com que despesa e visando obter que nível de retorno financeiro, é um problema tenor para Francisco Bento, proprietário de uma chácara de 27 hectares no Distrito Federal, dedicado ao plantio de hortaliças. Chico Bento, como é conhecido no local, utiliza em seu auxílio um novo **implemento** que lhe permite maior segurança na avaliação das possibilidades de sua propriedade: o computador. Através do Programa Profazenda, da administração rural, o agricultor analisa em profundidade, com grande rapidez, a melhor maneira de utilizar os recursos de que dispõe, ao mesmo tempo em que organiza, de forma mais racional, as tarefas de produção, processamento e venda de produtos.

Há dois anos que Chico Bento está integrado ao Profazenda, tendo sido um dos primeiros produtores a engajar-se na nova experiência. Ele revela que quando recebeu o primeiro sumário do computador, contendo a análise detalhada de sua propriedade, ficou "muito chateado". Naquela ocasião constatou que seu trabalho, ao contrário do que imaginava, não estava sendo compensador: o nível de retorno financeiro estava sendo inferior ao nível de investimentos que realizava. Para melhorar sua lucratividade, o computador sugeriu-lhe que eliminasse algumas das novas culturas plantadas, que não estavam sendo rentáveis, e utilizasse aquela área para a implantação de outras. O agricultor eliminou o plantio de pepino e abobrinha e aumentou a área cultivada com tomate e beterraba. Os resultados positivos foram imediatamente sentidos na nova colheita. Chico Bento afirma que, nesses dois últimos anos, as modificações introduzidas pelo uso da computação eletrônica em seu sistema de trabalho permitiram um ganho adicional da ordem de 30%. "É uma ótima melhoria, mais ainda porque eu consegui crescer apesar dessa crise que nós estamos passando".

O PROFAZENDA é um conjunto de programas de computador, desenvolvido pelo Departamento de Estudos e Pesqui-

sas da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), destinado a analisar diferentes tipos de propriedades rurais e propor uma melhor utilização de seus recursos, possibilitando um aumento da rentabilidade da exploração. Para isso, o computador é abastecido com uma série de informações relevantes a respeito do empreendimento, como seus recursos disponíveis — área, capital, máquinas, equipamentos, mão-de-obra, disponibilidade de tempo e insumos — e suas principais atividades — uso da terra, preparo do solo, produção, colheita, arrendamento de terra, contratação de mão-de-obra, venda de produtos, compra de insumos, entre outras coisas. Todos esses dados são processados eletronicamente pelo computador, levando em conta as variáveis agrônômicas, matemáticas, econômicas e estatísticas de que o programa está dotado. Como resultado, o computador apresenta uma verdadeira **radiografia** da propriedade enfocada, que irá refletir sua real situação neste momento. Ao lado disso, a máquina informa qual o nível de rendimento que poderia ser obtido, caso os mesmos recursos disponíveis fossem alocados de maneira mais racional. Os dois resultados são denominados Plano Presente e Plano Ótimo e a comparação entre eles permite ao produtor identificar os pontos de estrangulamento que limitam a expansão de seus lucros.

O relatório do computador apresenta um sumário onde é mostrado o valor do retorno líquido para todo o serviço de administração, as áreas plantadas por cultura e as comparações entre os planos presente e ótimo. Também são comparados os lucros e as perdas nos principais itens da administração rural, que são: a receita total, os custos fixos e variáveis e o retorno líquido à administração. No relatório consta ainda um cronograma das atividades da propriedade e a utilização dos recursos e seus valores situados no tempo, bem como quadros de produção e colheita das culturas, com análise de orçamentos parciais, acrescidos de cálculos relativos à diferença entre o valor da re-

ceita total e o valor dos custos variáveis, tanto para o plano presente como para o plano ótimo.

Através dessa análise, os produtores têm respostas diretas para suas principais questões, que seriam: qual a área de cada cultura a ser cultivada; quais as melhores épocas para o preparo do solo, plantio e tratamentos culturais, de modo a evitar o acúmulo de serviços para a mão-de-obra durante algumas épocas enquanto esta estaria ociosa em outras; quais as disponibilidades de horas de máquinas e equipamentos; quais os períodos críticos na condução das lavouras; quanto de área adicional deve ser arrendada; quanta mão-de-obra deve ser contratada; etc.

A principal vantagem que o Profazenda apresenta é a possibilidade de visualização antecipada dos resultados operacionais de uma determinada cultura dentro do contexto geral da propriedade. Com o recurso de realizar simulações, o produtor pode "plantar" no computador culturas alternativas e identificar qual seria o efeito apresentado na estrutura geral de sua propriedade. A simulação com o computador possibilita também a fixação de áreas máximas para diversificação ou rotação de culturas; a verificação dos efeitos da ocorrência de modificações nos recursos básicos, nos preços dos insumos, das taxas de juros e dos produtos, e como isso se refletiria no valor da receita líquida a ser auferida.

Atualmente o Profazenda dispõe de seis sistemas destinados a atenderem situações específicas de cada tipo de exploração. O primeiro sistema foi desenvolvido para atender a propriedades dedicadas ao plantio de culturas de ciclo anual e está capacitado para processar até dez culturas; o segundo sistema atende propriedades com até dez culturas anuais e que explorem também a pecuária de corte, de forma simplificada; o terceiro sistema é indicado para propriedades especializadas em hortaliças, com até dez culturas; o quarto

sistema é para propriedades que trabalhem com maior alternância no plantio de hortaliças, estando capacitado para analisar até 30 culturas; o quinto e o sexto sistema são destinados a propriedades voltadas, respectivamente, para a pecuária leiteira e para a pecuária de corte.

O usuário final do Profazenda é, em última instância, o produtor rural, independentemente do tamanho de sua propriedade. O programa atende de modo idêntico tanto a pequenos produtores como as grandes empresas rurais. O que é imprescindível para o bom aproveitamento de seus serviços é que os administradores mantenham a propriedade organizada empresarialmente, dispondo de cuidadoso controle de despesas e receitas, bem como de informações seguras sobre todas as explorações e atividades que ali são exercidas.

A possibilidade de utilização dos avanços da informática no meio rural não significa que os produtores tenham que comprar sofisticados computadores para suas propriedades, como ninguém precisa ter um laboratório para fazer análise de solos. Os dados relativos à propriedade são coletados através de um formulário simples, de fácil preenchimento, que é remetido para uma entidade que disponha de computador e que esteja de posse dos programas desenvolvidos pela Embrapa. O programa está sendo repassado para cooperativas agrícolas, secretarias estaduais de Agricultura, sindicatos e serviço de extensão rural. O sistema pode ser implantado em qualquer computador de médio e grande porte, que disponha de solucionador de programação linear. A implantação é direta nos computadores IBM 360, 370 e 4341 e em outros computadores,

como o CDC (Control Data), Facon e Burroughs, o programa exige pequenas adaptações. Os dados do formulário podem ser registrados em disquetes de microcomputadores e depois transferidos para um computador de grande porte, ou podem ser transmitidos através de linha telefônica normal. O preço de cada utilização do programa irá variar de acordo com as condições de utilização do computador e com o número de explorações existentes na propriedade. Nas condições de uso dos computadores da Embrapa, o custo de cada rodada do Profazenda está variando entre 0,5 ORTN e 3,0 ORTNs.

O Profazenda está sendo utilizado no momento por cerca de 200 produtores rurais, número esse considerado como teste inicial para o universo que o programa deverá atender. As projeções dão conta que nos próximos cinco anos o Profazenda estará atendendo um total de cem mil propriedades. Os resultados do emprego da computação eletrônica no setor rural são altamente positivos. Em uma amostra abrangendo cerca de 70 propriedades em seis estados brasileiros, analisada e processada pelo programa, foi identificado um crescimento médio da renda líquida para a administração de 33,1%. Este percentual teria sido alcançado mantendo-se o mesmo nível de recursos disponíveis e apenas programando-se as atividades de modo a evitar a sub-utilização desses recursos.

O Departamento de Estudos e Pesquisas da Embrapa está trabalhando no desenvolvimento de outros programas para computadores que irão integrar-se ao Profazenda, ampliando as possibilidades do projeto. No início de 1985 deverão estar à disposição dos produtores os seguintes

programas: Contabilidade Agrícola; Controle Físico de Gado Leiteiro; Mistura de Rações para a Pecuária. São programas destinados a avaliar situações mais específicas dentro dos objetivos de cada empreendimento rural.

Esse novo implemento com que o setor agrícola passou a contar, o computador, possibilitou a Chico Bento e a outros produtores identificarem os pontos de estrangulamento de suas propriedades. Utilizando dois programas de plantio por ano, Chico Bento passou a conhecer em profundidade sua chácara e agora pretende avançar na utilização do Profazenda para melhorar sua receita através de novos investimentos. Para o plantio de 1985 ele irá examinar a viabilidade das culturas de soja, ervilha e mostarda, com as novas variedades desenvolvidas para o cerrado pela Embrapa. As situações de cultivo serão primeiramente simuladas no computador e se apresentarem bons resultados as novas culturas serão adotadas. O agricultor planeja ainda simular o uso de fosfatos, defensivos e herbicidas de modo a programar seus investimentos em função da produtividade a ser obtida. Chico Bento tem certeza que com isso terá seu pequeno empreendimento totalmente controlado, conseguindo maior produtividade com menos horas de trabalho, sobrando-lhe mais tempo para o lazer com a família.

Maiores informações sobre o PROFAZENDA podem ser obtidas junto ao Departamento de Estudos e Pesquisas — DEP/EMBRAPA, Endereço: SCS — Ed. Supercenter Venâncio 2.000 — 9.º andar — sala 911. Caixa Postal APT 04.0515 — CEP 70.335 — Brasília-DF.

## Nosso Tabapuã tem peso e Sucesso nas pistas

Seis anos consecutivos a fazenda Morada da Prata, tornou-se vencedora do concurso de ganho de peso em Sertãozinho — SP.

Venda permanente de novilhas e reprodutores

## fazenda morada da prata

Prop.: Maria Helena Dumont Adams

Via Altino Arantes - Km 47 - Batatais - SP - Fones: (016) 761-2026 - São Paulo 212-1750

em S. José do Rio Preto, 1984  
Campeão de Prognie de Pai



# Embrapa desenvolve nova tecnologia para combater cigarrinhas

Com o desenvolvimento de uma nova tecnologia, feita pelo Centro Nacional de Recursos Genéticos (Cenargen) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o problema das cigarrinhas, uma das piores pragas das pastagens, começa a ter solução. Não se trata propriamente de uma nova tecnologia: os pesquisadores do Cenargem aperfeiçoaram o emprego do fungo *Metarhizium*, um inimigo e patógeno das cigarrinhas e que é encontrado, em forma natural, nas próprias pastagens, porém em volume insuficiente para combater a praga. Porém, essa nova tecnologia só chegará às mãos dos pecuaristas a partir de outubro. É que no momento a Embrapa está selecionando as empresas privadas a quem repassará a tecnologia. "Até outubro, acreditamos que essas empresas já tenham condições de produzir e comercializar a nova tecnologia a nível nacional", diz o pesquisador Márcio Naves, chefe da equipe que desenvolveu o trabalho no Cenargem.

De acordo com Naves, o método antigo de combate às cigarrinhas, com base na aplicação de fungos, nem sempre apresentava eficiência. Isso porque o fungo era pulverizado e tinha problema de deposição sobre as áreas infestadas. Além disso, as empresas encarregadas de comercializar o fungo não conseguiam fazer o cultivo dentro das técnicas recomendadas pela pesquisa e assim produziam um material com nenhuma ou pouca virulência. Por outro lado, como a ação e desenvolvimento do fungo devem-se dar sob condições favoráveis, os produtores não faziam os manejos complementares, como, por exemplo, manter as pastagens, nas épocas

de infestação, altas, criando um microclima favorável à multiplicação do fungo. Com isso, o fungo, sem condições ideais de desenvolvimento, não permanecia nas pastagens, exigindo pulverização contínua, encarecendo demasiadamente os custos, tornando o combate economicamente inviável por esse método.

A nova tecnologia foi desenvolvida exatamente para evitar esses erros e sobretudo tornar o combate economicamente viável. De acordo com Naves, o novo método de combate será feito, em vez da pulverização e com o fungo diluído em água, através do polvilhamento do patógeno em pó ou granulado. Esse método evita o contínuo recarregamento, já que para cada hectare de pastagem será necessário apenas 1 kg de fungo. Assim, com um avião é possível polvilhar, em pouco mais de duas horas, 400 hectares, contra os antigos 20. Segundo ele, o novo método obtem uma cobertura perfeita sobre as áreas infestadas. O novo método de combate reduziu em 70% os custos e a eficiência alcançou 90% em média, além de permitir maior rapidez no trabalho.

Além do novo equipamento, a Embrapa desenvolveu novo método de cultivo dos fungos em laboratório, de forma a garantir a qualidade do material produzido. O Cenargem, também, selecionou e isolou três cepas do fungo: cada uma para regiões distintas, melhorando também a eficiência.

De qualquer forma, o combate das cigarrinhas, utilizando essa nova tecnologia,

não dispensa a continuidade do manejo recomendado pela Embrapa. Isso porque as cigarrinhas precisam de condições ideais para a multiplicação e posteriormente permanecer nas pastagens nos anos seguintes. Do contrário, todo ano o produtor terá que fazer o polvilhamento e mesmo assim correr o risco de os fungos não se desenvolverem bem.

De acordo com a recomendação da Embrapa, os pecuaristas devem fazer o seguinte manejo, complementando o combate às cigarrinhas:

Formar ou manter, no mínimo, 30% das pastagens de cada propriedade com gramíneas resistentes à cigarrinha (Ver tabela das variedades recomendadas). Deve utilizar as gramíneas adaptadas à região.

Fazer o pastejo alto de acordo com o hábito de crescimento de cada gramínea. As que são susceptíveis à infestação, deve-se fazer um pastejo alto, 45 a 55 cm, no período de infestação, entre novembro e março. As mais resistentes o pastejo pode ser na altura de 25 a 30 cm. Porém, nenhuma pastagem deve ser mantida raspada.

Poupar as pastagens de capins susceptíveis durante a época de infestação, entre novembro e março, deslocando a maior parte do rebanho para as pastagens resistentes.

Corrigir a fertilidade do solo, de forma a produzir plantas vigorosas, que, mesmo

casadas, terão condições de suportar a infestação, não indo à morte.

Na formação de pastagens, não usar sementes de varreduras que podem conter ovos das cigarrinhas.

Fazer o controle químico apenas nas áreas de produção de sementes ou no início do pico ou no final da época de chuvas nas áreas de pastagens. Os animais devem ser retirados para evitar a contaminação. Porém, a ação do defensivo químico é limitada.

Procurar fazer sempre o manejo alto, de forma a garantir um microclima favorável ao desenvolvimento do fungo, tanto o aplicado ou natural.

Procurar consorciar as pastagens com leguminosas comprovadamente adaptadas à região e preservá-las, quando já estiver nas pastagens. Isso porque, as gramíneas consorciadas são menos danificadas pelas cigarrinhas.

Preservar as matas ou faixas de vegetação nativa para abrigar e multiplicar os inimigos naturais das cigarrinhas, como aranhas, formigas serfíceas, pássaros e o fungo.

Reflorestar áreas impróprias para pastagens, com a mesma finalidade de multiplicar os inimigos naturais das cigarrinhas.

TABELA 1. Nível de resistência de gramíneas forrageiras à cigarrinha das pastagens, *Decis flavopicta* (Stal, 1854). Dados de novembro de 1981.

Gramíneas forrageiras			
Nome científico	Nome comum	Nota de dano*	N.º de ninfas por parcela de 20 m²
<i>Hyparrhenia rufa</i>	Jaraguá	1	3
<i>Andropogon gayanus</i> cv Planaltina	Andropogon	1	4
<i>Brachiaria brisantha</i>	Brisantão	1	5
<i>Cynodon plectostachyus</i>	Estrela	1 R	5
<i>Cenchrus ciliaries</i> CL 1004	Buffel	1	5
<i>Cenchrus ciliaris</i> CL 465	Buffel	1	6
<i>Panicum maximum</i>	Colonião folha larga	1	15
<i>Setaria anceps</i> cv Kuzungula**	Setária	1	16
<i>B. radicans</i> x <i>B. mutica</i>	Tangola	1	23
<i>Melinis minutiflora</i>	Gordura	1	25
<i>Panicum maximum</i>	Colonião	1 RM	26
<i>Brachiaria brizantha</i>	Brisanta	1	35
<i>Setaria angustifolia</i>	Setária	1	42
<i>Panicum maximum</i> cv Makueni	Makueni	1	43
<i>Panicum maximum</i>	Green panic	2	51
<i>Cenchrus ciliaries</i> cv Biloela	Buffel	3	67
<i>Brachiaria humidicola</i>	Humidicola	3	316
<i>Brachiaria dytioneura</i>	Braquiária	3	420
<i>Brachiaria</i> sp.	Braquiária	4 S	246
<i>Brachiaria decumbens</i> australiana	Braquiária	4	258
<i>Brachiaria decumbens</i> IPEAN	Braquiária	4	264
<i>Brachiaria ruziziensis</i>	Ruziziensis	4	281
<i>Digitaria umfolosi</i>		4	365

\* Conceituação: 0 — Ausência de cigarrinhas. 1 — Presença de cigarrinhas, ausência de danos. 2 — Pontuação ou listras cloróticas nas folhas. 3 — Áreas cloróticas nas folhas. 4 — Folhas com a ponta seca. R — Resistente. MR — Moderadamente resistente. S — Suscetível.

\*\* O capim setária deixa de ser resistente em regiões de clima quente (acima de 30 °C, em média).

Fonte: O Controle Integrado das Cigarrinhas das Pastagens — Cosenza, G.W. et al. Comunicado Técnico n.º 7 — CPAC/EMBRAPA.

# FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031



# Leilões e Exposições

## Sucesso da Marchigiana em Londrina

O V Leilão Nacional da Raça Marchigiana, realizado durante a XXV Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, PR, vendeu 78 animais puros e cruzados por Cr\$ 723 milhões, atingindo uma média próxima dos Cr\$ 10 milhões. Os machos PO alcançaram média de Cr\$ 17,5 milhões e as fêmeas Cr\$ 22,7 milhões. Um macho 7/8 Marchigiana/Nelore, com 19 meses e 680 kg, foi arrematado por Cr\$ 27 milhões, um recorde nacional para reprodutor cruzado. Fêmeas comuns, enxertadas com embriões de Marchigiana PO, foram adquiridas ao preço médio de Cr\$ 18,5 milhões. Os maiores vendedores do leilão foram Otavio Antonio Pedriali e Lauro Garcia Molina, de Umuarama, e Israel Sverner, de Itapeva, SP. Os maiores compradores foram Nicola Pagan, de Londrina, PR e Flavio Turquino, de Eldorado, MS.

## Bovinos de leite e eqüinos no Leilão da Bentoca

No dia 5 de julho, às 11 horas, a Fazenda Bentoca, de João Leite Sampaio Ferraz Jr., promove o 9.º Leilão da Bentoca, com vendas de cavalos da raça Mangalarga e animais de esporte, serviço, sela, Pôneis e Muarezes e novilhas 3/4 HPB e HVB, Girolandas e 1/2 Sangue Flamengas, em cinco parcelas sem acréscimo. A Fazenda Bentoca fica na rodovia Pirajuti-Reginópolis, em Itacanga, SP (próximo a Bauru). O leilão será feito pelo Programa.

## Jóias da Mangalarga no Anhembi

Nos dias 7 e 8 de setembro será realizado, no Parque da Água Branca, o 6.º Leilão Programa Mangalarga, com vendas de 60 animais. No dia 9, será realizado o Leilão Jóias da Mangalarga, no Palácio das Convenções do Anhembi, com vendas de 40 fêmeas com cria ao pé ou com prenhez positiva. O encerramento de inscrições, com seleção prévia na Fazenda, até 10 de julho. Os dois leilões serão feitos pelo Programa.

## 1.º Leilão da Estância reúne cinco criadores

No dia 19 de outubro, às 17 horas, em Barra Bonita, SP, será realizado o 1.º Nelore da Estância, com vendas de 70 reprodutores — machos e fêmeas — POI e PO dos criadores Achilles Scatena Simioni (Fazenda São Geraldo), Carpa — Companhia Agropecuária Rio Pardo (Fazenda Fazendinha), Roberto Calmon de Barros Barreto (Fazendas 2 B), Torres Homem Rodrigues da Cunha e Filhos (Grupo VR) e Werner F. Jost (Fazenda Boa Esperança). O leilão será feito pela Djalma B. Lima.

## 1.001 Noites do Cavalo Árabe no Sirio, em SP

O 2.º Leilão 1.001 Noites do Cavalo Árabe, que será realizado no dia 5 de agosto, às 20 horas, no Esporte Clube Sirio (Salão Nobre), venderá 40 animais — 15 machos e 25 fêmeas. Os animais são dos Haras Cinzel, Maktub, Sapu-

caf, São Judas Tadeu e Veroná. O leilão será feito pela Remate.

## Gado cruzado em Guaratinguetá

Será realizado nos dias 6 e 7 de julho, no Recinto de Exposições de Guaratinguetá, o 1.º Leilão de Gado Cruzado de Guaratinguetá, com vendas de 350 fêmeas mestiças e 150 bezerros para recria e engorda, além de eqüinos para lida. Condições de pagamento: 20% de entrada e o saldo em 30 e 60 dias. Leiloeiro: Djalma B. Lima.

## Mangalarga da Estância

Nos dias 2, 3 e 4 de agosto, será realizado o 2.º Leilão Mangalarga da Estância — o Encontro Maior dos Mangalarguistas. Leiloeiro: Djalma B. Lima.

## Exposição e leilão em Ribeirão

Durante a VIII Feira Agropecuária da Alta Mogiana, em Ribeirão Preto, de 3 a 11 de agosto, serão promovidos vários leilões: no dia 4 de agosto, às 14 h 30, Bezerro de Corte e Cavalos de Lida e Esporte; no dia 6, às 19 h, Mangalarga Marchador; dia 7, Quarto de Milha (PO e Mestiços) e Appaloosa; dia 8, ovinos e caprinos e Árabe (PO e Mestiços); dia 9, Mangalarga, dia 10, bovinos de raças leiteiras (mestiços e cruzados) e POI, PO e PC) e 11, raças de Corte e Bubalinas. Leiloeiro: Djalma B. de Lima.

## Nelore Mocho em Presidente Prudente

No dia 26 de outubro, será realizado o 1.º Leilão Internacional de Nelore Mocho, em Presidente Prudente, SP. Dele participam Geraldo Ribeiro de Sousa, Ovídio Miranda Brito Agropastoril Ltda., Antônio Renato Prata e Juan Carlos Wasmosy e como convidados Orestes Prata Tibery Jr., Ruy Moraes Terra e Veríssimo Costa Jr. Leiloeiro: Remate.

## Mangalarga Marchador no Maksoud Plaza

Em agosto e setembro, serão realizados dois leilões de Mangalarga Marchador no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo: no dia 15 de agosto, às 20 horas, o 1.º Leilão Estrelas do Mangalarga, quando serão vendidas 40 fêmeas e 13 machos excepcionais, entre outros 1 bicampeã Nacional, 1 reservado Campeão e 6 filhas do reprodutor Turbante IO e 5 potros do mesmo ganhão. Participam os criadores Jaffer Felício Jorge, João Carlos Matta e Paulo e Nelson Toscani e como convidados Alfredo Gonçalves, José Oswald Junqueira e Gustavo Abel de Lemos Vieira. No dia 27 de setembro, às 20 horas, será realizado o Leilão Topo Mangalarga Marchador.

## Leilão 5 Marcas em Goiânia

Será realizado, no dia 3 de agosto, às 12 horas, no Parque Agropecuário Pedro Ludovico, em Goiânia, GO, o 1.º Leilão 5 Marcas, reunindo os 100 lotes de machos e fêmeas PO e POI da raça Nelore, va-

# Leilões e Exposições

riedade Padrão e Mocho, dos criadores Júlio Roberto M. Bernardes, Vivaldo Ribeiro Guimarães, Salvador Sydney Farina, Constantino Cunha Guimarães e Antenor de Amorim Nogueira. Leiloeiro: Pedigree Leilões.

## Quarto de Milha no Palace

Será realizado, no dia 19 de agosto, às 20 horas, no Palace, em São Paulo, o III Leilão de Velocista Quarto de Milha, com vendas de 50 produtos, filhos de éguas com Registro de Mérito ou Produtores de Registro de Mérito em corridas; produtos de éguas cujos pais têm registro de Mérito em corridas e Reprodutores com prenhez positiva e ou com produto ao pé e animais com 3 ou mais anos de idade hípica, que obtiveram registro de Mérito em Corridas. No dia 17 de agosto, os animais estarão expostos no Parque da Água Branca. Leiloeiro: Remate.

## Apaloosa é destaque no Leilão Lagoa da Serra

No VI Leilão Lagoa da Serra, promovido pela Agropecuária Lagoa da Serra, no Hotel JP, em Ribeirão Preto, o destaque foi a raça Apaloosa: foram vendidos 9 animais da raça por Cr\$ 5,326 milhões, com média de Cr\$ 60 milhões. A raça Apaloosa bateu o recorde de vendas, média e vendeu o animal mais caro. Nesse leilão, a fêmea, com potro ao pé, RM Miss Jagady, nascida em março de 1976, foi vendida pela Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos por Cr\$ 200 milhões para o criador Orlando Rodrigues Filho. Nesse leilão, a Luiz Zillo vendeu, ainda, um macho e uma fêmea cada um por Cr\$ 80 mil-

lhões. A Southern Belle K, nascida em 1978, foi comprada por Ricardo de Gasperi Bombonati, e o macho Duncan Absarokee's Sab, de 1979, pela Cia. Agrícola Sertãozinho.

## Campolina no Palace vende Cr\$ 1 bilhão

O 1.º Leilão "O Pedigree de Elite da Raça Campolina", realizado no Palace, em São Paulo, no dia 8 de abril, bateu todos os records da raça: foram vendidos 43 animais por Cr\$ 1,003 bilhão, com média de Cr\$ 23,325 milhões. O destaque do leilão foi a matriz Ciumenta de Sans Souci, super campeã Nacional, de Jayme de Almeida Figueiredo (Rancho 70), vendida por Cr\$ 120 milhões — preço recorde nacional da raça.

## Leilão da Embrapa vende Cr\$ 937 milhões

Como tradicionalmente vem ocorrendo, o IX Leilão da Embrapa, realizado na UEP-AE, de São Carlos, na Fazenda Canchim, foi um sucesso: os 303 animais colocados à venda foram arrematados por Cr\$ 937 milhões. Os 28 reprodutores Canchim foram disputados por 18 criadores vindos do Maranhão, Paraná, Minas, São Paulo, Bahia, Brasília, Goiás, atingindo médias de Cr\$ 13 milhões. O maior lance, para esses lotes de reprodutores, foi feito por um criador de Jaguarúna, SP, que pagou Cr\$ 40,8 milhões. O preço médio para os machos não registrados foi de Cr\$ 4,307 milhões, matrizes registradas Cr\$ 2,009 milhões e não registradas Cr\$ 1,24 milhão.

Para os equinos, os preços, também, foram bons: 3 potros PS Árabe foram vendidos por Cr\$ 12,4 milhões, 3 fêmeas PS Árabe, por Cr\$ 6,4 milhões; 3 potros mestiços por Cr\$ 4,7 milhões; 3 fêmeas

mestiças por Cr\$ 10,667 milhões e 3 potras mestiças por Cr\$ 6,8 milhões.

## Búfalos em Itu

Será realizado, em Itu, SP, no recinto de leilões Kapuaba, o mais moderno parque para eventos rurais, no km 85 da rodovia Marechal Rondon, entre Jundiá e Itu, um novo leilão diferencial: Búfalos em Leilão, que será no dia 13 de julho a partir das 12 horas. Serão colocados à venda 100 animais, entre machos e fêmeas, das raças Jafarabadi e Murah, todos registrados na Associação Brasileira de Criadores de Búfalos. Participam do leilão, os criadores Alberto P.L. Morais, Carvalho Vidigal & Cia., Elio Micheloni, Humus Pecuária, João Bosco C. Jacintho, Joaquim V. Prata Cunha, Jonas Camargo Assumpção, José Carlos Prata Cunha, José R. Ribeiro, Luís Cláudio S. Guimarães, Orlando Mariutti e Thales G. Fagundes.

## Anglo-Árabe NA bate recorde

O criador Nagib Audi, do Haras Santa Gertrudes, de Morungaba, SP, liquidou o seu plantel de cavalos Anglo-Árabes, no dia 1.º de junho, no Parque da Água Branca, em São Paulo. No leilão, Audi introduziu uma inovação nessa modalidade de comercialização de animais: lançou a venda em parcelamento de 24 meses, em parcelas, sem juros, mas corrigidas pelas ORTNs. Apresentando, assim, animais de excelente qualidade e a nova modalidade de comercialização, Nagib Audi vendeu todos os 43 animais, obtendo, por eles, Cr\$ 1,228 bilhão. Nesse leilão, Audi obteve um preço recorde pela estrela mais cintilante do seu

plantel: o garanhão Bedue NA, com 7 anos, vendido à vista pelo preço de Cr\$ 216 milhões ao criador Oscar Americano Neto, do Haras Morumbi. Ele pagará em 24 parcelas, pelo valor real unitário de Cr\$ 9 milhões.

O valor pago ao garanhão Bedue NA — filho de Manzo e Bernardine — é recorde para a raça Anglo Árabe e é a primeira vez que um animal dessa raça supera um da raça Árabe. Com a liquidação do seu plantel de Anglo Árabe, selecionado durante 10 anos, Nagib Audi passará a dedicar exclusivamente à raça Árabe, cujo plantel tem 320 puro sangue, dos quais 120 são éguas. No mesmo dia do leilão, o criador apresentou à platéia os sete garanhões importados dos Estados Unidos e que dificilmente serão colocados à venda. Os cavalos foram importados através da Comissão Coordenadora de Criação do Cavalos Nacional (CCCN), órgão do Ministério da Agricultura. Os garanhões serão utilizados no aperfeiçoamento e no melhoramento do atual plantel do Haras Santa Gertrudes, cujo rebanho já é um dos melhores da raça Árabe.

## Appaloosa em Uberlândia

Será realizado, no dia 31 de agosto, no Parque do Camaru, em Uberlândia, MG, o II Leilão Oficial da Raça Appaloosa. Serão leiloados cerca de 40 animais, previamente selecionados, registrados em Livro Fechado (machos e fêmeas), Livro Fechado CG (fêmeas), Livro Aberto (machos e fêmeas) e Importados. De acordo com o regulamento do II Leilão, as inscrições dos animais serão aceitas até o dia 8 de julho. As inscrições custam Cr\$ 120 mil e podem ser feitas na associação (av. Francisco Matarazzo, 455, CEP 05001, São Paulo, tel. (011) 262-9479).

## A queda violenta da produção de milho em Minas

Em 1977 o Brasil colheu 46 milhões de toneladas de grãos para uma população de 110 milhões de habitantes, o que dá uma média de 415 kg/pessoa/ano contra 384 kg/pessoa no ano passado. Isto quer dizer que, o brasileiro está comendo menos, está ficando mais doente, mais fraco e mais pobre. Em Minas infelizmente, a situação está pior.

A produção de milho no Estado que em 1982 alcançou 3.156.000 toneladas, diminuiu em 1983 para 2.660.000 e que em 1985 será menor, ou seja, em torno de 2.300.000.

O que significa isto? Isto significa que a situação da agricultura vem piorando cada dia mais.

O milho é um dos produtos mais importantes do mundo, além de ser um produto que faz leite, carne, óleo, pão, bolo, é o produto fundamental da "fartura". Paiol cheio significa tranquilidade para o produtor e para os consumidores e deveria significar principalmente para os governantes.

Porque isto? Você poderia perguntar.

E eu lhe responderia:

a) Há falta de estímulo por parte dos Governos. Quem dita as regras é o Federal e a ele cabe maior parte da culpa. Mas não podemos esperá-lo mais.

b) Não há preço condizente na colheita.

c) Os mineiros ficam envolvidos em política e se esquecem da produção. Ficamos pensando... Pensando...

d) Falta de crédito auxiliar e assistência... (Não podemos mais pensar muito em crédito).

e) Os métodos adotados hoje no estímulo à produção, são completamente ultrapassados ou não existem.

Enquanto Minas "bobeia", outros Estados como Goiás vão aumentando a sua produção. Para que Minas volte à sua produção novamente, é imperioso uma Campanha envolvente à favor do milho, com métodos diferentes. Lembrem-se: Milho significa fartura. O Paraná produziu no ano passado 5 milhões de toneladas... Temos condições de produzir milho em quase todo o Estado de Minas, sendo exceção, uma pequena parte do Norte de Minas. Uma coisa é certa, o mineiro gosta de plantar.

Para aumentarmos a produção do milho em Minas, é necessário ao Dr. Hélio e Dr. Arnaldo Rosa Prata projetar uma Campanha para o aumento da produção nas safras de 35/86 e 86/87. Tem que ser agora.

Seria necessário iniciar essa Campanha no mês de Abril e estourar no mês de Maio e Junho, para que assim, os produtores tenham tempo de cercar novas áreas, gradear, arar, fazer calagem e fosfatagem, ajuntar esterco e aumentar a área do plantio.

Uma coisa é certa, se Minas não aumentar a sua produção de milho, vai ficar numa situação pior, em relação à outros Estados e com isto, afetará outros setores da produção, como a criação de porcos, aves, produção de leite, etc. E o ICM?

### COMO GOSTAR DO DR. TANCREDO

A você que está lendo, lamento informar-lhe que em 1984 Minas diminuiu a produção de feijão, tomate, milho, banana, arroz, mandioca, etc. Só aumentamos a produção de café. RELEIA: Diminuimos feijão, tomate, arroz, milho... Gostar do Tancredo não significa a gente ficar

lamentando por aí... Precisamos lutar agora... Prá valer. Produzir e confiar... Confiar e produzir... Isto sim, é demonstrar o sentimento.

Não se aumenta a produção de um dia para outro. Não se diz "queremos aumentar a produção" e o agricultor no outro mês responde com o aumento desejado.

Em agricultura há hora de plantar e de colher. O processo é regido pelo tempo. Não se pode adiantá-lo ou atrasá-lo.

O agricultor tem que estudar e decidir qual é o solo que está em pior situação, ou que o capim está pior, ou que a cerca está melhor, a partir disso é que se determina os locais e as áreas que serão plantadas.

O agricultor tem que estudar o recurso que pode dispor, e depois de tudo, ele vai determinar a área que será plantada de milho. Ele investe um ano ou dois antes.

Trabalho neste negócio de lavoura e pecuária há muitos anos. Produzir em agricultura não é um "tomalá e da cá". Trabalhar com o agricultor não é assim tão fácil e o Dr. Arnaldo sabe muito bem disto.

Repito e fico triste. Minas diminuiu nestes dois anos a produção e não pode continuar assim.

Será que existe salvação?

Essa resposta depende de você. E é por isso que lhe pedi para ler até o fim este artigo.

### OS MÉTODOS DIFERENTES

O Dr. Hélio Garcia deve criar um grande "comitê do milho" e comandar a campanha por todo Estado, que seria também coordenada pela iniciativa privada, Associação Comercial de Minas Gerais — FAEMG

— Sociedade Mineira de Agricultura e os Órgãos Federais e os Órgãos do Estado.

Precisamos sair de 2.300.000 toneladas que se espera para este ano, para 3.000.000 em 86 e chegarmos em 87 com 4.000.000 de toneladas de milho. Para isto, o Dr. Hélio Garcia terá que arregaçar as mangas, vir para a frente da batalha e ser o general de frente. O Dr. Hélio Garcia tem que conclar a iniciativa privada e ele sabe fazer isto.

O povo e o Governo tem que preparar e projetar a Campanha do milho desde já. Ele deve iniciar agora a Campanha para aumentar a produção e a produtividade. Vamos descruzar os braços. Estamos parados.

Uma Campanha não é um negócio preparado assim sem mais nem menos não! Ela é longa. Tem diversas fases. É necessário ser projetada por técnicos que entendam do riscado, entendam de roça, do meio rural, por homens de imprensa, do Governo, empresários, prefeitos, Deputados... Sim os Deputados podem ajudar muito... Os prefeitos, os Deputados e empresários... Eles sim, tem força e precisam participar... A Igreja... e os Vereadores...

Para o agricultor começar em Maio, os técnicos da EMATER, da Secretaria de Agricultura e de outros Órgãos, têm que começar a Campanha antes. Porque terão que preparar o material, fundar os comitês — motivar — trabalhar e lutar dentro das cidades grandes e pequenas, das comunidades, para que o pessoal aumente o plantio de milho. O Governador Hélio Garcia sabe coordenar uma Campanha. Ele foi o coordenador da Campanha do Tancredo. E deu certo.

Podemos sair desses 2.300.000 toneladas esperadas para 1985 e colhermos 4.000.000 no fim do Governo Hélio Garcia. Não é fácil. Com 3 anos a gente poderá ir para cinco milhões de toneladas.

#### A EMATER E OS BANCOS EM ESPECIAL

Na realidade o financiamento não pode ser mais o "xis" da questão.

O preço mínimo garantido sim. Este é fundamental para o 2.º ano.

Um supervisor local da EMATER trabalhando intensamente com pequenos financiamentos para sementes, e adubação em cobertura e pretes, e mínimo garantido, poderá fazer 200 projetos de financiamento para milho, de maio a setembro.

Não precisa mais que um Supervisor para ministrar 6 cursos rápidos. Dentro desses próprios cursos, os fazendeiros projetam o que de vem fazer. O Supervisor tem que ter a retaguarda da Campanha. Os Bancos podem fazer mais. Muito mais.

Isto tem que ser feito com calma. Mas com presteza. É fácil. Não conto prosa, mas eu pessoalmente como Supervisor Local de um município, garanto fazer 250 projetos de financiamentos e aprovar 200 empréstimos. Boto 200 fazendeiros plantando corretamente, dobrando a produ-

ção em 1 ano... Se houver pequenos financiamentos e garantia de preços mínimos e correção monetária mensal nos preços mínimos.

O importante é fazer o trabalho que puder este ano. E começar cedo — de fevereiro a março — no ano que vem. Não vacilaria nem um segundo para recuperar esta safra de 85/86 e aí voltar para uns 3.000.000 de toneladas em 86/87. Mais 1.000.000 de toneladas e conseguiria 4.000.000 de toneladas. Em 87/88 ir para 5.000.000 de toneladas no último ano de Dr. Hélio Garcia. Os produtores precisam de motivação. O mineiro gosta de plantar milho.

Quero lembrar-lhe "tristemente". Diminuimos a produção em 84 de feijão, tomate, milho, banana, arroz, mandioca... Gostar do Dr. Tancredo não é chorar... significa aumentar a produção... Isto Sim!... É gostar.

## Castrador Bovitec de Dupla Ação



Castra sem sangramentos bezeros, carneiros e cabritos, até 30 dias.

Também elimina rabos de cordeiros.

Um produto com a qualidade Bovitec

Encontra-se em cooperativas e casas do ramo

**BOVITEC** Produtos Agro-Pecuários Ltda

Rua Duarte de Azevedo, 449 - Fone: 267-6477 (PABX)

Telex (011) 33069 - BOVI-BR - São Paulo - SP

## Projeto de desenvolvimento do Zebu

O presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) Miguel José Afonso Neto, apresentou, há poucos dias, o "Projeto de Desenvolvimento da Pesquisa do Zebu" ao presidente do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), professor Roberto Santos, e ao secretário da Agricultura do Estado, Arnaldo Rosa Prata. O objetivo do projeto é criar e adaptar tecnologias visando explorar as potencialidades das raças zebuínas, principalmente mediante o melhoramento genético dos rebanhos para a produção comercial de carne e de leite.

Esse projeto é, segundo o presidente da Epamig, um dos primeiros resultados práticos dos trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa do Zebu. E a intenção é aprofundar o trabalho sobre os zebuínos, fazendo, com este projeto, o levantamento das tecnologias já existentes e identificar os problemas que impedem uma maior eficiência na produção comercial de carne e de leite da raça zebuína.

Isso é necessário, como lembra Afonso Neto, porque, apesar de o Brasil possuir um dos maiores rebanhos bovinos do mundo, ocupa, ainda, em relação à produtividade de carne e de leite, uma modesta posição quando comparado com os países de pecuária desenvolvida, em áreas temperadas e tropicais. Para ele, isto se deve não só a deficiência de ambiente mas sobretudo ao baixo potencial genético dos animais. Porém, diz ele, as possibilidades atuais e futuras do zebu são inquestionáveis, sobretudo pela sua importância na estrutura genética do bovino, com destaque para os rebanhos de elite, que vem despertando o interesse de vários países em utilizar este material genético.

Segundo Afonso Neto, faltam conhecimento e tecnologia para fomentar o desenvolvimento da pecuária, ressalvan-

do que o estoque de tecnologia existente não tem sido plenamente utilizado, quer por razões econômicas e fatores culturais, quer pela falta de uma integração efetiva entre órgãos governamentais, associações de criadores e iniciativa privada.

O projeto terá como prioridade fortalecer o Centro de Pesquisa do Zebu em sua estrutura técnica e de apoio, além de dar suporte à realização de provas zootécnicas desenvolvidas pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ). Dele, deve participar, também, a Faculdade de Zootecnia de Uberaba, que poderá dispor de infra-estrutura para que possa desenvolver projetos de ensino e pesquisa através do seu corpo docente e discente.

De acordo com o coordenador do projeto, Luís Otávio Campos da Silva, as linhas básicas da pesquisa serão dirigidas nos aspectos nutricionais, melhoramento genético, reprodução, manejo e sanidade. Além disso, pretende-se acompanhar os sistemas de produção de carne e leite das fazendas, avaliando sua operacionalidade e eficiência. Serão realizados, ainda, estudos econômicos das variações cíclicas e sazonais da pecuária, com avaliação dos sistemas de exploração intensivo e extensivo.

Para orientar as ações do projeto, o Centro de Pesquisa do Zebu possui um colegiado composto pela direção do centro, pelo diretor do departamento de Genesologia da ABCZ, representantes da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, representantes da Faculdade de Zootecnia de Uberaba, dos criadores e dos pesquisadores de zootecnia. O projeto terá um custo inicial de Cr\$ 2,6 bilhões e contará com seis pesquisadores — médicos-veterinários, zootecnistas, agrônomos e técnicos agrícolas.

Pela importância da zebuicultura do país, que representa 80% de todo o rebanho brasileiro, a iniciativa do projeto é louvável e traz a esperança de que a pecuária co-

mercial brasileira possa dar um salto maior. Até agora, as pesquisas de melhoramento da zebuicultura contavam apenas com trabalho da iniciativa particular dos criadores. O trabalho tornava-se assim estancado e sobretudo disperso. Com a iniciativa do Centro de Pesquisa do Zebu todos os trabalhos poderão ser centralizados e os resultados da pesquisa podem ser repassados aos pecuaristas, que criam produtos comerciais. É um passo importante para que a zebuicultura deixe de conviver, como hoje, com contrastes profundos — rebanhos de elites, onde os índices zootécnicos se comparam aos dos melhores do mundo e os plantéis pobres, com produtividades semelhantes aos das nações subdesenvolvidas.

## Smith Kline dá assistência ao produtor

O Laboratório Smith Kline formou uma nova equipe técnica para dar assistência ao produtor rural. Orientada pelo médico-veterinário Roberto Santiago Pinto e integrada ainda pelo zootecnista Alberto Ferrari Filho e os médicos veterinários Eivaldo Andrade Machado e Sérgio Ferreira Duarte, a equipe recebeu curso



O médico veterinário Roberto Santiago Pinto

de atualização em endoparasitoses veterinárias na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O curso, que esteve sob responsabilidade dos professores-doutores Laerte Grial (UFRR) e Ramiro Batista Neto (UFBA), deu importância à atividade de campo, principalmente fazendas, onde esses profissionais terão mais condições de diagnosticar e indicar o tratamento específico.

Ao formar sua equipe de campo, o Laboratório pretende estabelecer programas profiláticos contra vermes. O objetivo é ensinar o produtor a fazer o uso racional do medicamento: só usar profilaticamente o remédio quando for necessário. Essa equipe percorrerá as propriedades e regiões, fazendo palestras, encontros, quando passará slides, filmes e fará demonstração prática



Durante o curso, dr. Laerte Grial, Eivaldo Machado, Sérgio Duarte, Alberto Ferrari e dr. Ramiro Batista.

## Novos produtos da Rhodia

Fruto de um acordo com o grupo belga Johnson & Johnson, o Instituto Veterinário Rhodia-Merieux está lançando, com exclusividade no Brasil, o segundo lote de produtos veterinários da linha Johnson, colocando no mercado os anti-helmínticos de largo espectro Telmin na forma gra-

# Das Empresas

malada para equinos e em comprimidos para gatos e cães; o Mebrunet para aves e suínos; o Nilverm na forma injetável para bovinos e suínos e em pó solúvel para ovinos e bovinos; o anti-mastite Belpopen para bovinos e, por último, o sedativo Stressil injetável para suínos.

## Eastman-Kodak entra na pecuária com suplemento para vacas leiteiras

Tradicional indústria química e fabricante de matérias-primas para fotografias, a Divisão Química da Eastman, que se uniu à Kodak, iniciou o processo de diversificação, ingressando, agora, na área de produtos pecuários. O primei-

ro produto lançado nessa área é o Iso Plus, um suplemento nutricional para vacas leiteiras. "Enquanto a maioria das empresas farmacêuticas faz pesquisas para desenvolver drogas e hormônios, nossa equipe concentrou-se no desenvolvimento da química de nutrição animal", explica Toy F. Reid, vice-presidente-executivo e gerente-geral da Eastman Divisão Química.

## Massey Perkins vende motores reconicionados

Em iniciativa pioneira no campo de motores diesel, a Massey Perkins iniciou a comercialização através de sua rede de distribuidores dos motores reconicionados pela

própria fábrica à base de troca, nas versões de 4 e 6 cilindros. Para ingressar nesse novo campo de comercialização, a Massey detectou no mercado a grande procura de motores reconicionados e a empresa resolveu não só explorar esse mercado, como também oferecer padrão de qualidade, inspeção, montagem e testes dos motores novos. Para isso, a empresa montou, anexo à fábrica, uma unidade de reconicionamento de motores, numa área de 1.200 m<sup>2</sup>, com capacidade inicial de 300 unidades/mês. Entre as vantagens apontadas pela empresa, a compra de motores reconicionados são: rapidez na troca (24 horas), testes individuais em dinamômetro, preço competitivo no mercado (50% mais barato do que um novo) e garantia igual a de um novo (50 mil km ou 12 meses os veiculares e 1.500 horas ou 12 meses os agrícolas).

## Pfizer lança soro hidratante e antitóxico

A Pfizer Divisão Agropecuária lançou, no mercado, o produto Vitexin, uma associação de vitaminas minerais e aminoácidos em solução em citrato, que restaura líquidos e eletrólitos como sódio, potássio, cloro, cálcio, magnésio e fósforo, destinado à terapêutica bovina, equina, suína, ovina e caprina, além de outros pequenos animais. É indicado na recuperação de casos de convalescença de animais doentes e também no tratamento de doenças infecto-contagiosas e parasitárias em geral, como desidratação, cirurgias, partos, febre, cinomose, parvovirose, intoxicações alimentares por inseticidas, plantas tóxicas, anaplasmose, piropilomose e aguentamento.

## PALERMO - 85

3.ª Caravana de associados da ABC à 32.ª Exposição Internacional de Ganaderia, Agricultura e Indústria. Buenos Aires, República Argentina.

São Paulo — Buenos Aires. Opcional Bariloche.

Saída 8 de Agosto — Quinta-feira. Aeroporto de Guarulhos.

De 9 a 14 — visitas a exposição, inclusive com ingresso à Tribuna Oficial para assistir a belíssima inauguração da exposição com a presença do Presidente da República, desfiles dos Grandes Campeões e uma empolgante parada com uma carga de cavalaria de um corpo do Exército Argentino.

Dia 15 — Embarque para São Paulo em Ezeiza pela Cruzeiro do Sul e chegada a Guarulhos.

Preço por pessoa em US\$ (sujeito a alteração)

Parte aérea ..... US\$ 309.00

Parte terrestre (em apt.º para 2 pessoas)

Hotel Claridge ..... US\$ 246.00

Visita a uma fazenda de gado leiteiro ou de corte: US\$ 20.00.

### Roteiro Opcional a BARILOCHE

Dia 15 — saída de Buenos Aires. Volta a Buenos Aires e São Paulo no dia 18, chegada às 21,20 horas em Guarulhos.

Apt.º para 2 pessoas. Hotel SUNSET US\$ 240.00.

Para maiores informações dirigir-se a Diretoria da ABC: tel.: 824-2033.  
Rua Jaguariba, 634 — 01224 — São Paulo.

# Serviço

## Fealq promove seminário sobre custos de produção

De 1.º a 3 de julho, a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq) promove, em Piracicaba, à av. Carlos Botelho, 1.025, o "Seminário sobre Custos de Produção na Agricultura". Constam do Seminário, temas como Conceitos sobre Custo de Produção; Estruturas de Custos e suas aplicações na administração de empresas rurais; critério de cálculo dos custos de produção de máquinas e equipamentos, culturas anuais e perenes; e determinação de receita bruta, líquida e lucro empresarial. Maiores informações, pelo tel.: (0194) 22-3491.

## Prêmio Agrocere de jornalismo

Para comemorar os seus 40 anos de experiência na produção e comercialização de insumos agropecuários, notadamente sementes e defensivos, a Agrocere — empresa genuinamente brasileira — criou o Prêmio Agrocere de Comunicação Rural, destinado a distinguir os melhores trabalhos impressos em jornais e revistas especializados de todo país, que retratem a ação de programas comunitários no meio rural.

## Pesquisa sobre Campolina

Já está quase pronto o trabalho de pesquisa de a Associação Brasileira de Criadores do Cavalinho Campolina vem fazendo sobre a formação do

plantel da raça. A obra mostrará todos os reprodutores e seus produtos controlados e registrados, destacando os premiados e o grau de contribuição de cada um na formação do atual plantel da raça Campolina. Este trabalho será impresso em off-set e será distribuído aos associados e a outros interessados. Basta telefonar para (051) 224-1175 e 224-1288, Belo Horizonte.

## Prefeituras participam da V Expoflora

Com a co-promoção das Prefeituras de Artur Nogueira, Cosmópolis, Jaguariúna e Santo Antônio da Posse e apoio da Secretaria do Interior, a Cooperativa Agropecuária Holambra promove, de 31 de agosto a 15 de setembro, a V Expoflora. Assim, as quatro prefeituras manterão estandes no recinto, onde informarão sobre a economia de suas cidades. Além disso, estabelecerão linhas permanentes de ônibus da sede dos quatro municípios para o recinto da exposição. Serão apresentados na mostra arranjos florais, mini-sítio de caráter didático, insumos, máquinas e implementos agrícolas. Serão promovidas excursões turísticas pelas propriedades agrícolas e atividades culturais. Haverá bares, restaurantes e um verçhão de plantas e flores. Serão promovidas palestras técnicas sobre agricultura, avicultura, floricultura e suinocultura. Os organizadores esperam a presença de 100 mil visitantes, 25 mil a mais do que a do ano passado.

## Curso e Simpósio na Fealq em julho

No mês de julho, a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq) promove

o curso sobre o plantio direto e o simpósio de Estatística Aplicada à Experimentação Agronômica, que será realizado simultaneamente com a 30.ª Reunião Anual da Região Brasileira da Sociedade Internacional de Biometria (Rbras).

O curso de atualização em plantio direto será realizado de 1.º a 5 de julho na Fealq, av. Carlos Botelho, 1.025, Piracicaba, SP. Constam do programa o plantio direto no Brasil, plantas daninhas em plantio direto, controle de plantas daninhas em plantio direto e os benefícios da cobertura morta em plantio direto (dia 1.º), manejo do solo em plantio direto (1), aspectos relativos à fertilidade e manejo de solo em plantio direto (2), aspectos relativos às propriedades físicas do solo, máquinas e equipamentos em plantio direto, incidência de pragas e doenças em plantio direto e insumos no mercado nacional (1) (dia 2); sistemas de rotação de culturas e sua importância para o plantio direto, alternativas para a implantação do sistema de plantio direto no Estado de São Paulo, potencialidades para a utilização de leguminosas como cobertura vegetal de inverno no Estado de São Paulo, plantio direto versus plantio convencional — análise econômica; assistência técnica em plantio direto — importância, problemas e soluções, insumos e equipamentos para o plantio direto disponível no mercado nacional (2) (dia 3); experiência dos produtores em plantio direto, a pesquisa em plantio direto em São Paulo e mesa redonda "Perspectivas para o plantio direto no Estado de São Paulo" (dia 4); e dia de campo em Casa Branca (dia 5).

### Simpósio

O Simpósio de Estatística Aplicada à Experimentação Agronômica será realizado de 22 a 26 de julho no mesmo local. Constam do programa, dia 23, minicursos, delineamentos experimentais, testes não paramétricos, modelos lineares, análise multivariada,

alguns aspectos da pesquisa agropecuária brasileira, metodologias e técnicas de planejamento estatístico; dia 24, minicursos, testes de Bayes para hipóteses de dimensões distintas — aplicação à genética de populações; comunicações e apresentação do sistema de inferências estatísticas do Estado de São Paulo; dia 25, minicursos, conferência do professor Pierre Dagnalio — presidente da Sociedade Internacional de Biometria, painel (Painel central) — estatísticas aplicadas à experimentação agronômica, o papel da informática na pesquisa agronômica, a produção na área de estatística aplicada à experimentação agronômica, a necessidade de um bom planejamento estatístico na pesquisa agronômica e, dia 26, minicursos e encerramento.

## Desmame precoce aumenta taxa de natalidade

Pesquisas realizadas no Centro de Pesquisas Agropecuárias dos Cerrados (CPAC-Embrapa), comprovaram que o desmame precoce proporciona um aumento da taxa de natalidade em 30%. O experimento foi feito separando-se os bezerros das mães nos três meses de idade (na região dos cerrados o tradicional é desmamar os bezerros entre 8 e 10 meses e a taxa de natalidade situa-se entre 40 e 50%). Mesmo desmamados precocemente, os bezerros cresceram e se desenvolveram muito bem.

Porém, o desmame precoce não pode ser feito indiscriminadamente. Em primeiro lugar, esclarece o pesquisador Moacir Sauerbreg, esta prática é exclusiva para gado de corte, pois o bezerro precisa absorver o máximo de leite materno antes de ser desmamado. Além disso, é preciso vir acompanhado de medidas complementares, como cuida-

do sanitário dos animais jovens, a mineralização do gado, o uso de estação de cobertura com períodos determinados e fixos para promover o nascimento e a desmama dos animais em época mais favorável de clima e pastagens.

Esse procedimento é necessário por que o animal, nessa idade, é mais suscetível a doenças infeto-contagiosa e parasitárias e está trocando um alimento perfeitamente digerível por outro tanto rústico. Assim, é fundamental dispor de boas pastagens, que facilitem a adaptação.

Para efetuar o desmame, o animal é separado da mãe e deixado 24 horas no curral, somente com água. Depois, acompanha um animal padrinho, indo aos pastos manejados para bezerras em desmame. A partir daí, entrará num período de adaptação nutricional no qual requer atenção, até que esteja perfeitamente adaptado à alimentação de animal adulto.

## Vendas a prazo do boi exigem cuidados

Em texto publicado no boletim CNPGC Informa, o técnico Fernando Paim Costa

faz um alerta: ao procurar vender o boi a prazo cuidado — muitas vezes o preço superior oferecido para um prazo maior é desvantajoso. "Ao procurar vender o seu produto, o pecuarista geralmente tem uma série de oportunidades, com diferentes combinações entre preço da arroba e prazo de pagamento pelo matadouro. Naturalmente, o preço oferecido que recebe deve merecer maior atenção, ficando o vencimento da promissória como uma informação adicional", alerta Costa.

"Assim, é preciso analisar com cuidado a questão do prazo de vencimento da promissória, sobretudo no período de inflação alta como agora. A comparação de preços sem o cálculo preciso de seus valores atualizados pode levar a conclusões enganosas, com preços aparentemente mais altos podendo ser na verdade inferiores".

Fernando Paim Costa elaborou uma tabela hipotética, considerando uma inflação de 10% ao mês e vendas com prazos de 15, 30, 45 e 60 dias. Nessa tabela (veja abaixo), pode-se ver que, considerando-se uma inflação de 10% ao mês é mais lucrativo vender a arroba do boi gordo a Cr\$ 50 mil para receber em 15 dias do que Cr\$ 52 mil em 30 dias ou Cr\$ 54 mil em 45 dias.

Para dar uma idéia mais clara da grandeza do problema, Costa faz outra comparação: supondo que um produtor tenha para abater 100 bois de 17 arrobas de carcaça. Que prejuízo ele teria se vender por Cr\$ 52 mil a arroba em 45 dias em vez dos Cr\$ 50 mil em 15? Na tabela, vê-se que os Cr\$ 52 mil valem, tirando a inflação, Cr\$ 45.073, contra os Cr\$ 47.673 se vendesse a Cr\$ 50 mil com vencimento em 15 dias. Logo, conclui Costa, o produtor, nesta hipótese, estaria perdendo Cr\$ 2.600 por arroba ou Cr\$ 4.420 milhões no lote de 100 cabeças — o equivalente ao valor de cinco dos bois abatidos.

Preço do boi gordo corrigido em função do prazo para recebimento (Cr\$/arroba), considerando uma inflação mensal de 10%.

## Rações de custo mínimo para frangos de corte

O Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA-Embrapa) desenvolveu experimentos comparativos com dois tipos de rações — uma a partir de tabelas nacionais e outra de estrangeira. Comparou-se as rações de custo mínimo formuladas a partir de tabelas nacionais e estrangeiras quanto ao desempenho econômico na produção de frangos de corte. Foram formuladas usando-se a técnica da programação linear, onde se utilizou valores de composição proximal e energia metabolizável dos alimentos determinados no Centro e outro da NRC, com dados preconizados pelo National Research Council. Nos experimentos não houve diferenças

significativas no ganho de peso. Porém, o custo médio por kg de cada ração testada foi em favor da ração do CNPSA, 4,38% mais barato. Informações no CNPSA, CP C-3, Concórdia, SC, CEP 89.700.

## Marandu, brachiária resistente às cigarrinhas

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC) e o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC), ambos da Embrapa, estão lançando o capim Marandu, uma braquiária resistente às cigarrinhas das pastagens e que apresenta um alto valor forrageiro, com produção anual de 6 a 8 toneladas de matéria seca por hectare e teores de proteína bruta ao redor de 10%. Bem adaptado a solos de cerrados, de fertilidade entre média e boa, o marandu responde bem à adubação, especialmente de fósforo.

Em experimento de pastejo, com carga animal fixa em 1,6 unidades por hectare, foram observados ganhos médios de 200 a 600 g/animal/dia, nas estações secas e chuvosas respectivamente. O capim marandu pode ser utilizado também na fase da desmama. Para o estabelecimento do capim, recomenda-se o emprego de 1,5 a 2 kg de sementes puras viáveis por ha ou de 6 a 8 kg de sementes com 25% de valor cultural. O plantio, a lâmina e a profundidade de 2 a 4 cm, deve ser feito na estação chuvosa. Informações: CPAC, rodovia BR 020, km 18, CP 70/0023, CEP 73.300, Planaltina, DF, ou o CNPGC, rodovia BR 262, km 4, CP 154, CEP 79.100, Campo Grande, MS.

Preço nominal	Prazo para recebimento (dias)			
	15	30	45	60
30.000	47.673	45.455	43.339	41.322
52.000	49.580	47.273	45.073	42.975
54.000	51.487	49.091	46.806	44.628
56.000	53.394	50.909	48.540	46.281
58.000	55.301	52.727	50.273	47.934
60.000	57.208	54.545	52.007	49.587
62.000	59.115	56.364	53.741	51.240
64.000	61.022	58.182	55.474	52.893
66.000	62.928	60.000	57.208	54.545
68.000	64.835	61.818	58.941	56.198
70.000	66.742	63.636	60.675	57.851
80.000	76.277	72.727	69.343	66.116
90.000	85.812	81.818	78.011	74.380
100.000	95.346	90.909	86.678	82.645



## III - Em tempos de mudanças

J. F. GODINHO

A recuperação da suinocultura é um problema de segurança nacional e deve ser resolvida com absoluta seriedade.

A suinocultura tem o condão de envolver muita gente, como abatedores, açougueiros, transportadores e vendedores de rações e medicamentos, criando desta forma muitos empregos diretos e indiretos.

Porém, a maior virtude da suinocultura será mudar a estrutura da nossa alimentação, que é paupérrima de proteínas. Para exemplificar, os alemães consomem mais de 30 kg de carne de porco/pessoa/ano contra os magros 6 kg de carne que estamos consumindo.

Por isso, há desnutrição no país e grande mortalidade infantil. A carne de porco deve complementar o consumo de outras carnes.

Infelizmente temos vivido de muitas fantasias e isto pode ser visto visitando criações luxuosas e seminários sobre suinocultura, onde se fala uma língua inacessível tratando de problemas distantes de nossa realidade.

Porém, o pior é a manipulação dos consumidores com credences há muito tempo abandonadas.

Por exemplo:

— A carne de porco é quente, tem colesterol e faz mal para a saúde. Tudo isto foi derrubado por pesquisas americanas e européias.

A carne de porco é um excelente alimento protéico, que balanceia perfeitamente o nosso costumeiro

menu na base de arroz, feijão, milho e trigo. Tem todos os aminoácidos essenciais e mais ferro, fósforo, zinco, vitamina do complexo B e tiamina. Cem gramas de carne cozida proporciona a um homem adulto 44% de sua demanda protéica, 30% de ferro e 63% de tiamina. Tem 75 mg de colesterol, bem mais baixo que outras carnes e não engorda ninguém.

— A carne de porco é cara.

Outra balela: a carne de porco depende do custo de produção — que pode ser baixo ou alto, dependendo se o porco for feito só com rações ou com rações mais pastagens, frutas, raízes e hortaliças. O ganho de peso conseguido com um alimento que vai ser jogado fora, é um custo de graça. Por isso, pode-se fazer no Brasil porco muito barato, que não depende de subsídios.

O preço da comercialização é outro problema, pois depende de transportadores, intermediários e do retalhamento do animal.

— Só há uma tecnologia para produzir porcos. Outra balela. Pode-se criar porcos em confinamento, em semi-confinamento com pastagens e porcos soltos em campanhas ou florestas. Cada modelo com suas raças, comida e tecnologia.

— Deve-se preferir o porco de carne. Para os grandes centros isso é justificado, porém, há regiões que dependem do porco de banha.

Em qualquer programa agropecuário, a técnica tem relação íntima com as condições climáticas locais, com a capacidade financeira dos

criadores, com o aparato Assistencial e com o mercado.

Hoje, tudo está entrando no eixo de modo que não se pode reconhecer técnicas indiscriminadamente.

É provável que tudo que se recomenda para o Sul, funciona mal no Centro e seja um respeitável fracasso no Norte do país. Por isso, a responsabilidade de São Paulo é grande, porque é um grande difusor de tecnologia.

Pois bem: neste período de compressão de despesas, a recuperação da suinocultura (em 1983 cerca de 50% das granjas fecharam) deve ser cautelosa e cercada de todo apoio.

Assim, excetuando-se as grandes empresas de criação, deve-se motivar os suinocultores na "economia dos desperdícios", isto é, fazer instalações baratas com recursos locais, usar o máximo de alimentos produzidos e criar raças rústicas. Por outro lado, pode-se através das Casas da Agricultura fazer um levantamento das criações de suínos e aves fechadas para transformá-las em pocilgas. E, na zona rural, motivar todos a criarem e engordarem porcos.

O que interessa no momento, através deste maravilhoso tempo de mudanças é mudar a estrutura da alimentação dos brasileiros, que não deixa de ser vergonhosa. Temos terra, um bom clima, ótimos técnicos, ótimos agricultores e agora só falta termos os pés no chão, para enxergar a nossa realidade.

## Campolina tem nova diretoria

Através de uma Assembléia Geral Ordinária, a Associação Brasileira de Criadores do Cavallo Campolina elegeu, no dia 15 de abril, sua nova diretoria. Assim, a nova diretoria, para o triênio 85/88, é constituída: Emir Cadar, presidente; Osvaldo Afonso Diniz Filho, 1.º vice-presidente; Leonardo Campos, 2.º vice; Geraldo Majela de Resende, 1.º secretário e Dêlzi de Moura Bicalho, 2.º; Paulo Henrique de Carvalho Chamon, 1.º tesoureiro e Lycio Cadar, 2.º; Leonardo Lopes Cançado, diretor de relações públicas e Francisco Lourenço Costa, para diretoria de provas.

Para o Conselho Fiscal, foram eleitos Astério Dorvillé Loureiro, Jamil Saliba, Marcos Roberto de Oliveira Cavalcanti (titulares) e Flávio Batista Noronha Guarany, Ivan Ferreira de Oliveira e Silvio Dutra (suplentes). Para o Conselho Deliberativo, a Assembléia elegeu: Aloísio Barbosa Viana, Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho, Heitor Lambertucci, Márcio

Cunha Melo (Titulares) e Antônio Gastão de Figueiredo Bessa, Antonio Lopes da Silva, Guaracy Engel Vieira (Suplentes), Anibal de Andrade Resende, Emir Cadar, Fernando Diniz Olive, José Eugênio Dutra Camara, Márcio de Andrade e Sylvio Barbosa Filho.

## Ford premia gerentes e revendedores e envia distribuidores aos EUA

Um grupo de 18 distribuidores de tratores e implementos agrícolas da Ford embarcou para os Estados Unidos, onde ficarão durante duas semanas. Essa viagem faz parte do Programa de Incentivos de



Dezoito distribuidores de Tratores Ford embarcaram, com suas mulheres, para os EUA.

Vendas "Ofensivas Rumo aos EUA". Os revendedores seguiram em companhia de suas esposas, visitando Los Angeles, São Francisco, Las Vegas e Miami. O programa premiou, ainda, gerentes de vendas, que receberam videocassetes, e os vendedores, que receberam conjuntos de som estéreo e tevê em cores, além de auto-rádios com toca-fitas e rádios-relógio, todos da marca Philco.

## Secretário coloca à disposição do Governo o Parque da Água Funda

Por considerar excessivamente suntuoso e inadequado para as exposições e leilões agropecuários, o secretário da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, Néelson Mancini Nicolau, colocou, à disposição do Governador Franco Montoro, o Parque de Exposições da Água Funda e também o prédio que abriga, atualmente, a sua pasta. O secretário é de opinião de que o governo deve vender, em leilão, o imóvel, destinando parte do di-

neiro para aquisição de um imóvel para abrigar a Secretaria e uma parte para a remodelação do Parque da Água Branca. O resto do dinheiro, segundo ele, pode ser usado para o Governo resolver seu problema de caixa. "Eu coloquei à disposição do Governo por que acho esse prédio um desperdício. Porém, condicionei à venda à destinação de recursos necessários a reforma do parque da Água Branca".

O secretário considera a localização do Parque de Exposições da Água Funda inadequada. Segundo ele, o mais sensato é promover uma reforma do Parque da Água Branca, que é bem localizado e que já mantém uma tradição de décadas em mostras de animais. "Os pecuaristas mesmo preferem o Parque da Água Branca. Porém, é preciso reformá-lo, dotando-o de infra-estrutura adequada para se promover as exposições maiores no local", observa. "Quando assumi a Secretaria e o Governo precisava de dinheiro, eu coloquei à disposição do Governo o prédio e o Parque. Única coisa que exige é de que se destinasse recursos necessários à reforma da Água Branca", lembra ele.

## Casal percorre deserto da Cordilheira dos Andes e os cavalos brasileiros surpreendem

O casal de jinetes franceses Stephane Bigo, engenheiro naval, e Michele Corson, que saíram de Novo Horizonte montados em dois cavalos Mangalarga, está percorrendo, agora, o deserto da Cordilheira dos Andes, no Chile. Já percorreram mais de 3.200 km dos 8 mil que pretendem completar. De acordo com o relato do casal, os dois Mangalargas utilizados na viagem e cedidos pelos criadores brasileiros, o Urutau da NH e o Yamani SP1, estão atravessando o deserto de Atacama, na Cordilheira dos Andes, no Chile, a uma altitude e temperatura que varia de 35 °C durante o dia e -15 °C à noite, e suportam muito bem.

O casal obteve informações da cavalaria Argentina de que este deserto é extremamente perigoso, pois a variação da temperatura é muito grande e exige dos animais e dos homens uma resistência excepcional. Mas, por enquanto, os cavalos brasileiros têm demonstrado uma resistência admirável, suportando as condições climáticas adversas e as mudanças bruscas de temperatura.

A qualidade dos animais está impressionando Michele e Stephane. Michele acha Yamani SP1 muito dócil e macio no andar, o que tem facilitado muito as suas cavalgadas diárias. Urutau, por sua vez, tornou-se o líder e completou, na viagem, 4 anos, cresceu 4 cm desde a saída em Novo Horizonte e tornou-se mais musculoso, segundo relatam os jinetes. Nessa viagem, os cavalos já



Urutau da NH, de Adalberto José de Castilho, após 2.900 km de viagem, no Chile.

percorreram regiões com altitude de 4.800 m. O mular, que os acompanha como cargueiro, também está impressionando. Stephane disse que o mular brasileiro é muito inteligente.

# ICM

## OPERAÇÕES COM GADO E CARNE BOVINA - PAUTA FISCAL

Por intermédio da Portaria CAT nº 24, de 08.04.85, foram fixados novos valores mínimos para efeito de cálculo do ICM-incidente sobre as operações realizadas com gado e carne bovina (não retalhada). Tais valores deverão ser observados em relação às operações praticadas a partir de 11.04.85, ficando, conseqüentemente, revogados aqueles estabelecidos pela Portaria CAT nº 93, de 10.12.84 (Bol. IOB nº 36/84, pág. 611, com retificação no de nº 02/85, pág. 32).

Segue a íntegra da citada Portaria CAT nº 24/85:

**Portaria CAT nº 24, de 08.04.85, do Coordenador da Administração Tributária - DOE SP de 09.04.85**

Fixa valores mínimos para cálculo do ICM nas operações com gado e carne bovina.

O Coordenador da Administração Tributária, tendo em vista o estabelecido no art. 36 do Regulamento do ICM, aprovado pelo Decreto nº 17.727, de 25 de setembro de 1981, expede a seguinte Portaria:

**Art. 1º** - O imposto de Circulação de Mercadorias incidente sobre as operações efetuadas com gado e carne bovina deverá ser calculado sobre os valores fixados na pauta anexa.

**Parágrafo único** - O imposto será calculado sobre o valor da operação, quando este for superior ao mínimo fixado em pauta.

**Art. 2º** - Esta Portaria entrará em vigor em 11 de abril de 1985, ficando revogada a Portaria CAT-93, de 10 de dezembro de 1984.

### TABELA DE VALORES DE GADO E CARNE BOVINA A QUE SE REFERE A PORTARIA CAT 24/85

I - Gado em condições de abate	Valor por Cabeça (Cr\$)
Boi .....	800.000
Búfalo .....	816.000
Vaca .....	540.000
Búfala .....	675.000
Neonato (até 5 dias) .....	38.000
Vitelo de leite (até 30 quilos) .....	62.000
Suínos .....	150.000

### II - Gado em condições de abate

Leitão .....	40.000	Valor por Cabeça (Cr\$)
Equino .....	90.000	
Asinino .....	80.000	

### II - Carne bovina não retalhada

	Valor por kg (Cr\$)
<b>1 - Carne de boi</b>	
Traseiro .....	4.000
Dianteiro .....	2.850
Ponta de agulha .....	2.450
Boi casado ou fechado .....	3.330
<b>2 - Carne de vaca</b>	
Traseiro .....	3.700
Dianteiro .....	2.450
Ponta de agulha .....	2.200
Vaca casada ou lechada .....	3.000

### III - Gado de criar

	Valor por Cabeça (Cr\$)
<b>a) Bovino-Bufalino</b>	
Reprodutor acima de 3 anos .....	900.000
Vaca parada com cria .....	560.000
Vaca solteira ou novilha acima de 30 meses .....	360.000
Novilha até 30 meses .....	330.000
Novilha até 24 meses .....	280.000
Novilha até 18 meses .....	230.000
Bezerro até 12 meses .....	180.000
Garrote acima de 30 meses ou boi para pasto .....	440.000
Garrote até 30 meses .....	400.000
Garrote até 24 meses .....	360.000
Garrote até 18 meses .....	310.000
Bezerro até 12 meses .....	250.000

### b) Equino

Garanhão registrado .....	1.200.000
Égua registrada com cria ao pé .....	1.000.000
Égua ou potra registrada, solteira .....	800.000
Potro ou potra até 30 meses, registrados .....	700.000
Potranco ou potranca até 18 meses, registrados .....	500.000
Équino ou muar para serviço ou espone .....	500.000
Égua comum com cria ao pé .....	480.000
Égua solteira ou potra acima de 30 meses, comuns .....	350.000
Potro ou potra até 30 meses, comuns .....	280.000
Potranco ou potranca, comuns .....	240.000

## TRABALHISMO RURAL

### Prescrição de férias

— A prescrição de férias se conta a partir do término do período de gozo. Não tem o trabalhador rural às férias que ainda não estavam prescritas quando entrou em vigor o Estatuto do Trabalhador Rural.

TRT. 6.º Reg. RO-2.219/83 — Ac. 29-5-84  
Rel. Juiz Paulo Didier de Brito

Vistos, etc.

Recurso Ordinário tempestivamente interposto por Sabino Joaquim da Silva de decisão da MM. Junta de Conciliação e Julgamento de Limoeiro — PE, que julgou procedente em parte reclamação por ele ajuizada contra o Engenho Cavalcanti da Mata para condenar este ao pagamento das férias e 1963/64 a 1980/81.

No recurso alega o recorrente que as férias excluídas da condenação, referentes aos períodos de 1960/61 a 1962/63, ainda não estavam prescritas quando entrou em vigência o Estatuto do Trabalhador Rural, argumentando, também, que a reclamada caberia fazer prova do acordo celebrado para pagamento das férias.

Não contra-arrázou o recorrido.

A douta Procuradoria Regional, em parecer do Dr. Nelson Soares da Silva Júnior, opina pelo provimento parcial do recurso para acrescer à condenação as férias adquiridas pelo recorrente em 30-6-62 e em 30-6-63.

E o relatório.

Voto — A prescrição das férias se conta a partir do término do período de gozo, conforme preconiza o art. 149, da CLT. Assim, as férias relativas ao período de 1960/61 poderiam ser gozadas até 30-6-62, prescrevendo em 30-6-64. Àquela data já estava em vigor o Estatuto do Trabalhador Rural (publicado no Diário Oficial em 18-6-63 para vigorar noventa dias após) ficando estas ao amparo do novo sistema de contagem da prescrição por ele instituído. Conseqüentemente, as férias excluídas da condenação não estão prescritas.

Não há comprovação de acordo para gozação de férias vencidas.

Diante do exposto, dou provimento ao recurso para acrescer à condenação as férias de 1960/61, 1961/62 e 1962/63.

Nessas condições, acordam os Juizes da 2.ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da Sexta Região, por unanimidade, dar provimento parcial ao recurso para que sejam acrescidas à condenação as férias de 1960/61, 1962/62 e 1962/63.

Recife, 29 de maio de 1984. — Francisco Fausto, Juiz no exercício da Presidência da 2.ª Turma — Paulo Didier de Brito, Juiz Relator — Cient.: Maria Theresza Lafayette de A. Bitu, Procuradora Regional do Trabalho. (Revista LTr, vol. 49, n.º 2/143, fevereiro, 1985).

Trabalhador de campo em destilaria de álcool: salário família, férias e apuração de frequência.

O julgamento do Tribunal Regional do Trabalho, da 6.ª Região, de Recife, julga reclamação de trabalhadores rurais sobre salário-família, cálculo de férias e pericla em folha de pagamento.

— É válida a apuração da frequência feita em folhas de pagamento quando reconhece a empregada que deias constava a real frequência.

TRT. 6.º Reg. RO-231/84 — Ac. 2.º T. 19-6-84

Rel. desig. Juiz Paulo Brito

Vistos, etc.

Cumpridas as formalidades legais, tempestivamente, recorre Usina Catende S/A. de decisão da MM. JCI de Catende-PE que, julgando procedente em parte reclamação ajuizada por Maria José da Silva contra ela recorrente, condenou-a ao pagamento de salário-família, férias 79/80, 80/81, 81/82, diferença salarial e 13.º salário de acordo com o laudo pericial, com juros e correção monetária.

Diz a recorrente que a Lei 4.266 estendeu o salário-família apenas aos trabalhadores urbanos e que aos rurícolas deferiu outros benefícios previdenciários.

Alega que a Súmula 57 do TST apenas equiparou os rurícolas aos industriários para fins salariais e nunca previdenciários. Alega também, ser indevida a condenação em férias, por ter ficado comprovado os autos, através de pericla, não possuir a reclamante frequência regular, devendo prevalecer tal prova por não ter sido a mesma impugnada.

Houve contra-razões.

A douta Procuradoria Regional em parecer do Dr. Marcelo Landaval de Holanda Cavalcanti, opina pelo provimento parcial do recurso.

E o relatório.

Voto — O trabalhador de campo do usina-de-espúcar classificado como industrial por força de decisão, transitada em julgado faz jus a todos os benefícios devidos ao trabalhador urbano, inclusive salário-família.

Válida a apuração da frequência feita em folhas de pagamento, vez que a reclamante disse em seu interrogatório "... que na folha de pagamento consta a real frequência da dependente...". Fls. 11. A pericla constatou que a reclamante perdeu o direito às férias de 1979/80 e 1980/81 e tinha direito a apenas 12 dias de férias de 1981/82. Todavia, esses doze dias foram gozados no período de 04-09-82 a 15-09-82, conforme confessou em seu depoimento a reclamante. Fls. 11.

Pelo exposto, dou provimento ao recurso para excluir da condenação as férias deferidas.

Assim, acordam os Juizes da 2.ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da Sexta Região, por maioria, de acordo com o parecer da Procuradoria Regional, dar provimento parcial ao recurso para excluir da condenação a parcela relativa às férias, vencido o Juiz Relator que negava provimento. Acórdão pelo Juiz Revisor.

Recife, 19 de junho de 1984. — Francisco Fausto, Juiz no exercício da Presidência da 2.ª Turma — Paulo Brito, Juiz designado para redigir o acórdão — Maria Theresza Lafayette de A. Bitu, Procuradora Regional do Trabalho.



CONTROLE LEITEIRO

O que vai pelo controle leiteiro

## 961 vacas encerraram lactações em março

Mês de março de 1985

WALTER C. BATTISTON  
ABC - Dep. Técnico

No mês de março, 961 vacas encerraram a lactação. Dessas, 185 em 305 dias (23,9%) e 16 delas foram inscritas no Livro de Escol. Das 772 fêmeas restantes (64,1%) 99 alcançaram Livro de Mérito (LM). Das 961 fêmeas que encerraram a lactação, apenas 171 alcançaram ou ultrapassaram as médias das respectivas raças. Como sempre, os lotes maiores pertencem às raças Holandesas, PB e VB, respectivamente com 66,8% e 17,3% do total. A seguir aparecem as raças Gir com 63 exemplares (6,8%), Pardo Sulço, com 31 (4,8%), Jersey, com 14 (1,4%), Red Poll com 6 (0,6%) e Nelore com 2 (0,2%). O tipo Girolando teve 22 animais (2,2%), dos quais 8 estão devidamente registrados no Programa Pró-Cruza da ABC.

Nesta edição da Revista dos Criadores, além dos comentários sobre as reprodutoras que superaram as médias das raças, são analisadas as

vacas que produziram, em suas lactações, mais de 300 kg de gordura.

### REPRODUTORAS EMÉRITAS

Alcançaram o título de Reprodutora Emérita (RE) a Holandesa Preta e Branca PALMEIRA BOOTMAKER INDAIATUBA DO PAU D'ALHO, com 7 anos e 11 meses, 7.170 kg de leite e 236,3 kg de gordura em 305 dias e duas ordenhas, e a Pardo Sulço ESRAY'S ANN, com 9 anos e 3 meses, 7.546 kg de leite e 259,0 kg de gordura em 305 dias e 3 ordenhas.

### PRODUÇÕES ACIMA DE 300 kg DE GORDURA

Segundo os técnicos especializados na produção de leite, as vacas de qualquer raça que apresentem lactações com 300 ou mais quilos de

gordura devem ser consideradas como ótimas ou excepcionais produtoras e, por essa razão, resolvemos, a partir de agora, dar-lhes o devido destaque. No presente "encerramento" os bovinos que atingiram essa "marca" foram os seguintes:

FINE GROVE B.S. HARMONY, Jersey, com 4 anos e 10 meses, LE, 6.948 kg de leite e 350,3 kg de gordura (5,04%) em 305 dias.

AF. FORTALEZA PALAVRA, H.P.B., com 7 anos e 11 meses, LM, 11.421 kg de leite e 349,8 kg de gordura (3,05%) em 365 dias.

BELA MANHÃ ALERT 4 LESTER, H.P.B., com 3 anos e 10 meses, LM, 10.454 kg de leite e 327,7 kg de gordura (3,13%) em 365 dias.

BEAVER CREEK BUD APOSTLE, H.P.B., com 7 anos e 2 meses, LM, 11.511 kg de leite e 366,3 kg de gordura (3,18%) em 365 dias.

FHC. ACARI DÉBORA MARK, H.P.B., com 8 anos e 9 meses, 10.893

kg de leite e 360,1 kg de gordura (3,29%) com 365 dias.

SS. VARELA ASTRONAUT, H.P.B., com 5 anos e 11 meses, LM, 9.856 kg de leite e 320,1 kg de gordura (3,24%) em 365 dias.

CORONA JOCELY ROYAL, H.V.B., com 6 anos, LM, 9.954 kg de leite e 313,9 kg de gordura (3,14%) em 300 dias.

C. CLAREDA CITATION RED, H.V.B., com 6 anos, LM, 8.059 kg de leite e 312,1 kg de gordura (3,86%) em 365 dias.

LLOLYN C.F. RITA, Jersey, com 7 anos e 2 meses, LM, 9.807 kg de leite e 489,7 kg de gordura em 365 dias.

BC. BAILARINA TOPEER II, Parda Suíça, com 9 anos e 1 mês, LM, 8.676 kg de leite e 304,3 kg de gordura (4,49%) com 365 dias.

ANCORA ROSAFÉ JR. DO PARAI-SO, H.P.B., com 10 anos, 8.498 kg de leite e 301,6 kg de gordura (3,53%) com 365 dias.

### RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Entre as 642 representantes dessa raça 124 mantiveram-se em Divisão de até 305 dias (19,3%), sendo 8 em Livro de Escol, das restantes 518 alcançaram Livro de Mérito (LM) 57 animais.

Serão comentadas as produções de 83 vacas que alcançaram a média; entre essas, 53 mantiveram-se em 2 ordenhas e 30 em 3 ordenhas; ao todo 8 inscrições em LE, e 57 em LM foram alcançadas.

Já vimos que PALMEIRA B. IN-DAIATUBA DO PAU D'ALHO, filha de PACLAMAR BOOTMAKER e IN-DAIATUBA DO PAU D'ALHO, de Jacob Rosier Dutilh, inscreveu-se como Reprodutora Emérita; mas além dela outras fêmeas obtiveram ótimas lactações como comentaremos a seguir.

AF. FORTALEZA PALAVRA, com 7 anos e 11 meses, LM, 11.421 kg de leite e 349,8 kg de gordura em 365 dias.

BEAVER CREEK BUD APOSTLE (Negrinha), com 7 anos e 2 meses,

LM, 11.511, kg de leite e 366,3 kg de gordura em 365 dias.

PANORAMA JAIME CANDINHA, com 5 anos e 2 meses, LM, 11.034 kg de leite e 296,6 kg de gordura em 365 dias.

FHC ACARI DÉBORA MARK, com 8 anos e 9 meses, 10.893 kg de leite e 360,1 kg de gordura em 365 dias.

ANCORA ROSAFÉ JR. DO PARAI-SO, com 10 anos, LM, 8.498 kg de leite e 301,6 kg de gordura em 365 dias.

AF. FORTALEZA BECA, com 1 ano e 11 meses, com 6.521 kg de leite e 191,4 kg de gordura em 267 dias.

GFF BELEZA BOOTMAKER, com 3 anos e 7 meses, LE, 6.932 kg de leite e 268,3 kg de gordura em 305 dias.

J.P.R. OBSTETRA, com 4 anos e 1 mês, 7.663 kg de leite e 216,0 kg de gordura em 290 dias.

ROSELAC CITATION LOUISE, com 6 anos e 10 meses, 8.550 kg de leite e 260,4 kg de gordura em 305 dias.

CABREUVA MAB, com 2 anos e 11 meses, LE, 6.215 kg de leite e 202,8 kg de gordura em 305 dias.

PANORAMA ELEVATION CAME-LIA, com 4 anos e 9 meses, LE, 7.442 kg de leite e 221,2 kg de gordura em 305 dias.

### RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

A Raça Holandesa Vermelha e Branca, com seus 166 exemplares, representou 17,3% do total controlado e 20,5% da Raça Holandesa. Foram 33 animais ordenhados até 305 dias, sendo 3 em LE e 133 na Divisão de até 365 dias com 28 inscrições em LM. Somente 43 lactações, porém, ultrapassaram a média da raça e entre elas destacaram-se:

LAGO-VIEW MAGNET VICKIE, com 5 anos e 7 meses, 7.167 kg de leite e 229,7 kg de gordura em 305 dias.

FORMATURA JASPER RED DE MEIRELLES, com 4 anos e 10 meses, LE, 5.702 kg de leite e 191,4 kg de gordura em 305 dias.

HAYSCREST JASPER BLISS RED, com 6 anos e 8 meses, LE, 7.015 kg

de leite e 244,1 kg de gordura em 305 dias.

INAJA DE BRAGANÇA, com 4 anos e 4 meses, 5.918 kg de leite e 201,3 kg de gordura em 305 dias.

CORONA JOSELY ROYAL, com 6 anos, LM, 9.954 kg de leite e 313,0 kg de gordura em 300 dias.

### RAÇA PARDA SUÍÇA

Com 46 exemplares, a Raça Parda Suíça representou 4,8% do total controlado e apresentou-se com 18 lactações acima da média; entre elas 2 se inscreveram em LE e 6 em LM.

Além da mencionada RE de Farid Yamin, ES RAY'S ANN, filha de ES PUNCH RAY e BELL ANN, outras vacas se destacaram tais como:

CORONA ROMILDA HARRY, com 3 anos e 9 meses, LE, 5.905 kg de leite e 215,2 kg de gordura em 305 dias.

BC. BAILARINA TOPEER II, com 9 anos e 1 mês, LM, 8.676 kg de leite e 304,3 kg de gordura em 365 dias.

CORONA DULCE MEDALIST, com 5 anos e 4 meses, LM, 7.492 kg de leite e 240,1 kg de gordura em 365 dias.

### RAÇA JERSEY

Todas as 14 representantes da Raça Jersey, foram mantidas em regime de duas ordenhas, sendo que 6 delas ultrapassaram a média estabelecida para a raça; entre estas, 3 se inscreveram em LE e 2 em LM, todas de Irmãos Bertagnolli, de Passo Fundo, RS.

A melhor produção coube a LLOLYN C.F. RITA, com 7 anos e 2 meses, LM, 9.807 kg de leite e 489,7 kg de gordura em 365 dias.

Outra boa produtora foi PINE GROVE B.S. HARMONY, com 4 anos e 10 meses, LE, 6.948 kg de leite e 350,2 kg de gordura em 305 dias.

### RAÇA GIR

Bastante representativo o lote de 63 vacas Gir com controle encerra-do em Março, embora, somente 8 delas ultrapassassem a média; entre

elas 5 se inscreveram em LM, tais como:

C.A. POMPEIA, com 5 anos e 9 meses, 4.890 kg de leite e 212,5 kg de gordura em 270 dias.

MARAVILHA HIENA FAIZÃO, com 8 anos e 11 meses, 4.445 kg de leite e 229,4 kg de gordura em 294 dias.

REGENCIA — R-51, com 7 anos e 10 meses, 4.160 kg de leite e 208,1 kg de gordura em 365 dias.

#### CRUZAMENTO DIRIGIDO — PROCRUZA

Existem certas confusões no emprego dos termos "Giolando", "Guzerando", "Cruzada" e PROCRUZA. Na prática, o criador que adota o regime de "cruzamento alternado", com a finalidade de obter o "tipo" que julga ser melhor para ele, está fazendo o que se poderia chamar de "Cruzamento dirigido"; entretanto, oficialmente deve ser considerado como "Giolando" ou "Guzerando"

os animais provenientes do acasalamento entre bovinos da raça Gir ou Guzerá, respectivamente, com a raça Holandesa e que se enquadram no que se convencionou chamar de "tipo". São esses "tipos", que poderão chegar às Raças respectivas, que o plano de Cruzamento Dirigido — PROCRUZA, procura.

Como a A.B.C. é a Delegada do Ministério da Agricultura para execução do PROCRUZA no Brasil todo, e como é ela que realiza o controle leiteiro oficial desses cruzamentos, resolveu adotar tipo "Cruzamento Dirigido" como designação dos animais que realizam o controle leiteiro na A.B.C. e que estão devidamente registrados no PROCRUZA. Os demais serão considerados como "Cruzados".

Está incluído na denominação oficial acima referida, por enquanto, somente o rebanho de Paulo de Tharso Bittencourt, de Cerqueira Cesar, SP; os demais terão seus con-

troles leiteiros executados, publicados e comentados, mas não estarão registrados conosco, não receberão denominação oficial.

Assim é que, do referido criador 8 vacas tiveram as lactações encerradas neste mês, mas somente 4 alcançaram a média prevista; uma delas, PTB NATIVIDADE - 13659, com 5 anos e 5 meses, obteve LM, dando em 280 dias 4.228 kg de leite e 178,6 kg de gordura.

#### CRUZADAS

As 15 "Cruzadas" cujas lactações se encerraram em Março pertencem a Rubens Resende Peres, e, entre elas, 8 passaram da média, como BOLIVIA DE BRASÍLIA, foi a melhor, com 4.854 kg de leite e 187,5 kg de gordura em 332 dias.

ASTRONALTA DE BRASÍLIA, com 4 anos e 10 meses, 4.027 kg de leite e 170,3 kg de gordura em 287 dias.

## COMUNICADO

# ABC - REVISTA DOS CRIADORES - NO RIO DE JANEIRO

O ponto de reunião dos criadores.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES há um ano mantém uma ampla sede social no Rio de Janeiro para atender seus associados e os criadores em geral. REVISTA DOS CRIADORES, que é órgão de divulgação da ABC desejando dar cobertura a essa iniciativa a partir dos próximos meses passará a publicar um noticiário sobre a pecuária e os pecuaristas fluminenses e para isso manterá uma jornalista para atender os associados. Procurem-nos que será uma satisfação atendê-los.

#### Endereço:

Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 —  
São Cristóvão - Fone: (021) 228-7377  
- Rio de Janeiro.



# Serviço de Controle Leiteiro

## DESTAQUES

### Raça Holandesa — variedade preta e branca

PALMEIRA BOOTMAKER INDAIATUBA DO PAU D'ALHO, Rq.GHB/644, G.H.B., Pai/PACLAMAR BOOTMAKER Rq.HBB/BAl1338, mãe/INDAIATUBA DO PAU D'ALHO Rq. GHB/209, REPRODUTORA EMÉRITA, com novo LIVRO DE ESCÓL.

2a5m	-	2x	-	5.778	-	222,6	-	3,78%
3a6m	-	2x	-	6.504	-	222,5	-	3,42%
4a5m	-	2x	-	5.781	-	191,4	-	3,31%
5a6m	-	2x	-	7.374	-	237,7	-	3,22%
7a11m	-	2x	-	7.170	-	236,3	-	3,29%

Prop. JACOB ROSIER DUTILH

### RAÇA PARDO SUIÇO (Schwyz)

ES. RAY'S ANN, Rq.5831, PO, Pai/ES.PUNCH RAY Rq.159245, mãe/ES.BELL ANN, Rq.528079, REPRODUTORA EMÉRITA, com novo LIVRO DE ESCÓL.

6a2m	-	2x	-	6.533	-	220,6	-	3,37%
7a3m	-	3x	-	7.311	-	257,5	-	3,51%
8a4m	-	3x	-	6.077	-	220,2	-	3,62%
9a3m	-	3x	-	7.546	-	259,0	-	3,43%

Prop. AMILCAR FARID YAMIN

## LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
<b>Raça Holandesa — variedade preta e branca</b>							
Três Ordenhas (2x)							
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.							
R.F. Fortaleza Baco - B/74291	PO	1-11	79475	267	6.521	191,4	2,83 Fazenda Fortaleza Ltda
Albertina's HBI Oval CE - B/72702	PO	2-3	79500	290	5.946	177,2	2,96 Pasto Verde

**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT**  
**PROLEITINA GL**  
**LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
<b>CLASSE IJ</b> - de 3 a 3 1/2 anos. J.P.R. Olga - B/65900	PO		3-5	74202	332	6.729	214,5	3,18 Joaquim Peixoto Rocha
Araponga Santa Esperança - SP/160007	OC3		3-0	78708	257	5.889	173,9	2,95 Lázaro de Mello Brandão
<b>CLASSE IS</b> - de 3 1/2 a 4 anos. GFY Neleza Dootneker - B/61049	PO		3-7	74743	305	6.932	268,3-LE	3,85 Geraldo Figueiredo Furtos
<b>CLASSE CJ</b> - de 4 a 4 1/2 anos J.P.R. Obstetra - B/62550	PO		4-1	71795	290	7.663	216,0	2,81 Joaquim Peixoto Rocha
<b>CLASSE CS</b> - 4 1/2 a 5 anos Julietta Santa Esperança - SP/160003	POCD		4-8	75197	267	6.423	191,1	2,97 Lázaro de Mello Brandão
<b>CLASSE D</b> - Adultas de mais de 5 anos Femlac Citation Louise - B/52315	PO		6-10	68113	305	8.550	260,4	3,03 Lázaro de Mello Brandão
J.P.R. Macieira - B/53163	PO		6-0	62565	297	7.385	246,0	3,31 Joaquim Peixoto Rocha

Duas Ordenhas (2x)

<b>CLASSE AS</b> - 2 1/2 a 3 anos Caicara da Prata - SP/167578	OC2		2-10	79393	305	6.248	174,3	2,77 Hessel Koraćio Cherkansky
Cabriova Mab - RJ/1992	GBB		2-11	79137	305	6.215	202,8-LE	3,24 Maria Aparecida P. Barbosa
Ubeda Gay Renda Pau D'Alho - RJ/2253	GBB		2-6	78853	305	6.081	188,2-LE	3,09 Jacob Rosier Dutilh
Color Astronaut Bêlica - B/67533	PO		2-10	78326	305	5.492	199,7-LE	3,61 Lair Antonio de Souza
<b>CLASSE BI</b> - de 3 a 3 1/2 anos Color Triângulo Elevation Alcinu-B/66263	PO		3-5	74870	304	6.067	213,7-LE	3,50 Lair Antonio de Souza
Aferia Orlândia - SP/155488	15/16		3-3	78519	274	5.578	166,7	2,98 José Mário J. Netto
<b>CLASSE IS</b> - 3 1/2 a 4 anos Mariposa Victor M.L.-RJ/1722	GBB		3-9	75399	289	5.832	196,8	3,35 Maria Lúcia F. Silva Dias
<b>CLASSE CS</b> - 4 1/2 a 5 anos Pancroma Elevation Camelia - B/63131	PO		4-9	68546	305	7.442	221,2-LE	2,95 Donald Graber
<b>CLASSE D</b> - Adultas de mais de 5 anos Palmeira Boot. Indiatuba P. D'Alho-GBB/644	GBB		7-11	54560	305	7.170	236,3-LE	3,29 Jacob Rosier Dutilh
Pau D'Alho Bendilha Astr. Sabera-B/57300	PO		5-8	64421	302	7.030	258,0-LE	3,65 Jacob Rosier Dutilh
Fisi Umbela Campida Cotty - B/44445	PO		8-0	53527	305	6.908	213,5	3,07 Elza Ribeiro M. e Filhos
Abundancia São Quirino - GBB/1361	GBB		7-0	59265	289	6.225	207,8	3,33 Recurária Anzinas Ltda

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Tres Ordenhas (3x)

<b>CLASSE AS</b> - 2 1/2 a 3 anos Corona T.E. Cynthia Millioner-BB/7932	PO		2-8	79435	297	5.180	180,3	3,46 Amílcar Farid Yamin
<b>CLASSE CJ</b> - de 4 a 4 1/2 anos Inajá de Bragança - SP/152157	OC1		4-4	74467	305	5.918	201,3	3,38 Olympio A.S.A. Stockler
Indonêlia de Bragança - SP/39279	OC2		4-3	79004	300	5.060	200,3	3,40 Olympio A.S.A. Stockler
<b>CLASSE D</b> - Adultas de mais de 5 anos Lago-View Magnet Vickie - LBH/642	PO		5-7	69441	305	7.167	229,7	3,19 Amílcar Farid Yamin
Dêia de Bragança -	PO		-	79005	295	5.004	231,4	3,98 Olympio A.S.A. Stockler
Altêia de Bragança - SP/44198	OC2		11-8	60027	247	5.753	200,7	3,48 Olympio A.S.A. Stockler

Duas Ordenhas (2x)

<b>CLASSE CS</b> - 4 1/2 a 5 anos SBO Simão Opéra - BB/6202	PO		4-8	73973	305	5.534	226,5-LE	3,46 Antonio de T. Lara Neto
Fozpatura Jasper Red do Meiralles-RJ/1457	GBB		4-10	69466	305	5.702	191,4-LE	3,35 Elza Ribeiro M. e Filhos
<b>CLASSE D</b> - Adultas de mais de 5 anos Hayscrest Jasper Blues Red - BB/56116	PO		6-8	58948	305	7.015	244,1-LE	3,46 Antonio de T. Lara Neto
C Cityview Marquis Tracy-Red - LBH/760	PO		5-10	68936	296	5.648	196,3-LE	3,45 Antonio de T. Lara Neto

Raça Jersey

Duas Ordenhas (2x)

<b>CLASSE BI</b> - de 3 a 3 1/2 anos Liliana Tatle do Ithiá - 16642-C	PO		3-2	74889	305	3.865	185,4-LE	4,77 José Ronald Bertagnoli
<b>CLASSE CS</b> - de 4 1/2 a 5 anos Pine Grove H.S. Hammy - 480212	PO		4-10	73618	305	6.948	350,3-LE	5,04 José Ronald Bertagnoli
<b>CLASSE D</b> - Adultas de mais de 5 anos Luna Milestone Parahana - 12887-C	PO		5-7	78493	305	5.143	202,0-LE	3,90 José Ronald Bertagnoli
Iola Generator de S. Francisco - 11999-C	PO		7-1	63683	274	4.007	149,6	3,73 Esp. Mário Lopes Leão

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Tres Ordenhas (3x)

<b>CLASSE IS</b> - de 3 1/2 a 4 anos Corona Renilda Harry - 7553	PO		3-9	74040	305	5.905	215,2-LE	3,62 Amílcar Farid Yamin
<b>CLASSE D</b> - Adultas de mais de 5 anos RF Roy's Ann - 5831	PO		9-3	57011	305	7.546	259,0-LE	3,43 Amílcar Farid Yamin
Corona Castelaria Cadet - 6251	PO		7-5	60725	304	6.408	217,4	3,39 Amílcar Farid Yamin
Corona Valéria Harry - 6258	PO		6-9	60726	296	6.406	217,8	3,30 Amílcar Farid Yamin
Corona Simplicia Harry - 6444	PO		6-1	64524	305	5.050	179,1	3,52 Amílcar Farid Yamin

Raça Gir

Duas Ordenhas (2x)

<b>CLASSE CS</b> - de 4 1/2 a 5 anos Duspois da Calcilândia - T-2912	BE		4-9	74246	305	2.914	149,8	5,11 Gabriel D. de Andrade
---	----	--	-----	-------	-----	-------	-------	----------------------------

**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT**  
**PROLEITINA GL**  
**LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL

Grav de  
sangueIdade  
anos/meses

N.º SCL

Dias de  
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

## II DIVISÃO — ATÉ 365 DIAS

## Raça Holandesa — variedade preta e branca

Três Ordenhas (3x)

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
<b>CLASSE AJ - até 2 1/2 anos</b>							
A.F. Fortaleza Beata	PO	2-1	79800	303	9.557	284,6-1M	2,97 Fazenda Fortaleza Ltda
A.P. Fortaleza	PO	2-2	79474	365	8.584	263,3-1M	3,06 Fazenda Fortaleza Ltda
Darling Cesar Julieta S. Esp.-SP/172375	31/32	2-0	79354	365	8.087	255,5-1M	3,14 Lázaro de Mello Brandão
Paragon Brigitte Boot. Ford-B/72398	PO	2-4	79534	365	8.026	244,1-1M	3,02 Paragon Agropec. Ltda
Bela da Salto Paragon - SP/164263	OC1	2-4	79170	320	6.849	265,2-1M	3,85 Paragon Agropec. Ltda
S. Esp. Glen-Cal Patricia Haney -B/74592	PO	1-11	79352	323	6.487	194,7	3,00 Paragon Agropec. Ltda
P. Roleta Kaspera Cavalier -B/73467	PO	2-3	79309	365	6.297	209,9-1M	3,31 Faz. S. Ma. Posses Ag. Past. Ltda
Sharon Lily Rosa S. Esperanza -SP/170710	OC3	2-2	79353	365	6.151	189,2	3,07 Lázaro de Mello Brandão
Yucorosa Eric Fabiana - B/71/39160	PO	2-5	79947	264	6.058	194,6	3,21 Lázaro de Mello Brandão
<b>CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos</b>							
Geniela Karatê Paragon - SP/164259	POCC	2-8	79168	339	6.454	254,3-1M	3,92 Paragon Agropec. Ltda
<b>CLASSE B - de 3 a 3 1/2 anos</b>							
P. Redação Barbarela Cal - B/71078	PO	3-2	79464	318	9.132	265,6-1M	2,90 Faz. S. Ma. Posses Ag. Past. Ltda
P. Quartilha Bruna Mountaineer - B/68852	PO	3-4	75413	334	8.892	253,7-1M	2,85 Faz. S. Ma. Posses Ag. Past. Ltda
J.P.R. Parada -TE -B/69394	PO	3-1	75888	312	8.009	250,1-1M	3,11 Joaquim Peixoto Rocha
P. Rafaela Jurana Leader - B/69942	PO	3-2	79462	325	7.721	234,9-1M	3,03 Br. S. Ma. Posses Ag. Past. Ltda
J.F. Fortaleza Aerovia	PO	3-1	75368	296	7.015	215,4	3,05 Fazenda Fortaleza Ltda
<b>CLASSE BI - de 3 1/2 a 4 anos</b>							
E. Ordina Cantinha Lândy - B/67415	PO	3-10	75355	365	7.977	244,9-1M	3,07 Arnaldo Mendes de Oliveira
N.F. Fortaleza Ventana - B/68052	PO	3-6	74844	269	7.167	221,1	3,08 Fazenda Fortaleza Ltda
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos</b>							
N.F. Fortaleza Palavra - B/46293	PO	7-11	54209	365	11.421	349,6-1M	3,05 Fazenda Fortaleza Ltda
Reiva do Butiry -GRB/1585	GRB	8-1	66741	365	8.550	290,6-1M	3,38 Paragon Agropec. Ltda
Rênia Rockman do Rancho Isa - WAJ/1197	GRB	8-0	54206	299	8.001	243,9	3,03 Lázaro de Mello Brandão
P. Marmita Marquês Star -B/46750	PO	7-1	75071	303	7.346	292,9-1M	3,97 Paragon Agropec. Ltda
<b>CLASSE AJ - até 2 1/2 anos</b>							
Nob Ford Denise TE - TP/B/48592	PO	2-0	79138	365	8.049	259,5-1M	3,22 Maria Aparecida P. Borba
<b>CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos</b>							
Rênia Rodrigo ML - B/142521	OC2	2-8	78952	365	7.318	237,4-1M	3,25 Maria Lucia F. Silva Dias
Rogéria Senaj M.L. - B/117470	OC1	2-6	78955	365	6.601	207,7-1M	3,14 Maria Lucia F. Silva Dias
<b>CLASSE BV - de 3 a 3 1/2 anos</b>							
Van-Boy Grand Helary- B/66984	PO	3-4	74927	365	10.499	280,7-1M	2,67 Donald Geber
Ofício Glen Orna do P.D. Alho - RAJ/2392	GRB	3-2	75419	365	9.173	257,6-1M	2,79 Jacob Rosier Dattih
Arlêdo Loren Citation Royal -RP/B/53808	PO	3-4	79365	365	6.796	233,4-1M	3,42 Garavelo Agro. Pec. S/A
Ultra Proud Nostalgia P.D. Alho - WAJ/2421	GRB	3-4	75418	291	6.730	194,9-1M	2,89 Jacob Rosier Dattih
<b>CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos</b>							
Bela Nuvia Alent 4 Lester - B/65867	PO	3-10	74699	365	10.454	327,7-1M	3,12
Atrevida da Prata - SP/153347	OC3	3-6	79399	365	8.249	239,2-1M	2,88 H. Norberto Cherkassy
Marilu Victor M.L.	OC1	3-10	75397	345	7.584	233,0-1M	3,07 Maria Lucia F. Silva Dias
Magia Paula 17 Jetstar de B. Manhã-68695	POCC	3-9	75612	365	7.143	204,9-1M	2,86 Carmelita J. de Jorge (B) Arap.
<b>CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos</b>							
Barrifona da Prata - SP/153395	OC1	4-2	79394	365	7.598	233,9-1M	3,06 H. Norberto Cherkassy
Malindrona Elev. Clinav M.L. -SP/153549	POCC	4-2	74219	338	7.257	277,0-1M	3,80 Maria Lucia F. Silva Dias
Narucha Tiffany Imperor - RP/B/46350	PO	4-3	79364	365	7.227	244,5-1M	3,38 Garavelo Agro. Pec. S/A
<b>CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos</b>							
Felicitosa do Melisio - GRB/1928	GRB	4-6	71894	365	7.707	254,8-1M	3,29 Márcio Elísio de Freitas
S.M. Walker Seaman Apollo - B/59174	PO	4-8	72835	349	7.654	218,0-1M	2,83 José Mário J. Netto
Bela Manhã Adina 5 Prince - B/61824	PO	4-6	79654	365	7.275	261,6-1M	3,58 Carmelita J. de Jorge (B) Arap.
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos</b>							
Warner Creek Bad Apostle (Worinba)-B/49162	PO	7-2	58495	365	11.511	366,3-1M	3,18 Lair Antonio de Souza
Panzosa Jaime Cardinha - B/58425	PO	5-2	67006	365	11.034	296,6-1M	2,68 Donald Geber
PIC. Jacari Dórea Mark - B/45988	PO	8-9	53416	365	10.893	360,1-1M	3,29 Guilherme W.S. Caldas
S.S. Varela Antromat - B/55944	PO	5-11	65026	365	9.856	301,1-1M	3,24 Garavelo Agro. Pec. S/A
Susyband Ronnie Topper Jack - B/47645	PO	7-3	58474	365	9.277	280,9-1M	3,01 Jacob Rosier Dattih
SB. Tijupá Negmat - B/48793	PO	6-11	60583	354	9.180	270,5-1M	2,94 João Espinheiro Frons
Arapoti Conde Nana - B/54455	PO	6-5	62363	365	8.867	289,4-1M	3,25 Leonard Roodgraaf (28) Arap.
Arapioti Conde Nana - B/54455	PO	5-10	64948	365	8.700	263,4-1M	2,98 Donald Geber
La In Panzosa - SP/132145	OC2	5-9	76530	306	8.691	274,5-1M	3,15 Van Rok (21) Arap.
Neva Primavera Arap. Vreaskje 11 -47017	OC4	10-1	60152	365	8.607	287,6-1M	3,34 Carlos Cezarê Rosa Lima
Lonet D. Lark Nana - B/39930	PO	10-0	66935	365	8.490	301,6-1M	2,53 Maria Lucia F. Silva Dias
Amora Rosatê Jr. do Paraíso -GRB/462	GRB	10-0	65935	365	8.454	238,2-1M	2,79 Pocúrcia Anshaus Ltda
RQ. Rejima Pocalmar Recantada-B/46694	PO	7-10	57185	354	8.401	242,1-1M	2,87 Fazenda Itiquara Ltda
Can-Kell Gey Pocus - B/58595	PO	6-2	67944	365	8.268	253,0-1M	2,96 Maria Lucia F. Silva Dias
Liga Rit Buldêr M.L. - SP/153535	OC1	5-0	73129	318	8.059	244,5-1M	3,03 Pocúrcia Anshaus Ltda
Barrilha São Quirino - GRB/1659	GRB	5-10	65304	303	7.860	272,9-1M	3,48 Maria Lucia F. Silva Dias
Juriti Rit Buldêr M.L. - 117500	GRB	5-9	67177	365	7.615	246,8-1M	3,28 Nicolas A. Borchert (16) Arap
Bronchost Poutjeje's Aratinga-53694	OC1	6-0	63092	365	7.576	264,5-1M	3,41 Carlos A.J. Lobosari
Crescentwood Gey Dora - B/49229	PO	7-7	57360	304	7.688	238,2-1M	3,06 Elze Agropec. Ltda
Woodbrook Wayne Glerna - B/56211	PO	6-7	79538	268			

GERADORES  
DE LEITE

Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEITE  
PROLEITINA GL  
LACTINA GL

Purina

NOME DO ANIMAL

Grav de sangue  
Idade anos/meses  
N.º SCL  
Dias de lactação  
Produção  
Leite kg  
Gord. kg

PROPRIETÁRIO

SO, Xerota Paclaur Recordada - B/41058	PO	8-10	52052	323	7.541	230,8-121	3,06	Pecuária Arinas Ltda
Seralde S. Quirino - GMB/1356	GMB	7-11	57378	309	7.540	223,6	2,96	Pecuária Arinas Ltda
Caivalde Willow Carrie - B/61637	PO	7-5	67677	263	7.386	229,1-121	3,10	Leir Antonio de Sousa
Rapso-Tract Jody (Regona) - B/49193	PO	7-1	64002	365	7.385	261,4-121	3,53	Leir Antonio de Sousa
Asupci Baronesa Klasseja 14 - 37599	OC1	8-0	54753	365	7.366	254,3-121	3,46	Frudrik Kok (27) Arap.
Vestala Rosafé Dr. do Paraíso	GMB	10-4	46339	310	7.328	251,3-121	3,41	Maria Lucia F. Silva Dias

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Tres Ordenhas (3x)

Albertina's MR Tirana - 12/28/6212	PO	2-4	79485	353	7.534	216,9-121	2,87	Pedro Conde
Corona Nancy Jasper - BR/7941	PO	2-2	79731	322	5.761	176,8	3,05	Anticar Farid Yamin
Albertina's MR Tarapá TI - BR/7569	PO	2-7	79489	341	6.339	194,5-121	3,05	Pedro Conde
Alfa Crescentaal S. Seb. E.S. - NBJ/2153	GMB	3-0	79284	365	6.826	207,5-121	3,02	Olypio A.S.A. Stockler
Albertina's RJP Savina - BR/6840	PO	3-11	73695	312	7.651	210,6-121	2,75	Pedro Conde
Corona Nara Jasper - BR/6583	PO	4-5	72216	287	6.301	256,6-121	3,09	Anticar Farid Yamin
Corona Beretta Yasaden - BR/6846	PO	4-1	74849	272	6.132	269,3-121	3,29	Anticar Farid Yamin
Corona Porchia Yasaden - BR/6585	PO	4-4	73746	309	7.774	264,3-121	3,27	Anticar Farid Yamin
Corona Dorothea Imperador - BR/6571	PO	4-5	72217	299	6.891	204,9	2,96	Anticar Farid Yamin
Corona Irani Kioto - BR/6574	PO	4-4	72213	236	6.561	222,3-121	3,38	Anticar Farid Yamin
Botina's Piper Cit. Lib-Red Et-L/88/819	PO	4-6	70488	365	9.325	277,8-121	2,97	Pedro Conde
Pipers World Napoleon-Red Et- BR/6216	PO	4-8	70491	365	9.247	253,2-121	2,72	Pedro Conde
Albertina's MR Jafregia - BR/128/299	PO	4-10	69696	292	7.888	243,2-121	3,07	Pedro Conde
Replica MR Albertina's - BR/4799	GMB	4-9	74741	293	7.655	225,1-121	2,88	Pedro Conde
Corona Sabará Rioto - BR/6178	PO	4-11	71219	234	7.323	243,4-121	3,28	Anticar Farid Yamin
Corona Caá Jasper - BR/6568	PO	4-10	72456	275	7.239	234,8-121	3,23	Anticar Farid Yamin
Corona Jocely Royal - BR/5526	PO	6-0	68320	300	9.954	313,9-121	3,14	Anticar Farid Yamin
Regina de Bragança - SP/58262	OC2	8-0	74472	338	6.107	271,9-121	3,33	Olypio A.S.A. Stockler
Darwin de Bragança - SP/107314	11/12	10-7	74771	375	7.784	239,5-121	3,06	Olypio A.S.A. Stockler
Dalva de Bragança - SP/75637	OC1	8-9	74465	365	6.687	233,6	3,37	Olypio A.S.A. Stockler
Regina Jasper Corona - 132943	OC2	5-2	69445	292	6.804	224,4	3,29	Anticar Farid Yamin
Roy-Lane Destiny Diamond - 1/BR/727	PO	5-9	68321	285	6.719	217,7	3,24	Anticar Farid Yamin

Duas Ordenhas (2x)

São Simão de Saudade - BR/7447	PO	2-9	78917	346	6.356	213,2-121	3,33	Antonio de T. Lara Neto
Beatriz Quif do S. Isidoro - NBJ/2301	GMB	3-1	79256	365	6.543	206,0-121	3,14	Agropecu. U. Isidoro Ltda
Labor de Mal de São Simão - SP/148311	OC4	3-6	79530	296	6.239	204,4-121	3,25	Antonio de T. Lara Neto
C Cláudia Citation Red - L/88/649	JO	6-0	69840	365	8.059	312,1-121	3,86	Antonio de T. Lara Neto
Janeira de São Simão - 77739	OC4	8-8	53380	365	7.402	272,1-121	3,67	Antonio de T. Lara Neto
Sir. 7001Carade Marquis Rosendia-80/5828	PO	5-8	66639	365	7.221	249,2-121	3,31	João Raposo dos Reis
C Wincrest Ned Klammor Red-L/88/772	PO	6-4	61743	349	7.203	276,1-121	3,81	Antonio de T. Lara Neto
S. Rio Arizaba H. Jasper - B/5427	PO	5-11	68762	325	7.059	225,4-121	3,18	Antonio Bassoli
Wanda Jasper de Neimless - SP/92840	OC1	7-2	59292	365	7.015	232,1-121	3,30	Elza Ribeiro M. e Filhos
Thy Jasper Billie Homan - BR/5361	PO	5-11	75773	365	6.816	267,4-121	3,90	João Passarelli
Vasta M - SP/71105	OC2	9-4	56046	344	6.730	179,5	2,65	Fazenda da Toça Ltda

Raça Jersey

Duas Ordenhas (2x)

Irquemenly Title do Batiá 298-16605-C	PO	2-8	80250	283	4.153	205,7-121	4,93	João Ronald Bertagnoli
Elolyn G.P. Rita - 13263-C	PO	7-2	75656	365	9.807	489,7-121	4,99	João Ronald Bertagnoli

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Tres Ordenhas (3x)

Corona Valina Performer - 8434	PO	2-4	80506	290	4.778	160,9	3,36	Anticar Farid Yamin
Corona Veronica Improver - 8207	PO	2-7	80506	389	4.371	147,0	3,36	Anticar Farid Yamin
Corona Cláudia Twin - 7963	PO	3-4	76012	275	6.607	214,8-121	3,25	Anticar Farid Yamin
Corona Yoko Twin - 8038	PO	3-0	75339	347	6.266	211,6-121	3,36	Anticar Farid Yamin
Corona Janet Improver - 7995	PO	3-2	75338	301	4.930	170,2	3,43	Anticar Farid Yamin
Corona Aurora Improver - 7672	PO	3-11	75340	295	6.746	238,9-121	3,52	Anticar Farid Yamin
Corona Felicitá Herry - 7403	PO	4-7	73742	331	4.959	157,1	3,17	Anticar Farid Yamin



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO		
					Leite kg	Gord. kg			
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>									
IC.Bullarina Super II - 205779	PO	3-1	51759	365	8.676	304,2-1M	3,49	Solmetal Ind. e Com.Ltda	
Corona Dulce Medalist - 8291	PO	5-4	72877	365	7.492	240,1-1M	3,20	Anilcar Farid Yamin	
Corona Flóra Medalist - 6433	PO	6-4	64101	291	6.249	197,8	3,16	Anilcar Farid Yamin	
MS.Cocpower Fran - 6554	PO	6-0	64928	306	5.563	192,4	3,42	Anilcar Farid Yamin	
Duas Ordenhas (2x)									
<b>CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.</b>									
Santo Isidoro Daniela - 206140	PO	3-3	79257	340	4.838	165,7-1M	3,42	Agropecu.S.Isidoro Ltda	
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>									
Ilha Dorset de S.Carlos - 206242	PO	6-3	59744	365	5.095	166,2	3,24	Carlos Cardoso A.Jacim	
Três Ordenhas (3x)									
<b>Raça Gir</b>									
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>									
<b>OTISOLA de Brasília - S/2920</b>									
	RE	8-8	69003	334	2.550	156,4	4,40	Rubens Resende Peres	
Duas Ordenhas (2x)									
<b>CLASSE D - de 5 a 6 anos.</b>									
<b>C.A.Campina - 1719</b>									
	NR	5-9	74573	270	4.840	212,5-1M	4,39	Antonio J.Lúcio O.Coeta	
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>									
<b>Novavilva Hiena Paizão - P-6948</b>									
	RE	8-11	65980	294	4.445	229,4-1M	5,14	Manuel e José J.S.R.Ribeira	
	NR	7-10	43903	365	4.160	200,1-1M	5,00	Kenia Agric. e Pec. Ltda	
	RE	11-11	49594	309	3.742	153,9	4,33	Arthur Scoto M.Pillizola	
	RE	9-10	61758	321	3.555	164,1	4,61	Arthur Scoto M.Pillizola	
	PC	8-4	60855	365	3.554	173,6-1M	4,86	Kenia Agric. e Pec.Ltda	
	PCOD	15-11	40612	354	3.490	156,3-1M	4,45	João Gabriel C.M.e Castro	
Três Ordenhas (3x)									
<b>Raça Girolando</b>									
<b>CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.</b>									
<b>Ilha de Brasília -</b>									
	1/2	3-11	76044	247	3.681	146,9	3,99	Rubens Resende Peres	
<b>CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos.</b>									
<b>Ástrea Alta de Brasília -</b>									
	1/2	4-10	70907	287	4.027	170,3	4,20	Rubens Resende Peres	
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>									
<b>Bela Vista de Brasília - Brinco 3</b>									
	1/2	-	57829	332	4.854	187,6	3,84	Rubens Resende Peres	
	NR	-	76038	294	4.312	183,6	4,23	Rubens Resende Peres	
	NR	-	68795	301	3.790	162,1	4,25	Rubens Resende Peres	
	NR	-	69202	247	3.557	146,2	4,08	Rubens Resende Peres	
Duas Ordenhas (2x)									
<b>CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.</b>									
<b>B5</b>									
	NR	-	77695	307	3.710	141,8	3,82	João Alberto C.de Castro	
<b>10B</b>									
	NR	-	77677	294	3.497	139,2	3,95	João Alberto C.de Castro	
Duas Ordenhas (2x)									
<b>Cruzamento Dirigido</b>									
<b>CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.</b>									
<b>PB.Arnosa - 22973</b>									
	ML	4-9	80581	252	2.548	89,9	3,52	Paulo de Thasso Bittencourt	
<b>PB.Araponga - 22963</b>									
	ML	4-9	77052	175	1.639	70,5	4,30	Paulo de Thasso Bittencourt	
<b>CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.</b>									
<b>PB.Natividade - 13659</b>									
	ML	5-5	80574	260	4.228	178,6-1M	4,20	Paulo de Thasso Bittencourt	
<b>PB.Campina Grande - 13665</b>									
	ML	5-8	76878	281	3.477	139,5	3,98	Paulo de Thasso Bittencourt	

L.M. - LIVRO DE MÉRITO  
L.E. - LIVRO DE SAQUE

## Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	Con. trole	Dias de lactação	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	Con. trole	Dias de lactação	%		
<b>Raça Holandesa — variedade vermelha e branca</b>													
Indústria Aracruz Ltda-Carvalho, Ind. de São Paulo, Criação em São Paulo, Registro no setor de controle equinivar, 2 Ordenhas.													
GL.Aurifolia Sky Verona	PO	3-10	29	40	71,0	1,9	30.Candice, S. Ricardo, Taubaté	NR	3-9	28	32	28,0	1,8
GL.Boiall Casparat Isabelina	PO	4-9	23	43	64,0	2,9	30.Érica, S. Ricardo, Taubaté	NR	3-11	28	32	30,0	1,9
Gl.Boiall S. Gerardo	GL	1-0	26	43	60,0	1,5	30.Íris, S. Ricardo, Taubaté	NR	4-9	29	40	38,0	1,9
Gl.Boiall S. Gerardo	GL	3-0	26	42	64,0	1,9	30.Íris, S. Ricardo, Taubaté	NR	3-9	28	36	27,0	2,2
GL.Boiall S. Gerardo	GL	4-1	29	37	51,0	1,8	30.Íris, S. Ricardo, Taubaté	NR	3-9	29	38	27,0	2,2
GL.Boiall S. Gerardo	GL	3-7	29	36	52,0	1,8	30.Íris, S. Ricardo, Taubaté	NR	3-9	29	38	27,0	2,2



### GERADORES DE LEITE

Geram leite. Geram lucros.

## GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL

**Purina**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
PINA Eleonora 1 Fund Sabot	PO	2-7	10	28	25,0	3,2	NÍDA de Ana Barbara	OCI	2-5	19	21	12,0	3,31
Sacenta Quilassa 2-4 da Pama	GBB	2-7	10	28	21,0	1,0	Netta de Ana Barbara	OC4	3-0	19	9	15,0	3,37
Sargenta Quartola Leader da Pama	GBB	2-6	19	16	28,0	3,8	Novissima Invadit Fat Anca	PO	3-0	19	11	26,0	3,37
Susa Soreira Quilass Electrica	PO	2-5	9	9	21,0	2,6	País de Ana Barbara	OCI	2-5	19	17	16,0	3,25
Osana Acres Nova	PO	5-3	20	43	23,0	2,6	Paradia de Ana Barbara	OC2	2-5	20	13	25,0	3,46
P. Osea Gaiota Tippy	PO	4-4	20	38	24,0	3,0	Paiz de Ana Barbara	OC1	2-8	20	10	25,0	3,46
P. Osea Nogueira M. Lillie	PO	5-10	19	30	26,0	3,7	2. Oribana						
P. Osea Pomba Nogueira Gremial	PO	2-1	120	351	20,0	2,8	Diferentes de Ana Barbara	OC3	4-4	50	137	20,0	3,58
P. Osea Pomba Nogueira Gremial	PO	2-4	100	351	21,0	1,6	Paiz de Ana Barbara	OC2	4-7	70	137	18,0	3,28
P. Osea Pomba Nogueira Gremial	PO	2-4	80	219	23,0	2,9	P. Osea de Ana Barbara	OC1	7-3	70	180	14,0	3,37
P. Osea Pomba Nogueira Gremial	PO	3-5	30	133	26,0	2,7	P. Osea de Ana Barbara	OC2	5-1	70	140	15,7	3,57
P. Osea Pomba Nogueira Leader	PO	3-4	50	136	23,5	3,2	Costa Anacard Verde	OC1	5-11	70	264	17,5	3,25
P. Osea Pomba Nogueira 2-4	PO	2-4	60	176	20,5	1,7	Nogueira de Ana Barbara	PO	8-4	60	113	14,0	3,25
P. Osea Sarda (Palina Mount)	PO	2-4	60	175	20,0	1,1							
P. Osea Kassila Berk Elevation	PO	3-0-6	39	63	23,0	3,2							
P. Osea Kassila Pomba Glen	PO	3-4	20	27	27,0	2,8							
P. Osea Parada Obstatinação A.C. da Pama	GBB	3-10	30	78	25,0	2,7							
P. Osea Parada Obstatinação A.C. da Pama	PO	2-2	90	270	20,0	3,1							
P. Osea Parada Obstatinação A.C. da Pama	PO	3-5	90	218	24,0	1,4							

Dorval Antonio Galoto, Gurgulim, Est. de São Paulo, Controle em 04/01/85, Região de pasto com ração suplementar, 2 Oribanas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Angélica GL	PO	3-6	60	174	13,0	2,7
Bela Valéria Esperre	PO	2-11	70	254	23,0	2,7
Correia GL	PO	5-9	100	310	21,0	4,4
Idolândia PE	PO	7-3	100	310	21,0	2,5
Jocairina PE	OC1	5-8	80	284	22,0	3,1
Nelida PE	OC1	10-0	30	53	30,0	2,6
Regina PE	OC1	4-2	90	268	15,0	4,8
Indiamante PE	OC1	8-1	80	281	16,0	2,9
Ildefonso Galeria do Garafá	PO	6-3	60	172	20,0	3,3
MS. Marcelo Prad	PO	4-1	10	19	26,0	3,3
MS. Marcelo Prad	PO	4-1	10	31	29,0	3,1
Marta PE	PO	4-1	10	33	28,0	3,8
Marta PE	OC2	2-9	70	235	15,0	1,8
Marta PE	OC1	3-5	30	79	25,0	4,2

Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro, Est. de São Paulo, Controle em 19/03/85, No fim da semi-estabulação, 2 Oribanas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Carlaa Foot, CAH	GBB	18-5	110	320	14,0	3,7
CAH. Flávia Rossonesi	PO	18-2	50	137	15,0	2,9
CAH. Flávia Sal	PO	2-2	50	130	18,0	2,9
CAH. Fátima Hugo Star	PO	3-3	80	224	18,0	3,1
Harjoo Giovanna Clarissa Boto	PO	9-9	20	48	25,0	2,5
Harjoo Lenetty Ray Apple	PO	10-1	70	190	13,0	3,0
CAH. Maria B. Blackton	PO	6-3	40	102	13,0	3,6
CAH. Maria Eloy, Nova	PO	3-0	60	166	13,0	3,9
CAH. Meta Hamlet Nurgis	PO	6-7	70	175	20,0	3,8
CAH. Natalina R. Nupis	PO	2-4	40	40	13,0	3,5
CAH. Natassia Hamlet Nurgis	PO	7-9	20	58	16,0	2,9
Pratadora CAH	PO	5-10	110	312	17,0	3,4
CAH. Odeia Nurgis	PO	4-8	80	244	14,0	3,7
CAH. Odeia Nurgis	PO	4-1	40	130	27,0	2,3
CAH. Valdivina Hugo Star	PO	6-2	20	150	12,0	4,7
CAH. Valdivina Elevation Chris	PO	6-2	20	30	19,0	2,7
CAH. Varguanda Ace Tolstar	PO	4-1	20	65	21,0	3,6
CAH. Várzea Chris	PO	2-7	60	144	17,0	3,3
CAH. Verônica Penfounder	PO	2-0	20	58	15,0	3,1
CAH. Verônica Star	PO	5-6	30	57	15,0	3,5
CAH. Veneranda Antoniam	PO	4-0	30	263	17,0	3,4
CAH. Veneranda C.A. Nurgis	PO	6-2	90	236	16,0	2,4
CAH. Veneranda Chris	PO	6-2	20	166	13,0	3,9
CAH. Vitoria Hugo Star	PO	8-10	20	11	17,0	2,7
CAH. Vitoria Hugo Star	PO	6-2	80	111	22,0	2,7
CAH. Vitoria Hugo Star	PO	3-5	10	24	20,0	2,8
CAH. Secreta Nupis	PO	5-3	10	11	21,0	3,1

Marilyn Colombini, Arana, Est. de São Paulo, Controle em 06/01/85, Região de pasto com ração suplementar, 2 Oribanas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Rob. Fryard Goeta	PO	2-2	40	139	18,0	2,4
PHY. Maria	PO	4-11	30	114	18,0	2,9
Isabela	OC2	6-8	70	93	18,0	3,1
Sol. Nostalgia Catarina	PO	8-3	70	52	20,0	2,9
Sol. N. Soana	PO	4-1	20	50	17,0	2,7
Sol. P. Gersonia	PO	2-4	30	88	17,0	2,7
S. Fátima Ricopular	PO	7-11	30	62	26,0	2,8
S. Vitoriana Astr.	PO	6-5	20	64	20,0	3,4
PHY. Nevelina	PO	5-5	20	67	20,0	2,8
Sol. Vallier Hugo Star	PO	2-2	20	77	18,0	2,8
Sol. Nereus Instrum	PO	1-11	20	69	18,0	3,5
Sol. Vallier Grandina	PO	2-4	20	66	21,0	3,1
Gisela Hillstone Sch.	OC1	2-4	20	73	22,0	2,5
Nelida Gleason R. Fátima	PO	4-3	20	215	18,0	2,5
Sol. Vallier Gaiola	PO	2-2	20	214	18,0	2,5
S. Rosalina Antoniam	PO	5-0	60	200	17,0	3,7
Sol. Nostalgia Helina	PO	6-10	60	167	24,0	3,3
Sol. Nostalgia Fátima	PO	3-6	60	177	18,0	3,1
PHY. Irapetari	PO	4-7	60	181	15,0	2,7
PHY. Igara	PO	4-2	40	125	17,0	3,0
Sol. Nostalgia Fátima	PO	3-1	40	143	17,0	2,9
Sol. Nostalgia Graelina	PO	2-2	40	149	18,0	3,5
Sol. Vallier Gerson	PO	3-4	20	84	21,0	3,5
P. Osea Graelina	OC2	2-4	20	70	19,0	2,9
P. Osea Graelina	OC2	4-1	20	81	18,0	2,9
PHY. Lara	PO	8-16	10	13	17,0	1,1
PHY. Nostalgia Gerta	PO	3-5	10	43	17,0	1,2
PHY. Inangira	PO	4-6	10	7	21,0	1,2
Geza Subatallio	OC4	3-0-2	30	3	3,0	3,7
Sol. P. Hugo Fátima	PO	4-0	10	7	21,0	3,7

Paul P. Victor, Do Sertão, Elton Mendes, Est. de Minas Gerais, Controle em 22/03/85, Região de pasto com ração suplementar, 1 e 2 Oribanas.

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
ECM's Electra Royal	PO	8-2	30	37	25,0	3,18
Wonder 204 Challese Cit.	PO	7-4	30	37	28,0	3,41



**GERADORES DE LEITE**  
 Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**







# Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros



URUGUAIANA — Reg. M 6811  
Lact. 305 dias 2 ord. 3.828 kg LE

## Alta seleção e criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

### VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

**FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO**  
Município de Matozinhos - MG - Tel.: (031) 661-1312  
Belo Horizonte — Rua Santa Rita Durão, 1.160  
Fone: (031) 212-5011

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos meses	Con-trole de lactação	Dias de Leite	%		
W. Sabela Star	PO	8-0	20	44	15,0	3,4	Dupe Betty Cassandra	PO	7-6	20	68	13,0	1,3
W. Sabela	PO	10-10	20	58	13,0	4,1	Roylin Breda Boot-Socita	PO	7-11	49	140	16,0	2,1
W. Canada Euclides	PO	5-9	20	47	18,0	3,4	Realidade's Regina Acres Arara	PO	7-11	29	102	18,0	2,1
W. Sora Capela	PO	7-11	20	43	22,0	3,4	Regina Sadings Cit.M. Espira	PO	7-4	90	716	15,0	3,1
W. Intercolômbia Brasil	PO	4-2	20	43	18,0	3,7	Allegria Cera Glee Odara	PO	1-8	60	221	20,0	4,3
W. Perera Apolo	PO	6-7	18	27	15,0	4,0	Yviani Ines Lucky Chocia Indolida	PO	7-11	20	31	18,0	1,8
W. Gandra Garisto	PO	5-9	19	10	22,0	3,1	Viviel Ana Citra Astorant	PO	6-0	19	4	22,0	3,8
W. Garcia Brasil W.	POCC	3-3	80	206	17,0	4,4	W. Duclala	PO	3-10	20	27	21,0	3,1
W. Sabela Brasil W.	PO	-	80	253	14,0	4,8	W. Lactada	PO	8-0	20	80	24,0	2,7
W. Sabela Brasil W.	POCC	3-3	80	249	15,0	4,4	W. Sedi	PO	5-2	30	282	17,0	3,4
W. Sabela Brasil W.	POCC	3-3	80	224	13,0	3,9	W. Seda	PO	5-8	48	164	18,0	2,4
W. Sabela Brasil W.	POCC	3-3	80	246	19,0	4,5	W. Sediador	PO	5-8	19	5	21,0	3,2
W. Sabela Brasil W.	POCC	6-0	49	128	18,0	4,4	W. Sediador	PO	5-2	19	18	20,0	2,3
W. Sabela Brasil W.	POCC	6-8	30	114	16,0	4,2	W. Sediador	PO	4-13	30	94	20,0	2,3
W. Sabela Brasil W.	PO	4-4	30	252	15,0	3,7	Viviel Rings Cera Reverie	PO	4-4	80	244	13,0	4,3
W. Sabela Brasil W.	PO	2-18	90	240	18,0	3,1	W. Sediador	PO	-	30	78	18,0	3,8
W. Sabela Brasil W.	PO	3-1	90	276	16,0	3,4	W. Sediador	PO	4-0	30	107	21,0	2,3
W. Sabela Brasil W.	PO	7-3	80	250	17,0	4,1	W. Sediador	PO	4-8	28	68	20,0	3,1
W. Sabela Brasil W.	POCC	9-11	20	45	17,0	4,1	Kmaline Jaime Passano	OC1	3-5	50	213	14,0	4,7
W. Sabela Brasil W.	POCC	9-8	18	13	17,0	3,8	Nylar Parma Honor Torva	PO	4-9	70	228	13,0	3,4
							Elge Seditonia Retalicio	PO	3-9	19	20	18,0	1,5
							Elge Bobodo Standak	PO	3-1	120	305	13,0	3,8
							Elge Constantinópolis Litargo	PO	3-4	20	30	13,0	1,7

De: Sérgio Elias de Freitas, Fazenda Paulista, Controle em 12/03/83, Registo de parto em 02/03/83, suplementar, 2 ordenhas.						
Clotilde Beatriz do Melão	OCB	8-9	50	132	27,0	3,0
Ceres Senezer do Melão	OCB	8-5	40	175	20,0	3,9
Estrela Sora M. do Melão	OCB	6-4	40	99	24,0	4,2
Esperança Christina do Melão	OCB	6-8	19	34	27,0	3,1
Gema do Melão	OCB	8-5	50	100	21,0	3,3
Galathea do Melão	OC2	6-4	10	5	36,0	2,7
Hipocrene do Melão	OC2	3-5	10	1	18,0	3,2
Ídria do Melão	OCB	2-1	49	96	21,0	3,4
Ídria do Melão	OCB	3-2	20	38	21,0	3,4
Iluminada do Melão	OC2	2-7	30	58	20,0	3,4
Índia do Melão	OC2	3-5	30	71	22,0	2,9
IMB Africana	PO	10-2	30	73	22,0	3,5
Melão Star	PO	4-6	50	168	20,0	4,0
Néia Melão Star	PO	5-3	20	39	29,0	3,8
Olímpiade Néia	PO	3-7	50	143	20,0	3,5
Melão Gata	PO	4-3	60	166	20,0	3,7
Melão Quirlanda	PO	8-4	40	74	27,0	3,7
Melão Sora Rutha Blanton	PO	4-8	10	15	26,0	4,8
Melão Sora Blanton	PO	3-8	50	164	22,0	3,2
Melão Sora Blanton	PO	3-5	30	74	22,0	3,3

Elge Aproximada Ind. Fazenda Bar. de São João, Controle em 18/03/83, Registo de parto em 02/03/83, suplementar, 2 ordenhas.						
Milou Jacinto Francisco	OCB	4-5	30	100	14,0	4,2
Registwell Ripena Gold	PO	5-8	40	133	18,0	3,2
W. Seda	PO	4-4	20	62	16,0	3,2
Alina Albano Victor	PO	7-2	20	52	15,0	2,2
Clayton Acres Viridiana Sora	PO	10-1	40	266	17,0	3,4
Adriana Duda Franca	PO	7-5	20	37	27,0	2,2
Foz-Flores Nilou Dalila Layla	PO	3-11	70	213	13,0	4,3
Carolina Eleonor Salla	PO	5-4	30	108	17,0	3,4
Ruth Percevalon Jili	PO	5-8	30	78	19,0	4,0
Nal-Isabel Capriello-Sorta	PO	6-4	60	347	14,0	4,3
Marcelina Ribeiro Gilly	PO	7-2	70	231	22,0	2,5
W. Sabela Betty Nara-Tiny	PO	5-1	40	124	22,0	1,7

Fazenda Santa Esperança - Itatiba, Set. de São Paulo, Controle em 18/03/83, Registo de parto em 02/03/83, suplementar, 3 ordenhas.						
Barbara Sta. Esperança	POCC	6-5	40	91	21,0	3,4
Rosalia Citatim Louisa	PO	7-11	10	5	21,0	3,1
Leonor Lea Classic	PO	7-2	50	187	20,0	3,7
Vedevain Lester Patricia	PO	6-6	30	100	20,0	3,1
Sta. Esperança Maria	PO	4-7	40	105	18,0	3,8
Lady Willis Vanjion Day	PO	4-9	40	93	21,0	3,4
Laurifreddie Mágic Darden	PO	4-0	10	1	23,0	4,3
Solitaria S. Esperança	POCC	8-7	10	7	22,0	3,1
Sta. Esperança Alida	PO	-	10	16	24,0	3,1
Im. Soc. do Sudoeste Ita	OC1	3-8	20	40	21,0	3,3
S. Esperança Cesar Elev. Daisy No Tim	PO	2-1	40	79	22,0	3,4
S. Esperança Cesar Elev. Louise Falcão	PO	2-1	40	60	21,0	3,6
Quelma S. Esperança	31/32	6-6	60	167	21,0	3,7
S. Esperança Cesar Elev. Daisy No Tim	PO	2-1	40	79	22,0	3,4
Lueta Doot. do Bambô Ita	OC1	3-5	10	42	31,0	3,1
Adriana Sta. Esperança	POCC	7-9	30	34	28,0	2,8
Francine Sta. Esperança	31/32	-	10	1	29,0	4,3
Walter H. Esperança	OC2	4-3	70	210	22,0	3,4
Aracely S. Esperança	OC3	4-2	10	1	29,0	4,3
Diana S. Esperança	POCC	3-2	50	147	20,0	3,1
Jamais S. Esperança	POCC	3-2	10	6	24,0	3,1
Maria S. Esperança	POCC	3-2	20	32	25,0	1,7
Thelma MRS Alce S. Esperança	POCC	3-2	20	38	16,0	3,1
Karin Chris Olyta S. Esperança	OC1	2-8	40	87	25,0	3,2
Fayeta Cesar Elev. Mada S. Esp.	OC1	2-8	40	81	22,0	3,4
Wendy Cesar Elev. Dalila S. Esp.	OC	-	10	8	20,0	4,3

Cla. Registra Sampa Ind. e Confecção Itatiba, Set. de Minas Gerais, Controle em 18/03/83, Registo de parto em 02/03/83, suplementar, 2 ordenhas.						
Osborn Jordis	OC2	6-2	20	52	17,0	3,2
W. Sabela	PO	-	10	4	18,0	3,1
Jardis Fátima	PO	3-1	20	43	23,0	2,3

**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lúculos.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**



**Purina**

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Serábia Feresada	PO	5-10	29	48	18,0	2,8
Serábia Jardim	GRB	8-9	39	61	22,0	2,8
Serábia Faveira	PO	5-6	19	12	19,0	2,2
Lésias Guizurdes Alcôntara Lima, Est. de São Paulo, Controle em 19/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Geração Láctea						
	PO	4-9	19	30	16,0	2,4
José Vieira Pereira Jacaral, Est. de São Paulo, Controle em 27/01/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
Geração Láctea						
	SR	-	69	101	17,0	2,9
	PCCD	5-0	69	101	23,0	2,7
	PO	-	59	127	20,0	2,7
	PO	2-8	59	139	19,0	2,2
	PO	2-5	59	180	16,0	3,3
	PCCD	2-3	59	188	14,0	2,8
	PCCD	5-5	59	167	19,0	3,2
	PCCD	-	197	187	17,0	2,9
	PCCD	3-5	59	155	16,0	3,1
	PCCD	3-3	89	277	16,0	2,9
	GC1	3-5	79	230	15,0	3,4
	SR	-	89	260	18,0	2,9
	PCCD	-	69	197	14,0	3,2
	PO	2-4	89	279	16,0	2,6
	PO	2-6	79	232	17,0	3,4
	SR	-	29	32	27,0	2,7
	-	-	39	72	19,0	2,4
	SR	-	29	69	20,0	2,2
	SR	-	29	48	18,0	2,7
	SR	-	29	48	18,0	2,7
	SR	-	29	41	27,0	2,5
	PCCD	-	29	26	23,0	2,9
	PCCD	-	29	26	29,0	2,5
	PCCD	-	29	26	29,0	2,5
	PCCD	6-1	29	26	26,0	2,2
	SR	-	49	101	24,0	2,7
	PCCD	-	40	101	21,0	3,1
	SR	-	29	33	20,0	3,7
	PCCD	4-11	89	260	13,0	3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Waldir Jespersen de Andrade Lima, Est. de São Paulo, Controle em 23/01/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	PO	4-3	19	10	17,0	3,4
	PO	4-4	19	18	18,0	3,7
	PCCD	5-1	19	24	20,0	4,3
	PO	3-0	29	45	13,0	3,4
	GC1	4-0	19	26	14,0	3,5
	GC1	10-11	19	14	14,0	3,0
	GC1	10-11	19	16	19,0	3,4
	GC1	10-9	29	42	16,0	3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Mário Nepotes de Freitas Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 07/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	PCCD	7-2	29	31	26,0	4,2
	PO	3-10	29	31	23,0	4,6
	GRB	7-9	29	42	26,0	4,0
	GC1	4-4	19	1	25,0	4,3
	GC1	5-11	19	15	26,0	3,6
	GC	7-4	19	18	28,0	3,5
	PO	4-8	19	10	30,0	3,5
	GC1	2-8	29	39	17,0	2,2
	PCCD	5-9	39	49	26,0	3,6
	GRB	4-6	29	28	25,0	3,1
	GC1	5-5	69	172	20,0	3,0
	GC1	3-7	49	82	27,0	3,0
	PCCD	5-4	99	341	19,0	4,0
	GRB	6-7	39	58	19,0	3,0
	PO	3-8	49	99	29,0	2,5
	PO	3-6	29	28	23,0	2,5
	GC1	6-6	39	79	26,0	3,0
	GC1	-	39	70	23,0	2,8

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Nerique Naves Coelho, Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 03/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	PO	6-4	39	62	21,0	3,3
	31/32	7-4	39	109	17,0	3,5
	PCCD	5-10	29	42	19,0	2,8
	PO	3-7	39	49	17,0	2,6
	31/32	6-7	39	111	14,0	2,8
	PO	7-9	39	92	20,0	4,9
	31/32	5-3	39	98	13,0	3,5
	PO	3-11	39	82	18,0	5,3
	PO	4-2	39	49	16,0	3,8
	PO	2-11	39	91	18,0	3,4
	GC1	6-9	39	88	19,0	3,1
	GC1	3-8	39	58	17,0	4,0
	31/32	8-1	39	108	15,0	3,0
	GC1	5-7	19	11	15,0	3,2
	GC1	4-9	18	18	14,0	3,1
	GC1	6-3	19	9	19,0	3,0
	PO	7-11	19	9	14,0	2,9
	31/32	7-7	19	8	14,0	3,6
	PO	4-8	19	8	18,0	3,6
	GC1	5-10	19	31	17,0	3,8
	31/32	7-11	19	23	17,0	2,6
	GC1	6-9	19	40	25,0	3,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Dedaldy Ann e Roberto Ann, Registro, Est. de São Paulo, Controle em 10/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ordenhas.						
	GC1	4-1	79	189	14,0	4,5
	PO	5-10	69	177	12,0	3,7
	PO	4-11	69	168	13,0	3,6
	PO	5-2	69	159	12,0	3,7
	GC1	3-2	69	150	14,0	3,9
	GC1	7-8	59	143	13,0	4,5
	PO	7-2	59	148	13,0	4,4

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Arabia Mark Valmor	GRB	5-5	59	127	14,0	2,9
Chicana Nera Valmor	GC1	2-5	49	105	13,0	3,7
Leitosa da Guaymas	GC1	5-6	49	98	16,0	3,4
Graciosa 103 M. Elevação	PO	2-8	39	42	15,0	3,4
Lucas H.L.	PCCD	6-2	29	54	25,0	3,8
Gracia Trademark Nitty	PO	3-7	39	50	17,0	3,7
Dany Black Jasper	PO	4-4	109	298	13,0	3,7

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Raya Pejalada Bueno, Craxiro, Est. de São Paulo, Controle em 29/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	PO	-	19	20	16,0	3,7
Valmor Spinelli de Oliveira e Imilde Leichert, Est. de São Paulo, Controle em 26/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ordenhas.						
	PO	5-1	49	107	26,0	3,4
	PCCD	5-8	39	89	33,0	3,1
	PO	7-10	59	143	23,0	3,0
	PO	3-4	29	54	25,0	3,2
	PO	4-4	39	59	27,0	3,2
	PO	2-5	79	197	20,0	3,4
	PO	6-0	29	29	20,0	2,7
	PO	5-10	59	123	20,0	3,9
	PO	2-8	29	50	26,0	3,3
	PO	3-8	109	14	28,0	2,8
	PO	4-2	19	9	27,0	2,1
	PO	2-6	19	1	26,0	2,9
	PO	-	19	20	26,0	3,5

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Herdade Nova Agrícola e Pec. Ltda, Botolphogon, Est. de Minas Gerais, Controle em 16/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	SR	11-5	29	54	16,0	3,5
	SR	8-0	29	86	16,0	3,20
	SR	6-11	29	53	16,0	3,25
	SR	4-4	29	98	18,0	3,48
	SR	4-0	19	13	24,0	2,43
	SR	6-11	39	137	14,0	4,66
	SR	6-11	39	139	17,0	3,04
	SR	7-5	39	134	16,0	3,50
	SR	6-5	29	59	18,0	3,56
	SR	6-3	29	113	13,0	4,69
	SR	6-3	39	182	13,0	2,99
	SR	6-9	39	10	16,0	3,11
	SR	12-10	39	81	17,0	3,16
	SR	6-0	19	12	22,0	2,97
	SR	6-0	19	13	14,0	3,18
	SR	4-6	29	66	15,0	3,23
	SR	3-2	39	169	13,0	3,34
	SR	5-2	29	92	14,0	3,58
	SR	3-4	29	79	19,0	3,10

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Rancho Superior de Agricultura 'Juiz de Ocuire', Pinarzinho, Est. de São Paulo, Controle em 05/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	PO	5-6	89	205	11,0	2,90
	PO	4-9	79	309	12,0	2,55
	PO	4-3	79	199	10,0	4,00
	PO	4-5	69	177	10,0	4,10
	PO	6-1	69	141	13,0	3,70
	PO	2-5	69	159	11,0	3,10
	PO	3-4	59	148	11,0	3,90
	PO	4-11	59	139	13,0	3,80
	PO	2-4	89	108	11,0	3,60
	PO	6-11	49	104	16,0	2,41
	PO	4-7	49	98	10,0	2,31
	PO	3-10	39	95	11,0	2,05
	PO	4-2	49	73	11,0	2,10
	PO	3-4	39	65	20,0	2,10
	PO	4-9	39	57	18,0	2,10
	PO	6-8	39	52	18,0	2,10
	PO	6-8	39	4	18,0	2,10

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Dr. Carlos Alberto Julio Lebrão, Botolphogon, Est. de São Paulo, Controle em 28/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 Ordenhas.						
	GC1	2-0	89	389	11,0	4,11
	GC1	2-10	39	62	12,0	3,2
	PO	-	19	10	17,0	3,1
	GC1	-	19	10	20,0	3,0
	GC1	-	59	10	20,0	2,7
	GC1	2-0	69	104	17,0	2,1
	GC1	2-6	69	106	16,0	2,1
	GC1	1-4	29	43	18,0	2,8
	GC1	1-0	29	52	18,0	2,9
	GC1	3-2	79	204	19,0	2,7
	GC1	4-6	79	58	16,0	2,6
	GC1	2-8	69	236	16,0	3,3
	GC1	2-5	69	259	16,0	2,7
	GC1	2-6	69	147	17,0	2,4
	GC1	2-8	69	147	16,0	2,6
	GC1	2-7	49	110	20,0	2,3
	GC1	1-8	19	10	22,0	2,9
	GC1	1-1	49	110	17,0	4,8
	GC1	2-4	69	136	15,0	2,6
	GC1	2-2	69	62	20,0	2,5
	GC1	11-0	39	79	23,0	2,9
	GC1	4-6	69	142	20,0	3,1
	GC1	7-4	59	132	21,0	3,1
	GC1	6-1	59	131	23,0	2,8
	GC1	-	19	10	14,0	3,4
	GC1	5-7	79	141	22,0	3,2
	GC1	7-4	29	32	29,0	2,4
	PCCD	3-10	29	32	21,0	2,4
	GC1	6-2	29	17	28,0	2,2
	GC1	6-2	29	17	28,0	2,2

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	%
Juiz de Ocuire, Rancho Neto e Fátima, Botolphogon, Est. de São Paulo, Controle em 12/03/85, Regime de pasto com ração suplementar, 3 Ordenhas.						
	GC1	3-8	19	8	18,0	2,8
	GC1	2-8	19	8	12,0	3,5



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT PROLEITINA GL LACTINA GL**



# PONHA EM SEU REBANHO UM REPRODUTOR JC



**CINDERELA — PO — Reg. H6787 — Produziu a média diária de 21 kg de leite em 8 meses de lactação.**

**CARNE  
LEITE  
RUSTICIDADE  
PUREZA RACIAL**

**FAZENDAS  
PINDAYBA E FORQUILHA**

**José Cláudio Condé  
Fone: (032) 532-2066**

**UBÁ - MG**

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
----------------	----------------	----------------	-----------	------------------	-------	---

Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-9	19	22	24,0	3,3
Turquoise	PO	3-7	19	24	23,0	3,2
Agilva Mariposa	OCI	4-5	20	17	15,0	2,4
Jane, 1 Deonira Simples Tricostado	PO	3-8	20	33	24,0	2,7
Cláudia Mariposa	IL/32	2-7	38	31	17,0	2,3
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian Filha	PO	4-11	36	37	17,0	2,2
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-8	39	36	24,0	3,1
Teiginês Mariposa	POCO	4-5	48	108	15,0	3,4
Jane, 1 Andriana Tricostado	PO	4-3	49	120	13,0	3,3
Jane, 1 Beatinha Roca Lish	PO	3-5	49	113	17,0	3,9
Dagoberto Mariposa	IL/32	-	50	168	13,0	3,1
Marlene Mariposa	OCI	4-2	50	182	15,0	3,6
Jane, 1 Marlene Orilla Gilian Filha	PO	3-11	19	15	25,0	3,0
Jane, 1 Beatinha Roca Lish	PO	3-4	19	41	18,0	3,2
Reigita Valentina Orilla Gilian	OCI	3-1	19	45	17,0	2,0
Jane, 1 Beatinha Roca Lish	PO	4-18	39	69	18,0	3,0
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-9	19	1	17,0	3,0
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	4-6	39	23	13,0	2,9
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-5	39	38	26,0	3,4

De Fazenda Esperança, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

SEV, Juliana Reno	PO	4-8	19	4	36,0	3,3
Cláudia Vallini (SEV)	OCI	3-1	19	3	28,0	4,1
Denise Denise (SEV)	OCI	3-8	19	14	26,0	3,5
Reigita (SEV) Estela Carmo	PO	4-9	39	20	26,0	4,5

De Fazenda Condé, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 21/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

Adriana's RR Estrelada	PO	3-3	49	151	30,0	4,0
Adriana's RR Sapo - TE	PO	3-7	39	102	32,0	3,7
Adriana's RR Toca - TE	PO	3-11	49	187	31,0	3,8
Adriana's RR Toca - TE	PO	3-2	39	118	27,0	3,1
Adriana's RR Toca - TE	PO	3-8	29	86	24,0	2,2
Adriana's RR Toca - TE	PO	3-4	29	99	31,0	3,2
Adriana's RR Toca - TE	PO	3-2	19	11	30,0	3,6
Adriana's RR Toca - TE	PO	3-1	39	178	30,0	4,0

De Fazenda Esperança, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

Adriana	IL/32	4-8	39	63	14,0	4,0
---------	-------	-----	----	----	------	-----

Olyvia Mondo Filha de Agilva Mariposa, de São Paulo, Controlada em 21/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

Cláudia Denise Mariposa (SEV) - TE	PO	3-2	39	34	23,0	3,3
Reigita Viro (SEV)	PO	3-8	49	108	23,0	3,4
Cláudia Viro (SEV)	PO	3-2	39	122	13,0	3,4
Reigita Viro (SEV)	PO	3-2	39	36	23,0	2,7

De Fazenda Esperança, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

Alma 231 Albany	IL/32	3-1	39	40	22,0	3,3
Janice Albany	POCO	3-4	109	138	12,0	3,30
Marlene Albany	IL/32	3-6	39	140	14,0	3,53
Denise Albany	POCO	3-2	39	91	11,0	3,14

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite	%
----------------	----------------	----------------	-----------	------------------	-------	---

Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-9	19	22	24,0	3,3
Vanessa Albany	POCO	3-8	39	252	31,0	4,0
Orilla Arapuca Albany	OCI	3-4	49	129	11,0	3,3
Tourmalina Albany	IL/32	3-5	79	134	11,0	2,8
Alma 128 Albany	IL/32	3-9	59	183	16,0	3,3
Orilla Albany	IL/32	3-5	69	152	15,0	3,4
Orilla Albany	IL/32	3-5	29	16	24,0	3,8
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian Filha	PO	3-5	79	158	13,0	2,5
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-8	99	305	16,0	3,1
Jane, 1 Reigita Orilla Gilian	PO	3-4	29	88	13,0	3,3
Orilla 128 Albany	POCO	3-2	49	102	15,0	3,6
Orilla 128 Albany	OCI	3-5	29	47	14,0	3,3
Vanessa Albany	POCO	3-4	49	114	11,0	2,6
Orilla 128 Albany	POCO	3-2	59	142	12,0	3,1
Orilla Albany	IL/32	3-2	39	89	14,0	3,4
Orilla Albany	POCO	3-10	49	102	11,0	2,4
Reigita 12 de Santa Rita	OCI	3-4	39	61	11,0	2,6
Orilla 12 de Santa Rita	OCI	3-5	39	80	11,0	2,6

**Raça Holandesa — variedade vermelha e branca**

José Maria Aguiar Ferreira, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

Sela Gue Orilla Gilian	IL/32	3-11	79	224	17,0	4,7
------------------------	-------	------	----	-----	------	-----

Terrelino Total Mariposa, de São Paulo, Controlada em 14/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 2 criadores.

3 Criadores						
Terrelino Total Mariposa	PO	4-4	39	79	41,0	5,4

2 Criadores

Terrelino Total Mariposa	OCI	4-9	39	71	31,0	3,6
Mariposa Total Mariposa	PO	4-4	12	28	14,0	1,8
Mariposa Total Mariposa	PO	3-8	79	122	15,0	1,8
Mariposa Total Mariposa	PO	4-5	69	151	17,0	2,4

De Fazenda Esperança, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

SE-3000/3000	PO	3-6	39	120	16,0	2,8
SE-3000/3000	PO	3-11	18	4	17,0	2,8
SE-3000/3000	PO	3-1	39	80	15,0	3,1
SE-3000/3000	PO	3-9	39	49	14,0	2,6
SE-3000/3000	PO	3-8	10	11	15,0	2,3
SE-3000/3000	PO	3-1	19	42	17,0	2,4
SE-3000/3000	PO	3-1	19	10	14,0	2,2
SE-3000/3000	IL/32	3-1	19	14	16,0	2,3
SE-3000/3000	PO	3-10	19	3	14,0	2,4
SE-3000/3000	PO	3-11	10	7	11,0	2,4

De Fazenda Esperança, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

SE-3000/3000	PO	3-7	39	80	15,0	3,4
--------------	----	-----	----	----	------	-----

De Fazenda Esperança, Fazenda Santa Rita, de São Paulo, Controlada em 25/03/95. Região de leite em pastos com raças esportivas, 3 criadores.

SE-3000/3000	OCI	3-11	10	13	11,0	2,6
--------------	-----	------	----	----	------	-----

**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT  
PROLEITINA GL  
LACTINA GL**



**Purina**







# Estância Kankrej

## José Resende Peres

### GUZERÁ LEITEIRO,

Garantia de vacas maiores, mais rústicas. Quando o sangue for ficando muito europeu, e a perda de bezerros aumentando... É melhor usar a raça mais rústica do mundo.

**Praça José Peres, 17-A**  
**35360, São Pedro dos Ferros, MG**  
**Tels.: (033) 352-1457, 352-1218**  
**No Rio: (021) 265-3654**

**NOME DO ANIMAL**      **Grau de sangue**    **Idade em anos meses**    **Con-trole**    **Dias de lactação**    **% Leite**    **%**

Ração de Márcio Lopes Leite, Capangara, Est. de São Paulo. Controle em 25/12/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

João Gonçalves S.F.	PO	3-0	19	3	13,0	4,4
Edilene Orel S.F.	PO	7-1	29	35	15,0	2,8
Carolina Higfield S.F.	DO	-	18	32	18,0	3,2
Julia Nicotani S.F.	PO	6-5	19	36	13,0	5,0
Luciana Barros S.F.	PO	6-3	29	41	15,0	2,8
Janete Barros S.F.	PO	6-3	19	4	15,0	3,5

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 05/03/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Rosângela Durst Sobott	PO	3-4	39	86	15,0	3,89
------------------------	----	-----	----	----	------	------

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 18/05/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Caroline Leite Rey	PO	7-1	19	35	14,0	3,0
--------------------	----	-----	----	----	------	-----

### Raça Parda Suíça (Schwyz)

Arquimedes e Helene Sandoz Leiteiro, Lúcia, Jardim. Est. de São Paulo. Controle em 22/01/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Clotilde Jorjane Medeiros	PO	6-6	60	259	17,0	3,4
Antônia de S. Leão	PO	5-9	79	211	14,9	3,4
El. Leão de S. Leão	PO	5-9	19	10	29,0	3,4
El. Leão de S. Leão	PO	5-9	29	35	23,0	3,4
El. Leão de S. Leão	PO	5-9	29	29	25,0	3,7
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	19	9	16,0	2,6
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	29	31	17,0	2,6
El. Leão de S. Leão	PO	6-7	19	34	20,0	2,4
El. Leão de S. Leão	PO	6-4	39	123	15,0	2,9
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	39	64	17,0	2,9
El. Leão de S. Leão	PO	6-10	59	132	19,0	2,6
El. Leão de S. Leão	PO	6-1	19	11	14,0	2,4
El. Leão de S. Leão	PO	6-4	69	178	14,0	3,4
El. Leão de S. Leão	PO	6-6	69	91	17,0	3,1
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	89	84	16,0	2,9
El. Leão de S. Leão	PO	-	79	28	23,0	3,6

Antonio Carlos Lima Ferreira, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 03/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	6-5	59	193	14,0	3,87
El. Leão de S. Leão	11/32	6-6	89	193	14,0	3,85
El. Leão de S. Leão	PO	10-10	39	102	14,0	4,27
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	79	220	15,0	4,07
El. Leão de S. Leão	PO	12-4	39	10	20,0	3,69

Antonio Carlos Lima Ferreira, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 04/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	6-5	69	220	14,0	3,72
El. Leão de S. Leão	11/32	6-6	59	150	15,0	3,93
El. Leão de S. Leão	PO	10-10	39	134	14,0	4,19
El. Leão de S. Leão	PO	6-1	39	123	15,0	4,39
El. Leão de S. Leão	PO	12-6	29	43	20,0	4,12

Antonio Carlos Lima Ferreira, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 06/03/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	6-5	79	220	13,0	3,12
El. Leão de S. Leão	11/32	6-6	49	146	13,0	2,54

**NOME DO ANIMAL**      **Grau de sangue**    **Idade em anos meses**    **Con-trole**    **Dias de lactação**    **% Leite**    **%**

Maria Chiz de S. Leão	PO	6-1	89	187	13,0	3,12
Reine Salling de S. Leão	PO	12-4	39	72	13,0	3,89

Inferreço S.R. Moreira, Est. de São Paulo. Controle em 11/03/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

Corona Sara M. Litch	PO	3-9	39	91	17,0	3,7
Corona Rosalyn Bery	PO	7-2	39	132	17,0	3,1

Dr. Francisco Prado Neto, Jurema, Est. de Minas Gerais. Controle em 15/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	3-7	59	189	23,0	5,2
El. Leão de S. Leão	PO	5-1	39	122	23,0	4,2
El. Leão de S. Leão	PO	6-9	59	140	18,0	4,7
El. Leão de S. Leão	PO	6-4	69	89	19,0	3,2
El. Leão de S. Leão	PO	6-4	19	78	30,0	4,0
El. Leão de S. Leão	PO	3-9	19	38	15,0	4,4

Dr. Francisco Prado Neto, Jurema, Est. de Minas Gerais. Controle em 12/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	6-4	59	10	19,0	3,8
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	39	37	23,0	4,3
El. Leão de S. Leão	PO	6-8	59	14	30,0	4,0

Antonio Carlos Lima Ferreira, Aracaju, Est. de São Paulo. Controle em 28/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	10-6	89	54	36,0	2,9
El. Leão de S. Leão	PO	9-11	24	102	26,0	2,8
El. Leão de S. Leão	PO	10-6	29	72	29,0	4,2
El. Leão de S. Leão	PO	6-1	29	102	34,0	3,3
El. Leão de S. Leão	PO	10-6	19	31	29,0	2,9
El. Leão de S. Leão	PO	5-6	29	25	37,0	3,0
El. Leão de S. Leão	PO	5-6	29	49	39,0	4,6
El. Leão de S. Leão	PO	1-2	19	1	39,0	3,4
El. Leão de S. Leão	PO	3-6	19	38	36,0	4,6
El. Leão de S. Leão	PO	3-4	19	22	32,0	4,8
El. Leão de S. Leão	PO	3-6	19	21	34,0	4,4
El. Leão de S. Leão	PO	6-4	29	28	32,0	2,9
El. Leão de S. Leão	PO	6-2	39	38	31,0	2,8
El. Leão de S. Leão	PO	6-1	29	35	29,0	3,1
El. Leão de S. Leão	PO	4-11	29	25	27,0	4,1
El. Leão de S. Leão	PO	6-1	19	30	25,0	3,1

Sociedade S.A. de Produtos Laticínios, Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 11/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 3 Ordenhas.

El. Leão de S. Leão	PO	3-1	119	119	34,0	3,9
El. Leão de S. Leão	PO	10-0	109	111	34,0	3,9

### Raça Guernsey

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, Est. de São Paulo. Controle em 03/03/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Paula Quinto Bery	PO	7-1	39	89	23,0	3,89
-------------------	----	-----	----	----	------	------

Dr. José Carlos de Aguiar, Itamarajó, Est. de São Paulo. Controle em 28/02/81. Regime de pasto com ração suplementar. 2 Ordenhas.

Maria O. Almeida	L3	3-4	89	20	21,0	3,9
Caroline Costa Pinto	PO	6-11	79	22	21,0	3,9

**GERADORES DE LEITE**  
 Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT**  
**PROLEITINA GL**  
**LACTINA GL**







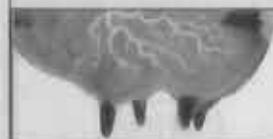
# A REVISTA DOS CRIADORES EXISTE PARA FALAR TUDO SOBRE AGROPECUÁRIA

Um veículo mensal que  
tem a preocupação de  
prestar serviço ao criador e agricultor.

Editora dos Criadores  
Rua Venâncio Aires, 31  
Fones: 263-8685 e 263-8400 — São Paulo — Brasil

## REVISTA DOS CRIADORES

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Associação de Alameda	80	2-4	20	51	9,0	2,2							
PTB-Castelo	80	2-4	30	136	10,0	6,3							
PTB-Nordeste	80	2-4	30	67	12,0	6,2							
PTB-Tiba Bela	80	2-4	40	930	10,0	3,7							
PTB-Itambé	80	2-4	20	50	18,0	4,9							
PTB-Casa Nova	80	2-4	10	28	29,0	4,1							
PTB-Resistência	80	2-4	20	88	26,0	5,4							
PTB-Serra Nova	80	2-4	40	869	10,0	4,4							
PTB-Catapé	80	2-4	20	45	20,0	3,5							
PTB-Açuá	80	2-4	20	32	17,0	4,3							
PTB-Águaçuã	80	2-4	10	13	28,0	3,5							
PTB-Itaipava	80	2-4	30	231	10,0	4,1							
PTB-Capoteira	80	2-4	100	208	9,0	4,1							
PTB-Luzidinha	80	2-4	50	178	13,0	7,8							
PTB-Cataguá	80	2-4	40	120	11,0	5,0							
PTB-Itaipava	80	2-4	40	163	10,0	5,1							
Cooperativa do Alameda	80	2-4	14	23	15,0	3,4							
PTB-Adriana	80	2-4	30	95	11,0	4,0							
PTB-Serra	80	2-4	40	119	6,0	3,8							
PTB-Serra Nova	80	2-4	40	39	10,0	3,7							
PTB-Açuá	80	2-4	50	154	11,0	7,4							
PTB-Chaparrão	80	2-4	40	84	10,0	3,5							
							<b>Raça Nelore</b>						
							Unidade Agropecuária Unilac, Fazenda São José, Município de Itapetininga, Estado de Mato Grosso do Sul, Região do Pantanal, com raça experimental - 3 Colônias.						
							Itaipava	80	-	30	89	9,0	4,10
							Região	LA	4-5	20	51	9,0	4,20
							Gaia	NE	27-2	10	11	9,0	4,20
							Serra da Chaparrão	NECO	20-4	20	3	9,0	4,34
							Carlinhos	80	-	10	17	9,0	4,35
							Serra da Chaparrão	SE	4-9	20	127	9,0	4,37
							Gaia	SE	4-3	20	126	9,0	4,37
							Rua da Chaparrão	SE	7-0	30	128	9,0	4,41
							Coli	SE	4-2	26	63	9,0	4,43
							Unidade Agropecuária Unilac, Fazenda São José, Município de Itapetininga, Estado de Mato Grosso do Sul, Região do Pantanal, com raça experimental - 3 Colônias.						
							Serra da Chaparrão	80	4-0	40	38	9,0	4,44
							Unilac	SE	-	10	25	9,0	4,48
							Serra da Chaparrão	SE	4-0	60	172	9,0	4,52



**GERADORES DE LEITE**  
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT  
PROLEITINA GL  
LACTINA GL**



**Purina**

# ZENDA BRUMADO

Rua nº 355 - CEP 14780 Barretos - SP - Tel. (0173) 22-2366



L. POI DO BRUMADO

NAGORY POI DO BRUMADO

RAVANA POI DO BRUMADO  
(Irmã inteira de Gangahya)

RUBICO CARVALHO

HÁ 50 ANOS CRIANDO O NELORE DO FUTURO

2º LEILÃO NELORE 5 ESTRELAS - 2 Dezembro 85 - Palace - São Paulo,



Uso Veterinário

Nas cólicas  
dos animais

# Buscopan<sup>®</sup> composto

Espasmolítico e analgésico  
de ação prolongada

Febre  
Dores  
Cólicas

